

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

MARCELO ROLIM MANFRINI

**Cacos fragmentados em uma sociedade conectada: produção e distribuição
de cerâmica utilitária na São Paulo colonial**

São Paulo

2020

MARCELO ROLIM MANFRINI

**Cacos fragmentados em uma sociedade conectada: produção e distribuição
de cerâmica utilitária na São Paulo colonial**

Versão Original

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Área de concentração: Arqueologia

Orientadora: Profa. Dra. Marisa Coutinho Afonso

Linha de pesquisa: Arqueologia e Ambiente

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação integral ou parcial deste trabalho,
por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e
pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação, MAE/USP,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Rolim Manfrini, Marcelo

Cacos fragmentados em uma sociedade conectada:
produção e distribuição de cerâmica utilitária na São
Paulo colonial / Marcelo Rolim Manfrini; orientador
Marisa Coutinho Afonso. -- São Paulo, 2020.
194 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-
Graduação em Arqueologia) -- Museu de Arqueologia e
Etnologia, Universidade de São Paulo, 2020.

1. Arqueologia Histórica. 2. São Paulo.
3. Cerâmica. 4. Persistência Cultural. 5.
Arqueomagnetismo. I. Coutinho Afonso,
Marisa, orient. II. Título.

Bibliotecária responsável:
Monica da Silva Amaral - CRB-8/7681

MANFRINI, Marcelo Rolim. **Cacos fragmentados em uma sociedade conectada: produção e distribuição de cerâmica utilitária na São Paulo colonial**. 2020.194f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Aprovado em: 29/10/2020.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Marisa Coutinho Afonso

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: Aprovado

Prof. Dr. Luís Cláudio Pereira Symanski

Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais

Julgamento: Aprovado

Dr. Paulo Eduardo Zanettini

Instituição: Zanettini Arqueologia

Julgamento: Aprovado

AGRADECIMENTOS

Nenhuma pesquisa é trabalho de uma pessoa só. A construção do saber sempre passa por conversas, orientações, apoios, revisões e opiniões de diversas pessoas que acompanham o pesquisador em sua longa jornada. Se você está aqui, é porque de alguma forma você contribuiu positivamente para esta pesquisa nos últimos três anos. Você pode ter me recomendado leituras boas, pode ter tido uma conversa frutífera comigo, me ensinado algo ou simplesmente ouvido desabafos sobre a minha pesquisa. Eu devo muito a todos e essa é a minha pequena homenagem a todos vocês.

À minha caríssima orientadora, Profa. Dra. Marisa Coutinho Afonso, sempre com uma atenciosa orientação e recomendações pertinentes. Obrigado por aceitar esse desafio de embarcar em uma pesquisa de período colonial.

Ao Dr. Paulo Eduardo Zanettini, pela paciência durante meus tempos trabalhando na Zanettini Arqueologia e por me ajudar a elaborar e idealizar este projeto de mestrado. Agradeço também por todos os ótimos comentários na banca de qualificação, que foram fundamentais nesta fase final de pesquisa.

À Dra. Paula Nishida, por lidar com minhas constantes perguntas e pedidos enquanto analisei os sítios Pinheiros 2 e Casa Bandeirista do Itaim Bibi no CASP/SP. Tenha certeza que todas as nossas conversas foram de extrema valia para o andamento da pesquisa (e me faziam menos solitário na bancada de análise). Também agradeço imensamente os comentários na banca de qualificação, que de forma muito atenciosa ajudaram a lapidar diversos pontos da minha pesquisa.

Ao Prof. Dr. Gelvam Hartmann (Unicamp), por toda a atenciosa orientação nas atividades de laboratório realizadas no IAG/USP, além de estar sempre muito disponível e solícito com todas as minhas dúvidas típicas de um pesquisador de Humanas lidando com conhecimentos numéricos. Também agradeço muito por se disponibilizar a fazer as análises das amostras e me ajudar a obter as datações Arqueomagnéticas das Estruturas de Queima do sítio Pinheiros 2.

Ao Prof. Dr. Astolfo Araújo, por ser tão solícito em ceder todas as documentações primárias do sítio Casa do Bandeirante e liberar o acesso para o acervo escavado. O acesso a esse sítio foi fundamental para esta pesquisa.

À Sônia Alonso Urenha da Silva, Giovanni Moreira e Daniele Brandt, por toda a assistência e paciência com as minhas pesquisas no IAG/USP, além de toda a simpatia e compreensão com os horários longos que eu ficava em laboratório.

Ao Prof. Dr. Luís Cláudio Symanski, por todas as conversas acerca das cerâmicas coloniais encontradas por São Paulo e por todas as valorosas recomendações de leitura.

À Profa. Dra. Tânia Casimiro, da Universidade Nova Lisboa, pelas valiosas recomendações de leitura e por me elucidar acerca de diversas decorações encontradas em São Paulo e possíveis correlações com cerâmicas portuguesas.

Ao Prof. Dr. Eduardo Goés Neves, pelos comentários bondosos e pertinentes acerca da minha pesquisa durante a disciplina de História da Arqueologia.

Ao Dr. Rafael Abreu de Souza e ao colega Marcel Lopes, pelas conversas acerca das análises do sítio Pinheiros 2, e pelos valiosos comentários e direcionamentos que me foram proporcionados.

Ao colega Mauro Karasinski, por me ajudar, com muita paciência, a elaborar o mapa de dispersão de peças na Casa do Bandeirante no AutoCAD.

Ao Renato Manguera, pelas conversas pacíficas durante minhas análises no CASP/SP, além de disponibilizar de forma solícita todos os mapas produzidos em sua dissertação, que foram de extrema importância para a minha pesquisa.

Ao Prof. Dr. Marcos André Torres de Souza, pelas valiosas recomendações de leitura.

À toda equipe do CASP (ao menos enquanto eu estive lá): Aline Porfírio, Ana Luíza Brólio, os dois Andrés, Chico, Seu Marcelino, Gilson, toda a equipe de seguranças e do educativo, e não menos importantemente, aos felinos Jane, PCC, Guedes, Mãe e Cleo. A companhia de todos fez os meses de análise no CASP serem menos cansativos e solitários, além de promover muitas risadas, principalmente durante as análises em dias de jogos da Copa do Mundo de 2018.

Ao Hélio Rosa de Miranda, pela sua incansável ajuda em conseguir livros e artigos de difícil acesso, e por ainda digitalizá-los, me permitindo acessar estes textos remotamente. Sem você a pesquisa e o levantamento bibliográfico teriam sido muito mais difíceis.

À Cristina Demartini e ao Seu Regivaldo, por toda a paciência comigo nas reservas técnicas do MAE/USP, andando para cima e para baixo com dezenas de caixas de acervo, e solicitando acesso diversas vezes ao dia para devolver ou pegar novas caixas.

A los administradores del foro-web Cruces y Medallas (<https://www.cruces-medallas.com>) por la ayuda en identificar y periodizar el crucifijo encontrado en la Casa do Bandeirante.

A todos os estagiários do laboratório do MAE/USP, em especial ao João, Bia, Maju, Lui, Tayná e Camila. A presença de vocês no laboratório realmente aliviava o ambiente, mesmo comigo sobrecarregado e eventualmente mal-humorado durante as análises.

À mestra e amiga Melina Pissolato Moreira, pelo companheirismo, pelas inúmeras conversas, pelos desabafos, pelas leituras de capítulos e artigos, pelos comentários construtivos, pela amizade, pelos almoços no Peruano, pelos jantares no seu apartamento, por tudo mais que você sabe que significou para mim ao longo deste mestrado. Você tem minha eterna gratidão.

À mestra e amiga Letícia Ribeiro, pela paciência e didática na minha primeira análise cerâmica ainda no final de 2016. Agradeço também por todas as conversas, dicas, desabafos, recomendações, e acima de tudo, a nossa amizade.

À mestra e amiga Daniela Ortega, pela amizade, companheirismo e por ser esse espírito leve. Agradeço também por ser tão solícita em me ensinar a fazer projeções cerâmicas no Adobe Illustrator. Sem isso, tenho certeza de que minhas representações gráficas não teriam ficado tão legais.

À mestra e amiga Juliana Freitas, pela sinceridade, pelos direcionamentos firmes, pela amizade e pelas conversas significativas sobre Arqueologia. Também agradeço por toda a paciência e confiança em campo, além da ajuda em me tornar um arqueólogo melhor. Você tem meu respeito e minha admiração.

À amiga e mestranda Aline Oliveira, pela amizade durante todo esse período do mestrado, com conversas significativas, leituras de trabalhos, auxílios nas disciplinas do mestrado, e por toda a compreensão acerca dos meus horários complicados durante a organização da VI Semana Internacional de Arqueologia.

Aos colegas Leonel Júnior e Vanessa Belarmino, pelas conversas e desabafos durante a fase final da redação desta dissertação. Obrigado por me deixarem mais tranquilo e menos ansioso em ter que lidar com campo e a fase final do mestrado ao mesmo tempo.

Ao Dr. Lucas Troncoso, pela amizade, pelas conversas e pela sinceridade.

Ao colega e doutorando Renan Pezzi, pelas conversas, risadas e pelas trocas de conhecimento durante nossas análises no laboratório do MAE/USP.

À Mariana Zauhy, Juliana Bonfim e ao Bruno Ramos, por toda a amizade e trocas de conhecimento durante meu período de estágio na Zanettini Arqueologia. Muito do que aprendi nos meus primeiros anos de contato real na Arqueologia eu devo a vocês.

Ao meu amigo Theo Monteiro Farias, por todos os muitos anos de amizade, sinceridade, desabafos, fofocas, conversas, recomendações de leitura, noites de vinho no seu apartamento, viagens e festas. Tenho orgulho de ser seu amigo e a sua amizade foi fundamental durante toda a elaboração desta pesquisa. Sempre saiba que pode encontrar em mim todo o apoio que você me deu ao longo destes anos.

Ao meu amigo Daniel Villani, pela amizade, pelas conversas, pelo carinho, por todas as companhias no Theatro Municipal, pelas risadas ao sol na piscina do CEPE, por todas as sessões de Crossfit na kitnet maravilhosa, por todos os almoços no Bandeirão, e por compreender todas as durezas que é ser pesquisador no Brasil, você tem minha eterna admiração.

Aos meus amigos Raul Almeida, Eduardo Morais Machado, Leonardo Tazawa, Bruna Teixeira, Victor Teixeira, Maury Medeiros, Cauane Rodrigues, Marcela Marche, Michelle Horn, Mariana Teixeira, Leonardo Farias e Amanda Belchior. Muito obrigado a todos vocês. Vocês

estiveram presentes durante todo esse período de pesquisa, alguns durante todo o processo, outros por períodos menores, mas todos foram fundamentais pelas conversas, amizades e compreensão. Ser pesquisador é sempre muito solitário, saber que temos amigos, e esses amigos são vocês, acalenta o coração e me dá base. Minha eterna gratidão a todos.

Aos diversos colegas, pesquisadores, amigos e conhecidos que me ouviram falar sobre a minha pesquisa e contribuíram com palavras de incentivo e conforto. Posso não citar todos por nome, mas vocês sabem quem vocês são.

À minha mãe, Sandra Rolim, que sempre se denominou como uma “arqueóloga frustrada”, e nunca poupou esforços de me incentivar aos estudos do passado, e se dedicou a gravar inúmeros documentários em VHS, ou mesmo comprar vários livros sobre paleontologia e arqueologia para minha leitura. Agradeço muito por todas as leituras de trabalhos (desde a graduação), correções de português, e paciência para lidar comigo mesmo nos meus dias mais difíceis. Você foi inestimável para esta pesquisa e sempre será inestimável para mim.

Ao meu pai, Guerino Manfrini. Ao seu próprio jeito você sempre esteve lá me apoiando, me dando suporte, e acreditando em mim. Sempre se dedicou em incentivar minhas pesquisas, viagens e educação. Muito obrigado por tudo.

À minha irmã, Juliana Manfrini. Muito obrigado por todas as conversas, interesse e carinho. Você sempre foi muito presente e agradeço todos os dias por ter uma irmã como você. Sei que sempre posso contar contigo, e ter essa base foi muito importante durante esses anos de pesquisa.

Ao meu irmão, Maurício Manfrini, por ser meu modelo a ser seguido. Ver você pesquisando foi o que mais me incentivou a entrar na carreira acadêmica. Trilhar os seus passos vem sendo um enorme desafio, mas com o seu apoio tudo fica mais fácil. Muito obrigado por todas as conversas, incentivos, estímulos e dicas sobre a vida de pesquisador, além de sempre ser muito solícito em me mostrar todas as possibilidades de pesquisa mundo a fora.

À minha cunhada, Priscila Aquino Manfrini, por também ser um exemplo de pesquisadora. Muito obrigado pelas conversas, simpatia e apoio em seguir uma carreira acadêmica.

Aos meus sobrinhos, Miguel, Enrico, Giovanni e Stefano, por todo o carinho.

À minha madrinha Márcia Alarcon Manfrini e ao Pedro Fernandez (*In Memoriam*) por todo o incentivo, carinho e conversas sobre a minha pesquisa. Lembro ainda de ter sido de vocês que ganhei um dos meus primeiros livros acadêmicos em Arqueologia, o *Why the West Rules - For Now: The Patterns of History, and What They Reveal about the Future* de Ian Morris. Tenho certeza de que o Pedro adoraria ler esta dissertação, e sei que em algum lugar, ele deve estar lendo. Muito obrigado por tudo.

Aos meus cães: Chicão, Chiara, Gaby, Cristal, Sigggy, Pepper, Mali, Saphira e Stella, além de Luna, Maya, e Nina (*In Memoriam*). Muito obrigado pelo amor e lealdade de todos vocês. Pelas

companhias no sofá durante a escrita, e pelos gestos simples de carinho que muitas vezes eram capazes de mudar todo o meu humor em um dia lento de pesquisa.

À Eliene Silva, pela presença diária, simpatia, cuidado e por nunca deixar faltar nada nos inúmeros dias em que passei em casa estudando.

Aos meus colegas de time e aos técnicos do Esporte Clube Pinheiros e do Club Athletico Paulistano. Muito obrigado pela compreensão de algumas de minhas faltas para ir a campo ou para viagens de congresso. O apoio de vocês foi fundamental para que eu pudesse continuar pesquisando.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento nº 001. Agradeço também pelas verbas PROAP que me foram destinadas para atender a dois eventos científicos internacionais.

Ao Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP) por toda a estrutura ao longo destes 3 anos de pesquisa.

“It turns out life isn’t a puzzle that can be solved one time and it’s done. You wake up every day, and you solve it again” (THE ANSWER, 2019).

RESUMO

MANFRINI, Marcelo Rolim. **Cacos fragmentados em uma sociedade conectada: produção e distribuição de cerâmica utilitária na São Paulo colonial**. 2020.194f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

A presente pesquisa versa acerca das cerâmicas de produção local/regional dos sítios Pinheiros 2, Casa do Bandeirante e Casa Bandeirista do Itaim Bibi. Ao longo do texto, procuramos compreender os padrões técnicos e estilísticos que eram observados na olaria do sítio Pinheiros 2, sendo esta a única olaria de período colonial identificada arqueologicamente na atual malha urbana da cidade de São Paulo. Após estabelecermos estes padrões, procuramos observar se estas mesmas características poderiam ser observadas em contextos domésticos próximos e cronologicamente adequados, sendo assim escolhidas as duas “casas bandeiristas” mencionadas anteriormente. Desta forma, pudemos observar que algumas cerâmicas utilitárias encontradas nestes contextos domésticos podem ser associadas à produção da olaria do sítio Pinheiros 2. Com base nas informações obtidas através da materialidade, pudemos discutir acerca de continuidades e persistências práticas presentes nas cerâmicas, reflexos de confluências culturais de europeus, indígenas e africanos/afrodescendentes na região, além de oferecer um panorama acerca do funcionamento da olaria de Pinheiros 2 e de como se dava o comércio de cerâmicas utilitárias às margens do Rio Pinheiros. Esta dissertação também se propôs a realizar datações por arqueomagnetismo nas Estruturas de Queima da olaria, apresentando novas idades e refinando o período de funcionamento da olaria em questão.

Palavras-chave: Arqueologia Histórica. São Paulo. Cerâmica. Persistência Cultural. Arqueomagnetismo.

ABSTRACT

MANFRINI, Marcelo Rolim. **Fragmented sherds in a connected society: production and distribution of utilitarian ceramics in the colonial São Paulo**. 2020. 194p. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

This research is focused on the ceramics of local/regional production of the Pinheiros 2, Casa do Bandeirante, and Casa Bandeirista do Itaim Bibi archaeological sites. The dissertation carries out the understanding of technical and stylistic patterns found in the Pinheiros 2 workshop, this being the only colonial workshop ever archaeologically identified in the current urban region of the city of São Paulo. Furthermore, it established these patterns, leading to the intent to observe if those same characteristics could be seen in close and chronologically adequate domestic contexts. In order to achieve it, the two “bandeiristas houses” mentioned before were chosen. As a result, we were able to perceive that some of the ceramics unearthed in these domestic contexts could be associated with the pottery production in the Pinheiros 2 workshop. With the information gathered from the materiality analyzed, we were able to discuss practical continuities and persistence present in the pottery production, echoes of cultural convergence between Europeans, indigenous peoples, and Africans/afro-descendants in the region, besides offering a panorama concerning the operation of the Pinheiros 2 workshop and how the pottery market worked by the riverbank of the Pinheiros river. This dissertation also implements the challenge of executing archaeomagnetic dating with the firing structures of the workshop, presenting new dates and refining the period of operation of the pottery works previously stated.

Keywords: Historical Archaeology. São Paulo. Pottery. Cultural Persistence. Archaeomagnetism.

RESUMEN

MANFRINI, Marcelo Rolim. **Tiestos fragmentados en una sociedad conectada: producción y distribución de cerámicas utilitarias en el São Paulo colonial**. 2020. 194p. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Esta investigación aborda la cerámica de la producción local / regional de los sitios Pinheiros 2, Casa do Bandeirante y Casa Bandeirista del Itaim Bibi. A lo largo del texto, tratamos de comprender los patrones técnicos y estilísticos que se observaron en la cerámica del sitio Pinheiros 2, siendo esta la única alfarería del período colonial identificada arqueológicamente en el tejido urbano actual de la ciudad de São Paulo. Después de establecer estos estándares, tratamos de observar si estas mismas características podrían observarse en contextos domésticos cercanos y cronológicamente adecuados, eligiendo así las dos "casas bandeiristas" mencionadas anteriormente. De esta manera, pudimos observar que algunas cerámicas utilitarias que se encuentran en estos contextos domésticos pueden asociarse con la producción de la alfarería del sitio Pinheiros 2. Con base en la información obtenida mediante la materialidad, pudimos discutir acerca de continuidades prácticas y persistencias presentes en las cerámicas, reflejos de confluencias culturales de europeos, indígenas y africanos/afrodescendientes en la región, además de ofrecer una visión general de la alfarería de Pinheiros 2 y cómo se utilizó para comerciar cerámica utilitaria en las orillas del río Pinheiros. Esta disertación también propuso realizar dataciones de arqueomagnetismo en las Estructuras Ardientes de la alfarería, presentando nuevas edades y refinando el período de operación de la alfarería en cuestión.

Palabras-clave: Arqueología Histórica. São Paulo. Cerámica. Persistencia Cultural. Arqueomagnetismo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Os sítios trabalhados.....	21
Figura 2 – Moeda de 1719 de cobre identificada na Casa Bandeirista do Itaim Bibi.....	34
Figura 3 – Crucifixo de bronze identificado na Casa do Bandeirante.....	36
Figura 4 – Frequência de antiplásticos.....	59
Figura 5 – Coloração da pasta após o processo de queima.....	59
Figura 6 – Momento de inserção das incisões.....	66
Figura 7 – Formas das bordas.....	67
Figura 8 – Inclinação e espessuras das bordas em relação ao corpo.....	68
Figura 9 – Tipos de lábios.....	69
Figura 10 – Tipos de base.....	69
Figura 11 – Ilustração das componentes do vetor campo geomagnético.....	75
Figura 12 – Variações de declinação, inclinação e intensidade do campo magnético terrestre.....	76
Figura 13 – Procedimentos de campo para arqueomagnetismo (1).....	78
Figura 14 – Procedimentos de campo para arqueomagnetismo (2).....	79
Figura 15 – Magnetômetro SQUID.....	81
Figura 16 – Resultados da desmagnetização AF para quatro amostras.....	84
Figura 17 – Resultados da desmagnetização AF para as duas Estruturas de Queima.....	85
Figura 18 – Datação arqueomagnética para a EQ3.....	86
Figura 19 – Datação arqueomagnética para a EQ6.....	86

LISTA DE PRANCHAS

Prancha 1 – Mapas das Unidades Morfológicas da Planície Fluvial do Rio Pinheiros.....	38
Prancha 2 – Detalhamento geomorfológico de São Paulo.....	39
Prancha 3 – Levantamento de sítios e ocorrências no município de São Paulo.....	40
Prancha 4 – Detalhamento da área em estudo.....	41
Prancha 5 – Sítios próximos aos estudados nesta pesquisa.....	42
Prancha 6 – Croqui esquemático com as áreas de pesquisa do sítio Pinheiros 2.....	43
Prancha 7 – Croqui com as áreas de intervenção e as Estruturas de Queima do sítio Pinheiros.....	44
Prancha 8 – Croqui com a malha de intervenções realizadas na Casa Bandeirista do Itaim Bibi e as áreas com potencial de estarem associadas ao século XVII.....	45
Prancha 9 – Mapa da Casa do Bandeirante com a dispersão do material plotado nas áreas anexas.....	46
Prancha 10 – Procedimentos de análise no sítio Morrinhos/CASP/DPH 1.....	71
Prancha 11 – Procedimentos de análise do sítio Morrinhos/CASP/DPH 2.....	72
Prancha 12 – Procedimentos de análise no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP).....	73
Prancha 13 – Procedimentos de laboratório para obtenção das estações Arqueomagnéticas (IAG/USP).....	89
Prancha 14 – Classes de peças analisadas 1.....	127
Prancha 15 – Classes de peças analisadas 2.....	128
Prancha 16 – Técnica modelada na parte superior e moldada na parte inferior do vasilhame.....	129
Prancha 17 – Demais técnicas de manufatura.....	130
Prancha 18 – Tipos de antiplástico.....	131
Prancha 19 – Frequência dos antiplásticos.....	132
Prancha 20 – Processos de queima.....	133
Prancha 21 – Tratamento da superfície interna.....	134
Prancha 22 – Tratamento da superfície externa 1.....	135
Prancha 23 – Tratamento da superfície externa 2.....	136
Prancha 24 – Peças com engobo.....	137
Prancha 25 – Falhas produtivas.....	138
Prancha 26 – Queima pós-deposicional e bioturbação.....	139
Prancha 27 – Marcas de uso.....	140
Prancha 28 – Bordas e bases.....	141
Prancha 29 – Similaridades nas falhas produtivas (Moldado/Modelado).....	152
Prancha 30 – Similaridades nas falhas produtivas (Aplicados).....	153
Prancha 31 – Processo de Queima do tipo 02 em todos os sítios.....	154

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Matérias-primas do sítio Pinheiros 2.....	32
Tabela 2 – Resultados das datações por termoluminescência (TL) no sítio Pinheiros 2.....	32
Tabela 3 – Matérias-primas do sítio Casa Bandeirista do Itaim Bibi.....	34
Tabela 4 – Matérias-primas do sítio Casa do Bandeirante.....	36
Tabela 5 – Dados de anisotropia de susceptibilidade magnética para amostras da Estrutura de Queima 03.....	82
Tabela 6 – Dados de anisotropia de susceptibilidade magnética para amostras da Estrutura de Queima 06.....	83
Tabela 7 – Classe das peças.....	91
Tabela 8 – Técnicas de manufatura.....	93
Tabela 9 – Espessura dos fragmentos.....	94
Tabela 10 – Tipos de antiplásticos.....	95
Tabela 11 – Espessura máxima do antiplástico.....	96
Tabela 12 – Frequência do antiplástico.....	96
Tabela 13 – Graduações de coloração pós-queima.....	97
Tabela 14 – Atmosfera de queima.....	97
Tabela 15 – Tratamento da superfície interna.....	98
Tabela 16 – Tratamento da superfície externa.....	99
Tabela 17 – Localização dos engobos.....	100
Tabela 18 – Coloração dos engobos.....	100
Tabela 19 – Modo e decoração.....	101
Tabela 20 – Catálogo Decorativo.....	103
Tabela 21 – Momento de inserção da decoração.....	116
Tabela 22 – Processos tafonômicos.....	117
Tabela 23 – Forma dos lábios.....	119
Tabela 24 – Forma das bases.....	119
Tabela 25 – Projeção dos Vasilhames.....	120
Tabela 26 – Singularidade artesanal.....	146
Tabela 27 – Motivos similares inter-sítios (Motivo 1.1).....	147
Tabela 28 – Motivos similares inter-sítios (Motivo 1.3).....	147
Tabela 29 – Motivos similares inter-sítios (Motivo 1.4).....	148
Tabela 30 – Motivos similares inter-sítios (Motivo 2.1).....	148
Tabela 31 – Motivos similares inter-sítios (Motivo 3.1).....	149
Tabela 32 – Motivos similares inter-sítios (Motivo 5.1).....	149
Tabela 33 – Motivos losangulares entre tradições indígenas.....	155
Tabela 34 – Motivos losangulares entre os Ovimbundu.....	156
Tabela 35 – Uso de engobo vermelho e decorações escovadas entre tradições indígenas.....	157
Tabela 36 – Uso do curvilíneo em Portugal.....	159
Tabela 37 – Apliques estilizados em Portugal vs. São Paulo.....	160
Tabela 38 – Uso de motivos Bakongo, “Espinha-de-Peixe” e roletes expostos.....	161
Tabela 39 – Continuidades técnicas do Moldado/Modelado.....	162
Tabela 40 – Morfologias similares.....	163
Tabela 41 – Morfologias europeias.....	169

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO 01: UM PANORAMA DA PESQUISA.....	23
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	23
1.2 BREVE PANORAMA GEOGRÁFICO DA REGIÃO EM FOCO.....	29
1.3 OS SÍTIOS ESTUDADOS NA PRESENTE PESQUISA.....	31
1.3.1 Sítio Pinheiros 2.....	31
1.3.2 Sítio Casa Bandeirista do Itaim Bibi.....	33
1.3.3 Sítio Casa do Bandeirante do Butatã.....	35
1.4 OUTROS SÍTIOS PRÓXIMOS DA REGIÃO.....	36
CAPÍTULO 02: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....	47
2.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	47
2.2 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	54
2.3 FICHA DE ANÁLISE.....	56
CAPÍTULO 03: DATAÇÃO ARQUEOMAGNÉTICA PARA O SÍTIO PINHEIROS 2.....	74
3.1 PRINCÍPIOS DA DATAÇÃO ARQUEOMAGNÉTICA.....	74
3.1.1 O campo magnético da Terra.....	74
3.1.2 Arqueomagnetismo.....	77
3.2 MATERIAIS E MÉTODOS.....	77
3.2.1 Sítio Pinheiros 2.....	77
3.2.2 Amostragem.....	77
3.2.3 Preparação das amostras.....	79
3.2.4 Medidas de paleodireção.....	80
3.3 RESULTADOS.....	81
3.3.1 Resultados direcionais.....	81
3.3.2 Datação arqueomagnética.....	85
3.4 DISCUSSÃO.....	87
CAPÍTULO 04: RESULTADOS E ANÁLISES.....	90
4.1 DADOS OBTIDOS.....	90
4.1.1 Classe das peças.....	90
4.1.2 Técnicas de manufatura.....	92
4.1.3 Espessura dos fragmentos.....	93
4.1.4 Tipos de antiplástico.....	94
4.1.5 Espessura máxima dos antiplásticos.....	95

4.1.6	Frequência dos antiplásticos.....	96
4.1.7	Processos de queima.....	97
4.1.8	Tratamento de superfície interna.....	98
4.1.9	Tratamento da superfície externa.....	98
4.1.10	Engobo – localização e coloração.....	99
4.1.11	Modo e decoração.....	100
4.1.12	Variabilidade das decorações plásticas e cromáticas.....	101
4.1.13	Momento de inserção da decoração.....	115
4.1.14	Falhas de produção e processos tafonômicos.....	116
4.1.15	Morfologia dos Vasilhames.....	117
4.2	ANÁLISE COMPARATIVA INTER-SÍTIOS.....	142
4.2.1	Tecnologias de produção similares.....	142
4.2.2	Tecnologias de produção diferentes.....	144
4.2.3	Motivos decorativos similares.....	145
4.2.4	Motivos decorativos exclusivos.....	150
4.3	CONFLUÊNCIAS CULTURAIS NA PRÁTICA CERÂMICA: PERSISTÊNCIAS E CONTINUIDADES.....	155
4.4	A LÓGICA MERCANTIL DA CERÂMICA NA REGIÃO DO RIO PINHEIROS.....	165
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	175
	REFERÊNCIAS.....	178

INTRODUÇÃO

Aeons pass
writing the tale of us all
A day-to-day new opening
For the greatest show on Earth
(NIGHTWISH, 2015a)

Como ciência, a arqueologia fornece métodos confiáveis para discutir a cultura e o meio social de seres humanos que estão ausentes nas fontes documentais, permitindo então obter um entendimento que antes não seria possível do nosso passado e de nossas raízes. Assim, a compreensão do fato social total (MAUSS, 2003) destas pessoas pouco abordadas pela historiografia só pode ser realizada pelos registros físicos que estas deixaram, seja por sua arte, arquitetura, instrumentos, cerâmica, ou mesmo escritos - quando disponíveis. Desta maneira, pode-se perceber que o objeto de estudo da arqueologia é a cultura material (BEZERRA DE MENESES, 1983), isto é, a apropriação social do meio físico com atribuição de forma e função. Contudo, na construção de pensamento histórico, muitos profissionais se atêm exclusivamente ao documento escrito. Isto posto, indagamos o seguinte: limitar-se ao estudo de registros escritos é a melhor forma de construir um conhecimento menos enviesado e dependente da visão de mundo do autor das fontes? Acreditamos que não, e que para uma produção histórica mais satisfatória e compreensiva a resposta estaria na interdisciplinaridade e abarque de outras formas de conhecimento, como a Arqueologia Histórica¹.

A romancista nigeriana Chimamanda Adichie discorreu em uma palestra na *TED Talks* em 2009 acerca dos “perigos de uma história única” (*the danger of a single story*), no sentido de que uma única história é repetidamente contada sobre uma determinada sociedade. Geralmente, esta história se torna um senso comum, coberta de estereótipos e, apesar de não ser totalmente incorreta, acaba por negligenciar narrativas e experiências alternativas. Com isso, *uma* história acaba se tornando *a* única história (SOUZA, 2015).

A quem interessa a disseminação de uma história única? Geralmente às elites e aos poderosos letrados, que usam as fontes históricas para reproduzir os seus próprios interesses (MARINS, 2003). Desta forma, minorias populacionais acabam por disseminar as histórias das majorias iletradas sob os seus pontos de vista descolados da realidade. As narrativas que permeiam os séculos iniciais da cidade de São Paulo são prova de que, durante muito tempo, uma história única prevaleceu. De que a cidade era pobre, periférica, pequena e irrelevante no cenário nacional. De que esta cidade era uma terra povoada por mamelucos rudes e com as atividades mais importantes sendo pautadas no bandeirantismo, como eram as visões de Caio Prado Jr. (1969) e Celso Furtado (2000).

¹ Conceituaremos “Arqueologia Histórica” nesta dissertação como o estudo arqueológico que versa acerca dos processos que formaram e moldaram a modernidade. Abordando textos, artefatos, colonialismo e capitalismo, estes estudos tendem a traçar histórias de memórias públicas e patrimônios que às vezes foram esquecidos, às vezes eternizados, às vezes distorcidos, mas sempre mobilizados para uma multiplicidade de propósitos (HALL; SILLIMAN, 2006).

A presente dissertação propõe-se a contribuir para a discussão de que São Paulo não era uma cidade atrasada e vazia. Esta visão, que vem sendo contestada há algumas décadas no âmbito da História (BLAJ, 2002; BORREGO, 2010; CARRARA, 2014; KOK, 2009; MONTEIRO, 1995, 2004; MOURA, 2005; MOURA, 1999; PETRONE, 1995; REIS FILHO, 2004; VIEIRA, 2016; VILLARDAGA, 2011, 2017), foi pouco trabalhada no campo arqueológico. Um dos poucos expoentes a trabalhar com a presente temática paulistana foi Paulo Zanettini em sua tese de doutorado e em outros artigos (ZANETTINI, 2005; ZANETTINI; MORAES WICHERS, 2009). O arqueólogo Rafael de Abreu e Souza também aborda brevemente a questão em seu artigo *Arqueologia na Terra da Garoa* (2013). Munsberg (2018) e Tessaro (2013), em suas dissertações de mestrado, também abordam algumas destas questões. Portanto, a presente pesquisa procura utilizar o registro arqueológico para demonstrar uma São Paulo economicamente ativa, socialmente diversa, e globalmente conectada.

O processo de desmistificação de um passado paulista atrasado necessita transcender ao uso exclusivo de documentos. A Arqueologia e o estudo da materialidade em São Paulo tem muito a contribuir para o debate, e assim alterar essa noção de que a cidade possuía apenas símbolos de pobreza, isolamento e estaticidade. Os seus moradores possuíam complexas práticas de consumo e aquisição de bens, e reduzir essas narrativas à uma homogeneização populacional e econômica, sob padrões de economia neoclássicos (REDCLIFT, 2000), é se submeter a narrativa das elites.

Este é, por natureza, um estudo histórico, na medida em que a passagem do tempo está impressa no registro arqueológico e os artefatos mostram como certas variáveis substituíram outras ao longo dessa dimensão temporal (LIMA, 2006). Ou seja, a análise dos artefatos e de como o ser humano foi alterando suas necessidades e produzindo inovações é o que torna a interpretação do registro arqueológico uma observação do histórico do comportamento humano.

É deste modo que a análise arqueológica - e das práticas de consumo a elas relacionadas (BEZERRA DE MENESES, 1998; SOUZA, 2015) - dos moradores das casas de taipa paulistanas nos permite rizomatizar a história única contada sobre a antiga cidade colonial, que hoje descansa sob o asfalto urbano desta metrópole, aguardando ser escavada e colocada sob a luz novamente. O objeto e sua trajetória devem estar presentes nesta discussão, já que os mesmos representam parte indispensável dos processos culturais, cotidianos e simbólicos dos períodos históricos abordados (RAMOS, 2011).

Podemos dizer que, na elaboração do presente dissertação, as fontes arqueológicas e históricas são indispensáveis na desmistificação de uma São Paulo atrasada e isolada. E é sob esta ótica que procuramos promover uma maior interdisciplinaridade científica mais expresiva. O purismo científico não se mostra benéfico para nenhuma das partes, e o diálogo pode ajudar as ciências a

preencher lacunas teóricas e metodológicas que anteriormente existiam. A Arqueologia Histórica é apenas um início.

Desta forma, realizamos um estudo sistemático que discorre sobre a materialidade cerâmica proveniente dos sítios Pinheiros 2, Casa Bandeirista do Itaim Bibi e Casa do Bandeirante do Butantã, evidenciados em múltiplos projetos de campo que variam entre trabalhos acadêmicos e de licenciamento arqueológico. Tais sítios também possuem uma proximidade geográfica significativa, como pode ser visto na figura 01, especialmente antes da retificação do Rio Pinheiros que colocava a Casa do Bandeirante na mesma margem do rio que os outros dois.

Figura 01: Os sítios trabalhados



A identificação de uma olaria colonial em Pinheiros foi uma descoberta extremamente importante para a compreensão do passado colonial da cidade de São Paulo, já que esta segue sendo a única olaria colonial identificada arqueologicamente no município. Apesar de sabermos que existiam diversas outras olarias na cidade de São Paulo durante o período formativo da cidade, os vestígios destas nunca foram encontrados, já que cidade moderna se sobrepôs à cidade de taipa (MARINS, 2003).

O presente estudo tem os seguintes objetivos: 1) Estabelecer os padrões produtivos mais comuns das cerâmicas manufaturadas no sítio Pinheiros 2; 2) Identificar tais padrões em outros sítios próximos, como os sítios Casa Bandeirista do Itaim Bibi e o sítio Casa do Bandeirante do Butantã; 3)

Refletir sobre como a materialidade dos sítios trabalhados pode oferecer informações acerca de processos econômicos e sociais na São Paulo colonial.

No capítulo 01 contextualizamos historicamente a cidade de São Paulo durante os séculos XVI, XVII e início do XVIII, para assim podermos compreender melhor o período em que os sítios arqueológicos estão situados. Também procuramos oferecer um panorama acerca das pesquisas arqueológicas realizadas nas áreas próximas aos sítios trabalhados, além de um panorama ambiental e geográfico para a região. Também abordamos cada um dos sítios arqueológicos em epígrafe, as datações que possuem, os contextos em que foram escavados, assim como tecemos breves comentários acerca de seus métodos de escavação.

No capítulo 02 exibimos os pressupostos teóricos e metodológicos que foram usados ao longo das análises. Neste momento também apresentamos como foi constituída a ficha de análise cerâmica.

No capítulo 03 abordamos as análises arqueomagnéticas realizadas no IAG/USP (Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas/Universidade de São Paulo), sob supervisão do Prof. Dr. Gelvam Hartmann (IG/UNICAMP - Instituto de Geociências/Universidade Estadual de Campinas). Neste momento, são mostrados os métodos, procedimentos, e resultados das datações obtidas através das amostras retiradas de duas estruturas de queima do sítio Pinheiros 2.

No capítulo 04 são apresentados os resultados das análises cerâmicas, assim como as reconstituições dos vasilhames cerâmicos, pranchas esquemáticas com detalhes morfológicos e técnicos, assim como um catálogo de motivos decorativos encontrados nas cerâmicas de todos os três sítios. Discutimos também acerca das confluências culturais que permeiam as práticas cerâmicas nos sítios da região do Rio Pinheiros, observando continuidades produtivas e decorativas. Juntamente com esses resultados, também tecemos comparações entre a materialidade inter-sítios, verificando se é possível observar se a cerâmica produzida em Pinheiros 2 estava sendo distribuída para outros locais próximos.

Por último, desenvolvemos algumas conclusões acerca do que foi percebido na materialidade dos sítios trabalhados e o que é possível notar sobre a sociedade e a economia paulistana nos seus primeiros séculos.

CAPÍTULO 01: UM PANORAMA DA PESQUISA

Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
(BUARQUE, 1971)

De modo a situar a pesquisa de uma maneira adequada, se mostra imperativo promover algumas breves considerações que ajudem a contextualizar o leitor. Inicialmente, um breve levantamento histórico da cidade de São Paulo, explorando a região antes e depois do contato com os europeus, até o final do século XVIII. Em seguida, abordaremos os aspectos geográficos da região, e de como o relevo e as ações humanas afetaram o descobrimento dos sítios arqueológicos. Estas considerações levantarão algumas questões que serão trabalhadas mais adiante na análise do material cerâmico.

Por último, vamos expôr todas as pesquisas arqueológicas que ocorreram em relação aos sítios em apreço na presente dissertação. Portanto, iremos discorrer sobre a natureza da identificação dos sítios, da materialidade, e de como foram escavados. Também iremos abordar brevemente alguns outros sítios arqueológicos próximos aos que foram estudados diretamente nesta pesquisa.

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Quando se pensa em São Paulo nos seus primeiros séculos, o senso comum normalmente nos leva para uma paisagem rural, pouco populosa, economicamente débil e desconectada do resto da colônia. Esta visão, que foi por muitas décadas popularizada pela historiografia, vêm sendo desafiada por historiadores, arqueólogos e urbanistas que estudam o passado desta (atual) metrópole. Estes novos estudos indicam evidências que apontam para uma cidade economicamente ativa, socialmente diversa, e globalmente conectada, e neste capítulo planejamos oferecer um panorama neste sentido.

Contudo, antes de abordarmos a cidade de São Paulo, é necessário discorrer sobre quem estava neste lugar pouco antes dos portugueses chegarem. A região do Brasil meridional, antes do período da colonização, era dominada principalmente por grupos indígenas de tronco Tupi, em grande parte por Tupiniquins e Tupinambás (AMARAL, 1985; MONTEIRO, 1995). Contudo, estes possuíam diversas diferenças sociais e linguísticas, sendo que o contato entre os mesmos ocorria principalmente através de confrontos bélicos (MONTEIRO, 1995). Para compreender esse situação, os portugueses criaram dois grupos para designar os indígenas da região: os nomes Tupi e Tapuia. Os tupis seriam os grupos litorâneos em contato direto com os portugueses, franceses e espanhóis, desde o Maranhão até Santa Catarina (e isso inclui os Guarani). Já os Tapuia eram grupos pouco conhecidos pelos europeus. Segundo Monteiro (1995), chegaram a ser descritos 76 grupos diferentes com essa

terminologia. O termo representava mais uma antítese do termo tupi, sendo projetada de forma negativa. Os Tapuias eram frequentemente descritos como indígenas belicosos e temidos.

No que hoje seria a região metropolitana de São Paulo, se encontravam dois grupos indígenas principais: os Tupiniquins e os Guaianá (ou guaianazes). Entretanto, os relatos de Hans Staden deixam claro que a maioria era de Tupiniquins. Monteiro (1995) confirma que nos aldeamentos de São Miguel, Nossa Senhora dos Pinheiros e Itaquaquecetuba, se abrigavam principalmente estes dois grupos. Os Tupiniquins eram descritos como Tupis, enquanto os Guaianá como Tapuias.

Os Tupinambás, por outro lado, eram mais conhecidos e explorados nas regiões costeiras, mais distantes do povoamento de São Paulo de Piratininga. Com a ocupação do Planalto Paulista e da dificuldade de comercializar escravos tupinambás, outros inimigos dos tupiniquins foram procurados para escravização. Neste caso, foram os indígenas Carijós, que já trabalhavam em engenhos em São Vicente (MONTEIRO, 1995).

O povoamento de São Paulo de Piratininga foi fundado em 1554, e dialoga diretamente com o início da ocupação portuguesa no Planalto Paulista e o contato com os povos indígenas que ali viviam. Neste cenário é que entra a figura de Tibiriçá, chefe dos tupiniquim na região. Tibiriçá também possuía dois supostos irmãos. O primeiro seria Caubi, chefe da aldeia de Jerubatuba (próxima a Santo Amaro), enquanto o outro seria Piquerobi, chefe da aldeia de Ururáí, onde viria a se estabelecer o aldeamento de São Miguel. Importante frisar que as aldeias não eram povoados fixos, e esses grupos tendiam a se deslocar, muitas vezes a cada três ou quatro anos (MONTEIRO, 1995). Em 1530, Tibiriçá aceitou em sua aldeia o náufrago português João Ramalho, que viria a se tornar seu genro. Este seria o primeiro contato de Tibiriçá com os portugueses. Com este cenário, Tibiriçá aceitou a chegada dos jesuítas, e se tornou o primeiro de sua tribo a ser catequizado, recebendo o nome de Martim Afonso Tibiriçá. O seu genro, por outro lado, contribuiu para a ocupação do Planalto, se tornando uma figura de liderança entre brancos e indígenas, e assim fundou uma outra aldeia que serviria de base para a futura vila portuguesa de Santo André da Borda do Campo (MONTEIRO, 1995). Contudo, segundo Monteiro (1995), esta aliança se tornou nociva demais, pois criou mudanças nos padrões de guerra, crises de autoridade, surtos de contágios, e isso acabou por debilitar, desorganizar e, finalmente, impactar muito da cultura dos Tupiniquim. Tibiriçá viria a morrer de infecção em 1562, sendo sepultado pelos jesuítas no interior da modesta igreja de São Paulo de Piratininga.

Em 1560, São Paulo foi elevada à condição de vila, situação que seria mantida até 1711, quando receberia, oficialmente, o título de cidade. Contudo, no sentido técnico, receber tal título nada mais era do que uma decisão política, e em nada refletia sobre o tamanho, população ou economia das vilas:

Na América portuguesa colonial, por exemplo, a palavra “cidade” se referia especificamente a um núcleo urbano que tivesse sido fundado diretamente pela administração metropolitana, contrastando com a vila, que era um núcleo fundado pelos donatários. A diferença estava no status político de cada uma e não no tamanho, sendo que muitas vezes as vilas eram até maiores do que as cidades (SILVA; SILVA, 2012, p. 51).

De modo a entendermos o contexto histórico ao qual os sítios trabalhados na presente dissertação estão inseridos, precisamos compreender as dinâmicas que se mostravam presentes nesta sociedade colonial que se instalou no primeiro século de fundação até a elevação de São Paulo à condição de cidade. Para tal, iremos discutir brevemente acerca do comércio, artesanato, agricultura, conectividade com Portugal e as importações e exportações, assim como a população da vila e como ela era constituída e habitada.

Apesar de São Paulo não estar localizada no centro das principais rotas de comércio, produtos importados frequentemente eram encontrados na cidade. Em 1598, sal, panos, papéis, medicamentos, objetos de ferro e aço chegavam de Portugal com uma certa frequência. Da mesma forma que lãs e alguns artigos de indústria européia encontravam seu caminho à São Paulo, via Buenos Aires (TAUNAY, 2004). Negros escravizados já aparecem em registros em 1612, mesmo que em pequena quantidade. Em caso citado por Taunay (2004), uma escrava da Guiné foi vendida em São Paulo por 25 mil réis. É importante lembrar que os escravos possuíam uma característica dupla na sociedade colonial: sendo pessoas e mercadorias exóticas ao mesmo tempo (SÁ, 2017).

A cessão de monopólio sobre os contratos de venda de vinagre, vinho, azeite e aguardente, vinculada à conservação das estradas que ligam São Paulo ao litoral, indica o funcionamento de uma lógica mercantil de importação/exportação e a existência de um mercado interno. Portanto, a integração econômica que existia entre os portos de Santos/São Vicente e São Paulo era muito mais dinâmica e significativa do que anteriormente se acreditava (BLAJ, 2002; ZANETTINI, 2005; BORREGO, 2010).

John Monteiro (1995) ainda aponta uma relação muito próxima entre São Paulo e os assentamentos espanhóis no Paraguai durante a União Ibérica (1580-1640). Essas relações comerciais funcionavam com os paulistas fornecendo artigos europeus e escravos africanos em troca de escravos indígenas e prata dos paraguaios (VILLARDAGA, 2011, 2017).

A ocorrência, mesmo que de forma reduzida, de louças portuguesas (faianças) em sítios arqueológicos deste período, também indica que estes produtos poderiam vir a aparecer pela cidade ainda no século XVII, já que existem registros de padrões que começaram a ser produzidos no segundo quartel do século XVI (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2013).

Os esforços dos paulistas em se tornarem autossuficientes em produtos alimentícios advindos da terra fértil da região são bem notados pela historiografia. Monteiro (1995) e Taunay (2004) dão especial importância para a produção de trigo na cidade. As fazendas ainda eram organizadas em um

sistema similar à *hacienda* hispano-americana, e abasteciam minas e cidades. Os primeiros moinhos já começaram a aparecer em 1609, indicando uma produção em larga escala, até se criando a necessidade de padeiros na cidade em 1623 (TAUNAY, 2004). Zanettini (2005) também destaca o papel de São Paulo como produtor e fornecedor de gêneros da terra para localidades mais distantes do que Santos e São Vicente, levando seus excedentes até Rio de Janeiro, Bahia e até Colônia de Sacramento no extremo sul da colônia.

Já observamos que São Paulo possuía uma boa conexão comercial para realizar importações e exportações dos bens produzidos. Contudo, como se dava o mercado interno e a produção de bens materiais?

De acordo com Taunay (2004), em 1585 podia ser encontrado em São Paulo um comércio com a presença de sapateiros, alfaiates - estes por vezes também atuavam como cabeleireiros e barbeiros, tecelões, ferreiros, carpinteiros e oleiros. O primeiro açougue, objetivando a grande quantidade de gado que era criado na região, surgiu em 1599, juntamente com a primeira estalagem que visava a venda de comidas e bebidas. Até então, o comércio destes produtos era realizado apenas em feiras nas praças da cidade e na base do tropeirismo. Segundo Monteiro (1995), ainda em 1609, surge a primeira fábrica de ferro da região, localizada no aldeamento de Santo Amaro.

Em 1623, existiam vinte e cinco comerciantes e treze oficiais mecânicos cadastrados na cidade de São Paulo. Desse modo, a localidade possuía pedreiros, padeiros, carpinteiros, jornaleiros, e ainda mais oleiros (TAUNAY, 2004; NIZZA DA SILVA, 2009; VIEIRA, 2016). É importante ressaltar a presença frequente de olarias na região, já que a pouca frequência e alto preço de faianças em São Paulo dos séculos XVI e XVII tornavam o uso da panela de barro um item absolutamente fundamental para a sociedade colonial paulistana, sendo usada das classes mais abastadas às mais simples (ZANETTINI, 2005). Uma dessas olarias, inclusive, é o eixo norteador da presente dissertação. Por consequência, é possível identificar um mercado interno estável para a cidade de São Paulo quinhentista e seiscentista, que possuía estalagens, feiras e mão de obra especializada.

A criação de gado era outro item especialmente bem estabelecido nesse mesmo contexto. A partir de 1580, diversas fazendas de gado bovino começaram a surgir ao longo do rio Pinheiros. Chegava a ser registrado um movimento comercial constante de carnes salgadas e de animais vivos (MONTEIRO, 1995; ZANETTINI, 2005). Taunay (2004) também salienta a importância deste gado, além de destacar que em São Paulo havia boas criações de ovelhas - a lã era muito valorizada -, e de galinhas. Poucas referências são elencadas acerca da criação de cabras em terras paulistanas. A pesca nos Rios Tamanduateí e Pinheiros é também um aspecto importante da São Paulo quinhentista segundo Monteiro (1995). Ao fim do século XVI existem referências de roças de mantimento (farinha), produção de marmelada e criação de porcos em Pinheiros (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,

2012). Além destes itens de exportação, São Paulo também produzia muitas leguminosas para consumo local, como mandioca, feijão e milho (MONTEIRO, 1995).

Durante o século XVII, Taunay (2004) ainda apontou que São Paulo transportava vinho, azeite, óleo e amendoim para o litoral. Essa situação pode ser vista no relato de Frei Vicente de Salvador em 1627, que menciona que os barcos no litoral eram carregados diariamente com trigo, vinho e outras mercadorias vindas de São Paulo (VICENTE DE SALVADOR, 1965). No entanto, apesar da grande quantidade de produtos importados e exportados por São Paulo, a maior parte deste comércio era realizado por escambo já que havia frequentes esgotamentos de dinheiro e ouro em toda a capitania, um problema que persistiria até o século XIX (BLAJ, 2002; TAUNAY, 2004).

A diversidade étnica e globalizada que São Paulo desenvolveu durante os séculos XVI e XVII realmente condiz com uma sociedade integrada à empresa colonial. Os habitantes majoritários da cidade, obviamente, eram indígenas e portugueses. Todavia, com a miscigenação e a integração de processos de exportação e importação, acabou-se por criar uma diversidade social grande na cidade. Registros de populações mamelucas já aparecem com frequência desde a segunda metade do século XVI e nos integrantes das expedições bandeiristas (ZANETTINI, 2005; FAUSTO, 2006; SOUZA, 2013).

A quantidade elevada de indígenas na cidade de São Paulo pode ser atribuído (além, claro, dos aldeamentos indígenas que já existiam na região) às políticas de apresamento indígena empreendidas pelos bandeirantes. Entre 1628 e 1638 as bandeiras passaram a se tornar mais violentas e gananciosas (sob lideranças célebres, como Raposo Tavares e Fernão Dias), destruindo missões jesuítas e apresando dezenas de milhares de indígenas. A região do Guairá, no atual Paraná, foi completamente destruída neste ano de 1628. Em seguida, os bandeirantes se voltaram para as missões do Sul, hoje no estado de Rio Grande do Sul (região de Tape). Estas missões também foram imensamente impactadas até 1638. Após este período, houve um declínio do apresamento indígena já que os aldeamentos foram ficando cada vez mais distantes e mais escassos. Desta forma, as bandeiras acabaram se tornando empreendimentos menores e menos lucrativos, já que tinham que viajar distâncias cada vez maiores e para lugares ainda mais isolados como o Mato Grosso, extremos de Minas Gerais e Goiás (MONTEIRO, 1995; VILARDAGA, 2017). Sendo assim, quando pensamos nos indígenas e na materialidade que produziam na região durante a colonização portuguesa, não podemos pensar apenas nas comunidades que habitavam regiões próximas e que indígenas vinham para São Paulo (contra suas vontades) das mais diversas partes do Brasil.

Já o elevado número de pessoas mestiças (ou mamelucas) pode ser traçado para o início da colonização da região. Os portugueses do século XVI começaram a ter hábitos de concubinato e poligamia, contudo, não se tratava simplesmente da adoção de práticas nativas pelos homens portugueses na ausência de mulheres brancas. Mais importante, a poligamia e o concubinato

refletiam, às vezes, as alianças pactuadas entre portugueses e índios, conferindo aos colonos certo prestígio dentro das estruturas indígenas (MONTEIRO, 1995).

Além das populações indígenas e miscigenadas que habitavam a região, de acordo com Monteiro (1995, p.145), é possível encontrar “ingleses, holandeses, e judeus” vivendo da terra em São Paulo em 1637. Além disso, populações africanas, mesmo que em menor número, já conseguem ser vistas no primeiro quartel do século XVII (MONTEIRO, 1995; TAUNAY, 2004; CARRARA, 2014).

A existência de estratificação social também é frequentemente percebida na obra de John Monteiro (1995). O autor aponta a existência de famílias tradicionais ricas, grandes detentoras de terras, responsáveis pelo comércio e donas de muitos escravos. Além disso, havia uma boa camada de fazendeiros e aldeados mamelucos empobrecidos. Muitos destes acabavam por fornecer “serviços obrigatórios” para a elite paulista, muitas vezes representados por trabalhos manuais diversos. Ainda abaixo destes fazendeiros, existia a enorme camada de escravos indígenas, advindos das expedições de apresamento bandeiristas. É possível ainda destacar que no meio destas três camadas sociais principais haviam escravos africanos - de posse das famílias mais abastadas -, e comerciantes estrangeiros que possuíam um status intermediário entre as elites e os fazendeiros empobrecidos (MONTEIRO, 1995; TAUNAY, 2004; FAUSTO, 2006). Monteiro (1995) estima que somente a partir do século XVIII o percentual de escravos africanos começa a se tornar significativo, transformando-se em majoritário na virada para o século XIX.

A quantidade de moradores existentes na cidade é possível de ser estimada para os séculos XVI, XVII e XVIII, já que a mesma aparece em diversos registros elencados por Schürmann (1999), Taunay (2004) e Carrara (2014). Na virada dos 1600, a população de São Paulo já se encontrava em duas mil pessoas - entre brancos e escravos (TAUNAY, 2004). Para Carrara (2014), em 1672, a localidade possuía um total de 1500 cristãos brancos e mais 10 mil escravos, totalizando quase 12 mil habitantes. Contudo, Taunay (2004) aponta que São Paulo teria uma população branca de 3 mil homens em 1660, o dobro do que Carrara (2014) havia proposto.

Portanto, é possível observar uma cidade que aumentava exponencialmente a sua população ao longo dos anos do século XVII. Schürmann (1999) ainda aponta que São Paulo foi uma das cidades que mais cresceu em número de habitantes, saltando para quatro mil habitantes brancos ao fim do século XVII.

Apesar de 12 mil habitantes não parecer muito para os padrões atuais, para a sociedade colonial esses números eram bem representativos. Por exemplo, de acordo com Carrara (2014), Salvador em 1680 possuía apenas cerca de 15 mil habitantes.

Ao longo do século XVIII, algumas dinâmicas que foram observadas nos séculos XVI e XVII começaram a sofrer alterações significativas na cidade de São Paulo. Algumas das principais

mudanças ocorreram nas áreas demográficas e econômicas, que refletem ações das Bandeiras empreendidas no século XVII e a descoberta das minas de ouro em Minas Gerais.

A descoberta das primeiras áreas de garimpo de ouro nos últimos anos do século XVII e o seu apogeu de exploração ao longo do século XVIII acabaram por tornar São Paulo um entreposto comercial das minas, fornecendo aguardente, escravos e gado (MONTEIRO, 1995). Além disso, houve um aumento na circulação de pessoas na região, o que criou uma demanda excessiva por trigo, milho e feijão, causando crises de abastecimento e e inflação dos preços. Em 1724, farinha chegou a ser importada de outras capitanias (MONTEIRO, 1995; NIZZA DA SILVA, 2009).

Com o apresamento indígena agressivo empreendido na primeira metade do século XVII, a população indígena em São Paulo começou a se tornar gradativamente menor nos finais desse centenário e a tendência se manteve ao longo do século XVIII. A população indígena foi gradativamente se mestiçando ou desaparecendo. Em 1819, Auguste de Saint-Hilaire declara que não existe mais nenhum único descendente dos antigos guaianases. A última manifestação conhecida dos índios moradores de Pinheiros é de 1833, em uma queixa apresentada na Câmara (AMARAL, 1985).

Desta forma, segundo Monteiro (1995), alguns produtores de trigo começaram a transição para mão de obra africana já na segunda metade dos seiscentos: “Na propriedade de Domingos da Rocha do Canto, em 1661, 24 escravos negros trabalhavam ao lado dos 92 índios da fazenda” (MONTEIRO, 1995, p. 119). E ao longo do século XVIII esta tendência foi se confirmando, como se pode ver na dissertação de Munsberg (2018), em que entre 1680 e 1699 o contingente escravizado em São Paulo era 90,3% composto de indígenas, e o período entre 1770 e 1789 já é composto de 57,5% de escravizados de origem africana e 42,5% de criolos/mulatos.

No âmbito administrativo mais algumas mudanças podem ser observadas na dinâmica da localidade. Em 1711, a vila de São Paulo é oficialmente elevada à categoria de cidade, um retrato da crescente importância da cidade na capitania. Em 1766, a capela de Pinheiros foi elevada à condição de Freguesia, assim mostrando a importância da administração religiosa na região, que na época registrava 82 habitantes (AMARAL, 1985; NIZZA DA SILVA, 2009).

Com base no que foi exposto neste capítulo, acreditamos ter apresentado um breve panorama acerca de algumas das principais dinâmicas sociais que existiam nos primeiros séculos de fundação de São Paulo, assim como perspectivas populacionais que abarcam demografia e etnicidade de seus habitantes. Com isso, podemos argumentar positivamente em relação a uma localidade com uma sociedade complexa, dinâmica, diversa e mercantil.

1.2. BREVE PANORAMA GEOGRÁFICO DA REGIÃO EM FOCO

Os bairros de Pinheiros, Butantã e Itaim Bibi estão assentados no interior da bacia do rio Pinheiros, entre as várzeas deste rio e a encosta do chamado espigão central, que é a parte montanhosa com topo aplainado que divide as principais bacias hidrográficas da cidade: Tietê e Pinheiros. O rio Pinheiros, afluente do rio Tietê, que passa diretamente ao lado de todos os sítios abordados nesta análise, nasce da conjunção dos rios Guarapiranga e Grande, que se formam na Serra do Mar (AB'SABER, 2007).

A vegetação original que margeava o rio Pinheiros era primariamente de floresta ombrófila mista, que é uma vegetação com grande quantidade de coníferas e que recebe chuva constante ao longo do ano. Curiosamente, este rio era conhecido como Geribatiba (ou ainda suas diversas variações de grafia como Gerivatiba, Geraibatiba ou Gerebaitiba, Jeribatiba, Jaraibatiba, Jerubatuba ou ainda Jurubatuba), nome tupi que significa “lugar com muitas palmeiras jerivás”. Esta espécie de palmeira é típica de florestas ombrófilas, assim como as araucárias, que inspiraram o nome do bairro: Pinheiros (AMARAL, 1985; DICK, 1997).

Segundo Ab'Saber (2007), a paisagem dos bairros é bastante complexa, justamente por compreender desde planícies de inundação, terraços médios e baixos e colinas suaves. A cidade de São Paulo como um todo se assenta sobre “um pequeno mosaico de colinas, terraços fluviais e planícies de inundação” (AB'SABER, 2007, p. 98), relevo este sustentado por embasamentos graníticos, recobertos por uma espessa capa sedimentar contendo argilas, areias e faixas de seixos e cascalhos subordinados.

Contudo, este relevo original e a sua planície de inundação hoje se encontram recobertos por de, em média, dois metros de aterros gerados pela retificação do rio, que ocorreu na década de 1940 (LUZ, 2010). De acordo com Luz (2010) e Ab'Saber (1978), o rio Pinheiros foi, provavelmente, curso de água mais transformado por ações antrópicas na cidade de São Paulo, e isso acaba por se refletir na ocultação das evidências arqueológicas que hoje se assentam abaixo de todo esse detrito acumulado.

Todos os sítios arqueológicos no âmbito da presente pesquisa se encontram nestas áreas onde originalmente existiam planícies de inundação e baixos terraços fluviais. De acordo com Luz (2010), estes terraços se formaram no Pleistoceno, e possuem alturas de 724 a 740 metros acima do nível do mar. Já as planícies de inundação, também chamadas de várzeas, possuíam duas variantes: uma sujeita a cheias anuais (719-721 metros) e outra sujeita a apenas grandes cheias (722-724m). Para se compreender melhor a área de dispersão das várzeas e dos terraços, a prancha 01 contém um mapa criado por Rodolfo Luz (LUZ, 2010) que visa exibir os aspectos geométricos dos canais do rio Pinheiros.

A área também se encontra sobre o embasamento cristalino pré-cambriano. Este, por sua vez, é marcado pela presença de aluviões pleistocênicos, retrabalhados durante todo o Holoceno (prancha

02). O material depositado, rico em areias com muito quartzo, traz à tona a natureza granítica dessas estruturas de base. O granito é uma rocha ígnea, muito frequente em embasamentos cristalinos, cuja composição combina três minerais: quartzo, mica e feldspato (AB'SABER, 1978). Estes minerais também aparecem constantemente na pasta cerâmica analisada no sítio Pinheiros 2.

1.3. OS SÍTIOS ESTUDADOS NA PRESENTE PESQUISA

Nesta subdivisão do capítulo, abordaremos os três sítios que foram estudados diretamente nesta dissertação, assim como trataremos brevemente acerca de outros seis sítios que se encontram em áreas próximas. Para melhor compreender como os sítios se dispõem no mapa, é recomendável observar as pranchas 03 a 05.

1.3.1. Sítio Pinheiros 2

O sítio Pinheiros 2 (UTM 23L 326727 7392356 - WGS84) foi escavado pela Zanettini Arqueologia entre os anos de 2010 e 2013. Atualmente acautelado pelo Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo (DPH/SP), o acervo se encontra no Centro de Arqueologia de São Paulo (CASP), na Zona Norte de São Paulo. O contexto arqueológico do sítio Pinheiros 2 é de uma olaria colonial, onde foram exumados nove fornos cerâmicos e 57.388 peças, dentre as quais 40.553 de cerâmica, o que configura um vasto acervo (ZANETTINI ARQUEOLOGIA 2011a, 2012, 2013; tabela 01).

A pesquisa em questão foi realizada em contexto de arqueologia preventiva, já que o local onde o sítio foi identificado viria a ser sobreposto por um empreendimento após o resgate.

O sítio foi dividido em seis áreas (prancha 06) durante as etapas de prospecção e resgate. Contudo, durante a fase de monitoramento, novas áreas foram abertas em expansão às áreas já existentes. Desta forma, anexa à área 1, foi aberta a área 1.1; anexa à área 2, foi aberta uma nova área 2; e anexa à área 4, foi aberta uma expansão da área 4. No entanto, ao longo da presente dissertação iremos considerar as expansões como partes das áreas previamente existentes, ou seja, iremos sempre referenciar apenas seis áreas de intervenção, e não nove. Na prancha 07 também apresentamos a planilha de intervenções realizadas ao longo de todas as etapas de campo, que também levam em consideração a localização de todas as estruturas de queima.

O material escavado pela Zanettini Arqueologia recebeu curadoria, datações por termoluminescência (tabela 02) e análises preliminares que auxiliaram bastante no recorte desta presente pesquisa, além de permitir um pouco de previsibilidade acerca do que poderia ser observado

ao longo da análise. No âmbito desta dissertação, datações por arqueomagnetismo também foram realizadas no Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (IAG/USP), fazendo uso de 46 amostras de duas das estruturas de queima identificadas no sítio (as Estruturas de Queima 03 e 06 / EQ 03 e EQ 06), de forma a refinar os dados obtidos nas datações por termoluminescência (TL). Foram obtidas datações que apontam para meados do século XVIII, porém estes resultados serão discutidos em mais detalhe no capítulo 03.

Tabela 01: Matérias primas do sítio Pinheiros 2

	Prospecção	Resgate	Monitoramento
Cerâmica	2438	31772	6343
Outros materiais	1900	14146	789
Total	4338	45918	7132
Total do Projeto	57388		
Total de Cerâmicas	40553		

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 02: Resultados das datações por termoluminescência (TL) no sítio Pinheiros 2 (ZANETTINI ARQUEOLOGIA 2011; 2012)

Datações	Procedência	Idade	Data	Margem de erro
Prospecção				
Área 01	T5 10-15 140 cm	280 ± 60	1731	1671 - 1791
	T13 30-35 120 cm	450 ± 55	1561	1506 - 1616
Área 03	T1 50-55 90-100 cm	310 ± 50	1701	1651-1751
Área 04	T4 35-40 70-110 cm	160 ± 32	1851	1819-1883
	T4 35-40 70-110 cm	176 ± 60	1835	1775-1895
Resgate				
Área 01	UE 29/9 70-80 cm	430 ± 70	1581	1511 - 1651
	EQ 1A 80-95 cm	450 ± 70	1561	1471 - 1611
	EQ 1A 125 cm	470 ± 100	1541	1441 - 1611
	EQ 2 70-80 cm	400 ± 50	1611	1561 - 1661
	EQ 2 110 cm	430 ± 40	1581	1541 - 1621
	EQ 3A 54-74 cm	460 ± 60	1551	1491 - 1611
	EQ 3B 85-95 cm	350 ± 45	1661	1616 - 1706
Área 03	UE 19/1 70-80 cm	500 ± 130	1511	1381 - 1641
	UE 19/1 100-115 cm	450 ± 110	1561	1451 - 1671
Área 04	EQ 7 UE 20/3 80- 90 cm	350 ± 60	1661	1601 - 1721
Área 06	EQ 6 UE 26/3 100-110 cm	490 ± 85	1521	1436 - 1606
	EQ 6 UE 26/4 150-160 cm	520 ± 120	1491	1371 - 1611

Fonte: Elaborado pelo autor.

1.3.2. Sítio Casa Bandeirista do Itaim Bibi

A primeira pesquisa arqueológica desenvolvida na Casa Bandeirista do Itaim Bibi (UTM 23L 328390 7390558 - WGS84) ocorreu entre junho e setembro de 1988 e foi coordenada pela arqueóloga Prof^a. Dr^a. Margarida Davina Andreatta, do Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Participaram igualmente pesquisadores e técnicos do Departamento do Patrimônio Histórico/Secretaria Municipal de Cultura (DPH/SMC), do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat), do Instituto de Pré-História da USP, dentre outros. Essa pesquisa teve como um dos objetivos principais fornecer subsídios para as obras de restauro do bem tombado. Trabalharam em conjunto arqueólogos e profissionais ligados à conservação, tanto do DPH quanto do Condephaat. Os objetivos da Prof^a. Dr^a. Andreatta à época não visavam exclusivamente atender às obras de restauro, mas ao entendimento do cotidiano da casa bandeirista desde a sua mais remota ocupação até o período dos Couto de Magalhães² em meados do século XIX (SOUZA, 2013). Assim, além das atividades de limpeza de entulho do interior da casa, foram abertas quatro trincheiras e realizadas múltiplas decapagens, gerando registros gráficos atualmente arquivados no MP/USP e o acervo de peças sob a salvaguarda do DPH. Somente em 2009, quando o terreno sofreu ações por parte de um empreendedor que impactaram de modo irreversível o patrimônio arqueológico em apreço, é que novas pesquisas foram realizadas.

Foi então desenvolvido o Programa de Salvamento Arqueológico, sob responsabilidade da Zanettini Arqueologia que, de acordo com as diretrizes apontadas pelo DPH/SMC, IPHAN e Ministério Público Federal, objetivou detectar, registrar e qualificar estruturas e contextos arqueológicos de interesse na porção remanescente do terreno onde se situa o sítio Casa Bandeirista do Itaim Bibi, promovendo ações de resgate e coleta de dados para valorar os impactos causados ao patrimônio arqueológico na área adjacente submetida às escavações relacionadas ao empreendimento em fase inicial de implantação.

O programa subdividiu as porções remanescentes do terreno em quatro setores (A, B, C e D). Foi gerado, assim, um laudo pericial definitivo voltado à análise dos impactos ocorridos no sítio arqueológico em questão. Obtidos os conjuntos de resultados do Programa de Salvamento concluído em 2009, foi apresentada aos empreendedores uma matriz de impactos, com foco na análise dos fenômenos e interferências verificadas, oferecendo recomendações e indicações tanto no campo da mitigação (a serem implementadas nas áreas ainda preservadas) quanto para compensação com

² José Vieira Couto de Magalhães foi um etnólogo e militar responsável por muitos achados fortuitos na cidade de São Paulo durante o final do século XIX e início do XX. Muito interessado em Arqueologia, estudou à fundo as origens da capital paulistana e como teria se formado a “raça paulista” (TURIN, 2012; SOUZA, 2013).

respeito à área impactada. Como considerações finais, o Relatório Final da Zanettini Arqueologia (2009) julgou necessário promover uma avaliação da porção remanescente do sítio histórico-arqueológico de modo a aprofundar o conhecimento a respeito da formação e caracterização do registro arqueológico. Com este intuito foi desenvolvido o Programa de Resgate e Monitoramento Arqueológico, cuja etapa de 2011 levou a cabo ações interventivas no Setor C e acompanhamento das obras de restauro e intervenções no Setor B.

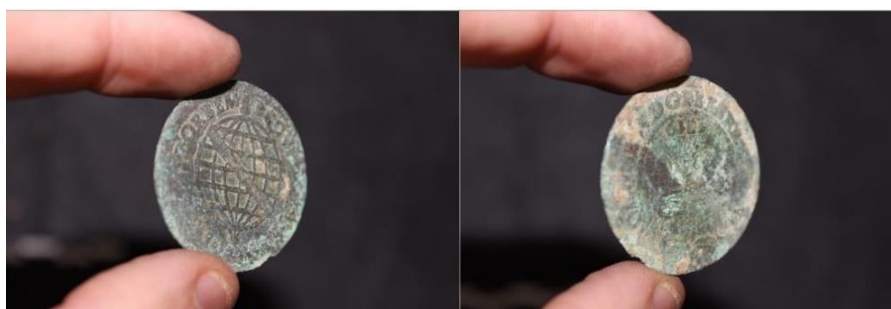
O conjunto cerâmico que foi considerado para a presente dissertação é o das etapas entre 2009-2011 (tabela 03), já que o material foi devidamente datado e, de acordo com os relatórios existentes, existem áreas que podem ser associadas diretamente aos séculos XVI e XVII (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2009; 2011b). As datações por termoluminescência chegaram a apontar uma data de 450 anos antes do presente, sendo assim, uma das mais antigas da cidade. Datações relativas também foram realizadas utilizando louças e moedas (figura 02) encontradas durante a escavação, identificando diversas peças produzidas entre os séculos XVIII e XX. Na prancha 08, exibimos um croqui esquemático que aborda a malha de intervenções realizadas no terreno onde houve maior potencialidade de apresentar materiais associados ao século XVII.

Tabela 03: Matérias primas do sítio Casa Bandeirista do Itaim Bibi

	Etapa 2009	Etapa 2011
Cerâmica	1861	716
Outros materiais	16531	16494
Total	18392	17210
Total do projeto	35602	
Total de cerâmicas	2577	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 02: Moeda de 1719 de cobre identificada na Casa Bandeirista do Itaim Bibi



Reverso (à esquerda): PECVNIA. TOTVM. CIRCVMIT. ORBEM

Anverso (à direita): IOANNES. V. D. G. P. ET. BRASIL. REX

Produzida entre 1715-1746 pela Casa da Moeda de Lisboa, no reinado de D. João V - O Magnânimo (AMATO ET AL., 2009).

Fonte: Elaborado pelo autor.

1.3.3. Sítio Casa do Bandeirante do Butantã

Em um projeto conjunto do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP) com o DPH, áreas próximas à Casa do Bandeirante (UTM 23L 325506 7393312 - WGS84) foram escavadas em dezembro de 2012. O sítio foi escavado com uma premissa de sítio-escola, com a coordenação do campo sendo feita pelo Prof. Dr. Astolfo Araujo (MAE/USP) e pela Dr^a. Paula Nishida (DPH). Nesta escavação, todas as peças que não saíram na peneira receberam coordenadas X, Y, e Z, utilizando um equipamento de Estação Total (Taqueómetro). Portanto, na prancha 09, pode-se observar a dispersão do material explorado ao redor da Casa.

Apesar do sítio atualmente ser reflexo de uma restauração ocorrida em 1955, a habitação existe naquela localização desde meados do século XVIII (AFONSO DOS SANTOS, 2016). Contudo, a ocupação no local pode datar de época ainda mais tardia. A Casa do Bandeirante é parte integrante da história do Butantã, cujos primórdios remontam a 1566, ano em que foi concedida uma sesmaria a Jorge Moreira e Garcia Rodrigues. Há um registro em 1602 que documenta a propriedade como pertencente a Afonso Sardinha, com o nome Ubatatá, termo tupi para “terra dura”. Contudo, tais documentos não são absolutamente confiáveis, já que suas terminologias vagas acabam por considerar terras em que hoje estão a Cidade Universitária e o Instituto Butantã, e não a Casa do Bandeirante em si (PACCE, 1980). Para efeitos de datação relativa, pudemos identificar um crucifixo de bronze espanhol, associado à primeira metade do século XVIII (figura 03), contudo, acreditamos que a ocupação deva ser mais antiga do que isso.

Apesar de atualmente a Casa do Bandeirante se encontrar na margem oposta do rio Pinheiros, quando em comparação com o sítio Pinheiros 2 e a Casa Bandeirista do Itaim Bibi, essa é uma situação recente. Até a retificação do rio na década de 1940, a Casa do Bandeirante se encontrava na mesma margem que os outros dois sítios, porém, quando a retificação foi efetuada, o canal fluvial acabou passando do outro lado da casa (figura 01).

Figura 03: Crucifixo de bronze identificado na Casa do Bandeirante



Reverso (à esquerda): Virgem imaculada, mãos em posição de oração, aos seus pés, uma lua crescente; e sobre a cabeça, um halo de estrelas. Inscrição diz VITA PRÆS, sobre o halo está inscrito V.I. e sob os pés, P.V.

Anverso (à direita): Cristo com braços estendidos e mãos abertas, pernas semiflexionadas, e um halo radial. Uma gólgota (caveira) sob os pés de Cristo.

Produzido na 1ª metade do século XVIII em bronze na Espanha, em estilo Barroco (CANDUSSIO & ROSSI, 2005).

Fonte: Elaborado pelo autor.

O material, que foi exumado e obteve coordenadas com a Estação Total, passou por um processo de curadoria e numeração. As peças que saíram nas peneiras não receberam o mesmo tratamento, assim não passando por curadoria. Para efeitos estatísticos desta pesquisa, optamos por considerar apenas as peças curadas, que totalizavam em 4038 números individuais, aos quais 2531 eram de fragmentos de cerâmica local/regional (tabela 04).

Tabela 04: Matérias primas do sítio Casa do Bandeirante

	Escavação 2012/2013 - peças plotadas
Cerâmica	2531
Outros materiais	1507
Total	4038

Fonte: Elaborado pelo autor.

1.4. OUTROS SÍTIOS PRÓXIMOS DA REGIÃO

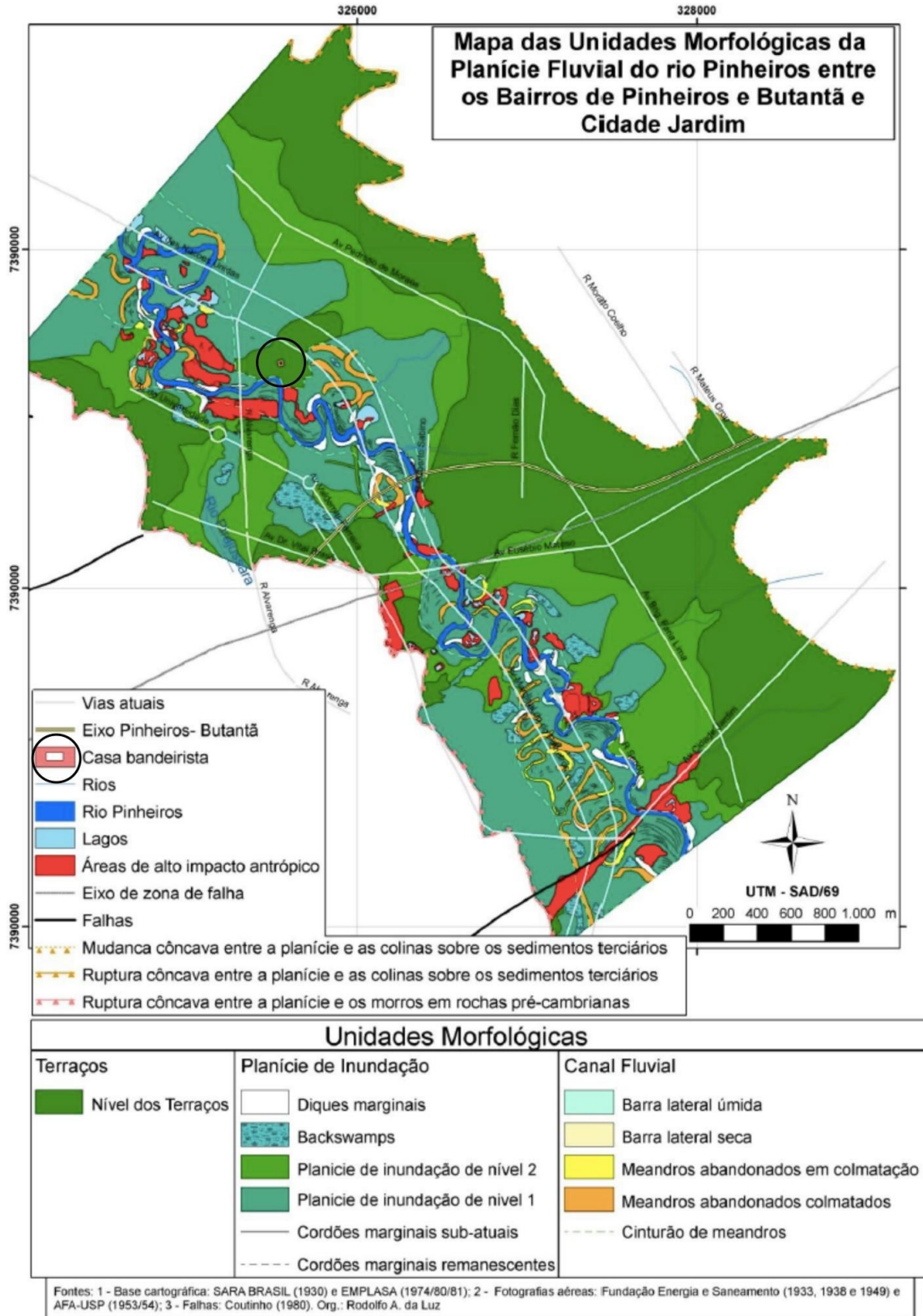
Dentro da área de estudo da presente pesquisa, outros seis sítios também foram identificados em diversos outros projetos de contrato. Contudo, no âmbito deste mestrado estes sítios serão apenas mencionados brevemente. Estes podem ser vistos espacialmente na prancha 05. Nas proximidades do sítio Pinheiros 2, podem ser vistos os sítios Ferreira de Araújo, Pinheiros 1, Pinheiros 3 e Eusébio Matoso I. Já nos arredores do sítio Casa Bandeirista do Itaim Bibi, foram resgatados os sítios Faria

Lima e Horácio Lafer. Por último, nas proximidades da Casa do Bandeirante nenhum sítio arqueológico foi identificado.

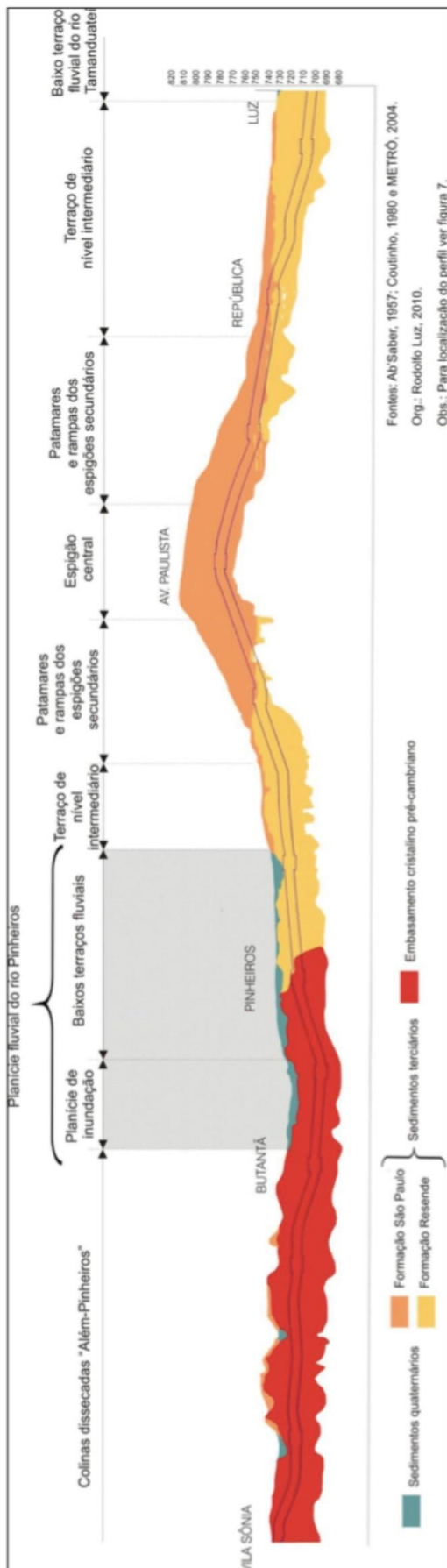
No sítio arqueológico Pinheiros 1 foram encontradas cerâmicas de produção local/regional, faianças nacionais e européias, moedas, além de outras materialidades. A maior parte do acervo escavado consiste de faianças finas inglesas produzidas entre os séculos XIX e XX. O sítio não possui datações absolutas (GESTÃO ARQUEOLÓGICA CONSULTORIA, 2014). Também nas proximidades se encontram os sítios Ferreira de Araújo e Eusébio Matoso 1, em que se estimam datas ao redor dos séculos XIX e XX, de acordo com o sistema CNSA/IPHAN e com as pesquisas de Mangueira (2018) e Hissa (2018). Por último, também foi identificado o sítio Pinheiros 3, em área anexa ao sítio Pinheiros 2, onde foram encontrados fragmentos cerâmicos, louças, vidros, metais, além de outros materiais associados à ocupação colonial. Contudo, este sítio ainda não possui datações ou informações mais específicas.

Muito próximo à Casa Bandeirista do Itaim Bibi está localizado o sítio Faria Lima, cujo resgate em 2011 resultou em um acervo com cerâmicas, faianças finas, vidros e metais, que podem ser associados a finais do século XIX e ao século XX (A LASCA ARQUEOLOGIA, 2011). Em área próxima se encontra o sítio Horácio Lafer, que também foi resgatado em 2011. Neste campo, foram encontradas majoritariamente cerâmicas de produção local/regional, assim como faianças finas nacionais e européias. Na análise presente no relatório final (DOCUMENTO PROJETOS E PLANEJAMENTO, 2011) as cerâmicas identificadas no sítio podem ser associadas a finais do século XVIII, enquanto o restante dos vestígios arqueológicos é associado principalmente aos séculos XIX e XX.

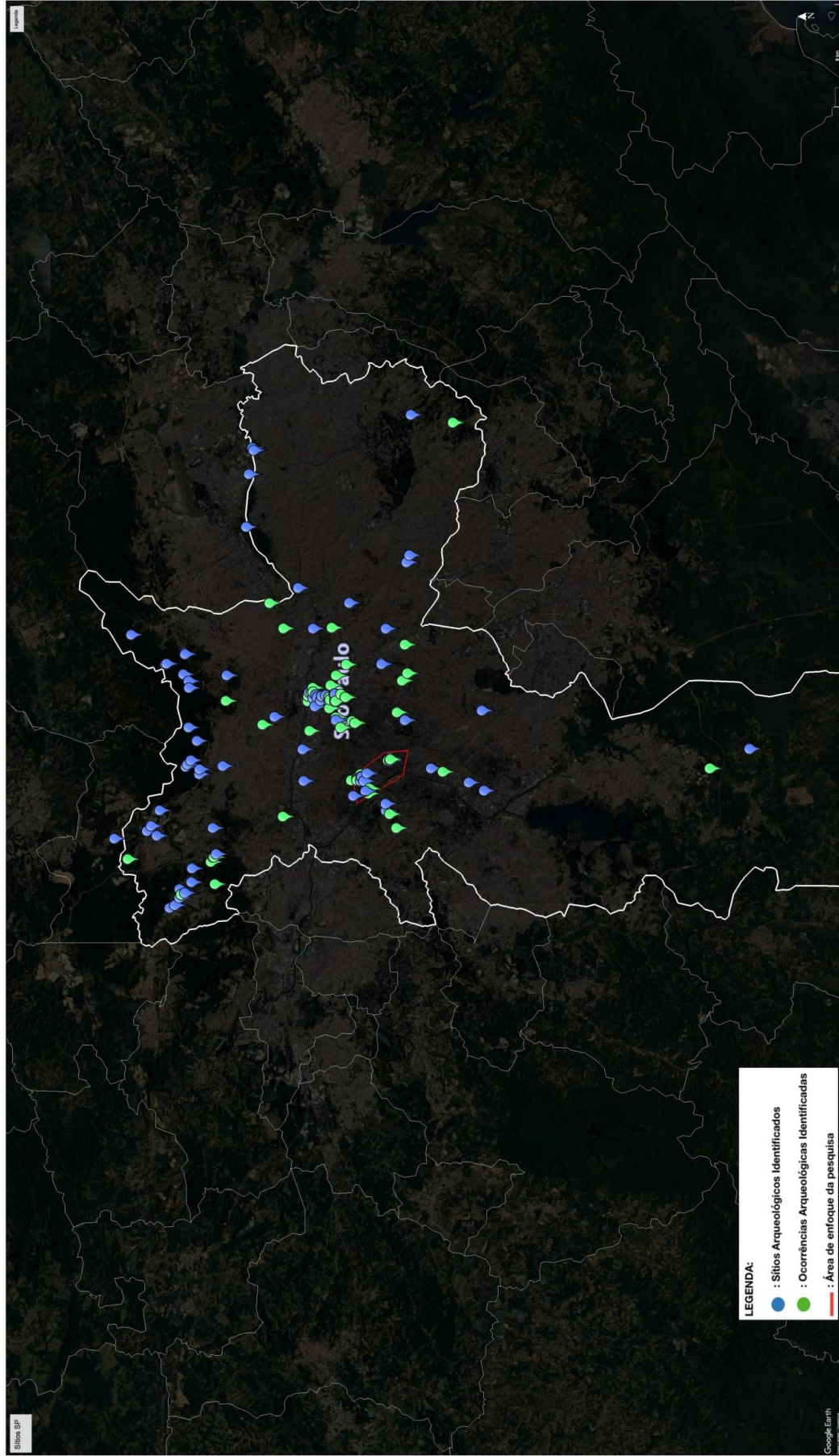
Prancha 01: Mapa das Unidades Morfológicas da Planície Fluvial do Rio Pinheiros (LUZ, 2010: 42)



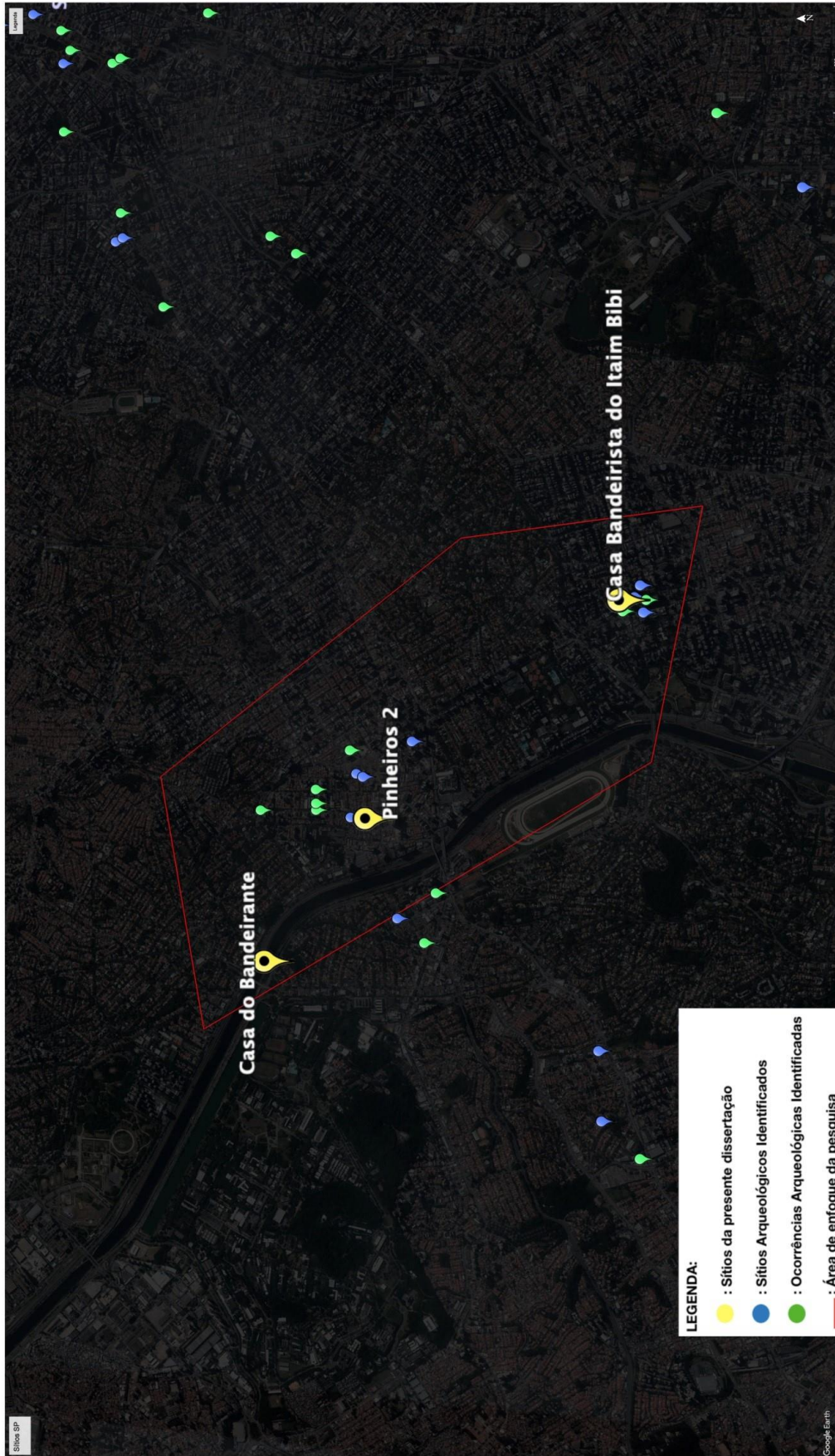
Prancha 02: Detalhamento geomorfológico de São Paulo (LUZ, 2010: 12)



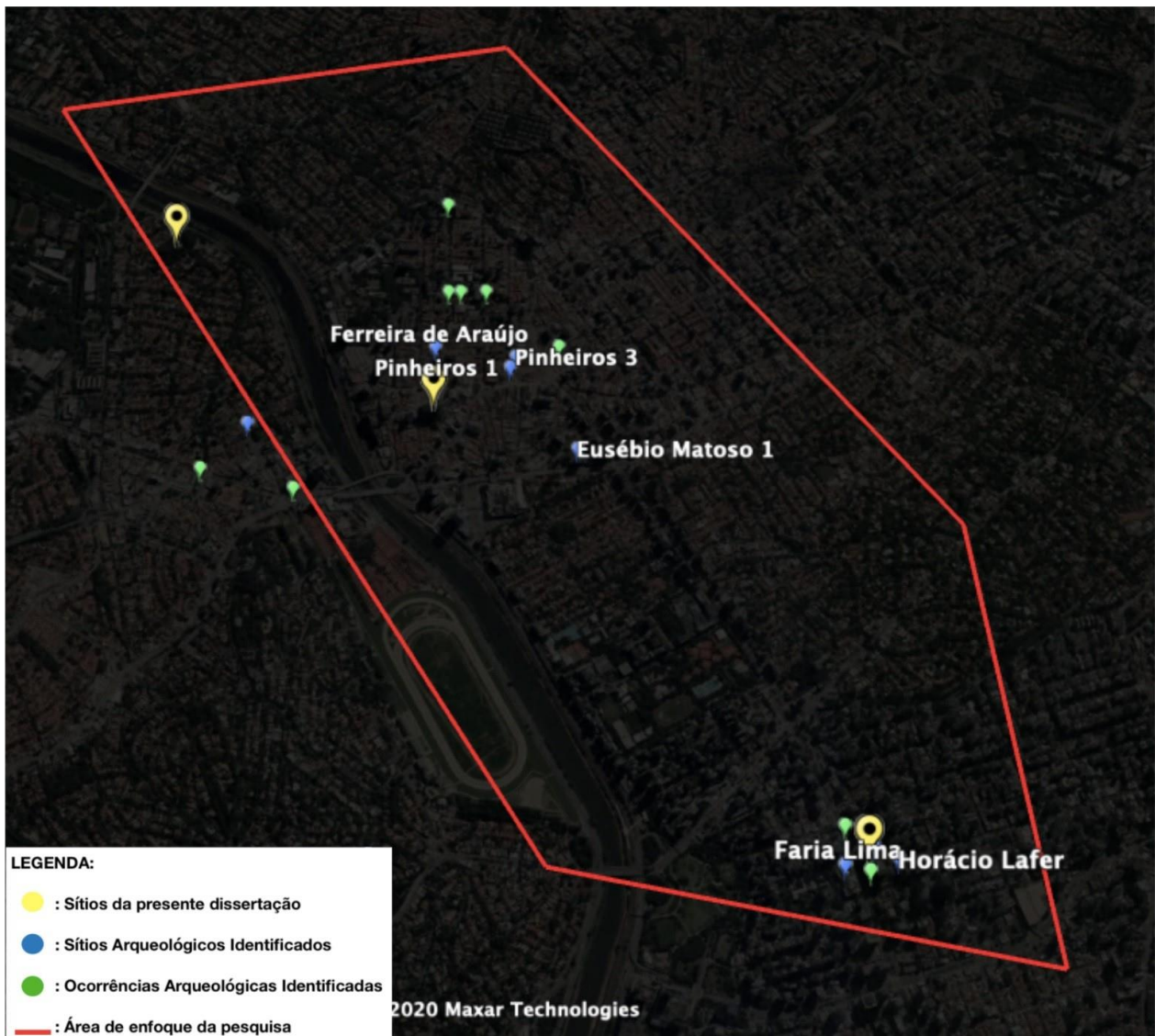
Prancha 03: Levantamento de sítios e ocorrências no município de São Paulo (baseado em MANGUEIRA, 2018 - organização do autor)



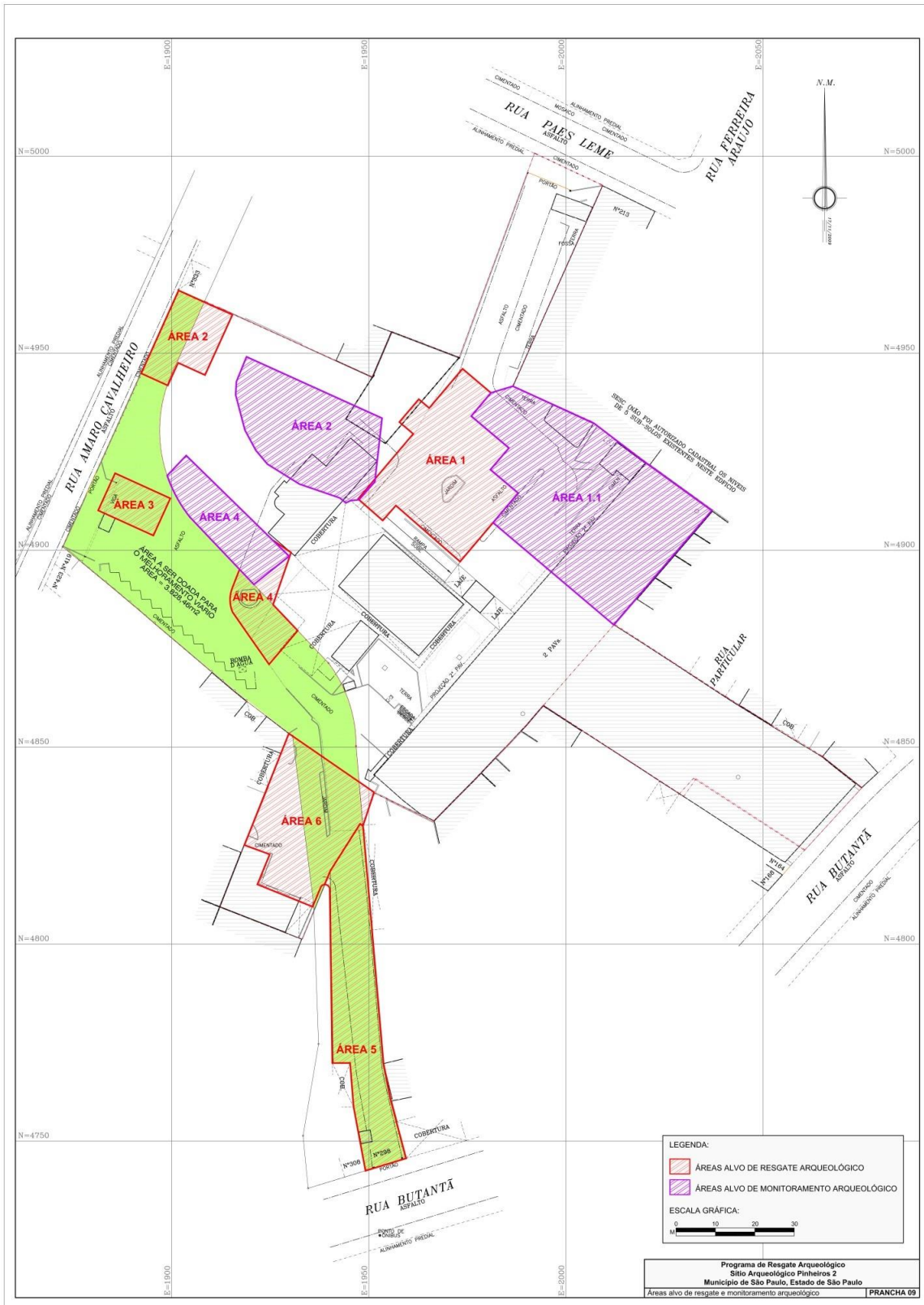
Prancha 04: Detalhamento da área em estudo (baseado em MANGUEIRA, 2018 - organização do autor)



Prancha 05: Sítios próximos aos estudados nesta pesquisa (baseado em MANGUEIRA, 2018 - organização do autor)



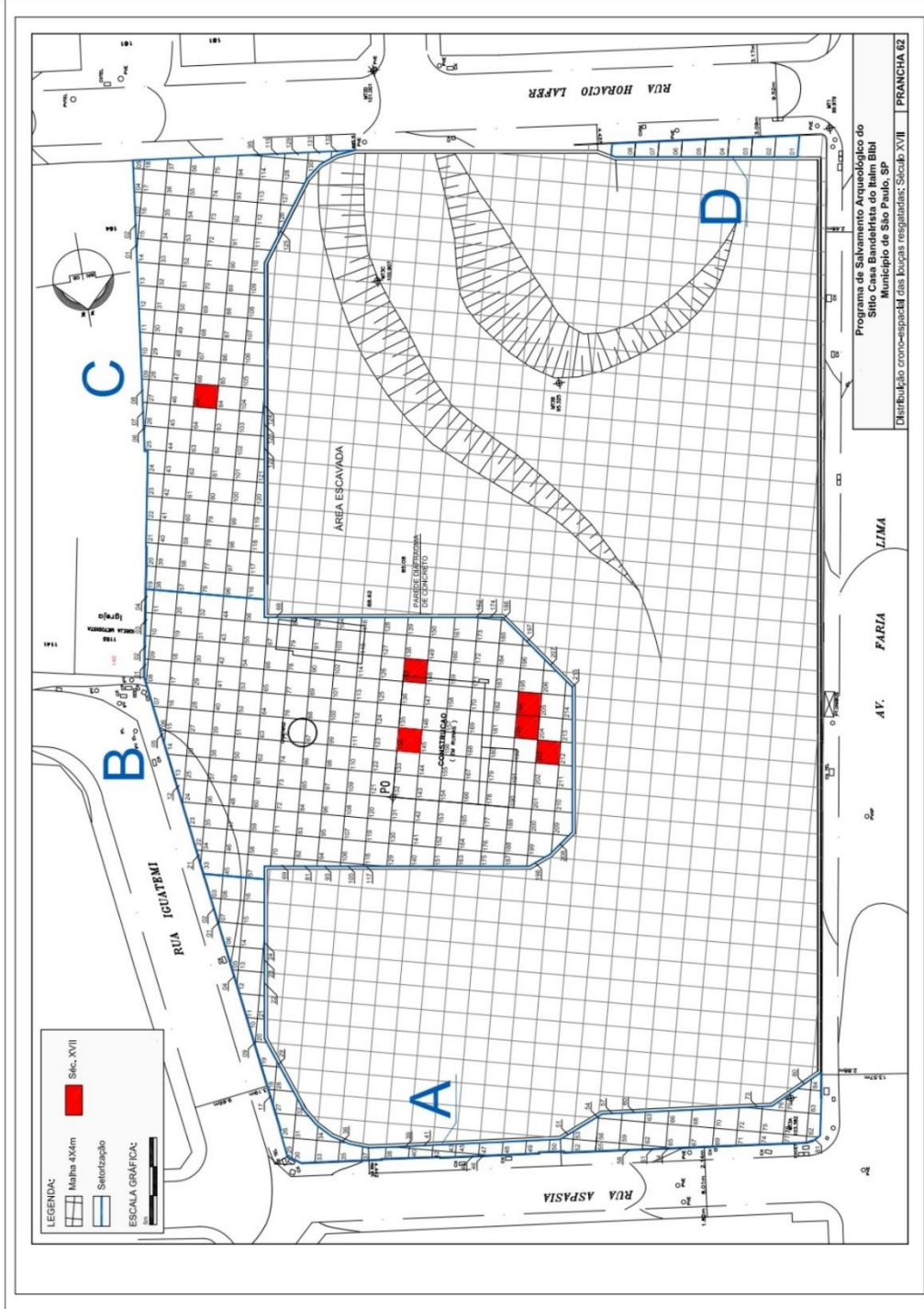
Prancha 06: Croqui esquemático com as áreas de pesquisa do sítio Pinheiros 2 (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2012)



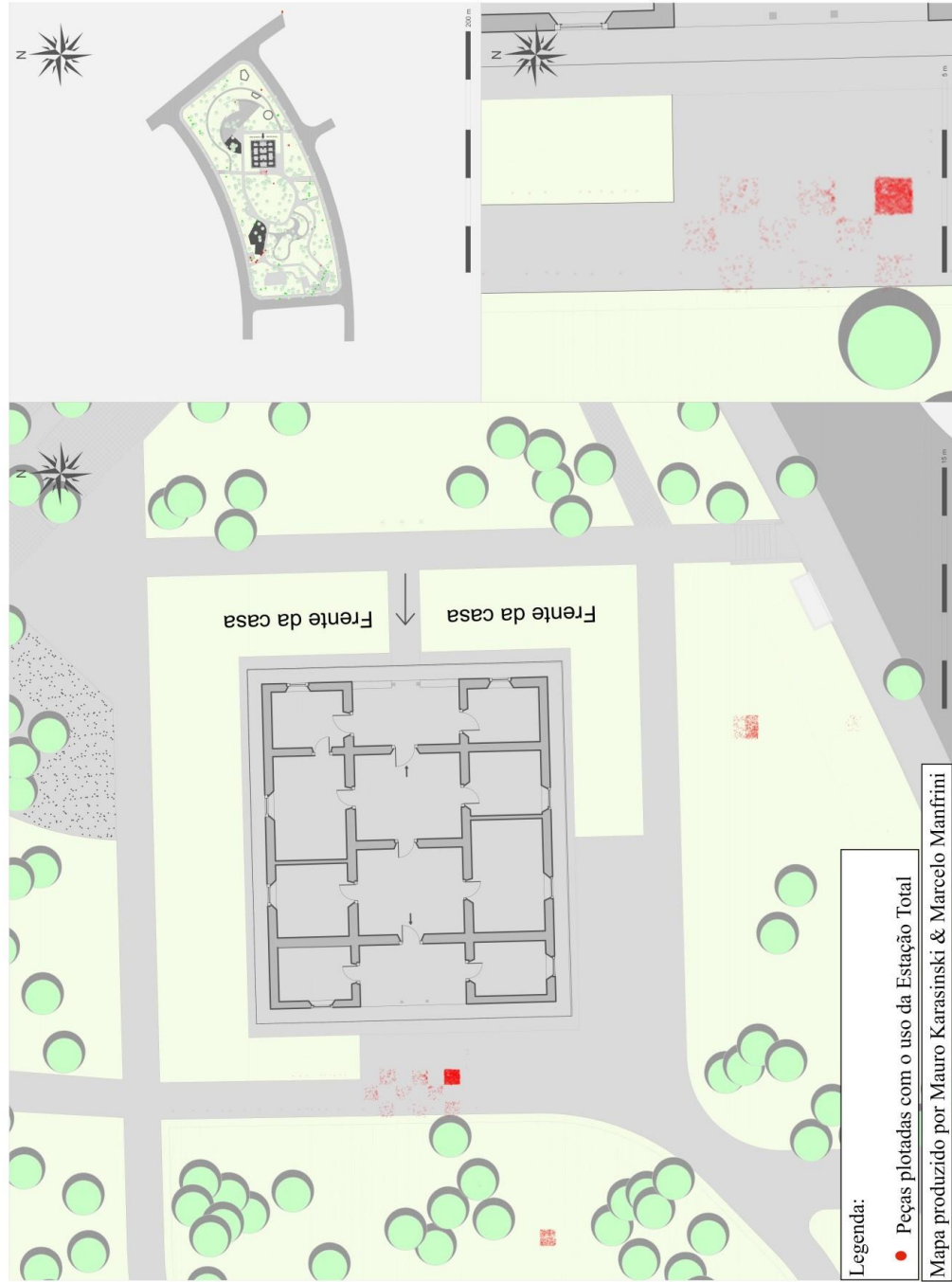
Prancha 07: Croqui com as áreas de intervenção e as Estruturas de Queima do sítio Pinheiros 2 (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2012)



Prancha 08: Croqui com a malha de intervenções realizadas na Casa Bandeirista do Itaim Bibi, e as áreas com potencial de estarem associadas ao século XVII (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2009)



Prancha 09: Mapa da Casa do Bandeirante com a dispersão do material plotado nas áreas anexas



CAPÍTULO 02: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

What is a person but a collection of choices? Where do those choices come from? Do I have a choice? Were any of these choices ever truly mine to begin with?
(VANISHING POINT, 2018).

2.1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

De acordo com Tocchetto e Thiesen (2007, p. 176): “Cidades são verdadeiros baús de reminiscências, lugares privilegiados onde as diversas memórias individuais podem se interligar para constituir a memória coletiva”. Sob esta perspectiva, podemos compreender que a experiência urbana é plural e complexa, logo, formadora de memórias e tradições. A vivência humana se apoia imensamente em sua materialidade³, apropriando socialmente o meio físico e lhe atribuindo formas e funções. A arqueologia se encaixa justamente nesta premissa, de pesquisar e desvendar as raízes do nosso passado através da materialidade, que pode se manifestar desde artefatos ou fragmentos de artefatos, a paisagens e estruturas monumentais.

A Arqueologia Histórica, fio norteador desta dissertação, ainda pode trazer algo interessante para a construção da historicidade, que é a quebra da “história única”. Grupos sociais excluídos geralmente se encontram nos rodapés do processo histórico documentado, e a arqueologia pode contribuir para a construção de uma história mais completa do que aquela carregada de senso comum, estereotipada e enviesada na forma de como estes povos muitas vezes eram vistos aos olhos das elites escritoras minoritárias. A arqueologia, desta forma, provê dados para evitar que uma história se torne a única de diversas populações em períodos históricos (ADICHIE, 2009; SOUZA, 2015). Neste sentido, discutir histórias únicas é também discutir narrativas coloniais, e desconstruir antigas premissas, como a de que apenas comunidades indígenas pré-coloniais possuíam agência e controle sobre suas próprias narrativas (FUNARI; SENATORE, 2015; SOUZA, 2017; NOELLI; SALLUM, 2019).

Apesar da volatilidade da construção histórica, o sítio arqueológico é um objeto estático - produto de diversas intervenções sociais e de atividades dinâmicas (NEVES, 1998) - e a significação da materialidade depende da visão de mundo e experiência do próprio arqueólogo (BEZERRA DE MENESES, 1998). Afinal, a reconstituição do contexto sociocultural de uma sociedade extinta depende de posições científicas e políticas do próprio pesquisador; caso isso não fosse verdade, a arqueologia seria apenas descritiva, sem análise ou interpretação crítica dos vestígios encontrados.

³ Nesta dissertação faremos uso do conceito de materialidade descrito por DeMarrais *et al.* (2004), que é uma preocupação não só com as características dos objetos, mas sim com uma noção geral de que humanos interagem com elementos do mundo enquanto agentes conscientes e são moldados por essas experiências.

Neste contexto, os três sítios arqueológicos trabalhados nesta pesquisa abrem uma janela para as origens da cidade de São Paulo devido a riqueza de seus achados e de suas localidades especiais - próximas a edificações coloniais e jesuítas que até hoje resistem aos ímpetus modernos da expansão urbana. Isto posto, a arqueologia preventiva têm sido uma atividade importante no desenvolvimento de conhecimentos em Arqueologia dentro de cidades, retornando resultados importantíssimos para a construção de uma nova história da cidade (ANDREATTA, 1986; ZANETTINI, 1986; ZANETTINI; MORAES WICHERS, 2009; ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2009, 2011a, 2011b, 2012, 2013; SOUZA, 2010, 2013, 2005). Deste modo, os estudos obtidos por meio destes trabalhos são de extrema importância para o desenvolvimento de um melhor entendimento acerca das origens da atual capital paulista.

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo o estudo de vestígios cerâmicos dos sítios Pinheiros 2, Casa Bandeirista do Itaim Bibi e Casa do Bandeirante. A materialidade de tais sítios está relacionada a ocupações em período histórico, com uma vasta teia cultural, além de possuírem características morfológicas e decorativas semelhantes às encontradas em diversos outros sítios históricos na cidade de São Paulo e arredores. É importante reforçar que a utilização dos termos “casa bandeirista” ou “casa bandeirante” diz respeito a conceitos arquitetônicos cunhados entre os anos 1940 e 1950 em São Paulo, referindo-se a características tipológicas encontradas nas antigas casas de taipa paulistas (MAYUMI, 2008). Estas definições, cunhadas por Luis Saia, partem de um movimento de valorização do passado histórico paulista em que se criou uma mitificação e engrandecimento do passado paulista mameluco através da figura do bandeirante (MARINS, 2003; MAYUMI, 2008). Desta forma, é importante frisar que a maior parte destas casas antigas nunca abrigaram um único bandeirante, e sim representam um estilo arquitetônico rural de construção obtido através de confluências culturais indígenas, lusitanas e espanholas (AMARAL, 1981; MAYUMI, 2008). Na primeira elaboração teórica de Luis Saia, o autor definiu estas “casas bandeiristas” com base nas seguintes tipologias:

planta retangular; paredes de taipa de pilão; telhado de quatro águas e coberturas com telhas de canal; implantação sobre plataforma natural ou artificial, à meia encosta, nas proximidades de um riacho; planta organizada em três faixas - social, familiar, de serviço, a partir da fachada principal; depósito ou sobrado, aproveitando a acentuada inclinação do telhado; alpendre encravado na fachada principal, entre dois cômodos onde funcionariam uma capela e um dormitório para hóspedes (MAYUMI, 2008, p. 30).

O presente estudo visa compreender a materialidade das origens da cerâmica de produção local/regional no município de São Paulo, com enfoque na olaria de Pinheiros, buscando mapear a distribuição desta cerâmica em sítios arqueológicos de áreas próximas e com recortes temporais similares. Para tal, é necessário exibir os arcabouços teóricos que permeiam as discussões acerca da cerâmica histórica em território brasileiro.

A louça de barro figura como um dos itens mais recorrentes dentre os testemunhos recuperados em sítios arqueológicos históricos Brasil afora. Isso acontece devido à sua ampla distribuição espacial, à sua durabilidade e alto potencial informativo (MORAES WICHERS, 2007). Contudo, apesar de sua grande importância na arqueologia, a cerâmica histórica foi, por muito tempo, plasmada sob o manto de uma grande tradição – a neobrasileira⁴, salvo raras exceções. Dentro dessa perspectiva de análise, acabamos concebendo como homogêneos os diversos contextos de produção e distribuição de artefatos cerâmicos. Nesse sentido, buscaremos a partir do estudo dos sítios em questão contribuir para o aprimoramento dessa discussão, dando continuidade às premissas estabelecidas anteriormente, e que se distanciam do conceito de tradição neobrasileira (ZANETTINI, 1986, 2005; TOMIYAMA, 2002; CALDARELLI, 2003; ZANETTINI; MORAES WICHERS, 2009; MORALES; MOI, 2009; SYMANSKI, 2009; SOUZA, 2010, 2015; AMARAL, 2012; TESSARO, 2013; SOUZA; LOPES, 2014; DEMINICIS, 2017; MUNSBERG, 2018;).

Desta forma adotaremos, do ponto de vista terminológico, a designação “cerâmica de produção local/regional” para essa categoria de material (ZANETTINI, 2005). Visto o que foi analisado na presente pesquisa, acreditamos agora poder mostrar com um pouco de clareza zonas de produção, redes de distribuição, troca e/ou comercialização, ao menos nas áreas próximas à olaria do sítio Pinheiros 2, e do material lá produzido. De modo a compreender melhor ambientes de produção cerâmica, faremos uso de obras de Van Der Leeuw (1984), Sinopoli (1991), *Historic England* (2015) e Costin (2020).

Neste momento, é interessante abordar que a terminologia de cerâmica local/regional vem sendo revisitada recentemente, e para o contexto do estado de São Paulo existem pesquisas recentes que já atribuem o termo Cerâmica Paulista (ou *Paulistaware*) para cerâmicas produzidas durante o período colonial na localidade. De acordo com Noelli e Sallum (2019, p. 703), a Cerâmica Paulista poderia ser definida como:

Cerâmica comum portuguesa apropriada e transformada no século XVI pelas Tupiniquim da área de São Vicente, para uso nos assentamentos coloniais, reproduzida até o presente na região Sudeste de São Paulo. Ela foi a primeira cerâmica colonial de São Paulo, produzida em território, contexto histórico específico na perspectiva tupiniquim, fora da lógica econômica europeia, para uso doméstico ou trocas no circuito familiar.

Noelli e Sallum (2020), ainda salientam que a produção cerâmica começou com as tupiniquins, e continuou com suas descendentes com os portugueses e com pessoas que vieram de fora, como indígenas apresados de outras localidades e, posteriormente, africanos ou

⁴ Conceito desenvolvido pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) em meados de 1960. Pode ser observado na obra de Ondemar Dias Júnior (1988) os locais onde a cerâmica era confeccionada por grupos familiares, chamados de neobrasileiros ou caboclos, para uso doméstico. Assim como onde ocorrem técnicas indígenas e de outras procedências, da mesma maneira que a obra também expressa a forma em que as decorações são diagnosticadas: corrugada, escovada, incisa, aplicada, digitada, roletada, bem como asas, alças, base planas em pedestal, que são tratadas sob o manto desta única tradição.

afrodescendentes. Contudo, optamos por não adotar esta terminologia na presente dissertação, por ser uma terminologia recente, e com publicações que surgiram apenas na reta final de escrita da presente dissertação.

No que compete aos estudos tecnológicos, destaco aqui o conceito de cadeia operatória, tecido por André Leroi-Gourhan (1964), que propõe o estudo dos objetos considerando sua relação com seus produtores, com o objetivo de compreender as etapas de confecção, uso e descarte dos utensílios e ferramentas. Esta proposta também pode ser vista em La Salvia e Brochado (1989, p. 5), que citam:

A confecção de um artefato é o início de um processo de produção que concluído continua em uma fase de utilização e, ao quebrar-se, encerra uma sequência de funções não específicas mas presentes dentro de um contexto cultural que ao arqueólogo cabe explicar através da análise de seus fragmentos.

A análise de cadeia operatória da produção cerâmica segue, de forma geral, as subseqüentes etapas: busca da matéria-prima; transporte e tratamento; procedimentos de formação do vasilhame; secagem; acabamentos de superfície pré-queima; queima; acabamentos de superfície pós-queima; uso e consumo; distribuição; armazenagem; descarte; reutilização e descarte final. Detalhar cada uma destas etapas objetiva a compreensão da singularidade de cada cadeia operatória, entendendo as escolhas do artesão e de como elas se encaixam em outros aspectos dos sistemas culturais, concebendo assim as “associações entre o mundo material, o social e o universo simbólico de diferentes grupos humanos” (SILVA, 2000, p. 23-24) (VAN DER LEEUW, 1993; SHANKS, 2008). Mesmo na análise da cerâmica arqueológica, para a qual o processo de produção não está disponível neste nível de detalhamento, pode ser possível realizar uma análise de atributos que nos permite obter informações aproximadas e inferências acerca dos padrões produtivos da olaria em questão.

De acordo com Lemonnier (1992) são estas séries de operações técnicas que compõem a cadeia operatória que orientam o processo onde a matéria-prima bruta se transforma num artefato finalizado. Este sistema nem sempre é linear, mas também pode se tratar de situações concomitantes ou sobrepostas.

Esta forma de análise ainda consegue ser relacionada com a visão processual (WÜST, 1990) acerca da funcionalidade da cerâmica, que passa por três etapas: a interação do ser humano com a natureza e os elementos naturais que compõem a produção; o vínculo social entre os artefatos e a sociedade que os produziu; e o contexto funcional primário dos artefatos, que estão inseridos ideologicamente no sistema social.

De modo a produzir uma investigação objetiva e ordenada do material cerâmico, foi necessária a elaboração de uma metodologia pautada nos atributos de análise, para que se pudesse obter resultados e quantificações precisas acerca da produção material da olaria. Desta forma, fazemos uso dos conceitos de variabilidade, cunhados por Michael Schiffer (2010), em que existem: 1) a variabilidade formal, que se refere às propriedades físicas e químicas mensuráveis de um objeto; 2) a

variabilidade espacial, que se refere à localização ou lugar de achado do artefato; 3) a variabilidade frequencial ou quantitativa, que é o número de ocorrências de um tipo de artefato em uma unidade espacial, ou seja, sua distribuição; e 4) a variabilidade relacional ou por associação, que compreende os padrões de concorrência dentro de, ou entre, unidades espaciais. No âmbito da presente dissertação, focamos primeiramente na variabilidade formal ao estabelecer os padrões produtivos da olaria de Pinheiros. Em seguida, fizemos uso mais intenso das premissas de variabilidade espacial e quantitativa ao buscar a distribuição destes padrões produtivos em outros sítios históricos próximos, no caso, os sítios da Casa do Bandeirante e Casa Bandeirista do Itaim Bibi.

Esta abordagem, que visa o aspecto quantitativo e a elaboração de gráficos e porcentagens procurando a identificação e caracterização de processos culturais no tempo e no espaço, se assemelha muito a vertente teórica surgida entre as décadas de 1960 e 1970 chamada Nova Arqueologia ou Arqueologia Processual. Esta corrente concentra seus esforços em fornecer à disciplina um maior rigor científico, dentro de um contexto filosófico positivista baseado, principalmente, em Carl Hempel (1966). Aqui se enquadra o enorme incremento em métodos matemáticos de quantificação, bem como na sofisticação de análises químicas e físicas aplicadas a vestígios arqueológicos (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1999).

Apesar de a metodologia de análise se pautar em uma premissa processual, a interpretação não seguirá necessariamente o mesmo caminho. A pluralidade de visões e correntes teóricas é fundamental para melhor compreensão do contexto arqueológico. Levar em consideração aspectos simbólicos e a agência de objetos e pessoas se mostra de extrema importância na análise em contextos arqueológicos históricos, ainda mais quando se observa uma conjectura plural e altamente miscigenada como o da sociedade paulista colonial. Como menciona a arqueóloga Fabíola Silva (2008, p. 262):

o passado não pode ser explicado por uma única referência interpretativa, uma vez que os fenômenos culturais são extremamente complexos, com diferentes significados contextuais. Assim, sobre os sistemas tecnológicos em particular tenho demonstrado que estes não devem ser considerados apenas no contexto arqueológico como resultado de processos de adaptação das populações do passado, mas como resultado de sua dimensão social e simbólica.

Shanks (2008) cita que a arqueologia pós-processual não resulta em uma mudança de paradigmas na disciplina já que as duas correntes ainda possuem muitos elementos em comum, como: uma visão guiada pelo debate crítico; uma metodologia encontrada primariamente na academia; um entusiasmo com procedimentos e conceitos teóricos; um otimismo intelectual de que arqueologia possui contribuições interessantes a dizer sobre sociedades pretéritas e culturas além de focar apenas no registro material; e uma visão antropológica e sociológica.

De acordo com Watson (2008), a arqueologia do século XXI tem que se atentar para a destruição do patrimônio material, se engajando no processo de proteção, preservação e exaltação da

memória. Este campo acredita que, com o objetivo de uma ciência mais democrática e preservacionista, gradualmente a pesquisa irá incorporar as porções mais importantes da teoria processual e pós-processual, já que a Arqueologia atual é mais do que apenas escavação.

Uma parte do processo interpretativo desta pesquisa se apoia na aplicação da Teoria da Rede para a compreensão da materialidade colonial (ORSER JR, 1999; ZANETTINI, 2005) – abordagem que leva em conta a agência dos envolvidos no sistema eurocêntrico, colonialista e capitalista para criação de elos sociais complexos e multidimensionais (DEMINICIS, 2017). Esta perspectiva, imensamente atrelada à visão pós-processual de Ian Hodder (1985), é relevante para a presente pesquisa, pois esta busca compreender o indivíduo enquanto figura dinâmica que ativamente negocia regras sociais além de criar e transformar a estrutura social. Ou seja, é necessário sempre levar em consideração a imprevisibilidade humana de reagir a normas culturais (WOBST, 1978). Zanettini (2005) fez uso desta premissa em sua tese de doutorado, contudo, argumentou ainda ser inviável promover a análise de sua coleção arqueológica com essa perspectiva, dedicando maior esforço em seu estudo da análise processual inicial para, a partir daí, conseguir remontar um contexto de abrangência regional. Nesse sentido, o autor sustentou ser possível reforçar as idéias da historiadora Ilana Blaj (2002) de que, no contexto dos séculos XVII e XVIII, o projeto mercantil colonial estava em plena operação nessa região, em contraste a outras pesquisas que argumentam que, nessa conjectura, a região vivia ainda sob estruturas coloniais periféricas (PRADO JR., 1969; FURTADO, 2000).

Ademais, se mostra importante considerar os aspectos simbólicos e identitários que permeiam as escolhas decorativas e funcionais da cerâmica identificada em São Paulo. A frequente ocorrência de decorações incisas gera diversos questionamentos: a quais comunidades podemos atribuir o conjunto de práticas tecnológicas e decorativas por trás destas cerâmicas? Motivos losangulares e curvilíneos aparecem de forma recorrente na análise, e tais características, para pesquisadores como Morales (2000) e Symanski (2010), apontam filiação à grupos africanos. A contribuição desses grupos específicos na construção da materialidade brasileira é frequentemente mencionada em diversos trabalhos como Agostini (1998a), Souza e Agostini (2012) e Symanski (2014). Entre os artefatos encontrados no sítio Pinheiros 2, um dos fragmentos possui motivos losangulares e um aplique de inciso em cruz. De acordo com Symanski (2010), este signo tem sido interpretado como um cosmograma Bakongo.

Contudo, Brochado (1973), Magalhães (2015), Moreira (2019), Tocchetto (1996a) e Zanettini (2005) apontam que estes motivos também são observados em grupos indígenas, o que se mostraria mais provável dado o contexto social predominantemente indígena de São Paulo durante os anos formativos. Para nos guiar na compreensão destes possíveis ceramistas indígenas, faremos uso de obras como Tocchetto (1996b), Zuse (2009), Miller (2013), Gaspar (2014), Ribeiro e Jácome (2014),

Kashimoto e Martins (2019), que também abordam a presença de incisões e pinturas losangulares (ou em zigue-zague) entre comunidades pré-coloniais e de contato.

A presença de utensílios europeizados (LIMA, 1997) como frigideiras, jarros e formas de bolo; e fragmentos com aspectos indígenas, como engobos vermelhos e brancos (ZANETTINI; MORAES WICHERS, 2009), leva-nos a pensar em uma São Paulo colonial com uma alta diversidade étnica e social, com uma produção onde é possível observar diversas práticas culturais distintas atuando em conjunto (DEMINICIS, 2017). Desta forma, pensar na cerâmica como uma forma de expressão cultural e identitária dos artesãos se mostra absolutamente fundamental, assim como torna melhor a compreensão da natureza das relações entre os artesãos e a comunidade local (SOUZA, 2017).

Entender a decoração como mais do que apenas “arte pela arte” (DAVID *et al.*, 1988) é pertinente para esta discussão. O trabalho presente nestes vasilhames cerâmicos representa mais do que somente um caráter estético, e sim um reforço de valores sociais. De acordo com David *et al.* (1988), os desenhos presentes na cerâmica eram canais nos quais as sociedades tradicionais implantavam seus valores simbólicos nas horas individuais de alimentação. Essa forma de interpretação também é utilizada por Hegmon (1992) e Erig Lima (2012). O indivíduo fazia uso deste recurso criativo e identitário para transmitir e mostrar seus valores pessoais. Souza (2013) ainda aborda a temática das decorações em contextos de diáspora africana, onde é discutido pelo autor essa grande variabilidade de motivos decorativos e técnicas, além do modo pelo qual os artesãos sobrepunham esses diferentes estilos sem invalidar os anteriores. Esse fenômeno é entendido por Souza (2013) como uma forma de síntese cultural, em que o artesão faz uso desta prática de modo a sobrepôr diferenças culturais e operar aceitando novas práticas decorativas. Em uma sociedade em que pessoas das mais diferentes partes do globo eram forçadas a conviver em um ambiente hostil, essa forma de manutenção e reinvenção da decoração se torna uma parte importante do cotidiano criativo (CAMPOS, 2007; MROZOWSKI *et al.*, 2015).

Abordar decoração, simbolismo e práticas cerâmicas em contextos de contato cultural também significa contextualizar persistência, continuidade e resistência. Uma parte importante desta pesquisa é realmente a de pensar São Paulo enquanto uma grande integração cultural, promovida pelo contato e pela convivência (muitas vezes forçada) entre europeus, indígenas e africanos. Mesmo em posições subalternas, a materialidade (e diversos outros conjuntos de práticas e tradições) indígena e africana agiu de forma a se misturar com a produção européia, formando novos e variados padrões. Entender essa variabilidade é fundamental para a compreensão das dinâmicas de poderes locais, além de enaltecer a resistência cultural (ORSER JR.; FUNARI, 2004) empreendida diante de opressões coloniais, distanciando-nos de conceitos como “acomodação cultural” (AGNOLIN, 2007) ou “aculturação”. Estas concepções nos afastam da agência que esses povos possuíam em relação à sua

própria produção cerâmica, e levam ao entendimento de que processos de contato cultural são unilaterais, com os povos subalternos se incorporando à cultura do colonizador, em que o nativo se tornaria menos indígena e mais europeu (SILLIMAN, 2009). Os movimentos de assimilação cultural são complexos, e são vias de mão dupla (ou múltiplas mãos) que envolvem camadas de processos de perda, poder e produção, que afetam tanto o colonizador quanto o colonizado (ORTIZ, 1991; WILSON; ROGERS, 1993; SILLIMAN, 2015; ARROYO, 2016; SALLUM, 2018). É preciso compreender que estes processos de mudança e continuidade fazem parte de um mesmo fenômeno, e a materialidade identificada nestes contextos não pode ser simplesmente categorizada como indígena ou européia, já que é, de certa forma, ao mesmo tempo, nenhuma das duas e ambas (TURGEON, 1997; RUBERTONE, 2000; SILLIMAN, 2005, 2009). Isto porque persistir também é um processo intencional de rearticulação de práticas, em trajetórias contínuas que ligam o passado e o presente do ser humano. O andamento de colonização não pode ser visto simplesmente como uma ruptura de tradições e práticas (PANICH, 2013; PANICH *et al.*, 2018).

De acordo com Lemonnier (1994, 2002), o entendimento do raciocínio da escolha técnica se dá a partir da compreensão das transformações de um sistema técnico, de uma cultura ou de uma organização social. Dentre várias possibilidades, uma cultura pode adotar as novas características técnicas, integrar, mudar ou rejeitar os diferentes traços técnicos.

Portanto, uma perspectiva pós-processual, em que se leva em consideração os aspectos simbólicos e a agência dos produtores e dos objetos, se torna um dos pilares interpretativos da análise (GOSDEN, 2005; SHANKS, 2008).

2.2. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

O contexto arqueológico do sítio Pinheiros 2 se configura em um acervo de mais de 50 mil fragmentos (tabela 01). Como o objetivo da presente dissertação se centra em identificar os padrões de produção da olaria e posteriormente averiguar se as cerâmicas produzidas na olaria de Pinheiros foram comercializadas em áreas próximas antes da retificação do Rio Pinheiros (como nos sítios Casa Bandeirista do Itaim Bibi e Casa do Bandeirante do Butantã), procuramos recortar a análise para os fragmentos escavados nas intervenções que incidam sobre as estruturas de queima, ou as imediatamente anexas aos fornos, já que assim haveria uma menor probabilidade de serem encontradas cerâmicas de produção externa à olaria (prancha 07). Também optamos por nos ater à análise do acervo cerâmico, não levando em consideração as outras materialidades exumadas no sítio, como faianças, metais, vidros, porcelanas, ossos, etc.

Essa escolha geográfica dos lotes para análise também leva em consideração a proveniência das amostras retiradas para as datações por termoluminescência (TL). Como é possível observar na tabela 02, boa parte das datações mais recuadas incide diretamente sobre as estruturas de queima (com proveniências marcadas com a sigla EQ). Desta forma, ao invés de analisarmos todas as seis áreas do sítio, acabamos por nos ater a apenas três: a área 1, que possuía sete fornos, e as áreas 4 e 6, que possuíam um forno cada.

Contudo, o escopo analítico ainda se mostrou demasiadamente excessivo, já que esta seleção englobava 220 lotes e 14.029 fragmentos cerâmicos diagnósticos (a Zanettini Arqueologia utilizou o critério de que fragmentos de corpo sem decoração ou engobo menores de 20mm não seriam tombados), além de um número enorme de micro-fragmentos. Esse alto índice de fragmentação nos levou a pensar em uma nova maneira de reduzir o escopo analítico: iríamos ampliar o recorte já utilizado, não analisando os fragmentos de corpo sem decoração ou engobo, só que menores que 50 mm ao invés dos 20mm anteriores. Todas as outras tipologias, como fragmentos de borda, base, apliques e tampas, e de corpo com decoração e engobo, foram analisadas. Essa decisão foi bem sucedida, nos permitindo reduzir a análise para 5409 fragmentos (13,34% do total acervo cerâmico e 38,57 % do acervo cerâmico diagnóstico que se encontra no escopo analítico) e assim otimizando o nosso tempo (imagens dos procedimentos de análise podem ser vistos nas pranchas 10 e 11).

Como não existem estruturas de queima no sítio Casa Bandeirista do Itaim Bibi e na Casa do Bandeirante, a metodologia de recorte foi feita de uma forma diferente. Para a Casa Bandeirista do Itaim Bibi, usamos croquis esquemáticos feitos pela Zanettini Arqueologia (2011b) que apontam áreas de intervenção com maior potencial de conter materialidade associada ao século XVII (prancha 08). Contudo, o critério de seleção das peças seguiu sendo o mesmo utilizado em Pinheiros 2, com apenas fragmentos de corpo sem decoração e menores que 50mm não recebendo análise. Desta forma, foram analisados 727 fragmentos cerâmicos, o que representa 28,21% do total cerâmico do sítio.

Já na Casa do Bandeirante, visto que este sítio não possuía datações ou áreas de potencial para períodos mais recuados, foi realizada uma análise sistemática de todo o acervo cerâmico curado. Dado o volume material de cerca de 2531 fragmentos cerâmicos, optamos por apenas manter o critério de seleção utilizado no sítio Pinheiros 2 e na Casa Bandeirista do Itaim Bibi. Seguindo este recorte, analisamos um total de 1138 peças, o que representa 44,96% das cerâmicas curadas no sítio (na prancha 12 podem ser vistos alguns dos procedimentos de análise realizados no MAE/USP).

Para analisarmos a cadeia operatória dos sítios em apreço, e assim poder verificar os seus padrões de produção, fizemos uso da proposta metodológica de análise cerâmica desenvolvida por Moraes (2006). A partir do manual cerâmico proposto pela pesquisadora, desenvolvemos a ficha de análise que está inserida na próxima seção deste capítulo. De modo a adaptar a ficha de análise proposta por Moraes (2006) ao contexto dos sítios trabalhados ao longo desta dissertação, fizemos

algumas alterações nos atributos (adicionando alguns itens, e eliminando outros), além de realizarmos mudanças nas variáveis propostas em cada atributo. Para fazermos tais alterações fizemos uma revisão extensiva de alguns dos principais manuais e estudos de caso em análise cerâmica, como Shepard (1956), Chmyz (1976), Rye (1981), Van der Leeuw (1984), Rice (1987), La Salvia e Brochado (1989), Robrahn-González (1989), Sinopoli (1991), Faccio (1992), Prous (1992), Skibo (1992), Orton *et al.* (1997), Zanettini (2005), Berg (2008, 2011), Zuse e Milder (2008), Symanski (2010), Amaral (2012), Daszkiewicz (2014), Moreno de Sousa (2014), Historic England (2015) e Lima e Souza (2016).

Em adição aos estudos da cadeia operatória das cerâmicas, foram realizadas datações por arqueomagnetismo nas Estruturas de Queima 3 e 6, que foram coletadas durante as escavações (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2012) e foram analisadas no IAG/USP. Contudo, os resultados destes procedimentos serão abordados em mais detalhes no capítulo 03. Esta forma de datação para sítios arqueológicos em período colonial no Brasil vem crescendo nos últimos anos, podendo ser observada nos trabalhos de Hartmann *et al.* (2011), Hartmann e Trindade (2012) e Poletti *et al.* (2016). Esta metodologia ainda é indicada para estudos em contextos produtivos no artigo de Hartmann *et al.* (2007) e pela Historic England (2015).

2.3. FICHA DE ANÁLISE

1. Proveniência / Área / Nível

2. Lote

3. Números Individuais

4. Quantidade de Fragmentos (quando houver peças coladas)

5. Classe das peças (MORAES, 2006)

1 - Fragmento de borda

- 2 - Fragmento de base
- 3 - Fragmento de corpo
- 4 - Forma íntegra (borda e base)
- 5 - Forma inteira
- 6 - Cachimbo
- 7 - Tampa ou fragmento de tampa
- 8 - Peso de rede
- 9 - Alça ou aplique descolado
- 99 - Sem leitura

6. Espessura das peças - max. e min. com auxílio do paquímetro (MORAES, 2006)

7. Técnica de manufatura (CHMYZ, 1976; LA SALVIA; BROCHADO, 1989; SINOPOLI, 1991; MORAES, 2006; BERG, 2008, 2011; ZUSE; MILDER, 2008; LIMA; SOUZA, 2016).

1 - Torneado e Modelado

2 - Moldado

3 - Modelado

4 - Roletado ou Acordelado

5 - Torneado

6 - Moldado (parte inferior do vasilhame) / Modelado (parte superior do vasilhame)

99 - Sem leitura

8. Tipo de antiplástico (SHEPARD, 1956; RYE 1981; LA SALVIA; BROCHADO, 1989; FACCIO, 1992).

1 - Mineral (quartzo, quartzito, feldspato e mica)

2 - Mineral e Caco-Moído (ou bolotas de argila)

3 - Mineral (quartzo, mica e hematita)

99 - Sem leitura

9. Espessura do antiplástico, com auxílio do paquímetro (SKIBO, 1992; ORTON *et al.*, 1997; DASZKIEWICZ, 2014).

1 - Até 0,1cm

2 - De 0,11 a 0,3cm

3 - Mais de 0,31cm

10. Frequência do antiplástico (LA SALVIA; BROCHADO, 1989; ORTON *et al.*, 1997; MORAES, 2006) (figura 04)

1 - Pouco Antiplástico: Pasta muito plástica (10% ou menos de antiplástico)

2 - Presença Mediana: Pasta plástica (10-30% de antiplástico)

3 - Antiplástico Abundante: Pasta seca (mais de 30% de antiplástico)

11. Processo de queima (RYE, 1981; MORAES, 2006) (figura 05)

99 - Sem leitura

Figura 04: Frequência de antiplásticos

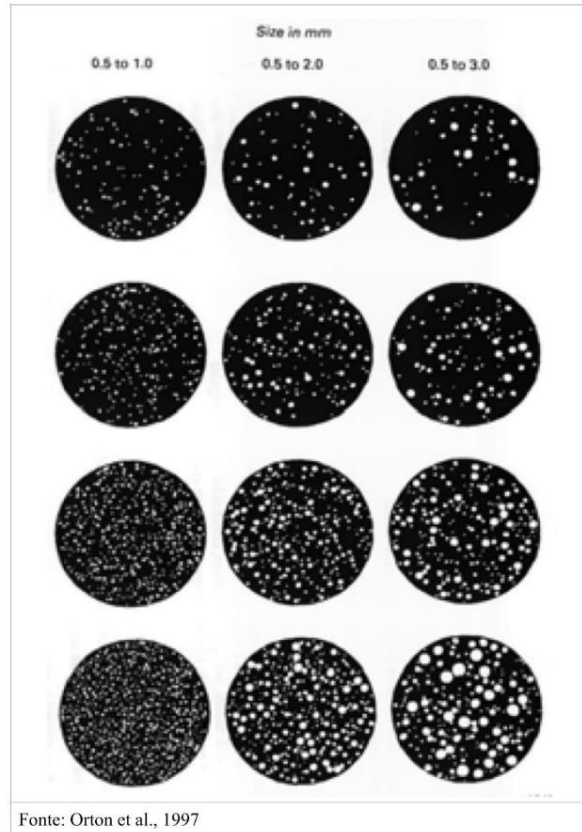


Figura 05: Coloração da pasta após o processo de queima



12. Tratamento/Aspecto de superfície interna (CHMYZ, 1976; LA SALVIA; BROCHADO, 1989; MORAES, 2006)

1 - Alisamento

2 - Polimento

3 - Engobo

4 - Banho

5 - Acabamento cromático

99 - Sem leitura

13. Tratamento/Aspecto de superfície externa (CHMYZ, 1976; LA SALVIA; BROCHADO, 1989; MORAES, 2006)

1 - Alisamento

2 - Banho

3 - Engobo

4 - Acabamento plástico

5 - Polimento

6 - Brunidura

7 - Acabamento cromático

99 - Sem leitura

14. Engobo (MORAES, 2006)

1 - Sim

2 - Não

15. Localização do engobo (MORAES, 2006)

1 - Externo

2 - Interno

3 - Externo e Interno

16. Coloração do engobo (MORAES, 2006)

1 - Vermelho

2 - Branco

3 - Ambas

17. Modo e decoração (LA SALVIA; BROCHADO, 1989)

0 - Ausente

1 - Decoração simples - quando apenas um tipo de decoração foi aplicado na peça;

2 - Decoração superposta - quando dois tipos diferentes de decoração são aplicados um sobre o outro;

3 - Decoração duplicada - quando dois tipos diferentes de decoração são aplicados em espaços distintos de uma mesma peça, estando ambos na mesma superfície

4 - Decoração dupla - quando dois tipos diferentes de decoração são aplicados, um na superfície interna e outro na superfície externa

5 - Decoração mista - quando são utilizadas duas técnicas decorativas distintas em uma mesma peça como, por exemplo, engobo e decoração plástica.

18. Decorações - Tipo de Tratamento / Motivo (LA SALVIA; BROCHADO, 1989; ZANETTINI, 2005; SYMANSKI, 2010; ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2012; MUNSBURG, 2018, somadas adições do autor ao longo da análise). Croquis e imagens das decorações podem ser encontrados no capítulo 04, seção 4.1.12.

1 - Inciso

1.1 - Losangular simples ou duplo

1.2 - Curvilíneo simples

1.3 - Curvilíneo duplo

1.4 - Losangular + Inciso duplo vertical

1.5 - Curvilíneo + Losangular

1.6 - Curvilíneo + Aplique (asa)

1.7 - Losangular + aplique (filete) + digitado

1.8 - Losangular + aplique (asa) + digitado

1.9 - Linear + linhas curvas

1.10 - Losangular + aplique (filete) + entalhe

1.11 - Curvilíneo + aplique (filete) + entalhe

1.12 - Duas duplas curvilíneas

1.13 - Curvilíneo + Inciso entrecruzado

1.14 - Curvilíneo + Linhas curvas + entalhe + escovado

1.15 - Losangular + inciso duplo vertical + aplique + entalhe

1.16 - Losangular + aplique (asa)

1.17 - Entrecruzado

1.18 - Curvilíneo + Losangular + Inciso duplo vertical

1.19 - Losangular + inciso duplo vertical + filete aplicado

1.20 - Curvilíneo duplo + aplique (asa)

- 1.21 - Curvilíneo duplo + aplique (linear)
- 1.22 - Arco Duplo + linhas verticais
- 1.23 - Losangular duplo + aplique circular com inciso (cosmograma)
- 1.24 - Arco Duplo + Curvilíneo Duplo + Linhas duplas em vertical
- 1.25 - Inciso Não Identificado (I.N.I)
- 1.26 - Dois frisos lineares + incisos em “V”
- 1.27 - Incisos longos, rasos, difusos que se sobrepõem
- 1.28 - Arcos Simples
- 1.29 - Incisos duplos curtos diagonais e paralelos
- 1.30 - Incisos losangulares com múltiplas linhas
- 1.31 - Rolete exposto c/ diagonais curtas - linhas simples
- 1.32 - Rolete exposto + losangos
- 1.33 - Frisos simples, retos e paralelos
- 1.34 - Incisos curtos e diagonais paralelos no ombro.
- 1.35 - Incisos longos e paralelos em diagonal
- 1.36 - Espinha de Peixe e rolete exposto
- 1.37 - Friso simples junto ao lábio
- 1.38 - Losangular + Aplique com entalhes em trança
- 1.39 - Espinha de peixe + Aplique com entalhes
- 1.40 - Curvas e arcos triplos em oposição + aplique em asa
- 1.41 - Penteado angular + digitado no ângulo da base
- 1.42 - Rolete exposto + linhas longas verticais duplas
- 1.43 - Penteado simples
- 1.44 - Incisos em V
- 1.45 - Incisos profundos, curtos, difusos e separados + aplique digitado

1.46 - Curvilíneo multidirecional

1.47 - Rolete exposto + Linhas longas verticais sob linhas diagonais duplas

1.48 - Rolete exposto + Penteadado em espinha de peixe

1.49 - Losangular + incisos curtos, diagonais e paralelos

1.50 - Curvilíneo + Losangular + Inciso Duplo Vertical + Aplique em asa

2 - Escovado

2.1 - Linear

2.2 - Vertical

2.3 - Difuso

2.4 - Linear + entalhe no lábio

3 - Digitado

3.1 - Digitado no lábio

3.2 - Digitado no ângulo da base

3.3 - Rolete exposto + digitado

4 - Entalhado

4.1 - No lábio

4.2 - Difusos no corpo

5 - Aplicado (Asa, Filete, Alça)

5.1 - Asa (linear)

5.2 - Asa (curva)

5.3 - Alças e Cabos

5.4 - Filete Aplicado

5.5 - Filete Aplicado + entalhe

5.6 - Filete (ou asa) Aplicado + digitado

5.7 - Asa trançada

99 - Aplique Não Identificado (A.N.I)

6 - Carimbado

6.1 - Gerando Linhas paralelas em diagonal + Incisões em diagonal sobrepostas ao carimbo

7 - Decoração cromática

7.1 - Variação simples de vermelho + branco

7.2 - Frisos trançados em vermelho

7.3 - Pontos similares ao sol em vermelho

7.4 - Formatos em asterisco + Formatos circulares

8 - Roletado

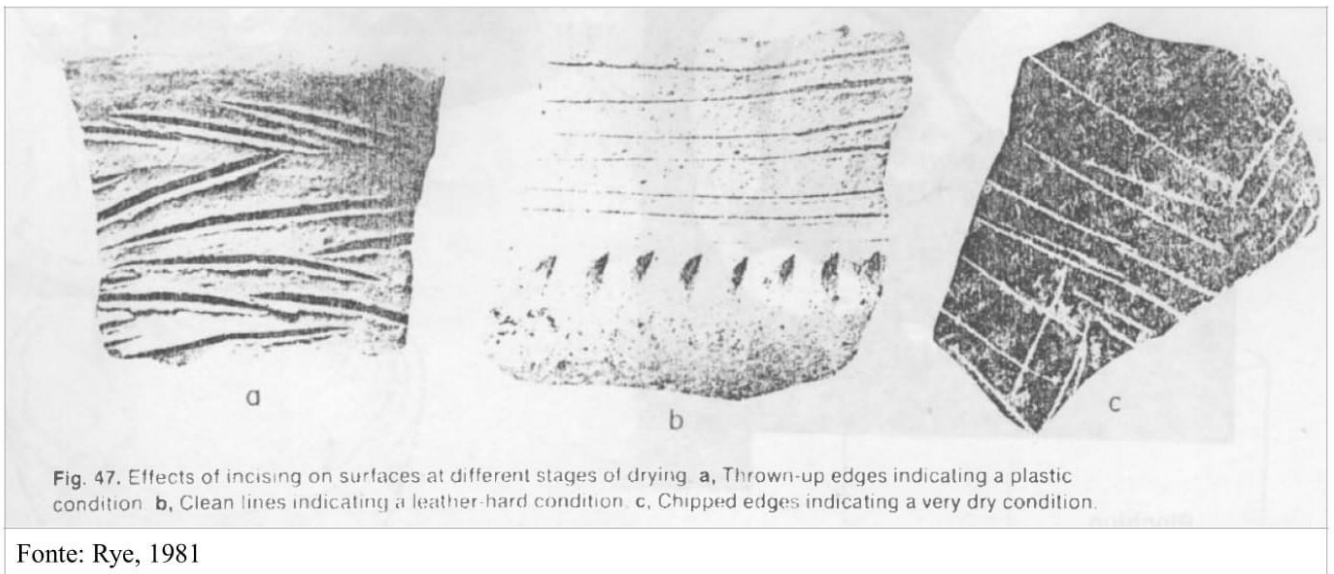
8.1 - Rolete exposto simples

9 - Corrugado

9.1: Corrugado simples

19. Momento de inserção da decoração (RYE, 1981) (figura 06)

Figura 06: Momento de inserção das incisões



1- Antes da secagem (a)

2 - Depois da secagem (b)

3 - Depois da queima (c)

20. Diâmetro da borda, com auxílio do ábaco (MORAES, 2006)

21. Forma da borda (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1989; MORAES, 2006) (figura 07)

1 - Direta

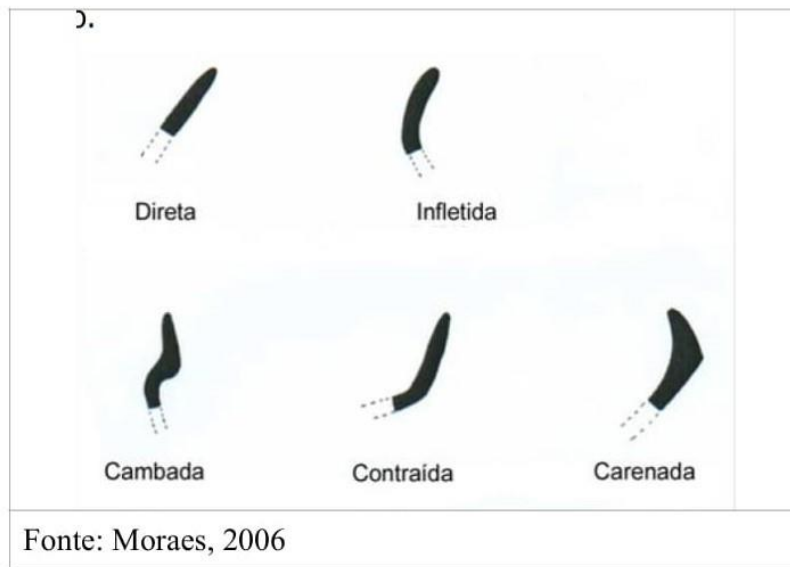
2 - Inpletida

3 - Cambada

4 - Contraída

5 - Carenada

Figura 07: Formas das bordas



22. Inclinação da borda (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1989; MORAES, 2006) (figura 08)

1 - Vertical

2 - Inclinada Externa (resultando em boca ampliada)

3 - Inclinada Interna (resultando em boca constricta)

23. Espessura da borda em relação ao corpo (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1989; MORAES, 2006) (figura 08)

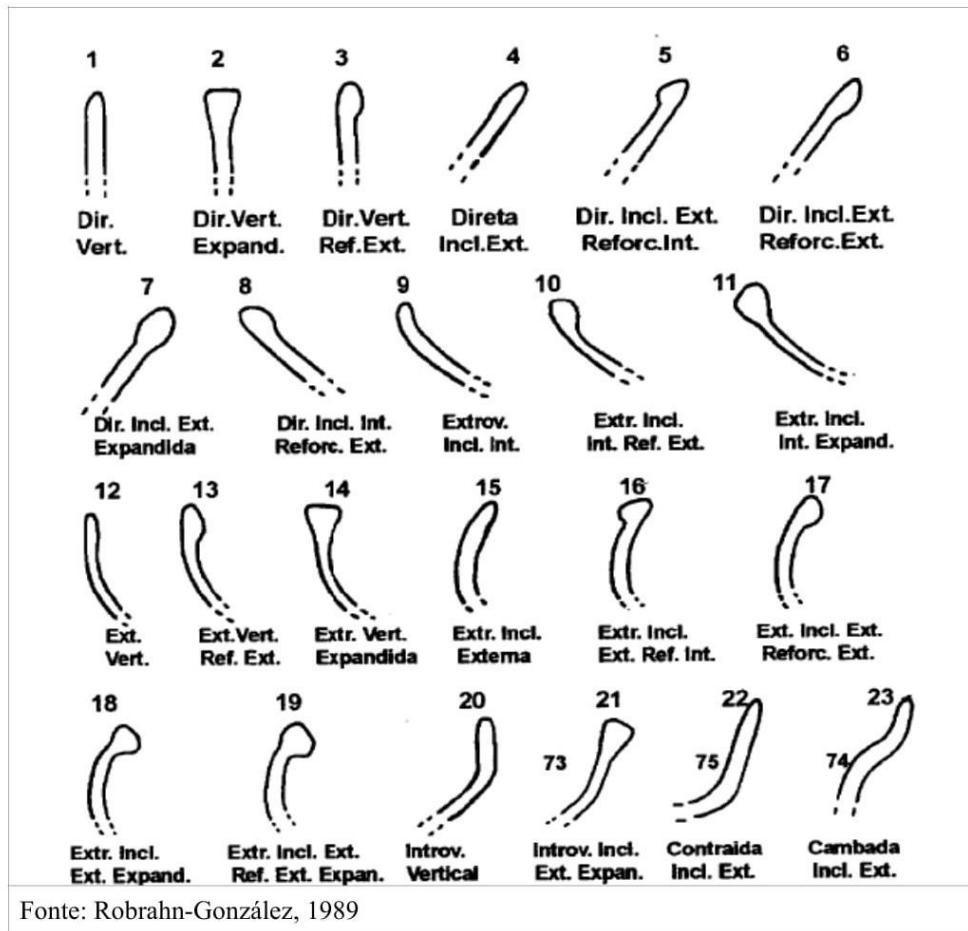
1- Expandida: quando a borda é reforçada tanto na parte interna quanto na parte externa

2- Reforçada Externa: Quando a borda é mais espessa na parte externa

3 - Reforçada Interna: Quando a borda é mais espessa na parte interna

4 - Sem reforço

Figura 08: Inclinação e espessura das bordas em relação ao corpo



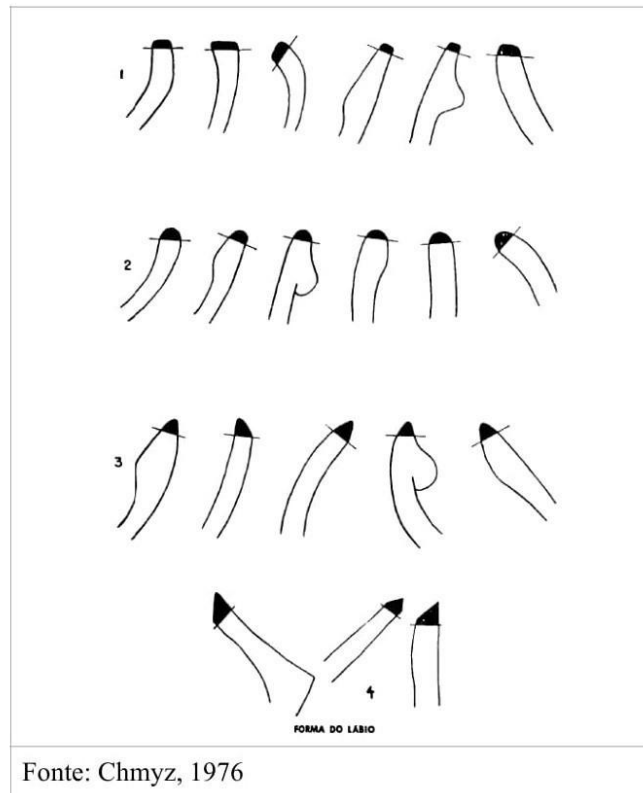
24. Tipo de lábio (CHMYZ, 1976; MORAES, 2006) (figura 09)

1 - Plano

2 - Arredondado

3 - Apontado

Figura 09: Tipos de lábios



25. Tipo de base (CHMYZ, 1976; MORAES, 2006) (figura 10)

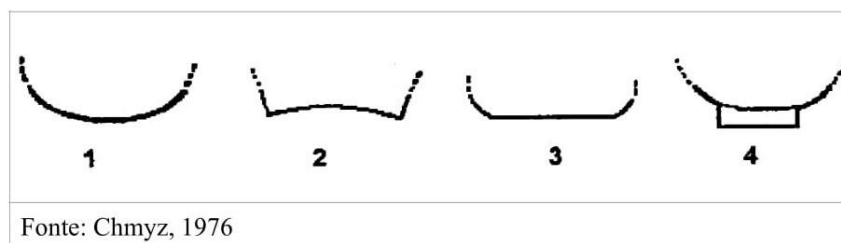
1 - Convexa

2 - Côncava

3 - Plana

4 - Plana com pedestal

Figura 10: Tipos de base



26. Diâmetro da base, com auxílio do ábaco (MORAES, 2006)

27. Alterações tafonômicas (SKIBO, 1992; HISTORIC ENGLAND, 2015)

1 - Desgaste pelo uso

2 - Marcas de fuligem

99 - Sem identificação

28. Forma do Vasilhame (bordas) - pós projeção. Ver capítulo 04, seção 4.1.15.

29. Funcionalidade do Vasilhame – pós-projeção (RICE, 1987; MORAES, 2006; MORENO DE SOUSA, 2014)

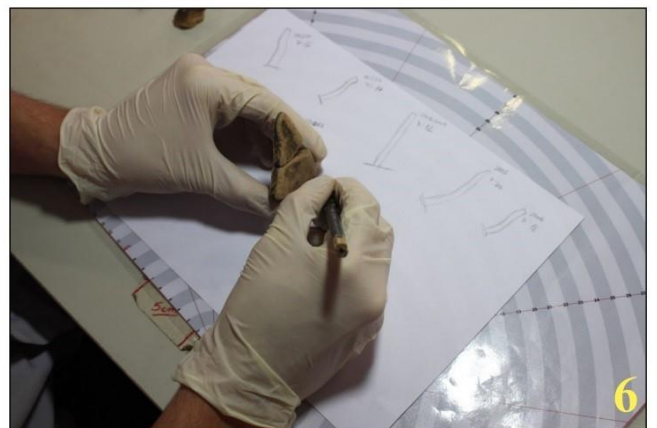
1 - Consumo individual

2 - Processamento

3 - Serviço e/ou cocção

4 - Armazenamento

5 - Transporte

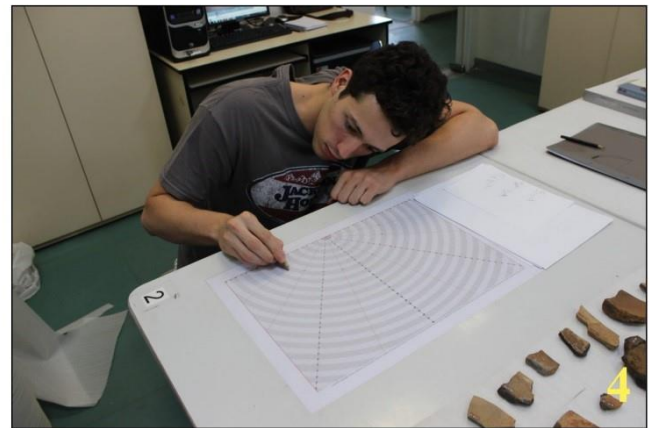
Prancha 10: Procedimentos de análise no sítio Morrinhos/CASP/DPH 1

1. Procedimento de medição das espessuras dos fragmentos fazendo uso do paquímetro; **2 a 4.** Procedimento de reconstituição das peças fazendo uso de cola com PH neutro da Lineco; **5.** Procedimento de medida de diâmetro das bordas fazendo uso do ábaco; **6.** Procedimento de desenho do perfil das bordas medidas. (Fotos: Ana Luiza Brólio)

Prancha 11: Procedimentos de análise no sítio Morrinhos/CASP/DPH 2

1. Procedimento de observação dos antiplásticos dos fragmentos fazendo uso da lupa; **2.** Procedimento de inserção dos dados obtidos no computador; **3.** Após a análise de cada um dos lotes, as peças eram devidamente guardadas em seus respectivos sacos; **4.** Disposição das peças para análise. (FOTOS: Ana Luiza Brólio)

Prancha 12: Procedimentos de análise no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP)



1. Procedimento de medição das espessuras dos fragmentos fazendo uso do paquímetro; 2. Procedimento de reconstituição das peças fazendo uso de cola com PH neutro da Lineco; 3. Procedimento de inserção dos dados obtidos no computador; 4. Procedimento de medida de diâmetro das bordas fazendo uso do ábaco; 5. Disposição das peças para análise. (FOTOS: Renan Pezzi Rasteiro)

CAPÍTULO 03: DATAÇÃO ARQUEOMAGNÉTICA PARA O SÍTIO PINHEIROS 2

The agonizing aspect of the pure event is that it is always and at the same time something which has just happened and something about to happen (DELEUZE, 1990, p. 63).

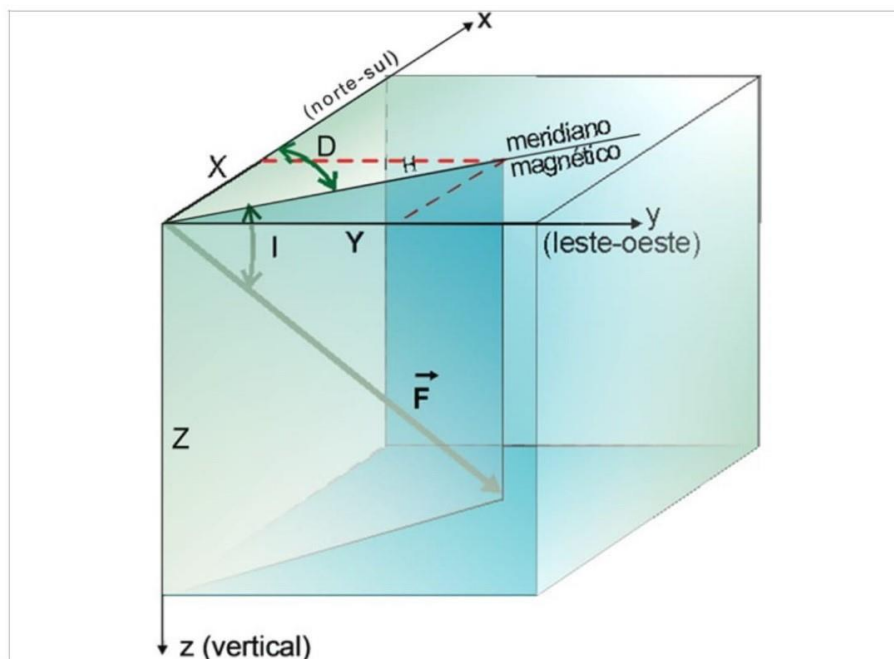
Um dos desafios em compreender a estrutura de produção encontrada na olaria do sítio Pinheiros 2 é situar cronologicamente seu período de funcionamento. Apesar do local apresentar diversas datações por termoluminescência (tabela 02), estas indicam idades que variam do século XV até XIX, e com grandes margens de erro. Assim, essas idades apresentaram incertezas expressivas para o contexto histórico da região. Portanto, há necessidade de refinar estas datações visando aprimorar o contexto de produção da olaria. Neste capítulo serão apresentados fundamentos da datação arqueomagnética, os resultados e a discussão das idades obtidas por esse método para as Estruturas de Queima 03 e 06, que foram obtidas nos trabalhos de campo em 2012 (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2012).

3.1. PRINCÍPIOS DA DATAÇÃO ARQUEOMAGNÉTICA

3.1.1. O campo magnético da Terra

O campo magnético da Terra (CMT ou campo geomagnético) origina-se no núcleo externo através de processos turbulentos de movimentação de um fluido eletricamente condutor, o chamado geodínamo. O CMT é definido por parâmetros direcionais da declinação (D) e inclinação (I) e pela intensidade total do campo (H). O primeiro corresponde ao ângulo entre o vetor campo e o norte geográfico; a inclinação é o ângulo entre o vetor campo e o plano horizontal; e a intensidade é o módulo do vetor campo geomagnético (figura 11). Estas três componentes definem o campo geomagnético em cada ponto da superfície da Terra e variam no espaço e no tempo. A evolução desse fenômeno desde o período colonial tem sido investigada a partir de medidas feitas na superfície da Terra ou no espaço, com magnetômetros em observatórios magnéticos espalhados pelo globo ou com magnetômetros instalados em satélites (HULOT *et al.*, 2010). Sua evolução em períodos mais antigos é investigada a partir da análise do magnetismo fóssil registrado em materiais arqueológicos e rochas. Este tipo de observação permite reconstruir a evolução do campo geomagnético em diferentes escalas de tempo. O magnetismo fóssil pode ser determinado quando os objetos arqueológicos e as rochas possuem a capacidade de registrar uma magnetização remanente estável, produzida pelo campo geomagnético existente no momento de sua formação (ou produção).

Figura 11: Ilustração das componentes do vetor campo geomagnético



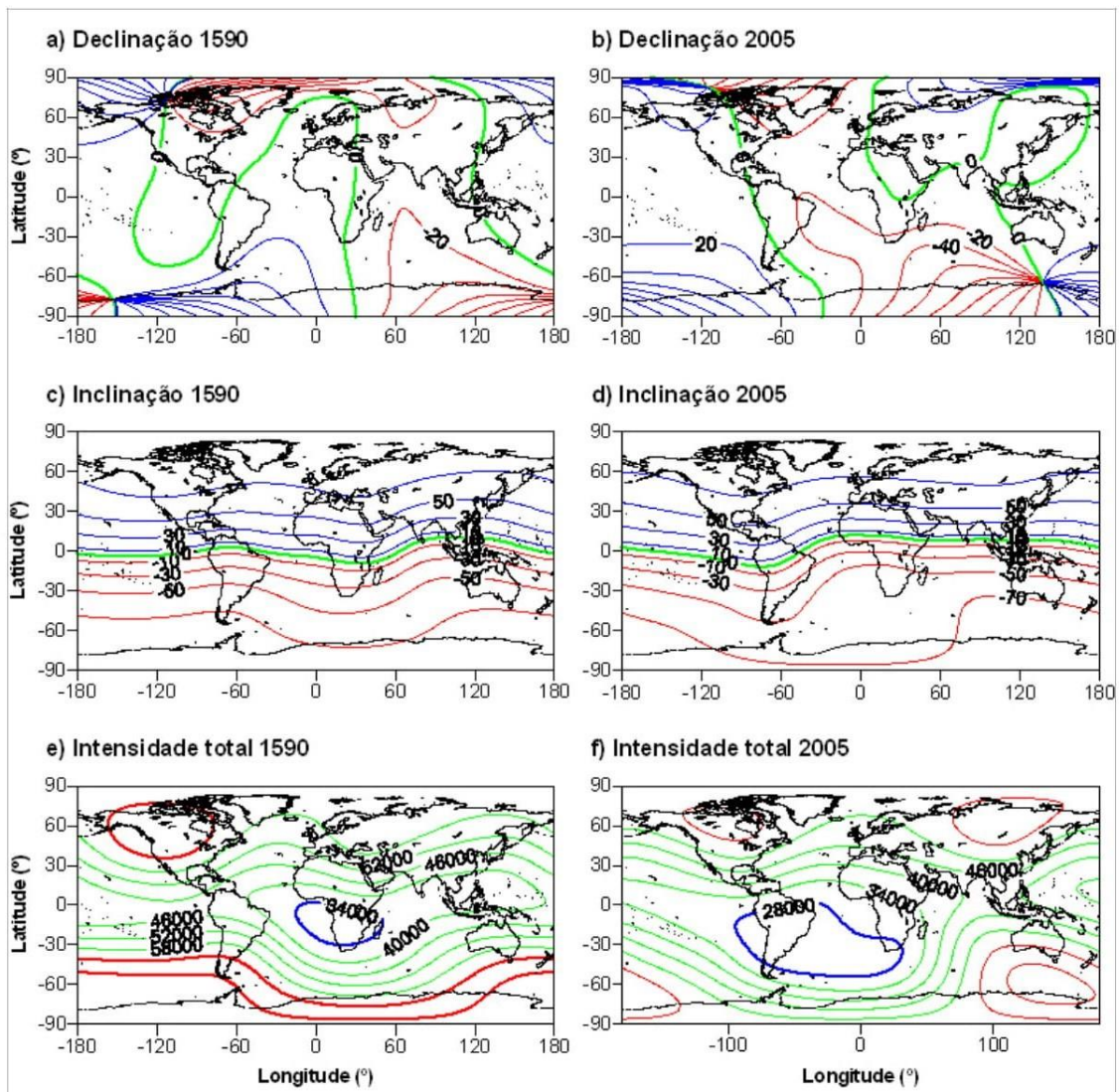
Fonte: Hongre *et al.*, 1988.

Atualmente, as medidas diretas do campo são realizadas continuamente através de observatórios magnéticos e satélites. Como a orientação magnética foi o método mais utilizado durante o período das Grandes Navegações, há registros desses dados direcionais distribuídos globalmente, que fornecem uma boa descrição da variação secular. As primeiras medidas de declinação foram feitas pelos navegadores em torno de 1590, já as medidas de inclinação iniciaram-se no começo do século XVII e as medidas de intensidade total tiveram início apenas por volta de 1835. (JONKERS *et al.*, 2003). Além dos dados obtidos através de medidas diretas, dados arqueomagnéticos (direção e intensidade) também têm sido incorporados em modelos de variação secular (HONGRE *et al.*, 1998; KORTE; CONSTABLE, 2005; GUBBINS *et al.*, 2006). As variações do campo magnético terrestre para o intervalo de tempo compreendido entre 1550 até o presente são conhecidas com variações para o período histórico (ou colonial), ou seja, variações na escala de anos a centenas de anos (MERRILL *et al.*, 1998).

A evolução do campo geomagnético pode ser analisada através de modelos de campo. O modelo mais utilizado atualmente é o IGRF (*International Geomagnetic Reference Field*), que é construído a cada cinco anos desde 1900 e é obtido a partir de dados de observatórios e satélites, principalmente. Para períodos anteriores a 1900 há outros modelos de campo, como os de Barraclough (1974), Bloxham e Jackson (1992), Hongre *et al.* (1998), Jackson *et al.* (2000), Korte e Constable (2005), Gubbins *et al.* (2006) e Korte *et al.* (2009). O modelo de Jackson *et al.* (2000) é o mais utilizado atualmente para os estudos do campo magnético terrestre no período histórico, pois cobre continuamente (com modelos anuais) o intervalo de 1590-1990. Os mapas da figura 12 mostram

exemplos de variação secular para dois períodos distintos. Os mapas de 1590 foram determinados a partir do modelo de Jackson *et al.* (2000) e os mapas de 2005 a partir do modelo IGRF. A variação das isolinhas ao longo do tempo indica claramente a variação temporal e espacial. Os modelos de campo no período histórico foram determinados basicamente a partir de direcionais coletados por navegadores. Portanto, a obtenção desses mesmos dados em continente para escalas de tempo arqueológico é de suma importância para os modelos globais de campo.

Figura 12: Variações de declinação, inclinação e intensidade do campo magnético terrestre



Exemplos de mapas que descrevem a variação secular do campo magnético da Terra para o período após o século XVI. Em (a) e (b), mapas de declinação; em (c) e (d), mapas de inclinação; em (e) e (f), mapas de intensidade total. As linhas de isovalores nos mapas direcionais são dadas em graus, enquanto nos mapas de intensidade total a unidade é o nano Tesla - Hartmann & Trindade (2012).

Fonte: Elaborado pelo autor.

3.1.2. Arqueomagnetismo

A junção da arqueologia, do magnetismo de materiais e do geomagnetismo compõe um campo importante do conhecimento com aplicações na Arqueologia e na Geofísica: o arqueomagnetismo. Esse âmbito estuda a evolução do campo geomagnético em escalas de tempo arqueológico (HARTMANN *et al.*, 2007; HARTMANN; TRINDADE, 2012). Essas variações podem, inclusive, ser utilizadas como ferramenta de datação. A datação arqueomagnética, por sua vez, consiste na comparação das variações do campo geomagnético em uma determinada região com o registro geomagnético obtido em materiais arqueológicos de idade desconhecida. A precisão de uma datação arqueomagnética depende muito da resolução da curva geomagnética de referência da região em estudo e também do tipo de registro (direcional e/ou de intensidade) (MCINTOSH; CATANZARITI, 2006). Embora a datação arqueomagnética seja um técnica de datação que pode prover resultados com expressiva precisão (incertezas inferiores a 10 anos em alguns casos) é importante salientar que este método pode apresentar ambiguidades que devem ser resolvidas com o bom conhecimento do contexto arqueológico dos sítios estudados (LE GOFF *et al.*, 2002). Para que se possam efetuar datações arqueomagnéticas é fundamental que se construa uma curva de referência com materiais que apresentem uma boa precisão de idades. Além disso, o material a ser datado deve guardar um registro de boa qualidade do campo magnético antigo. Desta forma, esses registros são frequentemente utilizados em contextos produtivos, já que fornos cerâmicos frequentemente apresentam campos magnéticos bem definidos e são estruturas imóveis que mantêm o registro de direção do último aquecimento realizado (ENGLISH HERITAGE, 2006; HISTORIC ENGLAND, 2015).

3.2. MATERIAIS E MÉTODOS

3.2.1. Sítio Pinheiros 2

O sítio Pinheiros 2 está localizado na cidade de São Paulo. Neste campo foram identificadas nove estruturas de queima, além de milhares de fragmentos cerâmicos (tabela 01). Contudo, somente duas estruturas puderam ser extraídas para os procedimentos arqueomagnéticos, sendo elas as Estruturas de Queima 03 e 06 (EQ 3 e EQ 6). Destas estruturas foram retirados 28 blocos. A prancha 07, apresentada no capítulo 01 exibe a localização destas duas estruturas no sítio.

3.2.2. Amostragem

Em campo, os fornos de produção cerâmica EQ 3 e EQ 6 do sítio Pinheiros 2 apresentaram seus fundos, de solo queimado, intactos. Essa condição permitiu que os solos queimados das duas estruturas de queima pudessem ser amostrados pelo Prof. Dr. Gelvam Hartmann para determinação da direção (declinação e inclinação) do campo geomagnético antigo, através da amostragem *in situ* de amostras orientadas. Para tanto, as bases das estruturas foram inicialmente limpas para a preparação das amostras. Em seguida, foram particionadas em blocos de aproximadamente 20x40cm para o “engessamento” do solo (figura 13). Após, todos os blocos foram imobilizados utilizando-se ataduras gessadas para posterior remoção dos blocos orientados (figura 14). Uma vez que todos os blocos foram engessados, foram preparados suportes de gesso para cada bloco (o que equivale a duas amostras por bloco) para nivelamento com o plano horizontal, empregando para isso um pedaço quebrado de vidro (10cm de lado) e nível bolha (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2012). Após a secagem dos suportes, todas as amostras foram cuidadosamente orientadas pelo Norte magnético (azimute magnético) utilizando-se uma bússola Brunton; as marcações de orientação e número de casas amostra foram feitas diretamente no suporte de gesso. Por fim, cada bloco de solo queimado foi retirado da base do forno e devidamente embalado para transporte até o laboratório (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2012). Foram coletados 15 blocos da EQ3 e 13 blocos da EQ6.

Figura 13: Procedimentos de campo para Arqueomagnetismo (1)



Corte dos blocos de 20x40 cm de solo queimado da EQ3 - Acervo pessoal do Prof. Dr. Gelvam Hartmann

Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 14: Procedimentos de campo para Arqueomagnetismo (2)



Fonte: Elaborado pelo autor.

3.2.3. Preparação das amostras

Em laboratório⁵, os itens coletados em campo foram preparadas para realização dos procedimentos de desmagnetização de terminação das direções (prancha 13). Dada a friabilidade do material, as amostras em cubos não puderam ser cortadas em tamanhos totalmente regulares, mas sempre se aproximavam de dimensões 2x2x2cm, necessárias para a realização dos procedimentos de laboratório. De modo a diminuir a friabilidade do solo queimado, os blocos de gesso foram imersos em nitrogênio líquido. O procedimento de congelar o bloco permitiu que o mesmo fosse preparado (serrado) com menor ocorrência de perda de solo queimado com o manuseio. Após serem serradas, com o uso de discos de corte de tamanhos apropriados, cada um dos cubos teve as orientações magnéticas de campo transferidas para o topo das amostras. Após a transferência da orientação, cada um dos itens foi acondicionado individualmente em filme de PVC, de modo a manter a integridade da amostra e facilitar o manuseio em laboratório. Ao serem acondicionadas, as unidades cortadas receberam nomes individuais, como EQ3-1A-01. EQ3 se referindo à Estrutura de Queima 03; 1A se referindo ao Bloco 1, amostra A; e 01 ao 1º espécime retirado deste bloco. Foram preparadas 75 espécimes de 3 blocos da EQ3 e 79 espécimes de 5 blocos da EQ6.

⁵ Procedimentos de laboratório realizados pelo autor no IAG/USP.

3.2.4. Medidas de paleodireção

A direção e a intensidade do CMT antigo são registradas pela magnetização remanente natural (MRN) em materiais arqueológicos e geológicos submetidos à temperaturas superiores a Temperatura de Curie (TC) ou Temperatura de Néel (TN) dos portadores magnéticos. A magnetização adquirida após o resfriamento desses materiais é chamada de magnetização remanente térmica (MRT). Outra forma de registro do CMT ocorre durante a deposição de partículas magnéticas em pinturas, cimentos ou sedimentos naturais e antropogênicos. Esse processo é chamado de magnetização remanente deposicional (MRD). A remanência adquirida quando uma rocha se forma ou quando um material arqueológico é confeccionado ou abandonado é chamada de magnetização primária, que deve ser paralela (ou muito raramente, antiparalela) ao campo magnético durante sua formação. Componentes magnéticas subsequentes são chamadas de magnetizações secundárias e podem ser de origem química (MRQ), viscosa (MRV) ou termoviscosa (MRTV) (DUNLOP; ÖZDEMIR, 1997, 2007).

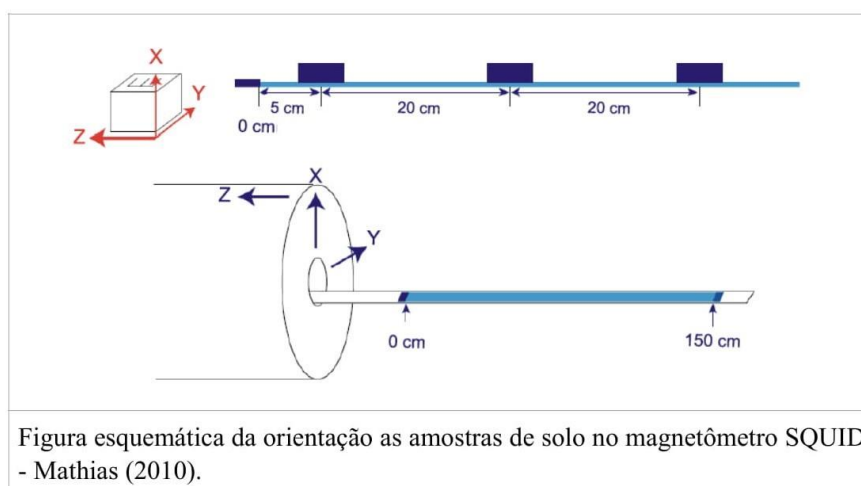
Nas determinações da direção (declinação e inclinação) foram utilizados os procedimentos tradicionais (TAUXE *et al.*, 2010) para investigação da estabilidade magnética e na identificação das componentes de magnetização. A estabilidade magnética também foi examinada através da desmagnetização por campos alternados (AF) e desmagnetização térmica de amostras orientadas. Nesse primeiro método mede-se a variação da magnetização com o campo AF. Uma amostra de material geológico (rochas, sedimentos e solos) ou arqueológico (tijolos, telhas ou cerâmica) é submetida a um campo magnético alternado de amplitude H , que é lentamente reduzido a zero. Após esse processo, os grãos com coercividade remanente inferior a H apresentarão magnetização remanente nula. O campo AF é então aumentado sucessivamente, decompondo o vetor MRN. Do mesmo modo, na desmagnetização térmica, mede-se a variação da remanência com o aumento da temperatura. Aquece-se a amostra até uma dada temperatura T e resfria-se em campo magnético neutro. Após esse processo, todos os grãos com temperaturas de bloqueio inferiores a T apresentarão magnetização remanente nula. A temperatura aumenta sucessivamente de modo a decompor o vetor MRN. Se somente uma componente magnética contribui para a MRN, nenhuma mudança na direção deverá ser observada durante a desmagnetização. Por outro lado, se duas ou mais remanências estão presentes e possuem direções diferentes, então uma mudança direcional deverá ocorrer. Geralmente, a componente mais estável é aquela que permanece durante os últimos passos de desmagnetização, seja em campos AF mais altos ou temperaturas mais elevadas.

Um dado direcional é obtido a partir da análise por componentes principais da magnetização primária (KIRSCHVINK, 1980). Determinadas as direções para cada amostra, são calculadas as direções médias por fragmento ou estrutura; em seguida é calculada a direção média para um

determinado sítio com idade conhecida. Os parâmetros estatísticos direcionais (FISCHER, 1953) α_{95} (alpha-95, cone de erro) e o k (parâmetro de concentração) permitem determinar com precisão a direção geomagnética média para uma determinada época.

Em laboratório, as amostras foram submetidas ao procedimento de desmagnetização por passos em campos magnéticos alternados (AF). As medidas foram efetuadas em passos sucessivamente mais altos em: 0 (MRN), 2.5 mT, de 4-22 mT em passos de 2 mT, 27 mT, de 30-80 mT em passos de 5 mT e de 80 a 100 mT em passos de 10 mT, para determinação das componentes magnéticas principais. Desta forma, estes procedimentos de desmagnetização sucessivas permitem eliminar a contribuição secundária e isolar a magnetização primária nos artefatos (amostras). As medidas de magnetização foram efetuadas em um magnetômetro SQUID (*Superconducting Quantum Interference Device* - figura 15) da empresa *2G-Enterprises* acomodado em uma sala magneticamente blindada, com campo magnético interno <500 mT, do Laboratório de Paleomagnetismo do IAG/USP.

Figura 15: Magnetômetro SQUID



Fonte: Elaborado pelo autor.

3.3. RESULTADOS

3.3.1. Resultados direcionais

As medidas de desmagnetização foram efetuadas em 62 amostras da EQ3 e 67 amostras da EQ6. Todas as unidades estavam orientadas com relação ao azimute magnético e niveladas, conforme descrito na seção 3.2.3. Os dados obtidos foram lotados em diagramas de Zijdeveld (1967) para definir as componentes da magnetização remanente característica (ChRM). As direções foram

determinadas com intervalos de desmagnetização que variaram de 6 a 30 mT (limite inferior) e de 60 a 100 mT (limite superior) (tabela 05 e tabela 06).

Tabela 05: Dados de anisotropia de susceptibilidade magnética para amostras da Estruturas de Queima 03

Sample ID	EQ3				Limit 1	Limit 2
	M (A/m)	Dec	Inc	MAD		
EQ3-1A-01	9,59E-02	22,8	-18,4	1,3	8	100
EQ3-1A-02	5,99E-02	11,7	-31,2	1,2	8	100
EQ3-1A-03	2,95E-02	17,7	-21,2	1	8	100
EQ3-1A-08	4,97E-02	31,2	-22,7	1,2	12	100
EQ3-1A-09	0,2722332	5,7	-21,3	0,9	8	100
EQ3-1A-10	9,29E-02	14,1	-28,8	1,3	8	100
EQ3-1A-11	0,0636438	17,6	-18,5	1,1	14	80
EQ3-1A-13	3,32E-02	17,9	-24,1	3,3	6	100
EQ3-1A-16	4,57E-03	32	-16,5	1,6	16	100
EQ3-1A-19	6,80E-02	16,5	-14,6	0,6	12	100
EQ3-1A-23	0,1078424	12	-25,7	1,2	12	100
EQ3-1A-24	5,18E-02	7,9	-20,8	1,3	14	100
EQ3-1A-25	7,76E-02	13	-12,8	1	14	100
EQ3-1A-26	2,78E-02	31,6	-7,5	1,4	10	100
EQ3-1B-01	0,1160515	11,7	-22,4	0,9	14	100
EQ3-1B-03	0,1033905	8,5	-10,1	0,7	14	100
EQ3-1B-11	2,13E-02	23,2	-23,8	1,3	12	100
EQ3-1B-14	3,61E-02	20,7	-22	1,8	18	100
EQ3-1B-15	1,76E-02	18,8	-23,2	1,7	14	100
EQ3-1B-16	5,27E-02	15,8	-19,3	1	18	100
EQ3-1B-20	6,58E-02	12,5	-21,9	0,6	14	100
EQ3-1B-21	6,41E-02	21,5	-22	1,1	14	100
EQ3-2A-04	3,22E-02	40,7	-27,1	0,6	14	100
EQ3-2A-05	5,49E-03	40	-14,7	1,6	14	100
EQ3-2A-11	4,76E-03	20,9	-23,4	1,1	14	100
EQ3-2A-12	2,02E-03	18,8	-12,8	1,7	20	100
EQ3-2A-14	6,49E-03	9,6	-17,2	0,7	14	100
EQ3-2A-17	4,39E-03	7,4	-16,4	0,8	16	100
EQ3-2A-20	7,92E-03	19,6	-22,5	0,7	18	100
EQ3-2A-21	3,01E-03	27,1	-20,8	3,2	25	100
EQ3-2A-23	3,06E-02	16	-24,1	0,9	14	100
EQ3-2A-24	0,0188206	8,8	-22,3	0,9	10	100
Média						
Dec	18,5					
Inc	-20,8					
A95	3,2					

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os resultados indicaram que os valores de MRN variaram de 2.02×10^{-3} a 2.72×10^{-1} A/m (amostras da EQ3) e de 1.83×10^{-3} a 4.23×10^{-1} A/m (amostras da EQ6). Os valores do desvio máximo angular (MAD) oscilaram entre 0.6 e 3.3° (EQ3) e entre 0.6 e 3° (EQ6) (tabela 05 e tabela 06).

Tabela 06: Dados de anisotropia de susceptibilidade magnética para amostras da Estruturas de Queima 06

Sample ID	EQ6				Limit 1	Limit 2
	M (A/m)	Dec	Inc	MAD		
EQ6-4A-04	8,27E-02	10,5	-24,3	1	10	100
EQ6-4A-05	0,1600672	9,2	-22,6	0,6	10	100
EQ6-4A-06	1,08E-02	8,5	-18,5	1,9	18	70
EQ6-4A-08	4,40E-03	13,7	-22,6	3	20	75
EQ6-4A-09	4,63E-02	9,3	-3,4	1,5	10	100
EQ6-4A-13	2,06E-02	16,4	-32,7	1	12	100
EQ6-4A-14	1,83E-03	12,9	-16,5	2	30	100
EQ6-4A-15	3,90E-02	27,1	-43,1	1,4	12	60
EQ6-4A-16	3,62E-02	2,2	-37,8	1	12	60
EQ6-4A-19	5,23E-02	10,2	-12,1	2	8	60
EQ6-4A-20	7,28E-02	14	-34,4	1,5	16	65
EQ6-4A-22	0,2250445	4,4	-27,4	1,2	14	100
EQ6-4B-10	0,4230476	19,2	-18,9	0,9	12	80
EQ6-4B-20	0,1828183	29,3	-28,7	1	10	100
Média						
Dec	13,1					
Inc	-24,7					
A95	6,2					

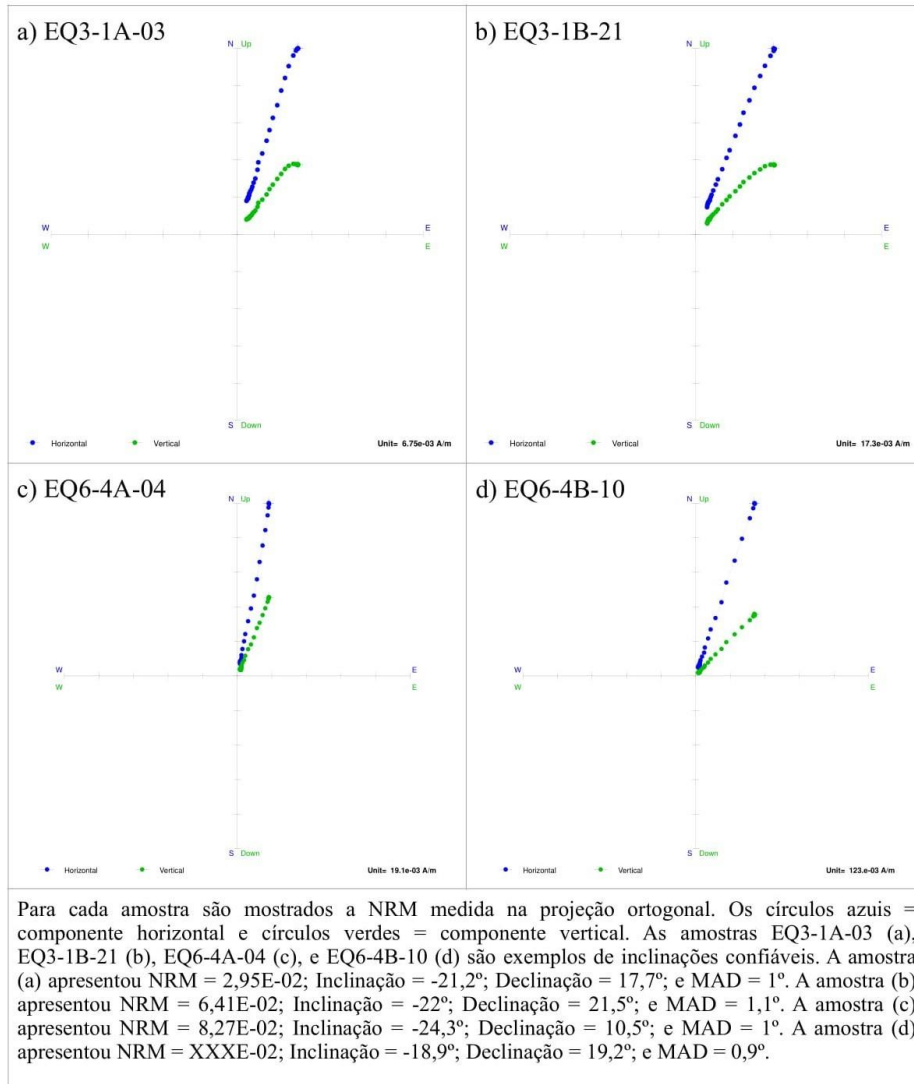
Fonte: Elaborado pelo autor.

A figura 16 mostra o comportamento da desmagnetização AF para algumas amostras da EQ3 e EQ6. Do total de 62 amostras medidas da EQ3, somente 32 amostras apresentaram direções estáveis, com uma componente ChRM bem definida para passos mais altos de campos AF (figura 16a e 16b). Comportamento semelhante foi observado para a EQ6. Das 67 amostras medidas da EQ6, 14 amostras apresentaram direções estáveis, com uma componente de ChRM bem definida para os passos mais altos de campos AF (figura 16c e 16d). As amostras que apresentaram comportamento instável durante os procedimentos de desmagnetização ou apresentaram MAD superior a 3.5° foram descartadas para as análises direcionais.

A EQ3 apresentou 32 amostras com valores de declinação que variaram entre 5.7° a 40.7° e inclinação variando de -7.5° a -31.2° (tabela 05). Já as 14 amostras da EQ6 apresentaram valores de

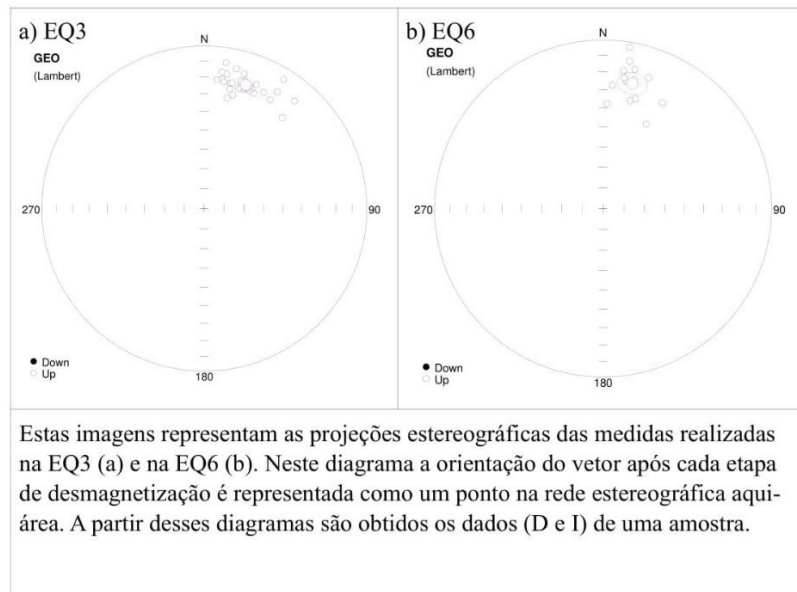
declinação variando entre 2.2° e 29.3° e de inclinação oscilando entre -3.4° e 43.1° (tabela 06). Esses resultados permitiram calcular para a EQ3 uma declinação média de 18.5° e de inclinação de -20.8° , e com $\alpha_{95} = 3.2^\circ$ (figura 17a). Os resultados da EQ6 forneceram uma declinação média de 13.1° e inclinação de -24.7° , com $\alpha_{95} = 6.2^\circ$ (figura 17b).

Figura 16: Resultados da desmagnetização AF para quatro amostras



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 17: Resultados da desmagnetização AF para as duas Estruturas de Queima

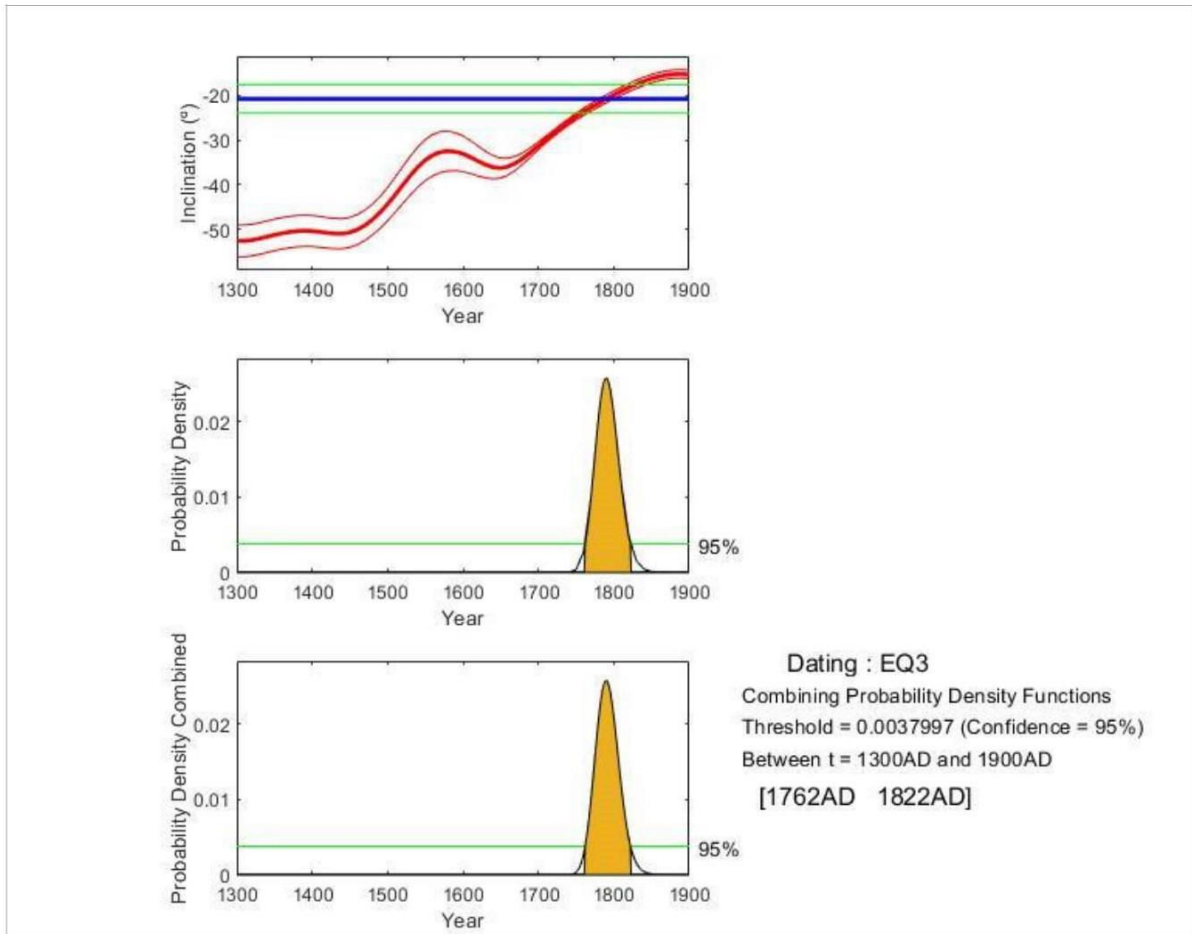


Fonte: Elaborado pelo autor.

3.3.2. Datação arqueomagnética

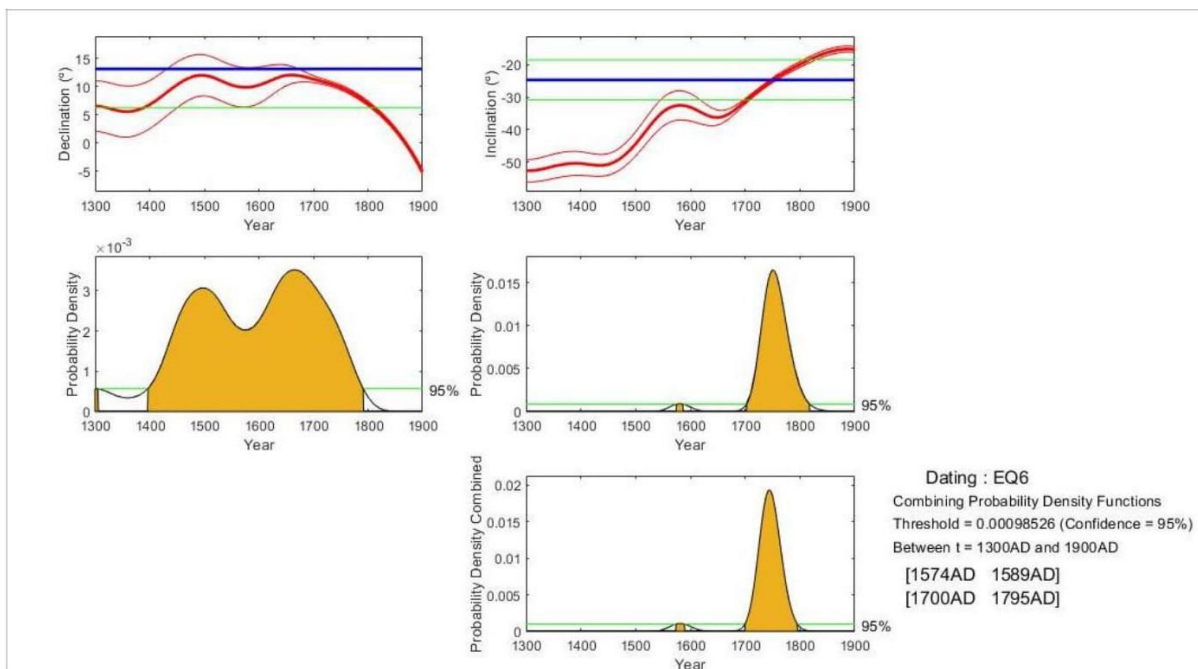
Os valores direcionais médios da EQ3 e EQ6 permitem que sejam aplicados para datação arqueomagnética. Para tanto, uma curva geomagnética de referência deve ser usada para comparações dos dados direcionais médios de idade desconhecida. Neste trabalho, optou-se por utilizar a curva de referência de declinação e inclinação para a cidade de São Paulo (Lat: -23.5° , Lon: -46.6°) do modelo *Continuous Archaeomagnetic and Lake Sediment Geomagnetic Model* (CAL3k.4), determinado por Korte e Constable (2011). O modelo CAL3k.4 foi construído com dados dos últimos 3000 anos (modelos 3K) a partir de dados globais de arqueomagnetismo, sedimentos, além de incorporar dados históricos de navegadores, observatórios magnéticos e satélites. O modelo é determinado continuamente no tempo e tem truncamento até ordem e grau 10 nos coeficientes de Gauss.

Figura 18: Datação arqueomagnética para a EQ3



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 19: Datação arqueomagnética para a EQ6



Fonte: Elaborado pelo autor.

Para a determinação das idades foi utilizado o *software* Archaeodating v.6.0 (PAVÓN-CARRASCO *et al.*, 2011). O programa em questão se baseia na comparação da curva de referência calculada pelo modelo CALS3k.4 (KORTE; CONSTABLE, 2011) com os dados direcionais de declinação e inclinação de idades desconhecias das estruturas de queimas EQ3 e EQ6. Os resultados de datação para a EQ3 indicaram um intervalo de confiança de 95% bastante robusto (figura 18) e um intervalo de idades entre 1762 e 1822 AD (ou 1792 ± 30 AD); o intervalo relativamente bem definido foi possível devido ao erro dos dados direcionais ($\alpha_{05} = 3.2^\circ$) ser relativamente baixo. Para a EQ6 os dados do intervalo de confiança não foram tão robustos quanto da EQ3 e forneceram dois intervalos de idades: (a) 1574-1589 AD e (b) 1700-1795 AD; neste caso, o *software* reporta dois intervalos de idades pelo fato de que o erro ($\alpha_{05} = 6.2^\circ$) é mais elevado que o da EQ3 (figura 19). Contudo, o programa indica que existe uma maior probabilidade das datações da EQ6 refletirem o intervalo de 1700 a 1795 (ou 1747 ± 47 AD).

3.4. DISCUSSÃO

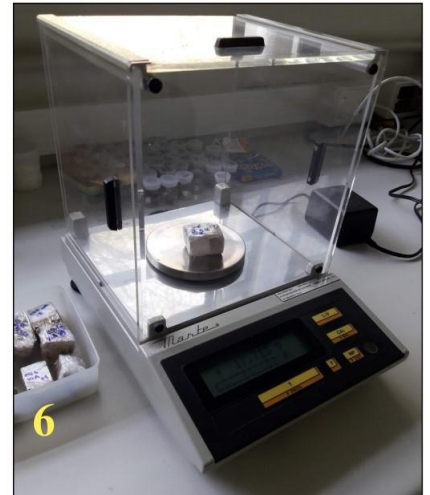
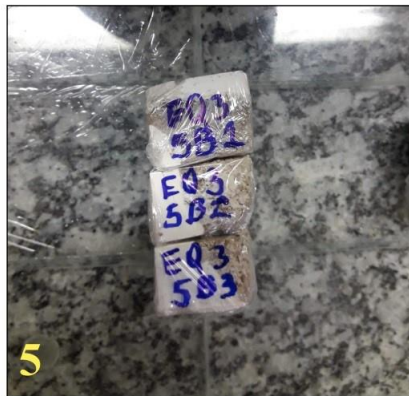
Com base nas datações obtidas, pudemos conceber algumas considerações acerca do período de funcionamento da olaria e as diferenças entre as duas estruturas de queima analisadas: a estrutura de queima 3 (EQ3) e a estrutura de queima 6 (EQ6).

De início, já podemos observar diferenças entre as datações obtidas por termoluminescência (TL) em 2012 (tabela 02), que apontavam a maior parte das datas para o século XVII, com pouquíssimos exemplos indicando século XVIII. Somente as datações obtidas na etapa de Prospecção indicaram datações que se aproximam das datas obtidas por arqueomagnetismo. E destas datações por TL, apenas duas foram realizadas na área 01 (onde está a EQ3) e nenhuma na área 06 (onde está a EQ6).

As datações de arqueomagnetismo, por refletirem o último aquecimento registrado no solo queimado, indicam o fim da operação da Estrutura de Queima, ou seja, o início do período de abandono. Desta forma, podemos indicar que a olaria do sítio Pinheiros 2 funcionou ativamente durante o século XVIII, sendo possivelmente abandonada entre a segunda metade deste século e a virada para o século XIX. Contudo, as datações por termoluminescência nos permitem pensar que a olaria poderia estar em funcionamento já no século XVII, visto que diversas datações apresentaram intervalos neste período. Com isso, constatamos que a olaria do sítio Pinheiros 2 teve um longo período de funcionamento, possivelmente abrangendo desde o século XVII até os anos finais do século XVIII.

É importante destacar que a Estrutura de Queima 3 se encontra em uma área onde foram identificadas sete estruturas similares próximas, enquanto a Estrutura de Queima 6 se encontra mais afastada, sendo a única identificada nesta área do sítio (pranchas 06 e 07). As datações por arqueomagnetismo indicam que a EQ3 é mais recente do que a EQ6, apesar de haver uma sobreposição de datas nas margens de erro. O que isso pode indicar é que a olaria do sítio Pinheiros 2 teve um início modesto, com apenas um forno, onde seria a Estrutura de Queima 06. Com o aumento da demanda, mais fornos foram elaborados e a produção foi movida para a área da EQ3, onde sete fornos foram identificados, causando o provável abandono da Estrutura de Queima 06.

Prancha 13: Procedimentos de laboratório para obtenção das datações Arqueomagnéticas (IAG/USP)



1. Amostra da Estrutura de Queima 06 (EQ6) engessada; 2. Amostra da Estrutura de Queima 03 (EQ3), devidamente engessada e orientada com o norte magnético (setas riscadas no gesso); 3. Procedimento de congelamento da amostra em nitrogênio líquido, de modo a diminuir o caráter frível da amostra; 4. Procedimento de serragem das amostras; 5. As amostras devidamente redimensionadas e com orientação mantida, além de acondicionadas em papel filme; 6. Procedimento de pesagem das amostra em balança de precisão; 7. Procedimento de desmagnetização por campos alternados, e medição destes efeitos no aparelho criogênico.

CAPÍTULO 04: RESULTADOS E ANÁLISES

A species from the vale
Walks in wonder
In search of
The source of the tale
(NIGHTWISH, 2015b).

Conforme abordamos no Capítulo 02, diversos atributos de análise foram levados em consideração para melhor compreensão dos padrões produtivos das cerâmicas encontradas nos três sítios trabalhados. Estas análises nos forneceram as informações acerca da variabilidade quantitativa das materialidades dos sítios verificando a quantidade de vezes que cada atributo ocorria nas peças observadas (SCHIFFER, 2010).

Na primeira parte deste quarto capítulo, o enfoque será em relatar os resultados desta análise, e assim exibir o que foi observado neste conjunto cerâmico. Para tal, abordaremos cada atributo individualmente, com exceção dos motivos decorativos (que serão trabalhados no catálogo decorativo da tabela 20 e na seção 4.1.12) e dos atributos acerca das morfologias das bordas e das bases. Estas características serão abordadas em conjunto na seção 4.1.15. e na tabela 25.

Neste capítulo, também realizaremos análises comparativas entre as cerâmicas verificadas nos três sítios, buscando padrões similares tanto nos aspectos tecnológicos quanto decorativos. Também vamos promover uma análise geral das decorações e morfologias identificadas nos sítios trabalhados e estabeleceremos comparações com cerâmicas encontradas em contextos europeus, africanos e indígenas, de modo a deixar claro os processos de confluência e persistência cultural que ocorriam em São Paulo durante estes primeiros dois séculos.

Por último, iremos fazer uso dos dados obtidos na análise cerâmica para tecer algumas considerações acerca da lógica comercial que regia a produção de vasilhames cerâmicos na região do rio Pinheiros, além de promover reflexões acerca dos padrões de consumo e distribuição destes mesmos objetos.

4.1. DADOS OBTIDOS

4.1.1. Classe das peças

Dentre a totalidade de peças analisadas, os fragmentos de corpo acabaram sendo os mais predominantes em todos os sítios que passaram por análise, mesmo com os recortes realizados para retirar o número excessivo de fragmentos diminutos e sem decoração. Na tabela 07, é possível

observar que o percentual de fragmentos de corpo se mostrou consistente na amostragem, variando entre 43 e 46%.

Neste sentido, é interessante notar que no sítio Pinheiros 2 o percentual de bordas observadas é mais elevado do que nos outros sítios, enquanto as bases foram menos recorrentes. Acreditamos que o motivo desta discrepância está no aspecto fragmentado do sítio Pinheiros 2, que dificultou a identificação de muitas bases, pois em tamanhos menores muitos fragmentos de base podem acabar se tornando semelhantes a fragmentos de corpo sem decoração. A alta fragmentação é perceptível em todos os três sítios, já que o número de peças íntegras ou inteiras nunca foi superior a 1%. Contudo, mesmo com um alto índice de fragmentação, os sítios Casa do Bandeirante e Casa Bandeirista do Itaim Bibi possuíam fragmentos maiores, o que possibilitou percentuais mais expressivos de análise. Nas pranchas 14 e 15 exibimos um panorama das classes de peças observadas.

Nota-se uma grande variação no percentual de apliques, cabos e alças descolados entre o que foi visto no sítio Pinheiros 2 e nos outros dois sítios. Enquanto no primeiro se observou quase 9% do acervo desta forma, nos outros dois esse número não chegou a 3%. Acreditamos que isso esteja relacionado ao ambiente produtivo da olaria de Pinheiros, e estes apliques descolados seja resultado de apliques mal-colocados. Desta forma, nos ambientes domésticos foi mais incomum ver fragmentos resultantes de erros na manufatura, como são os apliques descolados do corpo do vasilhame.

Com o número de bordas elevado e em tamanhos significativos, nos foi permitido desenhar um número significativo desses elementos (483 no sítio Pinheiros 2; 97 na Casa do Bandeirante; e 58 na Casa Bandeirista do Itaim Bibi), e obter os resultados que serão abordados a seção 4.1.15.

Tabela 07: Classe das peças

	Pinheiros 2	Casa do Bandeirante	Casa Bandeirista do Itaim Bibi
Borda	35,26%	24,60%	22,15%
Base	6,69%	25,04%	26,13%
Corpo	43,65%	46,31%	45,53%
Forma íntegra	0,85%	0,18%	0,28%
Forma inteira	0,11%	0%	0%
Cachimbo	0,02%	0,18%	0,28%
Tampa	4,36%	1,14%	4,13%
Peso de rede	0%	0%	0,14%
Apliques, alças e cabos	8,95%	2,55%	1,24%
Sem leitura	0,11%	0%	0,14%

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.2. Técnicas de manufatura

A técnica de manufatura do sítio Pinheiros 2 foi assunto de muito debate desde os relatórios iniciais de escavação, e são dúvidas justificáveis (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2011). Esses questionamentos ocorrem pois existem duas técnicas principais que eram utilizadas na construção dos vasilhames. A primeira, e talvez a mais comum, era o de um vasilhame inteiramente modelado. Este objeto, inteiramente modelado, normalmente era raso ou pequeno. Contudo, existia um segundo tipo de vasilhame, que gerava uma parte do problema, pois esta forma levava duas técnicas de construção: uma metade inferior do pote sendo produzida através do molde e uma metade superior sendo finalizada com o uso da modelagem. Muitas peças moldadas exibiam um seccionamento linear na quebra, como pode ser visto na prancha 16. Esta quebra linear e com vestígios de um reforço de argila indicavam a presença de uma parte superior que foi inserida posteriormente. Contudo, em casos como estes, não pudemos simplesmente categorizar que a parte superior era modelada, já que a mesma não estava lá. No entanto, 170 fragmentos conseguiram nos mostrar com sucesso ambas as partes destes vasilhames, já que estas peças conseguiram preservar a junção entre ambas as secções do vasilhame, nos permitindo observar as duas técnicas de manufatura ao mesmo tempo (prancha 16).

Outro aspecto curioso que nos permitiu chegar a essas conclusões foi a observação de que quase todas as bordas eram produzidas por modelagem, mas uma porcentagem significativa das bases era feita por molde. As bases ainda denunciavam que o molde era côncavo, já que a superfície externa destes fragmentos recebia um tratamento de superfície diferente, com um alisamento produzido apenas depois da secagem ou com o uso da técnica escovada. A superfície que estava em contato com o molde era frequentemente mais áspera do que a superior produzida por modelagem. Essa distorção nos indicava que havia muitos vasilhames que não eram produzidos com apenas uma técnica. Este tipo de construção já foi observado em contextos coloniais brasileiros no Rio de Janeiro, como se pode observar no trabalho de Lima e Souza (2016). Souza (2015) também aponta esta mesma forma produtiva em Minas Gerais. Outras obras também abordam esta temática, como: Gosselain (1998, 1999), Orton e Hughes (2013) e Richard e MacDonald (2016). Estas duas últimas mencionam uma variante curiosa observada em contextos africanos subsaarianos, que é uma parte inferior do recipiente sendo construída com molde, e a parte superior sendo finalizada com acordelamento. Porém, de acordo com Gosselain (1999), existem onze tipos de acordelamento diferentes. Um destes tipos se baseia em um único e espesso cordão de argila sendo colocado sobre a secção moldada. Este único cordão é então modelado e ajustado até a finalização do pote. Caso esta técnica tenha sido utilizada no sítio Pinheiros 2, se mostra difícil de saber, já a modelagem acabaria por se sobrepôr ao

acordelamento. Gosselain (1998, 1999) apenas pôde identificar tais técnicas, pois as observou em contextos etnoarqueológicos.

Outras técnicas ainda foram identificadas no sítio, porém em porcentagens bem menores, como o torneado e o próprio acordelado (tabela 08). O uso do acordelado, no entanto, se limitou a ser visto em apliques descolados e não enquanto técnica construtiva de vasilhames.

No que diz respeito as técnicas de manufatura, o que foi observado no sítio Pinheiros 2 também foi observado na Casa do Bandeirante em percentuais muito similares. A alta ocorrência de peças moldadas (variando entre 27 e 31%), o aspecto majoritário do modelado (variando entre 54 e 62%), a identificação de peças com evidências de duas técnicas produtivas (entre 1 e 3%), e a baixa ocorrência de peças acordadas (entre 5 e 3%). Contudo, o que se observa na Casa Bandeirista do Itaim Bibi é distinto do observado nos outros dois sítios. Neste campo o percentual de peças moldadas cai a menos de 10%, assim como a quantidade de peças modeladas, que se reduz para 42% do material analisado. Enquanto isso, o percentual de peças acordeladas é elevado para quase 46% das peças observadas, e não é percebido nenhum exemplo de peças em que as duas técnicas produtivas são identificadas em conjunto. Todas as demais técnicas construtivas podem ser vistas na prancha 17.

Tabela 08: Técnicas de manufatura

	Pinheiros 2	Casa do Bandeirante	Casa Bandeirista do Itaim Bibi
Torneado e Modelado	4,42%	0,44%	0,55%
Moldado	27,45%	31,28%	9,90%
Modelado	54,74%	62,83%	42,50%
Acordelado	5,32%	3,16%	45,94%
Torneado	0,13%	0%	0,69%
Moldado (na parte inferior) / Modelado (na parte superior)	3,14%	1,32%	0%
Sem leitura	4,79%	0,97%	0,41%

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.3. Espessura dos fragmentos

Todos os fragmentos analisados receberam duas medidas: uma espessura máxima e uma espessura mínima. Obter estas informações nos ajudou a observar se a espessura da cerâmica se mantinha constante ao longo de uma peça, e se eram mantidas ao longo da produção. Com base nas informações que obtivemos, é possível afirmar que os artesãos mantinham uma constância de espessura ao longo da construção das peças, dentro de uma margem de erro pequena. A maioria dos

fragmentos não mantinha exatamente a mesma espessura por toda a sua superfície, mas possuía uma distorção de cerca de 1mm para mais ou para menos. Apesar disso, é possível dizer que havia um esforço em manter uma constância neste aspecto.

No sítio Pinheiros 2, a maioria dos fragmentos (62% mínimo / 47% máximo) se firma entre os 5 e 7mm de espessura. Uma quantidade significativa (21% mínimo / 36% máximo) também se insere entre 8 e 10mm. Fragmentos que sofreram deslocamentos são responsáveis por muitas destas espessuras demasiadamente finas, como entre 1 e 3mm. Já as peças espessas, que ultrapassaram os 14mm (com uma delas chegando até a 40mm), normalmente eram fragmentos de alças e cabos descolados. Tendência similar também se observa no sítio Casa do Bandeirante, com 57% dos fragmentos apresentando espessura máxima na faixa dos 5 e 7mm e quase 33% entre 8 e 10mm (tabela 09).

Entretanto, os resultados no sítio Casa Bandeirista do Itaim Bibi são levemente diferentes, com espessuras entre 5 e 7mm representando uma parcela menor (56% mínimo / 37% máximo), e as parcelas entre 8 e 10mm (32% mínimo / 43% máximo) e 11 e 13mm (5% mínimo / 15% máximo) subindo. Interessante observar estes 15% entre 11 e 13mm, pois representa um aumento significativo do que foi visto em Pinheiros 2 (9%) e na Casa do Bandeirante (apenas 4%). Desta forma, é possível perceber que existe uma tendência a vasilhames um pouco mais espessos na Casa Bandeirista do Itaim Bibi, diferentemente dos outros dois sítios analisados.

Tabela 09: Espessura dos fragmentos

	Pinheiros 2		Casa do Bandeirante		Casa Bandeirista do Itaim Bibi	
	Mínimo	Máximo	Mínimo	Máximo	Mínimo	Máximo
01 - 04 mm	11,65%	3,29%	17,66%	4,66%	4,54%	0,83%
05 - 07 mm	62,06%	47,88%	65,99%	57,21%	56,67%	37,83%
08 - 10 mm	21,74%	36,77%	13,97%	32,95%	32,19%	43,60%
11 - 13 mm	3,77%	9,60%	1,93%	4,13%	5,91%	15,13%
> 14 mm/max 40 mm	0,78%	2,46%	0,44%	1,05%	0,69%	2,61%

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.4. Tipos de antiplástico

Existe uma regularidade no tipo de antiplástico utilizado em todos os três sítios analisados, o que deve refletir o tipo de matéria prima encontrado na região. O uso predominante de quartzo, quartzito, feldspato e mica na pasta denotam que a argila era retirada localmente, nas margens do rio

Pinheiros. A região por onde passa o rio é rica em areias com muito quartzo, o que traz à tona a natureza granítica dos embasamentos. O granito é uma rocha ígnea, muito frequente em embasamentos cristalinos, cuja composição combina três minerais: quartzo, mica e feldspato (AB'SABER, 1978). Desta forma, pode-se perceber que a pasta encontrada nos sítios se relaciona diretamente com o solo das margens de Pinheiros.

Esta regularidade é perceptível na tabela 10, em que observamos que a combinação de quartzo, quartzito, mica e feldspato varia entre 92 e 95% nos sítios analisados. Nem sempre todos apareciam nas mesmas quantidades, mas eram consistentemente os minerais e as rochas mais comuns. O uso de hematita ou de caco-moído também foi percebido, mas em quantidades muito menores. Somente no sítio Casa Bandeirista do Itaim Bibi o uso de caco-moído adquiriu uma porcentagem significativa, abrangendo 6% da amostragem. O uso de matéria orgânica como antiplástico foi inexistente. Na prancha 18, pode-se observar todos os minerais que foram registrados durante a análise.

Tabela 10: Tipos de antiplástico

	Pinheiros 2	Casa do Bandeirante	Casa Bandeirista do Itaim Bibi
Mineral 1: quartzo, quartzito, mica e feldspato	94,34%	95,78%	92,02%
Mineral 2: todos os minerais anteriores com adição de caco-moído ou bolotas de argila	3,51%	1,76%	6,33%
Mineral 3: todos os minerais anteriores com adição de hematita	2,07%	1,93%	1,65%
Sem leitura	0,07%	0,53%	0%

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.5. Espessura máxima dos antiplásticos

Uma certa regularidade é observável na dimensão dos antiplásticos utilizados em todos os três sítios. A maior parte dos fragmentos exibia um certo cuidado em manter os minerais pequenos, com dimensões inferiores a 0,19cm. Os fragmentos com minerais entre 0,2 e 0,39cm ainda demonstram um cuidado em manter o antiplástico em tamanhos menores, e assim facilitar o manuseio da pasta. Contudo, antiplásticos maiores não eram totalmente incomuns, chegando a se verificar minerais com

1,3cm (tabela 11). Dimensões elevadas assim apontam para erros produtivos e falta de cuidado na produto final (prancha 18, imagem 01).

Contudo, no sítio Casa Bandeirista do Itaim Bibi, é possível perceber uma tendência ao uso de antiplásticos mais espessos, com uma redução para 63% dos antiplásticos entre 0,01 e 0,19cm (ao contrário do que foi observado nos outros dois sítios, onde esta espessura variou entre 73 e 77%). Além disso, antiplásticos entre 0,2 e 0,39cm chegam a 30% das amostras, e as maiores que 0,4cm ultrapassando 5% do que foi observado em análise.

Tabela 11: Espessura máxima do antiplástico

	Pinheiros 2	Casa do Bandeirante	Casa Bandeirista do Itaim Bibi
0,01 - 0,19 cm	77,28%	73,02%	63,82%
0,2 - 0,39 cm	19,83%	25,04%	30,67%
>0,4 cm até 1,3 cm	2,89%	1,93%	5,50%

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.6. Frequência dos antiplásticos

As cerâmicas analisadas em todos os três sítios exibem uma frequência baixa de antiplásticos. Usando como base o exemplo proposto por Orton *et al.* (1997) e Moraes (2006), pudemos observar que entre 89 e 92% das peças analisadas apresentavam menos de 10% de antiplástico na pasta. Contudo, algumas peças fugiam da regra, sendo possível identificar peças com mais de 30% de antiplástico na pasta, mesmo isso representando sempre menos de 1% da amostragem (tabela 12). Na prancha 19, exibimos exemplos para cada um dos três tipos de frequência de inclusões que consideramos.

Tabela 12: Frequência do antiplástico

	Pinheiros 2	Casa do Bandeirante	Casa Bandeirista do Itaim Bibi
Pouco (10% ou menos)	91,92%	92,36%	89,41%
Médio (10-30%)	7,51%	6,24%	10,04%
Abundante (30% ou mais)	0,54%	0,88%	0,55%
Sem leitura	0,04%	0,53%	0%

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.7. Processos de queima

Seguindo os modelos propostos por Shepard (1956), Rye (1981) e Moraes (2006) pudemos observar as várias gradações de coloração que podem ser percebidas após a queima, assim como as suas atmosferas de queima. Os processos de queima com núcleo homogêneo e de coloração clara podem ser consideradas atmosferas oxidantes, com temperaturas acima dos 700 °C. No sítio Pinheiros 2 quase 92% das queimas observadas representavam este tipo de atmosfera (tabela 14). Dentre as variantes específicas propostas por Rye (1981), a coloração 02, que consistia de cores entre o branco, o bege e o cinza claro, era a mais comum, atingindo quase 86% de todo o material analisado (tabela 13). Com relação às minorias redutoras no sítio Pinheiros 2, em que a queima é realizada em temperaturas mais baixas gerando núcleos heterogêneos e/ou escuros, a variante mais comum era a 03 (4%), em que o núcleo escuro se encontrava imediatamente no centro da quebra (prancha 20).

Tabela 13: Gradações de coloração pós queima

	Pinheiros 2	Casa do Bandeirante	Casa Bandeirista do Itaim Bibi
1	5,84%	14,16%	24,35%
2	85,67%	45,82%	25,86%
3	4,96%	14,51%	9,08%
4	3,37%	19,53%	38,65%
5	0,15%	2,37%	0,41%
6	0,02%	1,06%	0%
7	0%	2,29%	1,65%
8	0%	0,26%	0%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 14: Atmosfera de queima

	Pinheiros 2	Casa do Bandeirante	Casa Bandeirista do Itaim Bibi
Oxidante	91,51%	59,98%	50,21%
Redutora	8,49%	40,02%	49,79%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Contudo, esta regularidade não foi observada em nenhum dos outros dois sítios analisados, havendo quase uma equivalência entre vasilhames feitos em atmosferas oxidantes e redutoras. No caso do sítio Casa do Bandeirante, a coloração 02 continuou sendo a mais comum, mas representando apenas 45% da amostragem e havendo uma grande distribuição percentual entre as outras colorações (com os padrões 01, 03 e 04 variando entre 14 e 19% cada). Já na Casa Bandeirista do Itaim Bibi a

mudança fica ainda maior, com a coloração 04 se tornando predominante e as colorações 01 e 02 representando 24 e 25%, respectivamente.

4.1.8. Tratamento da superfície interna

Pela análise dos tratamentos das superfícies internas em todas as cerâmicas observadas, se mostra perceptível uma predominância na técnica alisada, que varia entre 87 e 93% nos sítios. É importante observar também que o banho foi a segunda forma de tratamento de superfície mais encontrada no sítio Pinheiros 2, com quase 4% das ocorrências, como se observa na tabela 15. De acordo com La Salvia e Brochado (1989), o banho consiste de um tratamento inserido antes da queima, com uma camada superficial proveniente de um caldo ou nata de argila em suspensão na água. Esta camada superficial, muitas vezes, acaba por ter uma coloração levemente distinta da encontrada na quebra. Na prancha 21 é possível distinguir exemplos de todas as formas de tratamento de superfície.

No entanto, na Casa do Bandeirante e na Casa Bandeirista do Itaim Bibi, foram as peças engobadas que assumiram o segundo lugar na amostragem, sendo observadas entre 3 e 6% das peças, respectivamente. Abordaremos a questão dos engobos, em mais detalhe, na seção 4.1.10.

Tabela 15: Tratamento da superfície interna

	Pinheiros 2	Casa do Bandeirante	Casa Bandeirista do Itaim Bibi
Alisamento	92,03%	93,67%	87,62%
Polimento	0,04%	0%	0,96%
Engobo	1,74%	3,08%	6,19%
Banho	3,79%	0,62%	3,85%
Acabamento cromático	0,02%	0,26%	0,14%
Sem leitura	2,38%	2,37%	1,24%

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.9. Tratamento da superfície externa

Com relação às superfícies externas, no sítio Pinheiros 2 a variabilidade é distinta. Apesar de uma clara predominância do estilo alisado (64%), seguido pelo acabamento plástico (30%), estes números podem enganar. A decoração plástica ocorria, na maior parte dos casos, próxima às bordas. Desta forma, a maior parte do recipiente não apresenta indícios de decoração e, quando fragmentado, a maioria também não mostrariam tais decorações. Acreditamos que seja possível afirmar que a maior

parte dos recipientes apresentava algum tipo de decoração. Nas pranchas 22 e 23, buscamos exibir alguns dos tratamentos de superfície observados ao longo da pesquisa.

Também foi possível projetar combinações de tratamentos de superfície. Quase 1% dos fragmentos analisados apresentavam banho e decoração plástica sobrepostos e, em alguns poucos fragmentos (0,06%), o uso de engobo e decoração plástica se sobrepunham (tabela 16).

Contudo, algumas alterações nesses números podem ser observadas nos outros dois sítios analisados. Se percebe um aumento na quantidade de peças decoradas e uma redução na quantidade de fragmentos com superfície externa alisada. Na Casa do Bandeirante, o percentual de peças com acabamento plástico representa quase 38%, enquanto na Casa Bandeirista do Itaim Bibi é 41%. Também é interessante observar o uso do engobo como tratamento externo neste último sítio, representando mais de 8% da amostragem, valor muito superior ao visto em Pinheiros 2 e na Casa do Bandeirante, em que este tratamento não chegou a 2%.

Tabela 16: Tratamento da superfície externa

	Pinheiros 2	Casa do Bandeirante	Casa Bandeirista do Itaim Bibi
Alisamento	64,02%	58,61%	42,37%
Banho	2,83%	1,05%	3,99%
Engobo	1,42%	1,85%	8,53%
Acabamento plástico	30,19%	37,70%	41,27%
Polimento	0,02%	0%	1,38%
Brunidura + Acabamento plástico	0%	0%	0,14%
Acabamento cromático	0%	0,09%	0%
Banho + Acabamento plástico	0,96%	0,70%	1,79%
Engobo + Acabamento plástico	0,06%	0%	0,55%
Sem leitura	0,50%	0%	0%

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.10. Engobo - localização e coloração

Apesar das peças com a presença de engobo representarem percentuais pequenos do total de peças analisadas, a sua identificação se mostra muito importante para a compreensão do contexto histórico ao qual o sítio está inserido. De acordo com Brochado (1973), Tocchetto (1996a) e Zuse (2009), o uso de engobo vermelho - que é maioria em todos os três sítios analisados - em contextos

de contato muitas vezes está atrelado a continuidades de práticas indígenas e persistências culturais. Exemplos de peças engobadas observadas na análise podem ser constatadas na prancha 24.

O uso de engobo branco foi pouco identificado nos sítios (tabela 18), tanto em associações ao vermelho quanto sozinho. Também não foi possível observar nenhuma regularidade com relação a qual superfície era escolhida para ter engobo aplicado, como pode ser visto na tabela 17, com poucas predominâncias de escolha intra-sítio e variações ainda maiores inter-sítios, sendo que no sítio Pinheiros 2 a maioria das aplicações se dava em ambas as superfícies (43%), na Casa do Bandeirante na superfície interna (quase 59%), e na Casa Bandeirista do Itaim Bibi sendo na superfície externa (50%).

Tabela 17: Localização dos engobos

	Pinheiros 2	Casa do Bandeirante	Casa Bandeirista do Itaim Bibi
Superfície externa	28,83%	31,37%	50,0%
Superfície interna	28,83%	58,82%	35,58%
Ambas	42,34%	9,80%	14,42%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 18: Coloração dos engobos

	Pinheiros 2	Casa do Bandeirante	Casa Bandeirista do Itaim Bibi
Vermelho	98,43%	86,27%	97,85%
Branco	0,79%	7,84%	2,15%
Ambas	0,79%	5,88%	0%

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.11. Modo e decoração

No caso do sítio Pinheiros 2, mostra-se nítido que a decoração simples - quando apenas um tipo de decoração foi aplicado na peça (LA SALVIA; BROCHADO, 1989) - foi o modo de decoração mais aplicado na produção do sítio Pinheiros 2, já que teve mais de 90% de ocorrência na materialidade analisada. Contudo, com quase 10%, a decoração superposta (quando dois tipos diferentes de decoração são aplicados um sobre o outro) mostrou ter um representatividade significativa (tabela 19). Esta forma de decoração se mostrou bastante comum na combinação do uso de apliques e incisos, quando ambos eram colocados um sobre o outro ou ao menos em contato. Uma pequena minoria possuía decoração mista, e está associada a poucos fragmentos que faziam uso de

engobo e decoração plástica. Este cenário é ainda mais nítido no sítio Casa do Bandeirante, em que decoração simples chega a 96% das cerâmicas observadas.

Entretanto, há variações no sítio Casa Bandeirista do Itaim Bibi. Apesar da predominância da decoração simples (quase 78% da amostragem observada), a decoração superposta chega a representar quase 18%, mais do que as porcentagens dos outros dois sítios juntas. Também é perceptível que a decoração mista se torna mais representativa neste sítio, com mais de 4%. Isso é ocasionado pelo alto número de peças engobadas, que eram muitas vezes combinadas com decorações plásticas.

Tabela 19: Modo e decoração

	Pinheiros 2	Casa do Bandeirante	Casa Bandeirista do Itaim Bibi
Decoração simples	90,05%	96,12%	77,74%
Decoração superposta	9,77%	3,88%	17,87%
Decoração dupla + decoração mista	0%	0%	0,31%
Decoração mista	0,18%	0%	4,08%

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.12. Variabilidade das decorações plásticas e cromáticas

Todos os sítios analisados possuem uma grande variabilidade de decorações. Ao todo, foram identificados 74 padrões diferentes. Deste total, 40 deles foram observados no sítio Pinheiros 2, 27 na Casa do Bandeirante e 45 na Casa Bandeirista do Itaim Bibi. É importante destacar que 13 destes motivos aparecem em todos os três sítios⁶, e existem muitos que são comuns a dois sítios, mas não ao terceiro. Também foram identificados motivos decorativos que são exclusivos de cada um dos sítios. Em Pinheiros 2 existem 16 motivos que só ocorrem nesse campo; na Casa do Bandeirante apenas seis motivos foram encontrados; porém, na Casa Bandeirista do Itaim Bibi 27 motivos exclusivos foram identificados.

De modo a facilitar a visualização de todos os motivos decorativos levantados, desenvolvemos um catálogo que detalha todas as decorações com imagens, croquis, porcentagens às quais cada decoração aparece nos sítios (o catálogo será considerado a tabela 20). Este grande número de variações e combinações aponta para uma tendência a experimentações e tentativas na produção cerâmica, já que maior parte destes estilos foi identificado em porcentagens pequenas.

⁶ Na prática, são apenas onze motivos em comum, já que devemos excluir as categorias A.N.I e I.N.I destes pontos em comum nos três sítios.

Mostra-se importante ressaltar que nem sempre os motivos puderam ser identificados, por isso criamos duas categorias: o 1.26 (I.N.I - inciso não identificado) e o 99 (A.N.I - aplique não identificado). No caso do I.N.I., os problemas de identificação ocorriam por causa da alta fragmentação do material. Muitos destes pequenos fragmentos apresentavam incisões claras, porém a superfície analisável era muito pequena, o que permitia que tal incisão fosse parte de vários motivos diferentes. Em virtude de tal ambiguidade, optamos por dizer que não era possível identificar com exatidão a incisão em questão. Já o A.N.I se mostrou necessário pois a ocorrência de descolamento de apliques de seus vasilhames era comum. Em alguns casos, era possível observar um fragmento de corpo com um negativo de onde havia um aplique. Como não podemos ter certeza de qual aplique era, optamos por afirmar que havia um aplique em tal parede, mas que o mesmo não pode ser identificado com precisão.













O motivo mais comum em todos os sítios foi o 1.1, o losangular simples ou duplo, que ocorreu em 47,70% das decorações da Casa do Bandeirante, em 25,49% das decorações em Pinheiros 2 e em 27,59% das peças decoradas na Casa Bandeirista do Itaim Bibi. Contudo, o uso de incisões losangulares também serviu de base para muitos outros motivos identificados nos sítios, que combinavam o uso de losangos com outras incisões (curvilíneas ou lineares), ou mesmo com o uso de apliques e entalhes. No total, o uso do losango aparecia em 37,6% das decorações em Pinheiros 2; em 56,91% na Casa do Bandeirante; e em 32,91% na Casa Bandeirista do Itaim Bibi.











Outros motivos com ocorrências altas em Pinheiros 2 foram o 2.1 (10,14%), o 1.3 (8,83%) e o 5.1 (7,47%). Já na Casa do Bandeirante se destacam os motivos 5.1 (8,06%) e o 2.1 (4,61%). Na Casa Bandeirista do Itaim Bibi os motivos 1.36 (9,40%), 5.1 (6,90%) e o 2.1 (6,27%) são os que têm maior destaque após o 1.1.









O uso de motivos escovados compôs cerca de 11% do total analisado em Pinheiros 2; pouco mais de 10% na Casa Bandeirista do Itaim Bibi e apenas 4,61% na Casa do Bandeirante. Já motivos associados exclusivamente a apliques foram identificados em 16,48% das peças decoradas em Pinheiros 2; 14,74% na Casa do Bandeirante; e em apenas 5,96% na Casa Bandeirista do Itaim Bibi.













Com base nos motivos identificados, procuramos analisar os estilos decorativos e promover comparações com práticas de decoração de comunidades indígenas e/ou africanas, assim podendo oferecer alguns indicadores acerca de persistências e continuidades nas práticas cerâmicas dos artesãos. Esta análise poderá ser vista na seção 4.3.



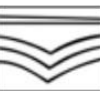

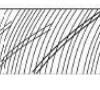

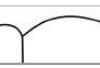





Tabela 20: Catálogo Decorativo











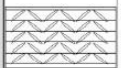

Descrição da Decoração	Croqui	Imagem da Decoração	Porcentagem em cada sítio:
Incisões			
1.1: Losangular simples ou duplo			- Pinheiros 2: 25,49% - Casa do Bandeirante: 47,70% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 27,59%
1.2: Curvilíneo Simples			- Pinheiros 2: 5,91% - Casa do Bandeirante: 2,53% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
1.3: Curvilíneo Duplo			- Pinheiros 2: 8,83% - Casa do Bandeirante: 3,23% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 3,76%
1.4: Losangular + Inciso Duplo Vertical			- Pinheiros 2: 3,34% - Casa do Bandeirante: 4,15% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,63%
1.5: Curvilíneo + Losangular			- Pinheiros 2: 0,47% - Casa do Bandeirante: 1,15% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
1.6: Curvilíneo + Aplique (Asa)			- Pinheiros 2: 0,65% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,31%



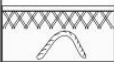

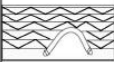

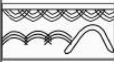

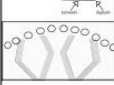



Descrição da Decoração	Croqui	Imagem da Decoração	Porcentagem em cada sítio:
1.7: Losangular + Aplique (filete) + Digitado			- Pinheiros 2: 0,12% - Casa do Bandeirante: 1,15% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
1.8: Losangular + Aplique (asa) + Digitado			- Pinheiros 2: 0,12% - Casa do Bandeirante: 0,23% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,31%
1.9: Linear + Linhas Curvas			- Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0,23% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 1,57%
1.10: Losangular + Aplique (filete) + Entalhe			- Pinheiros 2: 4,86% - Casa do Bandeirante: 0,46% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
1.11: Curvilíneo + Aplique (filete) + Entalhe			- Pinheiros 2: 0,18% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
1.12: Duas Duplas Curvilíneas			- Pinheiros 2: 1,30% - Casa do Bandeirante: 2,76% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%



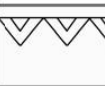





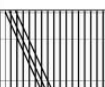



Descrição da Decoração	Croqui	Imagem da Decoração	Porcentagem em cada sítio:
1.13: Curvilíneo + Inciso entrecruzado			- Pinheiros 2: 0,30% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
1.14: Curvilíneo + Linhas curvas + entalhe + Escovado			- Pinheiros 2: 0,41% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
1.15: Losangular + Inciso duplo vertical + Aplique + entalhe			- Pinheiros 2: 0,41% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
1.16: Losangular + Aplique (asa)			- Pinheiros 2: 1,07% - Casa do Bandeirante: 1,15% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,94%
1.17: Entrecruzado			- Pinheiros 2: 0,06% - Casa do Bandeirante: 0,23% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
1.18: Curvilíneo + Losangular + Inciso Duplo Vertical			- Pinheiros 2: 1,24% - Casa do Bandeirante: 0,46% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%

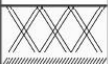

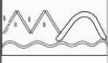









Descrição da Decoração	Croqui	Imagem da Decoração	Porcentagem em cada sítio:
1.19: Losangular + Inciso duplo vertical + filete aplicado			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0,24% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
1.20: Curvilíneo Duplo + Aplique (asa)			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0,36% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
1.21: Curvilíneo duplo + Aplique Linear			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0,36% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
1.22: Arco Duplo + Linhas verticais			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 1.01% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
1.23: Losangular Duplo + Aplique circular com inciso (cosmograma)			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0,24% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
1.24: Arco Duplo + Curvilíneo Duplo + Linhas duplas em vertical			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 1.01% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%





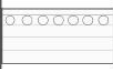





Descrição da Decoração	Croqui	Imagem da Decoração	Porcentagem em cada sítio:
1.25: Inciso Não Identificado (I.N.I)			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 12,80% - Casa do Bandeirante: 11,06% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 8,46%
1.26: Dois Frisos Lineares + Incisos em “V”			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0,06% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
1.27: Incisos longos, rasos, difusos que se sobrepõem			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0,23% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
1.28: Arcos Simples			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0,46% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
1.29: Incisos duplos curtos diagonais e paralelos			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,31%
1.30: Incisos losangulares com múltiplas linhas			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,31%





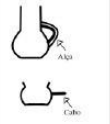

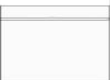





Descrição da Decoração	Croqui	Imagem da Decoração	Porcentagem em cada sítio:
1.31: Rolete exposto + Incisos diagonais curtos - linhas simples			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,94%
1.32: Rolete exposto + Losangos			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 1,88%
1.33: Frisos simples, retos e paralelos			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,31%
1.34: Incisos curtos e diagonais, paralelos no ombro do vasilhame			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,63%
1.35: Incisos longos e paralelos em diagonal			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,63%
1.36: Espinha de Peixe + Rolete Exposto			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 9,40%





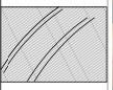







Descrição da Decoração	Croqui	Imagem da Decoração	Porcentagem em cada sítio:
1.37: Friso simples junto ao lábio			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,63%
1.38: Losangular + Aplique com entalhes em trança			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 1,25%
1.39: Espinha de Peixe + Aplique com entalhes			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,94%
1.40: Curvas e arcos triplos em oposição + aplique em asa			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 1,25%
1.41: Penteado angular + digitado no ângulo da base			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 1,25%
1.42: Rolete Exposto + Linhas longas verticais duplas			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,63%

Descrição da Decoração	Croqui	Imagem da Decoração	Porcentagem em cada sítio:
1.43: Penteado simples			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,63%
1.44: Incisos em “V”			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,94%
1.45: Incisos profundos, curtos, difusos e separados + Aplique digitado			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,63%
1.46: Curvilíneo multidirecional			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,31%
1.47: Rolete Exposto + Linhas longas verticais sob linhas diagonais			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,31%
1.48: Rolete Exposto + Penteado em Espinha de Peixe			<ul style="list-style-type: none"> - Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,94%

Descrição da Decoração	Croqui	Imagem da Decoração	Porcentagem em cada sítio:
1.49: Losangular + Incisos curtos, diagonais e paralelos			- Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,31%
1.50: Curvilíneo + Losangular + Inciso Duplo Vertical + Aplique em Asa			- Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0,46% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
Escovado			
2.1: Linear			- Pinheiros 2: 10,14% - Casa do Bandeirante: 4,61% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 6,27%
2.2: Vertical			- Pinheiros 2: 0,06% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 2,19%
2.3: Difuso			- Pinheiros 2: 0,83% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 2,19%
2.4: Linear + Entalhe do Lábio			- Pinheiros 2: 0,06% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
Digitado			

Descrição da Decoração	Croqui	Imagem da Decoração	Porcentagem em cada sítio:
3.1: no lábio			- Pinheiros 2: 0,95% - Casa do Bandeirante: 0,69% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 6,90%
3.2: no ângulo da base			- Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 3,45%
3.3: Rolete exposto + digitado			- Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 2,19%
Entalhado			
4.1: no lábio			- Pinheiros 2: 0,47% - Casa do Bandeirante: 0,92% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,94%
4.2: Entalhes difusos no corpo			- Pinheiros 2: 0,12% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
Aplicado			

Descrição da Decoração	Croqui	Imagem da Decoração	Porcentagem em cada sítio:
5.1: Asa (linear)			- Pinheiros 2: 7,47% - Casa do Bandeirante: 8,06% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 1,57%
5.2: Asa (curva)			- Pinheiros 2: 0,47% - Casa do Bandeirante: 1,38% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 1,25%
5.3: Alças e Cabos			- Pinheiros 2: 0,47% - Casa do Bandeirante: 1,61% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 1,57%
5.4: Filete Aplicado			- Pinheiros 2: 0,24% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
5.5: Filete Aplicado + Entalhe			- Pinheiros 2: 5,99% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,63%
5.6: Filete (ou asa) Aplicado + digitado			- Pinheiros 2: 0,12% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%

Descrição da Decoração	Croqui	Imagem da Decoração	Porcentagem em cada sítio:
5.7: Asa trançada			- Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,31%
99: Aplique Não Identificado (A.N.I)			- Pinheiros 2: 1,72% - Casa do Bandeirante: 3,69% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,63%
Carimbado			
6.1: Gerando linhas paralelas em diagonal + Incisões em diagonal sobrepostas ao carimbo			- Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0,69% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
Decoração Cromática			
7.1: Variação simples de Vermelho + Branco			- Pinheiros 2: 0,06% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
7.2: Frisos trançados em Vermelho			- Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0,23% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%
7.3: Pontos em Vermelho			- Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0,46% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0%

Descrição da Decoração	Croqui	Imagem da Decoração	Porcentagem em cada sítio:
7.4: Formatos em Asterisco + Formatos Circulares			- Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,31%
Roletada			
8.1: Rolete Exposto Simples			- Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 1,25%
Corrugado			
9.1: Corrugado Simples			- Pinheiros 2: 0% - Casa do Bandeirante: 0% - Casa Bandeirista do Itaim Bibi: 0,31%

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.13. Momento de inserção da decoração

Como se pode atestar na obra de Owen Rye (1981), se mostra importante entender em que momento a decoração foi inserida no vasilhame. No sítio Pinheiros 2 e na Casa do Bandeirante foi perceptível que a maior parte das decorações incisadas era bastante rasa, e sem a criação de pequenas ondulações típicas de incisões que são feitas enquanto a argila ainda está úmida (figura 06). Isso nos levou à conclusão de que 72,51% e 71,06% (respectivamente) das decorações eram feitas com argila seca, porém antes da queima. Contudo, o mesmo não foi observado na Casa Bandeirista do Itaim Bibi, onde 63,32% das peças decoradas foram feitas com a argila ainda úmida e apenas 36,05% com a argila seca, praticamente metade do que foi observado nos outros dois sítios.

Decorações com a presença de apliques eram feitas com argila úmida, já que modelagem e seu ajuste à superfície do vasilhame só podem ser feitos quando a argila está maleável. Contudo, em

quase 10% das decorações analisadas em Pinheiros 2 era possível ver decorações feitas em dois momentos diferentes (tabela 21). No caso de peças com a decoração 1.10, por exemplo, a borda possui um aplique entalhado. Este aplique só pode ser entalhado com a argila úmida. Porém, este motivo decorativo também possui incisões losangulares, e estas incisões eram feitas após a secagem. Desta forma, vasilhames assim possuíam dois momentos de inserção de decoração. Estes dois momentos também foram vistos em 3,53% das peças decoradas na Casa do Bandeirante e em 0,63% na Casa Bandeirista do Itaim Bibi.

Tabela 21: Momento de inserção da decoração

	Pinheiros 2	Casa do Bandeirante	Casa Bandeirista do Itaim Bibi
Antes da secagem	17,77%	25,41%	63,32%
Depois da secagem	72,51%	71,06%	36,05%
Duas decorações (uma feita antes da secagem, e outra depois da secagem)	9,60%	3,53%	0,63%
Sem leitura	0,12%	0%	0%

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.14. Falhas de produção e processos tafonômicos

Durante a análise do sítio Pinheiros 2, falhas produtivas puderam ser encontradas em diversos momentos. Muitas destas falhas estão associadas a processos de produção acelerada, em que o cuidado com a qualidade do produto final acaba sendo ignorado (SINOPOLI, 1991; HISTORIC ENGLAND, 2015; COSTIN, 2020). Uso de antiplásticos grosseiros, falhas no alisamento, junções de molde malfeitas e apliques mal colocados são apenas alguns dos erros que podem ser vistos nas cerâmicas deste sítio. Na prancha 25, exibimos alguns dos exemplos que foram mencionados.

Curiosamente, algumas destas mesmas falhas produtivas também foram identificadas nos outros dois sítios, mas em volumes muito menores. Porém, trataremos em mais detalhes desta questão na seção 4.2.1.

Outro aspecto interessante são elementos tafonômicos que foram identificados ao longo da análise. No caso do sítio Pinheiros 2, o nosso recorte locacional nos levou à materialidade mais diretamente associada à produção da olaria, em que pouquíssimos fragmentos apresentaram qualquer evidência de uso, já que estes tinham como propósito serem comercializados. Todavia, muitos dos fragmentos analisados sofreram com queima pós deposicional. Isso quer dizer que durante a produção diversos vasilhames acabavam quebrando acidentalmente. No entanto, estes fragmentos costumavam

ser largados e não eram retirados da área produtiva. Desta forma, muitos elementos apresentam fuligem que incide diretamente sobre a quebra, mostrando que o vasilhame já estava quebrado quando foi queimado. Na prancha 26, exibimos alguns dos casos que identificamos durante a análise. Nesta prancha também mostramos algumas peças afetadas por bioturbação.

Entretanto, o mesmo não foi observado nas cerâmicas dos outros dois sítios, e queimas pós deposicionais quase não foram identificadas. Contudo, marcas de uso estavam muito mais visíveis, com fuligem associada à cocção aparecendo em 41,74% das cerâmicas na Casa do Bandeirante e em 36,31% das peças na Casa Bandeirista do Itaim Bibi (tabela 22). Marcas de desgaste por uso são de difícil reconhecimento, mas arranhões no fundo dos vasilhames e desgastes externos puderam ser vistos em algumas peças, chegando a quase 2% das peças na Casa Bandeirista do Itaim Bibi. A presença de fragmentos com evidências de uso nestes dois sítios corroboram com a premissa de que estes contextos eram domésticos, diferentemente do sítio Pinheiros 2. Estas evidências de uso podem ser vistas na prancha 27.

Tabela 22: Processos tafonômicos

	Pinheiros 2	Casa do Bandeirante	Casa Bandeirista do Itaim Bibi
Ausente	99,45%	57,82%	61,76%
Marcas de fuligem	0,35%	41,74%	36,31%
Desgaste pelo uso	0,20%	0,35%	1,93%
Marcas de fuligem + Desgaste pelo uso	0%	0,09%	0%

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1.15. Morfologia dos vasilhames

Durante a análise identificamos um total de 1960 bordas, formas inteiras e íntegras no sítio Pinheiros 2; 282 na Casa do Bandeirante; e 163 na Casa Bandeirista do Itaim Bibi. Porém, dada a alta fragmentação dos sítios, muitas delas possuíam dimensões muito pequenas para se poder obter dados como diâmetro ou inclinação. Desta forma, apenas 483 bordas puderam ser medidas e desenhadas no sítio Pinheiros 2; 97 na Casa do Bandeirante; e 58 na Casa Bandeirista do Itaim Bibi. Com base nos dados e nos desenhos obtidos, pudemos estabelecer um total de 27 morfologias diferentes.

As projeções nos permitiram caracterizar as funcionalidades deduzidas: que estão relacionadas à ausência de “comprovação histórica” e sua utilização está baseada em uma possibilidade lógica de suas formas, quando não há registros históricos de seu uso e não podemos

fixar “exatamente” a que fim se destinava certa vasilha (LA SALVIA; BROCHADO, 1989). Poucas formas nos permitiram chegar à função específica do vasilhame, mas nos casos das morfologias nove e 18, pudemos deduzir que suas funções eram de jarro e xícara, respectivamente. No caso de outras morfologias como a um, sete e 12 podemos associar a formatos similares a de pratos, no entanto, preferimos não realizar esta inferência direta.

Dentre as morfologias identificadas em Pinheiros 2, 12 delas foram feitas com a técnica modelada, cinco com a metade superior modelada e a inferior moldada, e apenas três morfologias foram feitas no uso exclusivo do molde. Os fragmentos com peças torneadas foram muito escassos para conseguirmos atribuí-los à uma morfologia específica. Já na Casa do Bandeirante, oito morfologias foram feitas com a técnica modelada, quatro com a metade superior modelada e a inferior moldada, uma com a técnica torneada e uma de forma acordelada. Nenhuma morfologia exclusivamente moldada foi possível de ser obtida. Na Casa Bandeirista do Itaim Bibi, apenas quatro morfologias modeladas foram identificadas, duas com a metade superior modelada e a inferior moldada, uma com a técnica torneada, sete morfologias obtidas com a técnica acordelada e apenas uma morfologia exclusivamente moldada.

Com relação às funcionalidades encontradas nos sítios, se tornou difícil apontar com precisão cada uma delas. Na maioria dos casos, foram sugeridas duas possíveis funções para o tipo de vasilhame, principalmente tomando por base o tamanho e formato. Seis morfologias foram associadas ao Consumo Individual e/ou Serviço; duas ao Serviço e/ou Consumo Individual e/ou Cocção; uma única exclusivamente à atividade de Cocção; uma única também foi associada ao Armazenamento e/ou Serviço e/ou Consumo Individual; apenas uma foi associada ao Processamento de Alimentos e/ou Consumo Individual; cinco morfologias foram associadas diretamente ao Consumo Individual; cinco também à Armazenamento e/ou Serviço; duas à Cocção e/ou Serviço; e quatro exclusivamente ao Armazenamento. Desta forma, se torna difícil apontar para uma funcionalidade específica que seria mais comum da região próxima ao rio Pinheiros e à olaria do sítio Pinheiros 2. Contudo, é possível definir que maior parte das peças identificadas nos sítios em questão eram voltadas para o universo da alimentação, apesar de termos encontrado alguns - poucos - fragmentos de cachimbos e pesos de rede.

As bordas são majoritariamente arredondadas em todos os sítios, mas bordas aplainadas não eram incomuns, sempre representando entre 2 e 4% das peças analisadas (tabela 23). Com relação as bases, a maioria absoluta é representada por características planas, com as eventuais exceções de bases em pedestal, que variaram entre 1 e 2% nos sítios (prancha 28 e tabela 24).

Acerca das bases analisadas, no sítio Pinheiros o diâmetro máximo identificado foi de 24cm, e o menor possuía 4cm. A média das bases ficou em cerca de 13cm. Na Casa do Bandeirante a medida máxima foi de 28cm, enquanto a mínima foi de 6cm, criando uma média em cerca de 10cm para as

bases do sítio. Na Casa Bandeirista do Itaim Bibi, o diâmetro máximo foi de 30cm, enquanto o mínimo foi de 4cm. A média obtida para o sítio foi de 14cm. Estes dados foram considerados na projeção dos vasilhames.

Na tabela 25, exibiremos as projeções de cada umas das morfologias observadas durante a análise. Estas foram realizadas com auxílio do aplicativo Adobe Illustrator (ORTEGA, 2016). Nestas pranchas também se encontram as porcentagens às quais cada morfologia aparece em cada um dos sítios trabalhados, assim como inferências de funcionalidade e imagens de peças que acreditamos poder relacionar com as morfologias identificadas. Também inserimos informações acerca dos diâmetros de cada uma das morfologias, com seus valores máximos e mínimos, além de oferecermos um valor médio, ao qual se pode associar maior parte dos vasilhames de cada tipo. É importante ressaltar que as cores inseridas nas projeções são meramente ilustrativas, podendo ou não refletir a realidade. Nas pranchas em questão iremos nos referir aos sítios através de suas abreviações, desta forma: Pi 2 (Pinheiros 2); CB (Casa do Bandeirante); e CBIB (Casa Bandeirista do Itaim Bibi).

Tabela 23: Forma dos lábios

	Pinheiros 2	Casa do Bandeirante	Casa Bandeirista do Itaim Bibi
Plano	2,71%	4,26%	2,47%
Arredondado	96,63%	94,68%	97,53%
Apontado	0,66%	1,06%	0%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 24: Forma das bases

	Pinheiros 2	Casa do Bandeirante	Casa Bandeirista do Itaim Bibi
Côncava	0,73%	0,70%	0%
Plana	98,06%	98,25%	97,89%
Plana em pedestal	1,21%	1,05%	2,11%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 25: Projeções dos Vasilhames







	Imagem	Projeção média	Porcentagem por sítio	Descrição e Funcionalidade	Diâmetros
1			<p>Pi 2: 7,95%</p> <p>CB: 9,38%</p> <p>CBIB: 24,56%</p>	<p>Recipiente aberto, raso e com borda direta. Vasilhame modelado. Funcionalidade pode ser atribuída a consumo individual (para peças com diâmetros menores) ou serviço (para recipientes com diâmetros maiores).</p>	<p>Pi 2: 12-32 cm</p> <p>Média: 18 cm</p> <p>CB: 10-22 cm</p> <p>Média: 14 cm</p> <p>CBIB: 12-22 cm</p> <p>Média: 16 cm</p>
2			<p>Pi 2: 5,65%</p> <p>CB: 18,75%</p> <p>CBIB: 3,51%</p>	<p>Recipiente levemente restrito, com lábio pouco extrovertido. Vasilhame modelado. Na Casa Bandeirista do Itaim Bibi, estes vasilhames eram acordelados. Funcionalidade pode ser atribuída a serviço e/ou cocção. Algumas poucas peças menores, como as de 12 cm de diâmetro, podem ser atribuídas a consumo individual.</p>	<p>Pi 2: 12-36 cm</p> <p>Média: 20 cm</p> <p>CB: 12-30 cm</p> <p>Média: 17 cm</p> <p>CBIB: 16-22 cm</p> <p>Média: 19 cm</p>
3			<p>Pi 2: 37,24%</p> <p>CB: 23,96%</p> <p>CBIB: 7,02%</p>	<p>Recipiente levemente restrito, com lábio pouco infletido. Vasilhame modelado. Na Casa Bandeirista do Itaim Bibi, estes vasilhames eram acordelados. Funcionalidade pode ser atribuída a serviço e/ou cocção. Algumas poucas peças menores, como as de 12 cm de diâmetro, podem ser atribuídas a consumo individual.</p>	<p>Pi 2: 12-30 cm</p> <p>Média: 19 cm</p> <p>CB: 12-30 cm</p> <p>Média: 17 cm</p> <p>CBIB: 14-20 cm</p> <p>Média: 16 cm</p>

	Imagem	Projeção média	Porcentagem por sítio	Descrição e Funcionalidade	Diâmetros
4			Pi 2: 0,21%	Recipiente pouco restrito, com lábio infletido. Possui um applique na parte interna, que pode ser atribuído a uma superfície de apoio para a tampa. Vasilhame modelado. Funcionalidade mais provável é a de cocção.	Pi 2: 46 cm
5			Pi 2: 15,27% CB: 2,08%	Recipiente restrito, fundo, com borda direta e lábio reforçado na parte externa com apliques e entalhes. Na metade superior é frequente haver padrões incisos. A metade superior é modelada, enquanto a inferior é moldada. A funcionalidade pode ser atribuída a armazenamento e/ou serviço. Algumas poucas peças menores, como as de 10 cm de diâmetro, podem ser atribuídas a consumo individual	Pi 2: 10-42 cm Média: 19 cm CB: 16 cm
6			Pi 2: 1,26% CBIB: 3,51%	Recipiente aberto, raso, com borda infletida e lábio plano. Recipiente totalmente moldado. Funcionalidade pode ser atribuída a processamento de alimentos e/ou consumo individual, principalmente os vasilhames com diâmetros menores..	Pi 2: 10-36 cm Média: 21 cm CBIB: 16 cm
7			Pi 2: 1,46%	Recipiente aberto, raso e com borda extrovertida. Vasilhame modelado. O lábio extrovertido pode ser plano ou apontado. Funcionalidade pode ser atribuída a consumo individual.	Pi 2: 14-24 cm Média: 18 cm


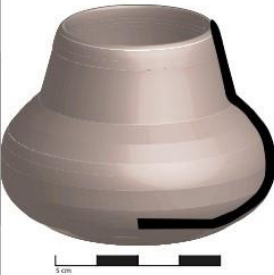





	Imagem	Projeção média	Porcentagem por sítio	Descrição e Funcionalidade	Diâmetros
8			<p>Pi 2: 8,79%</p> <p>CB: 22,92%</p> <p>CBIB: 17,54%</p>	<p>Recipiente restrito, fundo, com borda direta e lábio arredondado. A metade superior é modelada, enquanto a inferior é moldada. Funcionalidade pode ser atribuída a armazenamento e/ou serviço.</p>	<p>Pi 2: 12-26 cm</p> <p>Média: 18 cm</p> <p>CB: 14-30 cm</p> <p>Média: 18 cm</p> <p>CBIB: 12-22 cm</p> <p>Média: 15 cm</p>
9			<p>Pi 2: 2,30%</p>	<p>Recipiente fundo, com bordas diretas e verticais (ou levemente extrovertidas). Metade superior sendo modelada e a inferior moldada. Frequentemente acompanha um aplique em alça. Funcionalidade pode ser atribuída a consumo individual e/ou serviço. Sua função é de jarro.</p>	<p>Pi 2: 6-14 cm</p> <p>Média: 10 cm</p>
10			<p>Pi 2: 6,28%</p> <p>CB: 6,25%</p> <p>CBIB: 7,02%</p>	<p>Recipiente fundo, levemente restrito e com lábio extrovertido. A metade superior é modelada, enquanto a inferior é moldada. Sua funcionalidade pode ser atribuída a armazenamento e/ou serviço.</p>	<p>Pi 2: 10-36 cm</p> <p>Média: 19 cm</p> <p>CB: 14-24 cm</p> <p>Média: 18 cm</p> <p>CBIB: 16-30 cm</p> <p>Média: 22 cm</p>
11			<p>Pi 2: 1,46%</p>	<p>Recipiente de profundidade média, levemente restrito e com borda infletida. Vasilhame modelado. Sua funcionalidade pode ser atribuída a consumo individual e/ou serviço.</p>	<p>Pi 2: 12-30 cm</p> <p>Média: 20 cm</p>

	Imagem	Projeção média	Porcentagem por sítio	Descrição e Funcionalidade	Diâmetros
12		 5 cm	Pi 2: 2,51% CB: 5,21% CBIB: 5,26%	Recipiente aberto, raso, com borda extrovertida e lábio arredondado (ao contrário do tipo 7). Vasilhame modelado. Funcionalidade pode ser atribuída ao consumo individual.	Pi 2: 14-26 cm Média: 18 cm CB: 10-20 cm Média: 15 cm CBIB: 14-16 cm Média: 15 cm
13		 5 cm	Pi 2: 3,77% CB: 1,04%	Recipiente restrito, fundo e com lábio plano. Vasilhame modelado. Funcionalidade pode ser atribuída a cocção e/ou serviço.	Pi 2: 12-36 cm Média: 18 cm CB: 20 cm
14		 5 cm	Pi 2: 1,67% CB: 2,08%	Recipiente fundo, com borda vertical, direta, além de lábio levemente extrovertido. A metade superior é modelada, enquanto a inferior é moldada. Funcionalidade pode ser atribuída a armazenamento e/ou serviço.	Pi 2: 14-34 cm Média: 21 cm CB: 16-18 cm Média: 17 cm
15		 5 cm	Pi 2: 1,05%	Recipiente fundo, aberto e com borda direta. O recipiente é totalmente moldado. O lábio é plano. Funcionalidade pode ser atribuída a armazenamento.	Pi 2: 26-60 cm Média: 38 cm









	Imagem	Projeção média	Porcentagem por sítio	Descrição e Funcionalidade	Diâmetros
16			Pi 2: 1,05% CB: 1,04%	Recipiente fundo, um pouco restrito, com lábio apontado levemente extrovertido. Funcionalidade pode ser atribuída a cocção e/ou serviço.	Pi 2: 16-44 cm Média: 24 cm CB: 12 cm
17			Pi 2: 1,26%	Recipiente fundo, infletido e muito restrito. Vasilhame modelado. Funcionalidade pode ser atribuída a armazenamento.	Pi 2: 12-24 cm Média: 18 cm
18			Pi 2: 0,21%	Recipiente pequeno, levemente restrito, com borda infletida e lábio arredondado. Ambas as metades do vasilhame são moldadas. Peça sempre associada um pequeno aplique em alça. Sua funcionalidade é para consumo pessoal. Sua função é de xícara.	Pi 2: 10 cm
19			CBIB: 3,51%	Recipiente fundo, aberto, com borda extrovertida e lábio arredondado. A parte superior do vasilhame é composta de roletes expostos e a peça toda é acordelada. Sua funcionalidade pode ser atribuída a armazenamento.	CBIB: 16-20 cm Média: 18 cm

















	Imagem	Projeção média	Porcentagem por sítio	Descrição e Funcionalidade	Diâmetros
20			CBIB: 3,51%	Recipiente fundo, aberto, espesso, com borda direta e lábio arredondado. Próximo ao lábio, existem alguns roletes expostos. A peça toda é acordelada. Sua funcionalidade pode ser atribuída a armazenamento.	CBIB: 34-38 cm Média: 36 cm
21			CBIB: 1,75%	Recipiente fundo, levemente restrito, com borda infletida e lábio arredondado. A superfície externa do vasilhame é predominantemente composta de roletes expostos. A peça é acordelada. Sua funcionalidade pode ser atribuída a consumo individual ou serviço.	CBIB: 22 cm
22			CBIB: 1,75%	Recipiente fundo, fechado, com borda direta e lábio arredondado. A parte superior do vasilhame é composta de roletes expostos e a peça toda é acordelada. Sua funcionalidade pode ser atribuída a armazenamento e/ou serviço.	CBIB: 22 cm
23			CB: 2,08% CBIB: 5,26%	Recipiente fundo, aberto, com borda extrovertida e lábio arredondado. As peças com essa morfologia são torneadas em ambos os sítios. Sua funcionalidade pode ser atribuída a serviço e/ou consumo individual.	CB: 12 cm CBIB: 14-26 cm Média: 20 cm

	Imagem	Projeção média	Porcentagem por sítio	Descrição e Funcionalidade	Diâmetros
24			<p>Pi 2: 0,42%</p> <p>CB: 3,12%</p> <p>CBIB: 7,02%</p>	<p>Recipiente pequeno, raso, levemente fechado, com borda infletida e lábio arredondado. Estes vasilhames são modelados. Sua funcionalidade pode ser atribuída a consumo individual.</p>	<p>Pi 2: 8-10 cm</p> <p>Média: 9 cm</p> <p>CB: 10-12 cm</p> <p>Média: 11 cm</p> <p>CBIB: 8-14 cm</p> <p>Média: 10 cm</p>
25			<p>Pi 2: 0,21%</p> <p>CBIB: 7,02%</p>	<p>Recipiente pequeno, raso, levemente restrito, com borda pouco infletida e lábio arredondado. Vasilhames modelados. Sua funcionalidade pode ser atribuída a consumo individual.</p>	<p>Pi 2: 10 cm</p> <p>CBIB: 8-10 cm</p> <p>Média: 8 cm</p>
26			<p>CBIB: 1,75%</p>	<p>Recipiente pequeno, de profundidade média, com borda direta e vertical, com lábio reforçado tanto na superfície externa quanto interna. Vasilhame é acordelado. Sua funcionalidade pode ser atribuída a serviço ou consumo individual.</p>	<p>CBIB: 12 cm</p>
27			<p>CB: 2,08%</p>	<p>Recipiente fundo, aberto, com borda direta e lábio arredondado. Vasilhame acordelado. Sua funcionalidade pode ser atribuída a armazenamento e/ou serviço.</p>	<p>CB: 20 cm</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Prancha 14: Classes de peças analisadas 1

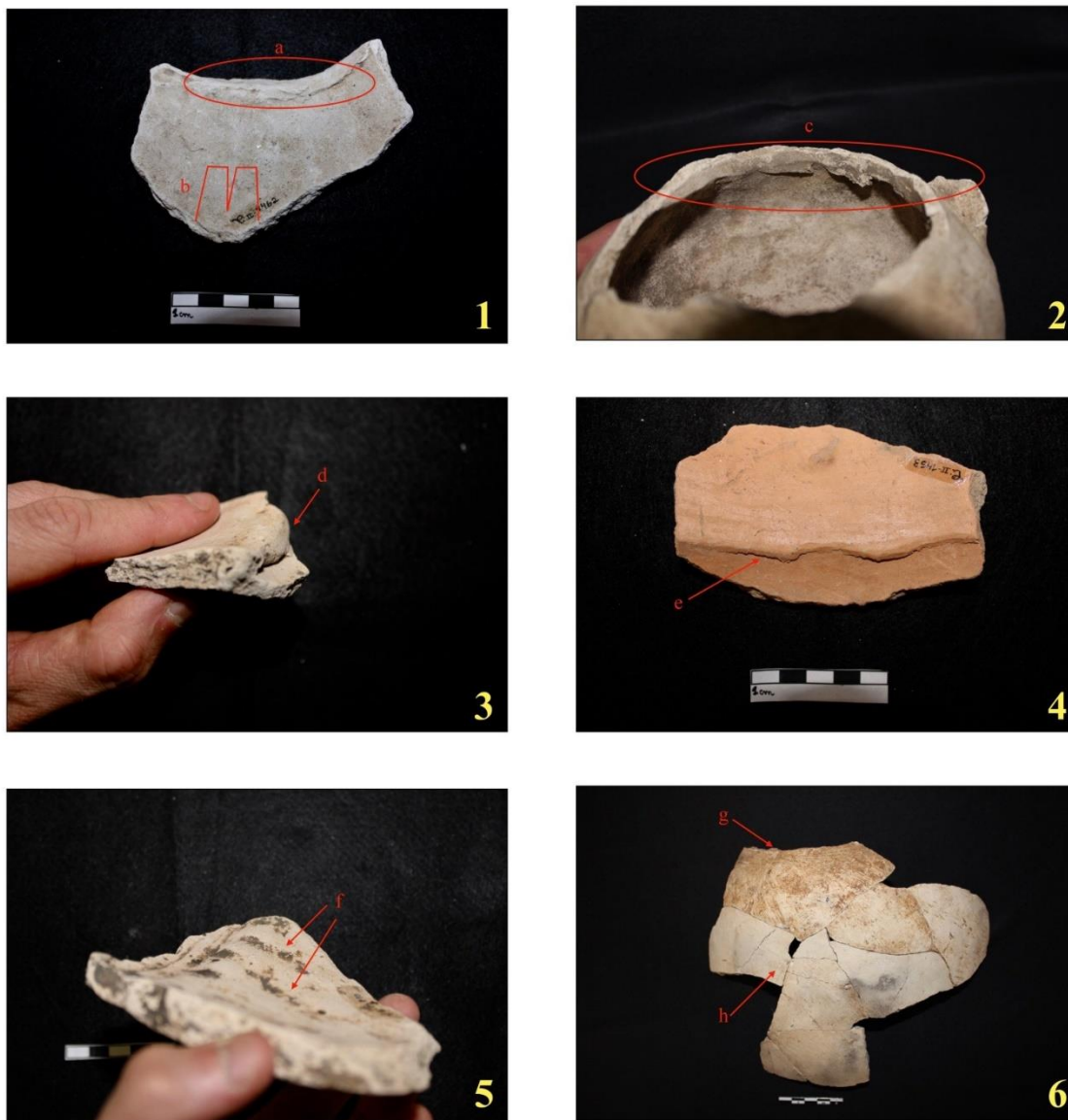


1. Fragmento de borda do sítio Pinheiros 2; 2. Fragmentos reconstituídos de uma base do sítio Casa do Bandeirante; 3. Fragmento de corpo do sítio Casa do Bandeirante; 4. Forma íntegra do sítio Pinheiros 2; 5. Forma íntegra do sítio Pinheiros 2.

Prancha 15: Classes de peças analisadas 2

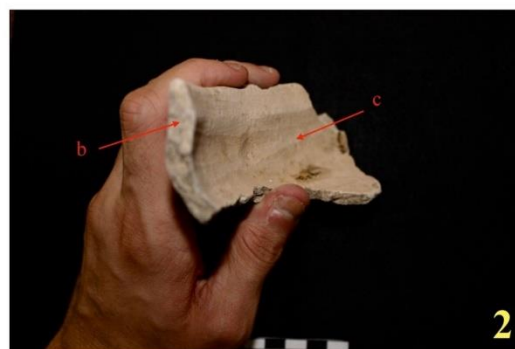
1. Cachimbo do sítio Casa Bandeirista do Itaim Bibi; **2.** Fragmento de tampa do sítio Pinheiros 2; **3.** Fragmento de peso de rede do sítio Casa Bandeirista do Itaim Bibi; **4.** Fragmento de alça do sítio Pinheiros 2; **5.** Fragmento de cabo do sítio Pinheiros 2; **6.** Conjunto de apliques (asas) descolados do sítio Pinheiros 2.

Prancha 16: Técnica modelada na parte superior, e moldada na parte inferior do vasilhame



1. Fragmento de corpo moldado. O círculo “a” indica o ponto final do molde, em que se fazia a junção com a parte finalizada em modelagem. Também se percebe reminiscências do reforço de argila nesta parte da peça. A forma “b” indica um dos pontos em que é perceptível observar marcas de pressão dos dedos do artesão. Essa pressão era realizada para fixar e ajudar a argila úmida em toda a superfície côncava do molde (Peça de Pinheiros 2); 2. Uma parte inferior de vasilhame moldado completo, em que é possível observar toda a quebra linear na secção central do pote. O círculo “c” indica esta parte seccionada e os vestígios de reforço em argila (Peça de Pinheiros 2); 3 e 4. Fragmentos de corpo seccionados na parte central do vasilhame, mas em que a quebra não ocorreu de forma linear, preservando o reforço em argila e ambas as partes do vasilhame ainda unidas. As setas “d” e “e” indicam estes reforços (Peças de Pinheiros 2); 5. Fragmento de corpo moldado, com as setas “f” indicando as marcas de pressão do artesão na parte interna da peça (Peça de Pinheiros 2); 6. Fragmento de corpo moldado, com a seta “g” indicando o seccionamento linear do fim do molde, e a seta “h” indicando o alisamento irregular na superfície externa do vasilhame, quase pendendo para um escovado (Peça da Casa do Bandeirante).

Prancha 17: Demais técnicas manufatura



1. Peça íntegra moldada, com a seta “a” indicando as superfície pouco alisada que estava em contato com o molde (Pinheiros 2); 2. Forma íntegra feita por modelagem. Na peça em questão é possível ver a dobra na borda (seta “b”) e as estrias de alisamento (seta “c”), que são características de uma finalização por modelagem (Pinheiros 2); 3. Fragmento de corpo feito por acordelamento. A seta “d” indica o negativo da quebra do rolete (Casa Bandeirista do Itaim Bibi); 4. Fragmento de base feito por acordelamento. O círculo “e” indica o rodaminho do rolete na quebra da peça (Casa Bandeirista do Itaim Bibi); 5 e 6. Fragmento de corpo torneado. Na seta “f” é possível observar as estrias típicas de uma manufatura realizada pelo uso de torno. Nas setas “g” se observa a depressão causada pelos dedos do artesão ao utilizar o torno; 7. Fragmento de tampa manufaturada com o uso de torno e modelagem. A seta “h” indica as ranhuras regulares associadas ao uso de torno rudimentar. O formato da tampa, contudo, é finalizado com modelagem.

Prancha 18: Tipos de antiplástico



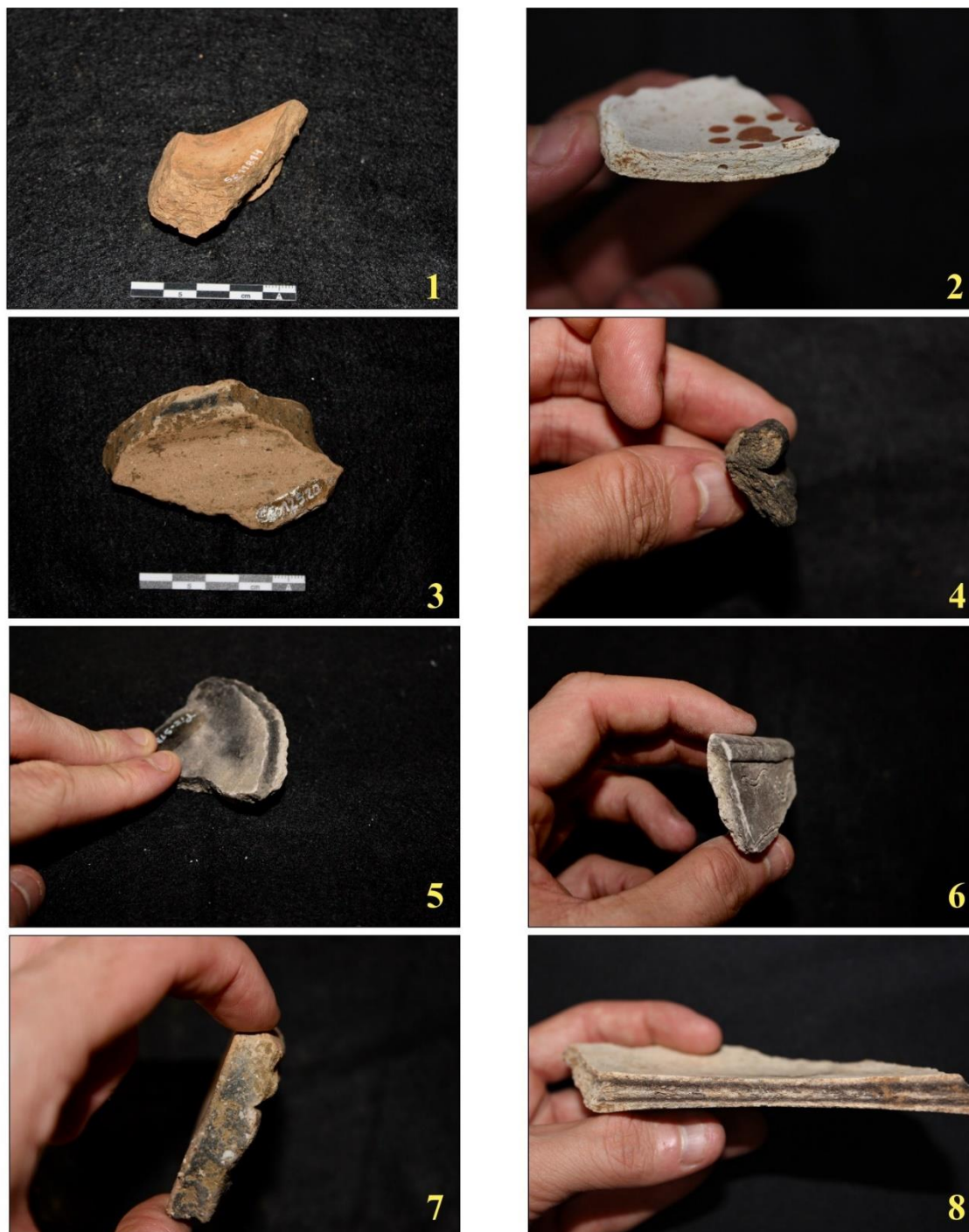
1. Fragmento de corpo em que o círculo "a" indica um grande pedaço de quartzo leitoso sendo usado como antiplástico (Casa do Bandeirante); 2. Fragmento de corpo, em que é possível observar hematita (círculo "b") e feldspato no antiplástico (círculo "c") (Casa Bandeirista do Itaim Bibi); 3. Fragmento de corpo com hematita sendo indicado no círculo "d" (Pinheiros 2); 4. Fragmento de tampa com um pedaço de mica sendo destacado pelo círculo "e" (Pinheiros 2); 5. Fragmento de corpo com caco-móido sendo indicado na quebra (Pinheiros 2).

Prancha 19: Frequência dos antiplásticos



1. Exemplo de fragmento com baixa quantidade de antiplástico identificável. Trata-se do tipo mais comum encontrado nos sítios (Casa do Bandeirante); **2.** Fragmento com quantidade média de antiplástico (Pinheiros 2); **3.** Fragmento com quantidade elevada de antiplástico (Casa Bandeirista do Itaim Bibi).

Prancha 20: Processos de queima



1. Fragmento com coloração de queima do tipo 01, que varia do alaranjado ao amarelado, de maneira uniforme e sem núcleo (Casa Bandeirista do Itaim Bibi); 2. Fragmento com coloração de queima do tipo 02, que varia entre o branco, o bege e o cinza claro, de maneira uniforme e sem núcleo (Casa do Bandeirante); 3. Fragmento com coloração de queima do tipo 03, com presença de um núcleo central escuro e camadas externas e internas claras (Casa Bandeirista do Itaim Bibi); 4. Fragmento com coloração de queima do tipo 04, que varia do cinza escuro ao preto, de maneira uniforme e sem núcleo (Casa Bandeirista do Itaim Bibi); 5. Fragmento com coloração de queima do tipo 05, com uma camada clara na parte externa e camada escura na parte interna (Pinheiros 2); 6. Fragmento com coloração de queima do tipo 06, com uma camada escura na parte externa e uma camada clara na parte interna (Pinheiros 2); 7. Fragmento com coloração de queima do tipo 07, com um núcleo central espesso e escuro, e camadas finas claras nas partes externa e interna (Casa Bandeirista do Itaim Bibi); 8. Fragmento com coloração de queima do tipo 08, com faixas finas escuras e claras de modo alternado (Casa do Bandeirante).

Prancha 21: Tratamento da superfície interna



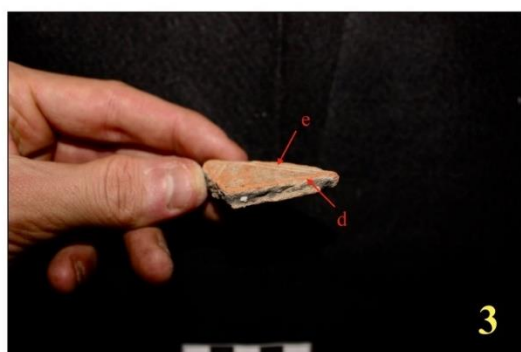
1. Fragmento com superfície interna alisada. A seta “a” indica algumas das claras estrias de alisamento (Casa do Bandeirante); **2.** Fragmento com superfície interna polida, se nota o brilho na superfície advindo do polimento (Casa Bandeirista do Itaim Bibi); **3.** Conjunto de peças com banho na superfície interna. A seta “b” indica a variação de cor da argila na superfície da peça e a diferença para a cor da pasta que se observa na quebra, desta forma indicando o uso do banho (Pinheiros 2); **4.** Conjunto de peças com uso de engobo vermelho (Pinheiros 2); **5.** Peça com decoração cromática na superfície interna (Casa do Bandeirante).

Prancha 22: Tratamento da superfície externa 1



1. Fragmento com superfície externa alisada. A seta “a” indica algumas das claras estrias de alisamento (Pinheiros 2); 2. Peça com banho na superfície externa. A seta “b” indica a variação de cor da argila na superfície da peça e a diferença para a cor da pasta que se observa na quebra, desta forma indicando o uso do banho (Pinheiros 2); 3. Fragmento com engobo vermelho na superfície externa (Casa Bandeirista do Itaim Bibi); 4. Fragmento com decoração plástica na superfície externa (Casa Bandeirista do Itaim Bibi); 5. Fragmento com polimento na superfície externa (Pinheiros 2).

Prancha 23: Tratamento da superfície externa 2

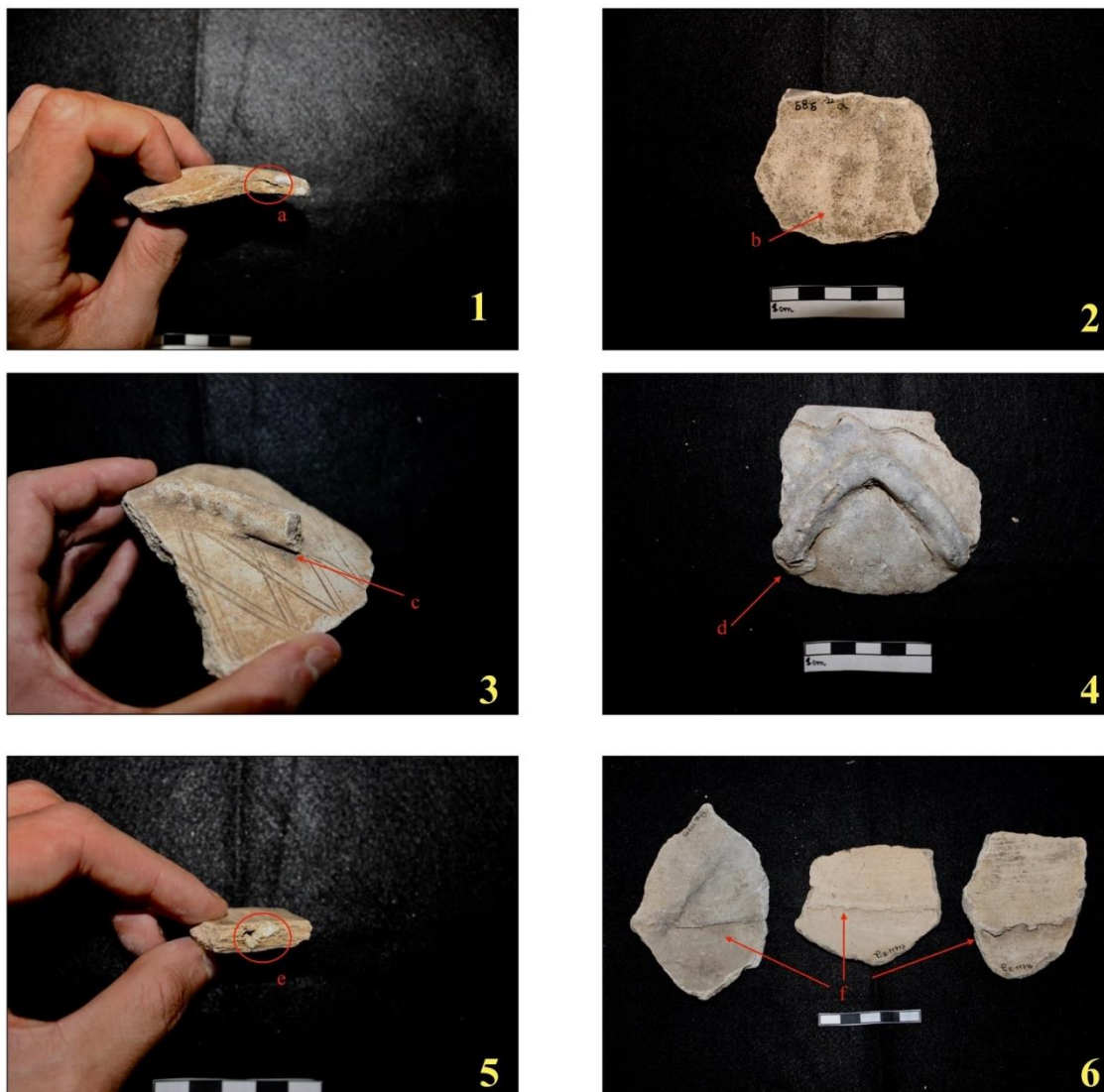


1. Fragmento de borda. A seta “a” indica a decoração plástica em incisão curvilínea. A seta “b” indica a superfície polida (Casa Bandeirista do Itaim Bibi); 2. Fragmento de borda. A seta “c” indica decoração cromática em cor vermelha na superfície externa (Casa do Bandeirante); 3. Fragmento com decoração plástica em motivos losangulares (seta “e”) e banho (seta “d”) (Pinheiros 2); 4. Fragmento de borda, com a superfície externa com engobo vermelho (seta “f”) e decoração plástica na forma de entalhe na borda (seta “g”) (Casa Bandeirista do Itaim Bibi).

Prancha 24: Peças com engobo

1. Fragmento de borda com engobo vermelho (Casa Bandeirista do Itaim Bibi); 2. Base em pedestal com engobo vermelho da parte externa (Casa Bandeirista do Itaim Bibi); 3. Fragmento de corpo com engobo vermelho e branco (Pinheiros 2); 4. Fragmento de cabo com engobo branco (Casa do Bandeirante).

Prancha 25: Falhas produtivas



1. Neste fragmento é possível ver falha na modelagem da peça, que acabou criando uma bolha de ar (círculo “a”) entre as camadas de argila. Esta falha pode acarretar no deslocamento da superfície externa (Pinheiros 2); 2. Neste fragmento é possível observar a pressão feita pelos dedos do artesão (seta “b”) enquanto moldava a argila. Esta evidência não estaria presente se o alisamento da superfície interna fosse feito adequadamente (Pinheiros 2); 3. Nesta peça o aplique não foi colocado de forma adequada, sendo que ele não foi totalmente colado à superfície da peças, gerando o espaço que é apontado pela seta “c”(Pinheiros 2); 4. Nesta peça o aplique também não foi colocado de forma ideal, não havendo o cuidado em suavizar as marcas de aplicação da argila da asa, gerando essa elevação que está indicada na seta “d” (Pinheiros 2); 5. O uso de antiplásticos em tamanhos grandes também é considerado uma falha produtiva, já que pedregulhos atrapalham no manuseio da argila. O círculo “c” exibe um fragmento grande de quartzo leitoso na peça (Pinheiros 2); 6. O conjunto em questão exibe uma falta de cuidado em ocultar a divisão entre as partes modeladas e as partes moldadas dos recipientes. As superfícies internas não foram alisadas de maneira adequada, então ainda é possível observar claramente o seccionamento entre ambas as partes do vasilhame, indicados aqui pelas setas “f” (Pinheiros 2).

Prancha 26: Queima pós-deposicional e bioturbação



1 a 4. Diversos fragmentos apresentam queima pós-deposicional, ou seja, queima ocorrida após o descarte do vasilhame. Isto é perceptível pela diferença de coloração da queima na quebra. A coloração clara (setas vermelhas) indica o processo de queima original. Já a coloração escura indica a fuligem da queima secundária que incidiu diretamente sobre a quebra (setas verdes) (Pinheiros 2); **5 e 6.** Fragmentos com evidência de bioturbação. As setas brancas indicam os furos feitos por insetos nas duas peças (Pinheiros 2).

Prancha 27: Marcas de uso

1. Fragmento com evidências de fuligem por uso na superfície externa, como indicado pela seta "a" (Casa do Bandeirante); 2. Peça com evidência de fuligem por uso na superfície interna, como indicado pela seta "b" (Casa do Bandeirante); 3. Fragmento com evidência de fuligem por uso na superfície externa, como indicado pela seta "c" (Casa Bandeirista do Itaim Bibi); 4. Fragmento com possíveis ranhuras de uso na superfície interna, como indicado pelas setas "d" (Casa do Bandeirante).

Prancha 28: Bordas e Bases



1. Fragmento de borda com lábio arredondado (Casa do Bandeirante); 2. Fragmento de borda com lábio aplainado (Pinheiros 2); 3. Fragmento de borda com lábio apontado (Pinheiros 2); 4. Fragmento de borda com lábio reforçado tanto internamente, quanto externamente (Casa Bandeirista do Itaim Bibi); 5. Fragmento de borda com lábio ondulado que pode ser associado a produção de jarros (Pinheiros 2); 6. Base plana quase completa (Pinheiros 2); 7. Fragmento de base côncava (Casa do Bandeirante); 8. Fragmento de base em pedestal (Pinheiros 2).

4.2. ANÁLISE COMPARATIVA INTER-SÍTIOS

Com base nos dados expostos em toda a seção 4.1, diversas considerações puderam ser elaboradas acerca da materialidade das cerâmicas nas áreas próximas ao rio Pinheiros. Pudemos perceber similaridades e diferenças nas tecnologias de produção, além de similaridades e exclusividades nos motivos decorativos.

Além disso, pudemos identificar o que seria o padrão de produção da olaria do sítio Pinheiros 2, que se dá no uso majoritário de molde e modelagem; espessuras entre 5 e 10mm; peças com pouca frequência de antiplástico; quase todas as peças possuíam quartzo, quartzito, feldspato e mica na pasta; antiplástico de tamanho reduzido; queima com atmosfera oxidante e gerando coloração entre o bege e o cinza claro; superfície interna alisada; superfície externa com uso de alisamento ou decoração plástica; uso frequente de motivos losangulares nas incisões; preferência por fazer as incisões após a secagem da argila; e uma parte significativa dos vasilhames podendo ser associada a Serviço e/ou Cocção de alimentos. Estabelecido este padrão, começou a ser possível mapear se estas características estavam aparecendo entre as cerâmicas dos sítios Casa do Bandeirante e Casa Bandeirista do Itaim Bibi. Desta forma, quais observações são possíveis de serem feitas acerca das cerâmicas analisadas no âmbito desta pesquisa?

4.2.1. Tecnologias de produção similares

Ao longo da análise dos sítios trabalhados na dissertação, diversas similaridades puderam ser observadas nas peças analisadas, principalmente nos aspectos das técnicas de produção da cerâmica. Características semelhantes em antiplásticos, morfologias, técnicas de manufatura, padrões de queima, espessura dos fragmentos, padrões de bordas e bases além de acabamentos de superfície se repetiram com frequência entre os sítios. Contudo, é importante ressaltar que estas recorrências nem sempre representavam as maiores porcentagens dos sítios, e sim, que foram observadas.

Um dos aspectos interessantes de similaridade produtiva são os fragmentos com duas técnicas de manufatura - o moldado na parte inferior e modelado na parte superior do vasilhame. Esta técnica, que apareceu recorrentemente em Pinheiros 2, também apareceu na Casa do Bandeirante, e apesar de não ter sido observada em sua integridade na Casa Bandeirista do Itaim Bibi, partes inferiores de vasilhames moldados foram identificadas, além de encontrarmos bordas modeladas com morfologias que podem ser associadas a vasilhames com esta técnica dupla. Até mesmo as falhas produtivas associadas a essa forma de construção do vasilhame foram percebidas nos dois contextos domésticos, com peças exibindo a fragmentação linear na transição de técnicas além de vestígios de reforço de

argila neste local de transição (prancha 29). Apliques frágeis e mal colocados, como os que eram vistos em Pinheiros 2, também foram observados na Casa do Bandeirante (prancha 30).

Similaridades foram frequentemente encontradas nas morfologias dos vasilhames, assim como nos tipos de lábios e bases. Como se pode perceber na tabela 25, sete morfologias apareceram repetidamente em todos os sítios. Além destas sete formas, quatro morfologias puderam ser encontradas tanto no sítio Pinheiros 2 quanto na Casa do Bandeirante. Entre Pinheiros 2 e a Casa Bandeirista do Itaim Bibi foram verificadas duas morfologias em comum. Algumas das formas mais comuns observadas estão entre as que são encontradas em todos os três sítios da pesquisa, como as formas 01, 02, 03 e 08, mas variando bastante em percentuais de ocorrência. Na Casa do Bandeirante, se percebeu uma concentração em três morfologias (mais de 65% do total), demonstrando uma menor variedade de formas. Neste sítio, a forma 03 apareceu em 23,96% dos vasilhames projetados, enquanto a forma 08 foi verificada em 22,92% e a forma 02 em 18,75%. Já na Casa Bandeirista do Itaim Bibi, a forma 01 apareceu com mais frequência, representando 24,56% dos vasilhames projetados, seguida pela 08, com 17,54%. Já no sítio Pinheiros 2 a forma com maior predominância foi a 03, com 37,24% dos casos, seguida pela forma 05 que foi identificada em 15,27% dos vasilhames. Desta mesma forma, podemos perceber nas tabelas 23 e 24 o quanto a base plana e o lábio arredondado predominam em todos os sítios analisados.

A espessura dos vasilhames também é um aspecto de muita similaridade entre os três sítios desta pesquisa. Todos apresentaram concentrações entre 5 e 10mm, apesar da Casa Bandeirista do Itaim Bibi possuir uma leve tendência a deter peças um pouco mais espessas.

Similaridades também podem ser encontradas nos padrões e atmosferas de queima. A coloração 02, com atmosfera oxidante, que foi majoritária em Pinheiros 2, também pode ser encontrada nos outros dois sítios trabalhados. Esta coloração é identificada em volumes muito menores nos outros dois sítios, mas isto não invalida a sua ocorrência. Não é porque esta característica aparece com porcentagens inferiores que a sua similaridade deixa de ser relevante. Desta forma, para efeitos comparativos, exibimos a prancha 31, em que podemos observar o quão parecidas são as queimas e colorações de peças encontradas nos três sítios.

O que foi observado nos antiplásticos dos três sítios também é digno de nota. O predomínio absoluto de quartzo, quartzito, mica e feldspato entre as adições na argila refletem bastante os minerais e rochas que podem ser encontrados no solo às margens do rio Pinheiros. Como vimos na seção 4.1.4, a região por onde passa o rio é rica em areias com muito quartzo, o que traz à tona a natureza granítica dos embasamentos cristalinos, cuja composição combina três minerais: quartzo, mica e feldspato (AB'SABER, 1978). O mesmo pode ser observado na tendência ao uso de antiplásticos menores, entre 0,01 e 0,19cm. Entretanto, não é possível afirmar que estas características

são únicas da olaria de Pinheiros 2 e devem indicar uma tendência local, de diversas olarias que existiam próximas ao rio Pinheiros, a usar argila das margens do rio.

Dentre os acabamentos de superfície é possível destacar similaridades entre os tratamentos alisados e as decorações plásticas que são majoritários em todos os três sítios. É importante se dar relevância à estes acabamentos plásticos, pois possuem grande variabilidade, e alguns detêm muitas recorrências em todos os sítios, podendo nos trazer informações importantes acerca da proveniência das peças e se as mesmas podem ser associadas com a olaria de Pinheiros 2. Contudo, abordaremos as decorações em mais detalhe na seção 4.2.3.

Todos estes atributos de similaridade, quando vistos em conjuntos e nas mesmas peças, podem nos indicar que estas cerâmicas podem ser associadas à olaria do sítio Pinheiros 2. Ou seja, fragmentos que apresentam várias similaridades produtivas ao mesmo tempo (técnicas de manufatura, erros produtivos, colorações de queima, morfologias e inclusões de antiplástico) somadas às características decorativas que estão dentro do padrão produtivo da olaria de Pinheiros - exibida na seção 4.2 - foram consideradas como potenciais peças advindas da produção oleira do sítio Pinheiros 2.

4.2.2. Tecnologias de produção diferentes

Nem toda a materialidade se resume a similaridades e peças standardizadas. Há diversos atributos observados nos outros sítios que divergiram dos padrões observados na olaria do sítio Pinheiros 2.

A ocorrência majoritária de fragmentos acordelados na Casa Bandeirista do Itaim Bibi é um desses exemplos. Um percentual baixo dos fragmentos de Pinheiros 2 apresentou essa técnica produtiva na construção de seus vasilhames. Desta forma, os acordelados deviam estar sendo produzidos em outro lugar, com outros artesãos. Infelizmente, nas escavações realizadas na Casa Bandeirista do Itaim Bibi, e tampouco nos outros dois sítios arqueológicos próximos (Horácio Lafer e Faria Lima), foi possível identificar qualquer estrutura que indicasse uma produção de cerâmica para uso doméstico (A LASCA ARQUEOLOGIA, 2011; DOCUMENTO PROJETOS E PLANEJAMENTO, 2011), logo, estas cerâmicas possivelmente estavam sendo comercializadas em algum local que ainda não foi identificado arqueologicamente.

Outra questão que nos faz considerar que uma boa parte das cerâmicas encontradas nos dois sítios de contexto doméstico estava obtendo seus vasilhames de mais de um local é a dos padrões de queima sem muita regularidade. Ao contrário da produção de Pinheiros 2 que apresenta uma clara produção de cerâmicas com queimas completas em colorações variando entre o bege, branco e cinza, os outros dois sítios não mostram o mesmo, com esse padrão apenas aparecendo em 45% dos

fragmentos da Casa do Bandeirante e em apenas 25% das peças na Casa Bandeirista do Itaim Bibi. Não é possível observar alguma regularidade neste atributo das cerâmicas, e sim uma tendência à uma diversidade de diferentes resultados de queima, como pode ser visto na tabela 13. Isso também nos leva a pensar que diversas olarias poderiam estar fornecendo vasilhames para estes ambientes domésticos, Pinheiros 2 sendo apenas uma destas.

O aspecto morfológico também deve ser levado em consideração nesta discussão, visto que a Casa Bandeirista do Itaim Bibi apresentou cinco formas de vasilhames que não puderam ser identificadas em nenhum dos outros dois sítios, enquanto a Casa do Bandeirante apenas apresentou uma única forma exclusiva. O uso do acordelado como técnica produtiva influenciou bastante do aspecto morfológico das peças, produzindo vasilhames com roletes expostos em morfologias diferenciadas, além de vasilhames com morfologias similares a dos outros sítios, mas com uma diferente técnica de produção, como as formas 02 e 03. Também foi interessante verificar que quase 30% dos vasilhames projetados na Casa Bandeirista do Itaim Bibi representam formas rasas, abertas e pequenas, similares a pratos (formas 01 e 12), indicando uma demanda considerável de peças para consumo individual.

Um outro aspecto digno de nota é o percentual alto de peças decoradas identificadas na Casa Bandeirista do Itaim Bibi. Com 43,61% possuindo alguma forma de acabamento plástico na superfície externa, assim como mais de 8% das peças possuindo superfície externa engobada, o número de peças com decoração são superiores às peças com outros tratamentos, incluindo o tradicional tratamento alisado. Observamos isso sem contarmos com o fato de que muitas peças possuíam decoração apenas junto ao lábio, ou seja, quando fragmentadas, a maior parte dos fragmentos vai se apresentar sem decoração. Isso somado ao fato de a Casa Bandeirista do Itaim Bibi possuir 27 motivos decorativos exclusivos ao sítio (mais do que a própria olaria de Pinheiros 2) nos leva a crer que uma boa parte da produção de cerâmica encontrada neste sítio estava sendo obtida de vários lugares. Além disso, é também possível questionar que as cerâmicas identificadas na Casa Bandeirista do Itaim Bibi sejam mais antigas do que as encontradas no sítio Pinheiros 2 e na Casa do Bandeirante, visto que o recorte utilizado priorizou áreas com cerâmicas provavelmente associadas ao século XVII.

4.2.3. Motivos decorativos similares

A variabilidade decorativa encontrada nos sítios analisados foi bastante significativa, com todos os sítios apresentando decorações novas e exclusivas (no âmbito desta pesquisa). Contudo, é importante destacar que 11 motivos decorativos foram observados em todos os três sítios pesquisados.

Entretanto, por causa de nossa metodologia, esse trabalho não é exaustivo, já que além do nosso recorte, outros motivos decorativos podem ser encontrados em proveniências distintas dos sítios. Também se mostra importante destacar que algumas decorações (apesar de serem consideradas as mesmas) podem ter aparências um pouco diferentes, como losangos menores ou maiores (tabela 26), traços mais finos ou mais grossos, ou mesmo apliques mais bem feitos ou menos bem feitos. Estas pequenas variações (que podem ser atribuídas à características individuais de cada artesão) foram desconsideradas para assim poderem ser agrupadas em motivos iguais. Porém, dependendo do olhar do pesquisador que possa vir a analisar estes sítios futuramente, mais variações podem vir a ser destacadas.

Tabela 26: Singularidade artesanal



Fonte: Elaborado pelo autor.

No âmbito desta seção, optamos por abordar alguns destes 11 motivos que são comuns aos sítios da presente dissertação, e discutí-los individualmente. Neste sentido, abordaremos os motivos 1.1, 1.3, 1.4, 2.1, 3.1 e 5.1, que são os com maiores percentuais de ocorrência.

O motivo 1.1, que foi o mais observado em todos os três sítios, é uma forma de decoração relativamente comum em cerâmicas observadas por todo o Sudeste (AGOSTINI, 1998a; CALDARELLI, 2003; SOUZA; ZANETTINI, 2005; FACCIO *et al.*, 2008; AGOSTINI, 2012; LINKE, 2018; MUNSBURG, 2018; MOREIRA, 2019), no Nordeste (SILVA, 2019), e em diversas localidades do Centro-Oeste (SYMANSKI, 2010; SOUZA, 2015), podendo até ser recuado para períodos pré-coloniais, já que algumas comunidades indígenas também faziam uso deste estilo de

decoreção incisa (ERIG LIMA, 2012; GASPAR, 2014; KASHIMOTO; MARTINS, 2019). Contudo, o que se percebe na região de Pinheiros é que este motivo era frequentemente associado a outros motivos minoritários, como apliques (vide os motivos 1.7, 1.8 e 1.16, por exemplo), entalhes (vide os motivos 1.10 e 1.15, por exemplo), incisos curvilíneos (vide os motivos 1.5 e 1.18, por exemplo) e roletes expostos (vide o motivo 1.32, por exemplo). Entretanto, os losangos sozinhos ou duplos - que são o que configuram oficialmente o motivo 1.1 - são os mais comuns na materialidade e aparecem de formas muito similares nos três sítios, combinando similaridades morfológicas, de antiplástico e de queima, como se observa na tabela 27.

Tabela 27: Motivos similares inter-sítios (Motivo 1.1)



Fonte: Elaborado pelo autor.

O motivo curvilíneo duplo (1.3) também é possível ser observado em maior parte da região Sudeste (MAGALHÃES, 2015; SALLUM, 2018; MOREIRA, 2019), assim como em partes da região Sul (ROSSI, 2008). Contudo, o que é interessante de notar sobre este motivo é que ele também aparece associado a morfologias e técnicas produtivas que são comuns a todos os três sítios, como se observa na tabela 28.

Tabela 28: Motivos similares inter-sítios (Motivo 1.3)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Já o motivo 1.4 foi observado em outros sítios na região Sudeste e Centro-Oeste (MORALES, 2001; SYMANSKI, 2010; MAGALHÃES, 2015; MUNSBURG, 2018; MOREIRA, 2019.). Similaridades entre estes motivos nos três sítios analisados podem ser vistas na tabela 29.

Quando abordamos a técnica escovada (2.1), temos que recuar nosso referencial para desde antes da chegada dos portugueses à América do Sul. Esta forma de tratamento de superfície é observada tanto em contextos pré-coloniais (ALMEIDA; NEVES, 2015; BESPALAZ, 2015; KASHIMOTO; MARTINS, 2019; NOELLI; SALLUM, 2019), quanto pós-coloniais (CALDARELLI, 2003; SOUZA; LOPES, 2014; TATSCH, 2015; SALVADOR, 2017; SOUZA, 2017; ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2017; LINKE, 2018; SALLUM, 2018.). Portanto, podemos observar esta forma de decoração ao longo de quase todo território brasileiro. Inserimos aqui também uma comparação entre três peças com escovados lineares identificadas em cada um dos três sítios pesquisados (tabela 30).

Tabela 29: Motivos similares inter-sítios (Motivo 1.4)



Fragmentos com motivos 1.4 encontrados nos sítios Pinheiros 2, Casa do Bandeirante e Casa Bandeirista do Itaim Bibi (da esquerda para a direita). Se percebe que a peça da Casa Bandeirista do Itaim Bibi já apresenta marcas uso, estando coberta de fuligem.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 30: Motivos similares inter-sítios (Motivo 2.1)



Fragmentos com motivos 2.1 encontrados nos sítios Pinheiros 2, Casa do Bandeirante e Casa Bandeirista do Itaim Bibi (da esquerda para a direita).

Fonte: Elaborado pelo autor.

O digitado na borda (3.1) criando ondulações, frequentemente observado em tampas de vasilhames, também foi um motivo bastante observado na materialidade dos sítios, em especial na Casa Bandeirista do Itaim Bibi, em que teve quase 7% de ocorrência. Este motivo também já foi visto em outras regiões do Sudeste e no Sul (CALDARELLI, 2003; FACCIO *et al.*, 2008; SALVADOR, 2017; SALLUM, 2018) de formas similares. Também inserimos aqui, para efeito de comparação, peças dos três sítios trabalhados com este motivo (tabela 31).

Tabela 31: Motivos similares inter-sítios (Motivo 3.1)



Fonte: Elaborado pelo autor.

O aplique linear (5.1), por sua vez, também é relativamente comum para períodos coloniais no estado de São Paulo (CALDARELLI, 2003; ZANETTINI, 2005; NOELLI; SALLUM, 2019) e em algumas partes de Minas Gerais (MAGALHÃES, 2015), ao contrário das demais decorações com inserções de apêndices, asas curvas, alças e cabos, que podem ser vistas de Norte a Sul do país com poucas variações (BLASI, 1967; SYMANSKI, 2010; AMARAL, 2012; MAGALHÃES, 2015; MUNIZ; GOMES, 2017; SALVADOR, 2017; MORAES WICHERS *et al.*, 2018; SILVA, 2019.). Na tabela 32 exibimos alguns exemplos similares que foram identificados nos sítios da presente pesquisa.

Tabela 32: Motivos similares inter-sítios (Motivo 5.1)



Fonte: Elaborado pelo autor.

4.2.4. Motivos decorativos exclusivos

Quando nos referimos a motivos “exclusivos” não estamos exprimindo que os motivos que iremos abordar nesta seção são únicos arqueologicamente identificados, e sim que são únicos no escopo da presente pesquisa. Isso porque motivos similares a esses puderam ser observados em outras pesquisas arqueológicas no estado de São Paulo e até além.

As decorações com roletes expostos que foram vistas na Casa Bandeirista do Itaim Bibi são alguns destes exemplos. Motivos como 1.31, 1.32, 1.39, 1.48, 3.3, e 8.1, por exemplo, são apenas alguns dos motivos observados ao longo da análise neste sítio. Estes, apesar de não serem vistos nos outros dois sítios da presente pesquisa, podem ser identificados em outros sítios arqueológicos coloniais de São Paulo, Rio de Janeiro e no Mato Grosso (CALDARELLI, 2003; ZANETTINI, 2005; SYMANSKI, 2006; SOUZA; SYMANSKI, 2009; MUNSBURG, 2018; SALLUM; NOELLI, 2019; PEIXOTO; LIMA, 2020.), em contextos pré-coloniais na região Sul (MACHADO *et al.*, 2008; SCHMITZ, 2011; MILHEIRA *et al.*, 2013), em regiões amazônicas (GLÓRIA, 2017; JÁCOME, 2017), em Pernambuco (DANTAS, 2018), no Espírito Santo (SEDA *et al.*, 2011) e no Mato Grosso (ERIG LIMA, 2012).

Uma peça com incisões losangulares e aplique circular com entalhe em cruz (1.23) foi encontrado no sítio Pinheiros 2. De acordo com Symanski (2010), Munsberg (2018) e Peixoto e Lima (2020) este signo, que é observado em sítios em São Paulo, Rio de Janeiro e Mato Grosso, tem sido interpretado como um cosmograma Bakongo. Os Bakongo ocupam a parte sul da República Democrática do Congo e o norte de Angola. Para eles, a cruz dentro do círculo aplicado simboliza a jornada diária do sol em volta do mundo dos vivos e do mundo dos mortos. A água, representada pela linha horizontal, divide esses dois mundos. O círculo reverbera a noção de que a vida não tem fim, constituindo um ciclo (FENNELL, 2003).

Decorações com uso de arcos simples (1.28) apareceram na Casa do Bandeirante, porém com algumas variações no sítio Pinheiros 2 (como a 1.22) e na Casa Bandeirista do Itaim Bibi na forma do motivo 1.40. Decorações similares puderam ser vistas em outros lugares de São Paulo (SHCEUER, 1976; SALLUM, 2018) e em Goiás (SOUZA, 2015).

Um fragmento com decoração corrugada (9.1) pode ser identificado na Casa Bandeirista do Itaim Bibi. Este motivo, frequentemente associado à cerâmicas pré-coloniais de múltiplas comunidades, é encontrado por quase todo o país (LA SALVIA; BROCHADO, 1989; SCHMITZ, 2011; SEDA *et al.*, 2011; KASHIMOTO; MARTINS, 2013, 2019; MILHEIRA *et al.*, 2013; CORRÊA, 2014; ALMEIDA, 2015; PEREZ; AFONSO, 2015; DANTAS, 2018, para citar apenas alguns exemplos). Após a chegada dos europeus, tal técnica continuou sendo utilizada em algumas regiões, podendo ser vista no estado de São Paulo (CALDARELLI, 2003; CALI, 2003;

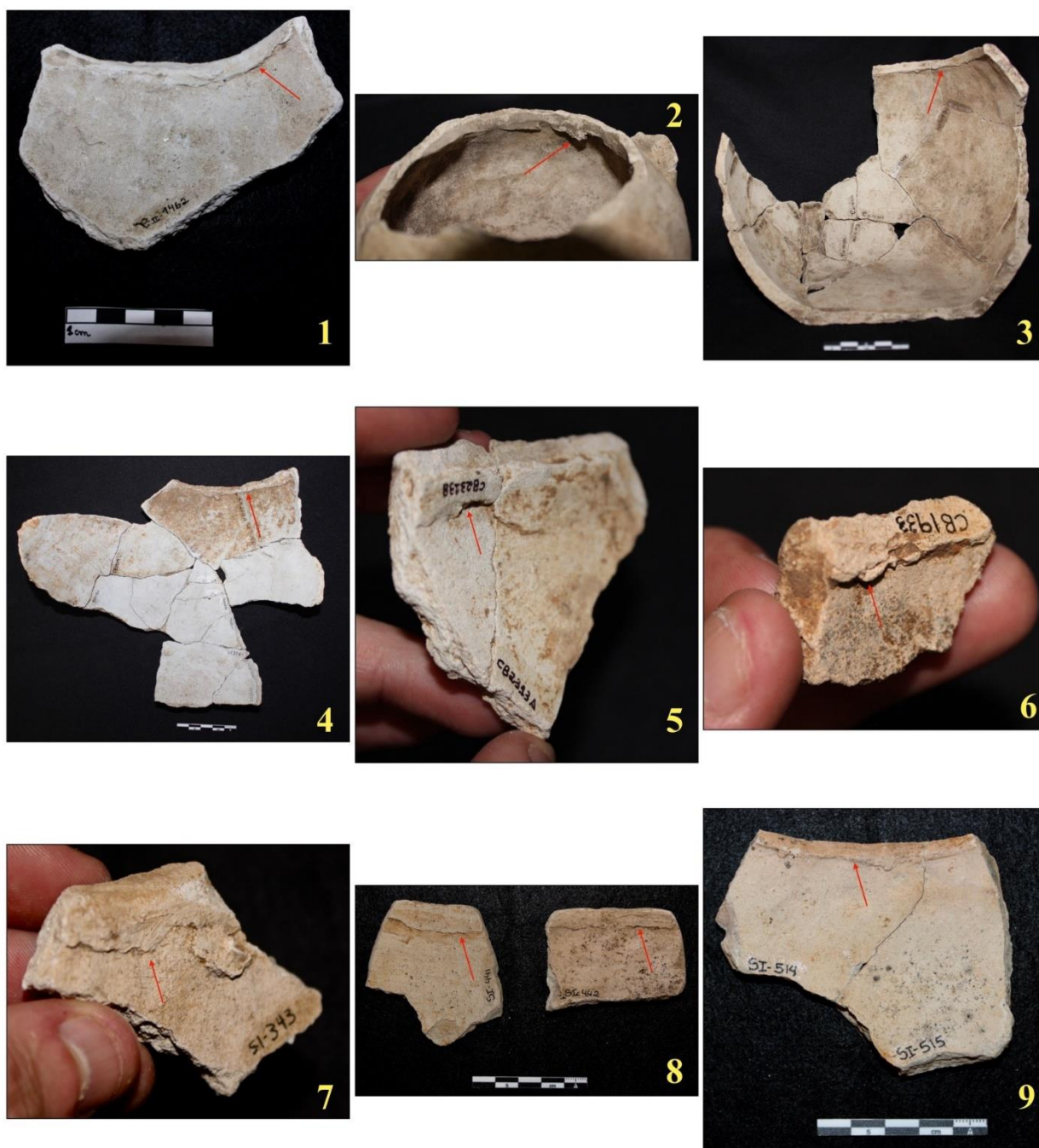
MUNSBURG, 2018; SALLUM, 2018; SALLUM; NOELLI, 2019), Mato Grosso (SYMANSKI, 2006), Rio Grande do Sul (ZUSE; MILDRE, 2008) e Rio de Janeiro (PEIXOTO; LIMA, 2020).

A decoração em espinha de peixe (1.36 e 1.48, por exemplo) pode ser observada em outros lugares de São Paulo (ZANETTINI, 2005; MUNSBURG, 2018), mas normalmente é associada a cerâmicas com práticas Ovimbundu, de Angola (HAUENSTEIN, 1964).

A Casa Bandeirista do Itaim Bibi ainda exibiu decorações bastante incomuns como bases decoradas com incisões penteadas e marcas digitadas (1.42) e apliques trançados (5.7). Acerca destas decorações não encontramos referências, na bibliografia, em outros sítios.

Outras decorações “exclusivas” também foram identificadas ao longo da análise, mas abordá-las individualmente se tornaria excessivo, portanto optamos por escolher somente alguns dos motivos mais singulares ou frequentes para levantamento nessa seção ao invés de optarmos por uma análise exaustiva.

Prancha 29: Similaridades nas falhas produtivas (Moldado/Modelado)



1 a 3. Peças do sítio Pinheiros 2 que exibem o seccionamento linear na quebra entre a parte moldada e a parte modelada. Nestes fragmentos também se observam os vestígios de reforço em argila; **4 a 6.** Peças do sítio Casa do Bandeirante, em que estas mesmas características são observadas; **7 a 9.** Peças do sítio Casa Bandeirista do Itaim Bibi, em que estas mesmas características são observadas.

Prancha 30: Similaridades nas falhas produtivas (Apliques)



1 a 3. Peças do sítio Pinheiros 2, em que é possível ver apliques em que o alisamento não foi finalizado. Na peça 3, ainda é possível ver um espaço com ar sob o applique; 4 e 6. Peças da Casa do Bandeirante em que os apliques também não foram finalizados completamente; 5. Applique descolada do sítio Casa do Bandeirante em que é possível ver o negativo da decoração incisa à qual o applique foi sobreposto; 7 e 8. Peças da Casa Bandeirista do Itaim Bibi, em que os apliques também não foram alisados adequadamente.

Prancha 31: Processo de Queima do tipo 02 em todos os sítios







1 a 3. Peças do sítio Pinheiros 2, em que a coloração de queima do tipo 02 é evidente, variando do branco, ao bege e ao cinza claro. Essa queima também apresenta coloração homogênea e sem núcleo; **4 a 6.** Peças do sítio Casa do Bandeirante com estas mesmas características; **7 a 9.** Peças do sítio Casa Bandeirista do Itaim Bibi com estas mesmas características.

4.3. CONFLUÊNCIAS CULTURAIS NA PRÁTICA CERÂMICA: PERSISTÊNCIAS E CONTINUIDADES

Como pudemos observar no catálogo elaborado anteriormente, foram identificadas diversas combinações entre motivos incisos losangulares e curvilíneos, além de uso de escovados, entalhes, apliques, etc. Porém, quais práticas cerâmicas podem ser associadas a estas decorações? Estas, não são tipicamente portuguesas, principalmente ao se tomar por base cerâmicas portuguesas entre os séculos XIII e XX (BARROS *et al.*, 2012; CASIMIRO; BARROS, 2012; BUGALHÃO; COELHO, 2015; CARDOSO; BATALHA, 2017; NEOÉPICA ARQUEOLOGIA, 2017; CASIMIRO *et al.*, 2018), assim como não são tipicamente indígenas ou mesmo afrodescendentes. Contudo, características que indicam continuidades e persistências técnicas e decorativas podem ser observadas nos sítios coloniais abordados nesta dissertação.

Tabela 33: Motivos losangulares entre tradições indígenas

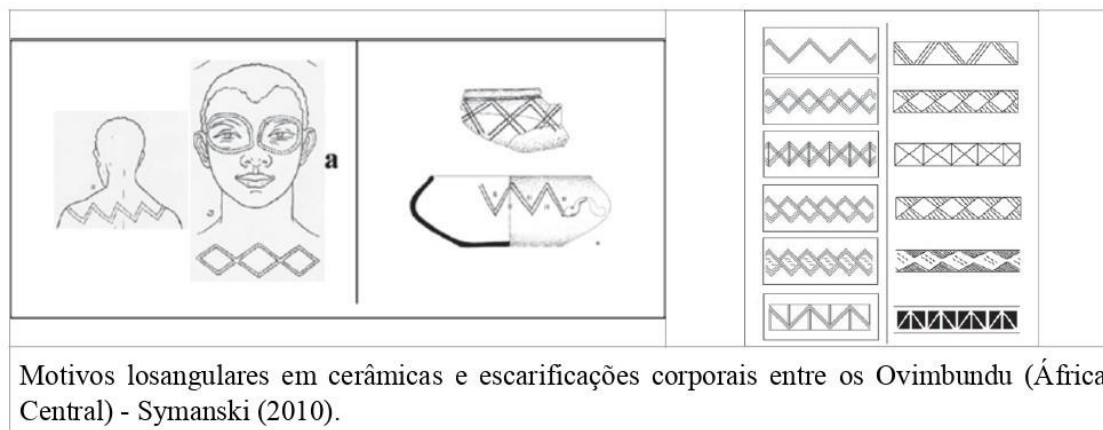
	
<p>Cerâmicas indígenas Kaiabi (Mato Grosso/Pará) com decorações incisas losangulares - Gaspar (2014).</p>	<p>Pinturas losangulares Tupiguarani identificadas no Mato Grosso do Sul - Kashimoto & Martins (2019).</p>
	
<p>Motivos pintados em Zig-Zag presentes em cerâmica Tupi no Espírito Santo - Ribeiro & Jácome (2014).</p>	<p>Motivos decorativos losangulares Guaranis identificados por Tocchetto (1996b).</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

O uso dos motivos losangulares é comumente associado a práticas indígenas e africanas, seja na forma de incisões ou na forma de decorações plásticas (TOCCHETTO, 1996a, 1996b; SCHMITZ, 2006; SYMANSKI, 2010; RIBEIRO; JÁCOME, 2014; SILVA, 2019.). Como se observa na tabela 33, tais motivos podiam ser percebidos entre diversas comunidades indígenas pelo Brasil. Na tabela

34, podemos conferir estas incisões losangulares em contextos africanos de Ovimbundu, em Angola (HAUENSTEIN, 1964; SYMANSKI, 2010). Se compararmos com cerâmicas observadas nos sítios da presente pesquisa (tabela 27), as similaridades ficam evidentes.

Tabela 34: Motivos losangulares entre os Ovimbundu







Fonte: Elaborado pelo autor.

O uso de acabamentos escovados e de engobo vermelho são frequentes entre práticas indígenas. Como vimos anteriormente, o uso do escovado é observado por todo o Brasil, e é uma prática que se manteve com bastante regularidade. Com isso, podemos ver comparativamente exemplos de peças escovadas em contextos pré-coloniais e no sítio Casa do Bandeirante (tabela 35). Com relação ao uso de engobo vermelho, Brochado (1973), Tocchetto (1996a) e Zuse (2009) frequentemente associam esta prática a comunidades indígenas, especialmente de tradição Tupiguarani. Ao compararmos os exemplos das tabela 35, podemos compreender porque é possível observar uma continuidade nesta prática de acabamento.

Já o motivo curvilíneo se mostra bastante comum na cerâmica portuguesa medieval e pós-medieval, além de ser observada em faianças e cerâmicas vidradas (ALBUQUERQUE; 2001; SILVA; RIBEIRO, 2006; BARROS *et al.*, 2012; CASIMIRO; BARROS, 2012; BUGALHÃO; COELHO, 2015; NEOÉPICA ARQUEOLOGIA, 2017; CASIMIRO *et al.*, 2018.). Também é possível encontrar referências em práticas africanas advindas de Gana e Angola (EVERDOSA, 1980; HAUSER; DECORSE, 2003). Na tabela 36 podemos observar alguns destes exemplos. A relação com Portugal também serve para algumas formas de alças, como a que se vê na tabela 37. Esta forma de alça com uma depressão central é comum entre cerâmicas pós-medievais em Portugal, como se observa em Cardoso e Batalha (2017). Contudo, alças com esta morfologia também já foram encontradas em outros locais do Brasil (MUNIZ; GOMES, 2017). Filetes entalhados, como o da tabela 38, também aparecem em vasilhames portugueses deste mesmo período (CASIMIRO; BARROS, 2012).

Tabela 35: Uso de engobo vermelho e decorações escovadas entre tradições indígenas

	
<p>Fragmentos com engobo vermelho identificados no sítio Pinheiros 2</p>	<p>Fragmentos com engobo vermelho identificados no sítio Pedra Grande (RS) - Zuse (2009).</p>
	
<p>Fragmento escovado identificado no sítio Casa do Bandeirante</p>	<p>Fragmento escovado identificado em contexto indígena no Mato Grosso do Sul - Kashimoto & Martins (2019).</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Decorações em “espinha-de-peixe” aparecem com frequência na cerâmica africana, assim como o aplique com incisos em cruz, atribuídos a comunidades Ovimbundu e Bakongo, respectivamente (SYMANSKI, 2010; MUNSBURG, 2018). O uso do rolete exposto, por outro lado, é recorrente na produção cerâmica africana, assim como na cerâmica encontrada em tradições indígenas brasileiras. Podemos comparar as práticas de ambas as origens, e perceber continuidades nestas formas de fazer e decorar cerâmicas (tabela 38).

O uso da técnica acordelada na construção de vasilhames também é uma prática que normalmente é associada a comunidades indígenas (LA SALVIA; BROCHADO, 1989; KASHIMOTO; MARTINS, 2019). Comunidades africanas também faziam uso desta prática, apesar de haver locais na África e em contextos afrodescendentes em que moldes e técnicas modeladas também eram utilizadas (BOSTOEN, 2006; GOSSELAIN, 2008; SOUZA; SYMANSKI, 2009; SOUZA, 2015). Curiosamente, cerâmicas “africanas” encontradas em território português possuem técnica acordelada na manufatura (CASIMIRO *et al.*, 2019). Na tabela 39, podemos comparar o vasilhame identificado por Souza (2015) a um vasilhame do sítio Pinheiros 2 e a um da Casa do Bandeirante, observando as similaridades. Já o uso de tornos na produção cerâmica é uma prática que pode ser associada diretamente aos colonizadores europeus. Esta técnica era inexistente entre as comunidades indígenas que habitavam a região de São Paulo (LA SALVIA; BROCHADO, 1989) e

eram somente observadas no Norte da África (GOSSELAIN, 2008), se tornando improvável que a prática tenha sido trazida de lá já que os negros escravizados eram oriundos, em sua maioria, da região do golfo de Benguela, especialmente de Angola (SLENES, 1992; PRADO JR., 2011). Já peças moldadas são pouco comuns entre as comunidades indígenas encontradas no Brasil, porém não inexistentes (LA SALVIA; BROCHADO, 1989; KASHIMOTO; MARTINS, 2019). Esta prática, por outro lado, é bastante comum em sítios arqueológicos por toda a Península Ibérica, principalmente durante e depois do Período Islâmico, como se pode observar em Gaspar e Gomes (2012), Gomes e Casimiro (2013) e Marcovic (2016). Desta forma, se torna curioso que todas estas práticas possam ser vistas concomitantes em todos os sítios arqueológicos analisados na presente dissertação, mesmo que em porcentagens distintas em cada um dos contextos. Peças moldadas aparecem com mais frequência no sítio Pinheiros 2 e na Casa do Bandeirante, enquanto peças acordeladas aparecem de forma majoritária na Casa Bandeirista do Itaim Bibi. O torno (e às vezes o torneado combinado com a técnica modelada) é observado em todos os sítios, mas sempre de forma minoritária.

A ocorrência de bases planas e em pedestal também são frequentemente associadas a práticas européias (PEROTA, 1971; CHMYZ, 1976; CASIMIRO, 2014; HENRIQUES *et al.*, 2019), contudo, vasilhames com bases planas também podem ser observados em comunidades africanas e indígenas (AFONSO; MORAES, 2007; DENBOW, 2014; SOUZA, 2015; KASHIMOTO; MARTINS, 2019), desta forma, se mostra impossível poder associar a prática da base plana a alguma comunidade específica. Por outro lado, bases em pedestal realmente podem ser entendidas como uma prática portuguesa, sendo vistas com frequência em sítios medievais e pós-medievais em Portugal (SILVA; RIBEIRO, 2006; CASIMIRO, 2014; DE MAN *et al.*, 2014; TENTE *et al.*, 2014.).

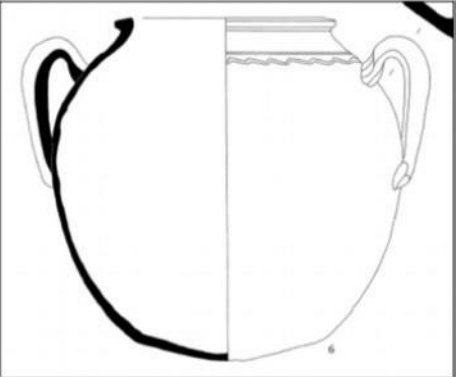
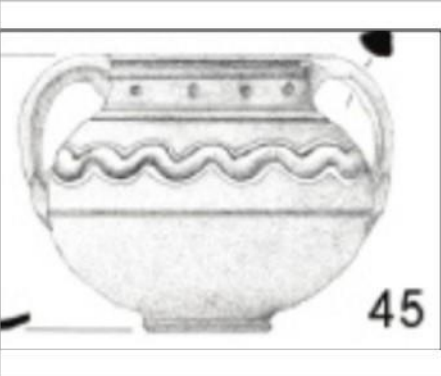
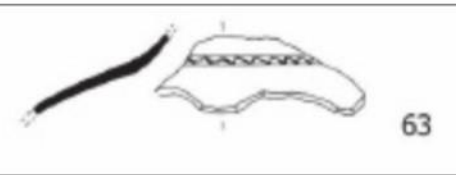
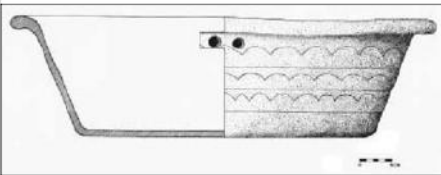


É relevante ressaltar que estes motivos e práticas muitas vezes não se encontram sozinhos. Diversas decorações observadas exibiam combinações de motivos, sejam eles curvilíneos e losangulares, losangulares com filetes entalhados, roletes expostos e incisões losangulares, escovados e entalhes, entre outras muitas formas de combinações.

Tais disposições entre práticas associadas a grupos indígenas, europeus e africanos na cerâmica de período colonial brasileira já foram trabalhadas em artigos, teses e dissertações como Brochado (1973); Dias Júnior (1988); Agostini (1998b), Tocchetto (1996a), Zuse (2009), Magalhães (2015), Sallum (2018), Moreira (2019), e neles a presença de motivos incisos, escovados e engobos é tida como característica destas confluências e persistências culturais.

Como pode ser visto em Souza (2013), essa grande variabilidade de motivos decorativos e técnicas, e as sobreposições de diferentes estilos sem invalidar os anteriores, são fenômenos que podem ser entendidos como sínteses culturais, em que os artesãos fazem uso destas práticas de modo a sobrepor diferenças culturais e operar de modo a aceitar novas práticas decorativas. Em uma sociedade em que pessoas das mais diferentes partes do globo eram forçadas a conviver em um

ambiente hostil, essa forma de manutenção e reinvenção decorativa se torna uma parte importante do cotidiano criativo (CAMPOS, 2007; MROZOWSKI *et al.*, 2015).

Tabela 36: Uso do curvilíneo em Portugal

	
<p>Peça portuguesa com decoração incisa curvilínea - Casimiro et al. (2018).</p>	<p>Peça portuguesa com decoração incisa curvilínea - Neóptica Arqueologia (2017).</p>
	
<p>Fragmento de cerâmica portuguesa com decoração incisa curvilínea - Barros et al. (2012).</p>	<p>Peça portuguesa com decoração incisa curvilínea - Casimiro & Barros (2012).</p>
	
<p>Fragmentos de faianças portuguesas com motivos curvilíneos - Albuquerque (1991/2001).</p>	<p>Fragmento de cerâmica vidrada encontrada na Casa do Bandeirante.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 37: Apliques estilizados em Portugal vs. São Paulo

	
<p>Cerâmica portuguesa com decoração ondulada, e aplique com entalhes junto ao lábio - Casimiro & Barros (2012).</p>	<p>Alças com depressões e marcas de digitação encontradas em contextos de Portugal - Cardoso & Batalha (2017).</p>
	
<p>Motivo 1.10, com o mesmo aplique entalhado junto ao lábio que é visto à cima (Pinheiros 2).</p>	<p>Mesma alça com uma depressão central e marcas de digitação junto à superfície da tampa (Pinheiros 2).</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Neste sentido, é possível destacar que muitos dos motivos e práticas aqui observados podem ser associados a duas (ou mais) origens, como: os losangulares, roletes expostos e escovados sendo observados entre indígenas e comunidades afrodescendentes; bases planas e a técnica moldada podendo ser vistas tanto em contextos indígenas quanto europeus e africanos; e motivos curvilíneos entre europeus e comunidades em Gana e Angola. Se considerarmos que estas confluências e resignificações de práticas fazem parte de um processo de síntese, acreditamos que motivos similares entre duas culturas sejam ainda mais facilmente compartilhados, já que representam poucas mudanças práticas, mesmo que as decorações possuam significados distintos entre cada uma das comunidades.

Tabela 38: Uso de motivos Bakongo, “Espinha-de-Peixe” e roletes expostos

	
<p>Cerâmica Ovimbundu (África Central) com roletes expostos e decorações em “Espinha de Peixe” - Hauenstein (1964) apud Munsberg (2018).</p>	<p>Cerâmica indígena com rolete exposto no Vale do Taquari (RS) - Machado et al (2008).</p>
	
<p>Apliques com cruz incisa, associada a comunidades Bakongo (Mato Grosso) - Symanski (2010).</p>	
	
<p>Cerâmica com decoração em “Espinha de Peixe” na Casa Bandeirista do Itaim Bibi.</p>	<p>Cerâmica com rolete exposto na Casa Bandeirista do Itaim Bibi.</p>
	
<p>Cerâmica com aplique associado a comunidades Bakongo em Pinheiros 2.</p>	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 39: Continuidades técnicas do Moldado/Modelado

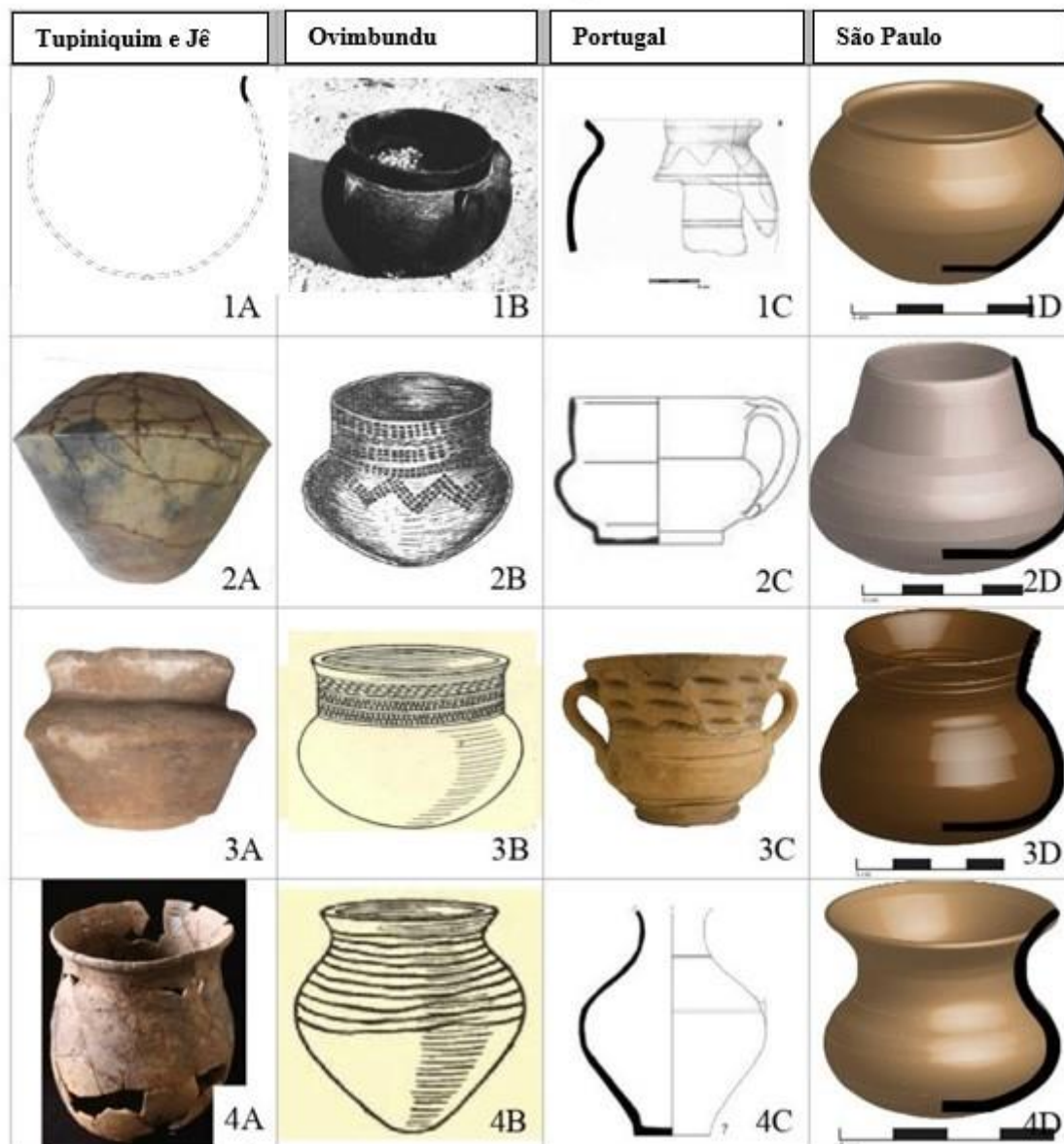
		
Peça do Quilombo da Cabaça, Minas Gerais - Souza (2015).	Peça do sítio Pinheiros 2.	Peça do sítio Casa do Bandeirante.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Este processo de síntese também se apresenta de forma clara na morfologia dos vasilhames cerâmicos. Como se observa na tabela 40 (em que separamos quatro morfologias), morfologias similares já eram produzidas por europeus, indígenas e africanos antes mesmo do contato. Desta forma, as semelhantes práticas na produção cerâmica puderam ter continuidade sem um processo de ruptura brusca. Apesar destas morfologias terem aparências similares, é importante ressaltar que nem sempre eram produzidas da mesma forma. Alguns vasilhames muito similares podiam ser produzidos com modelagem, ou com moldes, torneados, ou mesmo de forma acordelada. Contudo, estas diferenças acabam representando a variabilidade encontrada nos sítios trabalhados nesta pesquisa. Cada uma destas mudanças representa escolhas, e escolhas técnicas também se conectam a essas práticas culturais e individuais de cada artesão. Todas as etapas de cadeia operatória representam essas escolhas, que fazem parte do universo identitário de cada artesão (GOSSELAIN, 1999; COSTIN, 2020).

Compreendemos que os processos de mudança e continuidade observados nos sítios estudados nesta dissertação fazem parte de um mesmo fenômeno, e os artefatos analisados nestes contextos não podem ser categorizados simplesmente como um conjunto de práticas indígenas ou mesmo européias já que é, de certa forma, concomitantemente, nenhuma das duas e ambas (TURGEON, 1997; RUBERTONE, 2000; SILLIMAN, 2005, 2009). O processo intencional de rearticulação de práticas acaba atuando como forma de persistência em trajetórias contínuas que ligam o passado e o presente do ser humano. Mesmo o processo colonizador sendo um meio opressivo e que promove mudanças abruptas nas sistemáticas locais, este evento não deve ser visto simplesmente como uma ruptura de tradições e práticas (PANICH, 2013; SOUZA, 2015; PANICH *et al.*, 2018). Ademais, não existe apenas uma história acerca destes processos de contato cultural, existem diversas histórias e cada contato aconteceu com os seus próprios agentes e com suas próprias particularidades, suas próprias ressignificações e suas próprias persistências (GRUZINSKI, 2003)

Tabela 40: Morfologias similares



1A: Vasilhame Jê pré-colonial de Minas Gerais (MOREIRA, 2019); **1B:** Vasilhame Ovimbundu (HAMBLY, 1934); **1C:** Vasilhame português medieval (SILVA & RIBEIRO, 2006); **2A:** Vasilhame tupi pré-colonial (SALLUM & NOELLI, 2020); **2B:** Vasilhame Ovimbundu (SOUZA, 2015); **2C:** Vasilhame português do século XVI (CASIMIRO et al., 2019); **3A:** Vasilhame tupi pré-colonial (SALLUM & NOELLI, 2020); **3B:** Vasilhame Ovimbundu (HAMBLY, 1934); **3C:** Vasilhame português do século XVII (CASIMIRO, 2018); **4A:** Vasilhame Jê Itararé-Taquara (AFONSO, 2016); **4B:** Vasilhame Ovimbundu (HAMBLY, 1934); **4C:** Vasilhame português dos séculos XIV a XVI (CASIMIRO et al., 2018); **1D a 4D:** Projeções elaboradas a partir das morfologias 02, 08, 19 e 23.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como foi possível observar ao longo desta seção, os motivos decorativos e as morfologias encontradas no registro arqueológico proveniente dos três sítios arqueológicos analisados apresentam uma variabilidade significativa. É importante ressaltar que esses padrões perduraram, sendo

observados em sítios arqueológicos dos séculos XIX e XX (SCHEUER, 1976; AGOSTINI, 1998a, 1998b, 2009, 2010, 2011; TEDESCO; CARVALHO, 2004; SYMANSKI; SOUZA, 2006; SOUZA; AGOSTINI, 2012; SALLUM, 2018.). Essa fusão cultural, mesmo que feita através de relações de poder desproporcionais, pode ser relacionada a uma materialidade complexa, envolvendo práticas indígenas, européias e africanas, que se relaciona diretamente como uma forma de persistência, continuidade e resistência desenvolvida pelos artesãos, criando uma forma de manter parte de suas identidades e práticas tradicionais, se (re) apropriando de práticas culturais do colonizador e de comunidades da diáspora africana (WILSON; ROGERS, 1993; AGOSTINI, 1998b; MONTEIRO, 2004; PREZIA, 2008; MROZOWSKI *et al.*, 2015; SALLUM, 2018).

Em tempo, é importante destacar que essa produção cerâmica não é somente um conjunto de imitações de peças européias, e sim algo novo. Os artesãos devem ser vistos como agentes ativos em uma sociedade colonizada que, apesar de serem oprimidos sob o jugo colonial, sua produção e sua cultura encontraram uma forma de persistir nesta nova dinâmica de sociedade, afetando até mesmo a concepção de louça europeizada que os portugueses queriam em suas casas. Cerâmica tradicionalmente portuguesa é incomum, e quando encontrada, normalmente é em contextos de cidades mais intimamente ligadas ao comércio com Portugal, como é o caso de Salvador (ETCHEVARNE, 2006; SILVA, 2019) e Rio de Janeiro (CALZA *et al.*, 2013), e o que se torna mais recorrente no registro arqueológico é essa combinação de práticas. Como estes motivos não desaparecem em períodos cronologicamente mais recentes, é possível compreender que o processo de colonização afetou profundamente os europeus que aqui viviam, especialmente quando se ocupa uma região que inicialmente tinha recursos limitados e que era majoritariamente ocupada por indígenas. Por exemplo, de acordo com Carrara (2014), na década de 1670 haviam cerca de 12.000 pessoas vivendo na cidade de São Paulo, entretanto, apenas 1.500 eram consideradas brancas européias segundo o censo da época.

Mudanças culturais nunca são um processo unilateral, com a cultura ancestral sendo deixada de lado por causa do colonizador (ORTIZ, 1991; WILSON; ROGERS, 1993; ARROYO, 2016; SALLUM, 2018.). Os oprimidos também possuem agência, e lutam para manter seus valores tradicionais, promovendo assim, um processo cultural de mão-dupla (ou tripla) em que opressores e oprimidos são transformados pela experiência colonial.

4.4. A LÓGICA MERCANTIL DA CERÂMICA NA REGIÃO DO RIO PINHEIROS

Como já documentado por Taunay (2004), Zanettini (2005); Zanettini e Moraes Wichers (2009) e Vieira (2016), São Paulo sempre teve uma tradição oleira, seja pela necessidade - já que

havia escassez de produtos em faiança (MOURA, 1999), seja pela influência tradicional dos habitantes indígenas que habitavam a região (KOK, 2009). Desta forma, a necessidade de se existir um comércio estabelecido de cerâmicas para uso doméstico afetava todas as classes sociais da São Paulo colonial.

O estudo da olaria do sítio Pinheiros 2 nos permite olhar fundo este aspecto mercantil que se formava na cidade, já que a sua produção em larga escala, com vários fornos, pode ser encaixada em conceitos associados a uma produção capitalista. Para Carla Sinopoli (1991), a organização da produção cerâmica configura os seguintes sistemas produtivos: *household production*: produção em pequena escala para o uso doméstico; *household industry*: produção doméstica para além do uso doméstico; *workshop industry*: produção por “especialistas” em pequena escala; *large-scale industry*: produção em larga escala feita por um grande número de trabalhadores altamente especializados.

As datações por arqueomagnetismo ainda apontaram por diferentes datas para duas estruturas de queima diferentes, possivelmente associando a Estrutura de Queima 6 a uma produção um pouco mais antiga do que a encontrada na área 01, onde estão outras sete estruturas de queima (incluindo a EQ3). Isso pode indicar que a produção de cerâmica no sítio Pinheiros 2 se iniciou com apenas um forno na área 06 do sítio, sendo posteriormente movida para área 01, onde foi massificada para atender a uma maior demanda por cerâmica utilitária. Contudo, acreditamos que exista uma sobreposição de períodos de funcionamento, com a Estrutura de Queima 06 ainda sendo utilizada ao mesmo tempo que as estruturas identificadas na área 01.

Portanto, levando em consideração as características de organização da produção do sítio Pinheiros 2, este apresenta similaridades com a produção do *workshop industry*. Este contexto apresenta as seguintes definições: aumento da escala de produção, envolvendo mudanças na tecnologia cerâmica; técnica produtiva feita através da roda ou moldagem (que permitem a produção em larga escala em um curto período de tempo); introdução de fornos, produção regular e estandardizada e produzido por “especialistas” (SINOPOLI, 1991). Portanto, a olaria do sítio Pinheiros 2, sendo uma “indústria artesanal”, possuía um caráter comercial, participando deste mercado ativo da cidade de São Paulo entre os séculos XVI e XVII - e, possivelmente, até mais adiante. Contudo, é importante frisar que apesar de existir uma estandardização da cerâmica produzida na olaria, ainda sim havia uma variabilidade considerável de motivos decorativos e de morfologias. Costin (2020) menciona que esta situação é bastante comum em contextos de contato cultural. Interessantemente, os casos que o autor detectou múltiplos processos tecnológicos ocorrendo em conjunto são frequentemente situações em que artesãos de diferentes identidades sociais ou experiências são (forçadamente) colocados juntos por uma entidade dominante.

É importante ressaltar que esta terminologia de “*workshop industry*” se aplica diretamente ao sítio em questão, e às características que puderam ser encontradas na materialidade do sítio. Contudo,

que não é uma definição que deve ser generalizada para outros locais de produção cerâmica em São Paulo. Costin (2020) aborda de forma clara que não devemos utilizar termos rígidos para definir o que é um local de produção, e sim compreendermos que locais produtivos são diversos e possuem características e atributos únicos. Desta forma, podemos chamar de “local de produção” todos os lugares em que é possível identificar diretamente que artesanatos manufaturados especializados tiveram ocorrência. Assim, ao invés de nos preocuparmos com os atributos para *um* local de produção, é possível focarmos nas características desta produção, no caso, a da olaria do sítio Pinheiros 2.

Com base no que observamos, diversas etapas de cadeia operatória citadas por Lemonnier (1992) e Silva (2000) puderam ser observadas com sucesso na olaria do sítio Pinheiros 2:

1) Procura da matéria-prima: O uso predominante de quartzo, quartzito, feldspato e mica na pasta denotam que a argila era retirada localmente, nas margens do rio Pinheiros. A região por onde passa o rio é rica em areias com muito quartzo, o que traz à tona a natureza granítica dos embasamentos. O granito é uma rocha ígnea, muito frequente em embasamentos cristalinos, cuja composição combina três minerais: quartzo, mica e feldspato (AB’SABER, 1978). Desta forma, pode-se perceber que a pasta encontrada no sítio se relaciona diretamente com o solo das margens de Pinheiros.

2) Transporte e tratamento: Não pudemos inferir nada, visto que não detemos evidências materiais da forma à qual a matéria-prima era levada à olaria. Mas acreditamos que dada a curvatura original do rio Pinheiros, a área do sítio se encontrava muito próxima das margens.

3) Processo de formação da vasilha: O uso de modelagem e moldes é absolutamente majoritário no sítio. O uso de molde ainda ajuda a corroborar a teoria de que a produção estava aumentando e novas maneiras de tornar a produção rápida e eficiente estavam sendo buscadas.

4) Secagem: A forma de secagem não pode ser identificada, contudo, foi possível perceber uma preferência para o uso de incisões após a secagem dos vasilhames.

5) Acabamentos de superfície pré-queima: Todos os acabamentos de superfície eram feitos antes da queima.

6) Queima: O processo de queima era realizado em fornos semi-abertos, com atmosfera oxidante e gerando um núcleo homogêneo. A coloração da queima se mostrou majoritariamente do tipo 02 (MORAES, 2006), com núcleo variando entre o bege e o cinza claro.

7) Acabamentos de superfície pós-queima: Inexistentes.

8) Uso e consumo: O uso dos vasilhames pode ser associado ao universo da alimentação, com uma porcentagem significativa sendo associados a Serviço e/ou Cocção de alimentos.

9) Distribuição: Com base nas cerâmicas analisadas nos sítios Casa do Bandeirante e Casa Bandeirista do Itaim Bibi, pudemos notar que foi possível identificar vasilhames com morfologias,

decorações, padrões de queima e pasta com muitas similaridades aos que foram vistos na produção da olaria do sítio Pinheiros 2.

10) Armazenagem: Ao que pudemos perceber, a cerâmica tinha um propósito de venda, logo, não era armazenada para uso. Porém, não pudemos identificar um local específico do sítio no qual as cerâmicas eram guardadas até a sua distribuição.

11) Descarte e descarte final: A presença de queimas pós deposicionais nos diz algumas coisas acerca dos padrões de descarte do sítio. Nos aponta que muitas das cerâmicas não eram recolhidas após as suas quebras, e que muitas eram largadas próximas aos seus locais de produção. Assim, estes fragmentos acabavam sofrendo queimas após o descarte.

12) Reutilização: Não há nenhum indício de reutilização de fragmentos quebrados. Talvez a única evidência de reutilização possa ser atribuída a alguns poucos fragmentos com uso de caco-móido na pasta.

A cerâmica standardizada e massificada do sítio Pinheiros 2 nos permite iniciar uma discussão que será mais aprofundada nas etapas subsequentes de pesquisa: as redes de interações sociais (ORSER JR., 1999). Com base nas análises dos contextos domésticos estudados nesta pesquisa, é possível começar a compreender a distribuição da cerâmica produzida na olaria do sítio Pinheiros 2. Desta forma, podemos começar a interpretar as relações de “ser humano para com ser humano” e “ser humano para com meio ambiente”.

A relação com o meio ambiente consegue ser observada através da materialidade e pode ser compreendida de uma maneira simples, já que a argila utilizada na confecção dos vasilhames provavelmente era retirada das imediações da olaria. Possivelmente a inserção da olaria nesta paisagem de beira de rio possuía um caráter estratégico, pois facilitava o transporte de matéria-prima e reduzia o tempo de procura. Entretanto, ao lidarmos com a relação entre seres humanos a situação se torna mais complexa. Em uma sociedade mercantil como era o Brasil colonial, as relações humanas são intrinsecamente afetadas pela natureza do capitalismo, ainda mais ao levarmos em conta um sítio arqueológico que se articulava nestas dinâmicas de mercado. Ao incorporarmos o conceito de capitalismo na sociedade colonial paulistana, obrigatoriamente precisamos discutir as relações de poder que atuavam sobre a produção cerâmica, já que relações capitalistas, necessariamente, pressupõem uma hierarquização de poder (ORSER JR., 1999). Com os artesãos sendo agentes produtores dentro de uma sociedade eurocêntrica, se mostra importante compreender as práticas culturais que podem ser identificadas na cerâmica, já que esta pode nos indicar estratégias de persistência cultural e de como o choque de ideologias afetava as relações de poder (ORSER JR., 1999; DEMINICIS, 2017).

Ao analisarmos as cerâmicas exumadas do sítio Pinheiros 2, pudemos perceber inúmeras características de práticas européias em sua produção. O uso de apliques, bases em pedestal, moldes,

morfologias em formato de frigideiras, panelas, xícaras, jarros, além de incisões onduladas encontradas frequentemente em cerâmicas portuguesas (BUGALHÃO; COELHO, 2015; CASIMIRO *et al.*, 2018) demonstram práticas advindas do poder colonial sobre a produção cerâmica.

Todavia, a produção cerâmica dificilmente era realizada pelos próprios colonizadores portugueses, visto que trabalhos braçais eram frequentemente atribuídos às populações indígenas, mamelucas e africanas. Essa pluralidade de práticas pode ser observada em todos os conjuntos cerâmicos analisados, principalmente nas características decorativas e morfológicas utilizadas. O uso de engobo vermelho e motivos losangulares são frequentemente atribuídos à resistência cultural de populações indígenas e miscigenadas vivendo sob a pressão colonial, como citam Brochado (1973), Tocchetto (1996) e Magalhães (2015). Ademais, as políticas de apresamento indígena realizadas pelos bandeirantes muitas vezes acabavam por trazer pessoas de áreas distantes, como das atuais regiões do Mato Grosso, Paraná e Minas Gerais, não se restringindo a comunidades indígenas próximas a São Paulo (MONTEIRO, 1995; VILARDAGA, 2017). Portanto, ao pensarmos nas práticas culturais envolvidas nas cerâmicas presentes nas imediações do rio Pinheiros, não pudemos nos ater apenas a produções indígenas próximos de São Paulo, já que os artesãos da região não necessariamente tiveram suas origens nestes locais. Ao aprofundarmos nossa análise, pudemos perceber que práticas decorativas e morfológicas similares as vistas em São Paulo puderam ser observadas em locais distantes, desde o Mato Grosso (ERIG LIMA, 2012) até o Rio Grande do Sul (SCHMITZ, 2009).

Com base na análise das relações de poder no interior da olaria, começamos a ter novas perspectivas acerca das redes de poder hierárquicas que estavam em jogo ao longo da produção, mais especificamente os processos cognitivos e culturais que estavam sendo impostos pelos colonizadores, assim como as práticas e continuidades culturais que estavam sendo empreendidas pelos colonizados. Giddens (2001) já mencionava que a inserção de comunidades tradicionais a uma sociedade global e com novas tecnologias ocasionava em impactos profundos nas formas de produção locais. Orser Jr. (1999) definiu esta situação como relações de poder verticais, já que dialogam com algo que se torna intrínseco a uma sociedade colonial: a hierarquia. Dessa forma, apesar da cerâmica ser produzida por mãos escravizadas, se encontrava integrada a uma lógica mercantil voltada para um mercado de pessoas livres (AGOSTINI, 2010), permitindo uma combinação entre a criatividade e a inovação de seus artesãos, a formatos e morfologias ligadas a um mercado europeizado (tabela 41).

A proximidade do sítio Pinheiros 2 com o antigo Aldeamento de Pinheiros levanta algumas questões interessantes, principalmente acerca da administração da olaria. Com base nas datações de termoluminescência existentes do sítio Pinheiros 2, tornava-se difícil precisar se o aldeamento estava sendo administrado pelos Jesuítas ou pela Ordem dos Beneditinos. Isso porque a expulsão dos jesuítas ocorreu em 1640, e as datações do sítio Pinheiros 2 englobam períodos anteriores à expulsão dos

jesuítas e posteriores. O contexto por trás da expulsão vem desde 1611, quando a população branca do aldeamento começou a reclamar que os padres possuíam predomínio sobre os indígenas. De acordo com a população, os indígenas se recusavam a servir os paulistas, e reconheciam apenas os padres como seus superiores. Em 1630, o Papa Urbano VIII criou uma Bula que reconhecia o direito de exclusividade da Companhia de Jesus em relação aos índios. Quando se soube que a Bula ia ser empregada em Piratininga, o povo se amotinou e expulsou todos os jesuítas que se encontravam no Colégio (AMARAL, 1985). Estes impasses entre os jesuítas e os moradores também podem ser vistos na obra de Nizza da Silva (2009, p. 51) quando menciona que: “os padres diziam publicamente que as aldeias eram suas, que eram senhores no sentido espiritual e temporal, e que só obedeciam ao Papa”. Contudo, com as datações por arqueomagnetismo apontando até finais do século XVIII, podemos afirmar com mais segurança uma provável administração beneditina na olaria do sítio Pinheiros 2.

Tabela 41: Morfologias Européias



Fonte: Elaborado pelo autor.

Gloria Kok (2009) ainda vai mais adiante, mostrando como o trabalho indígena era utilizado por toda a sorte de atividades desde o início da colonização, mencionando que os mesmos trabalhavam nas roças, fazendas, transportavam mercadorias, construíam casas e pontes e até

formavam tropas de combate contra invasores estrangeiros ou nativos. Na expressão de Petrone (1995, p. 213), eram “motores animados aplicados a toda a sorte de trabalhos”.

No que diz respeito a produção oleira, Vieira (2016) cita que o primeiro registro oficial de uma olaria na Vila de São Paulo é datado em março de 1575. Contudo, referências documentais mais precisas acerca da produção cerâmica na Vila de São Paulo somente aparecem com mais frequência no século XVIII. Vieira (2016) menciona em sua dissertação que a Ordem Beneditina não estava incluída na folha real como outras Ordens Monásticas enviadas à América e, desta forma, tinham a necessidade de gerar recursos próprios para a sua manutenção no continente. Segundo Tavares (2004) e Carréra e Surya (2008), os monges beneditinos se tornaram proprietários de fazendas de gados, de engenhos, de olarias, além de se dedicarem a lavoura em diversas partes do Brasil já no século XVII.

Neste sentido, torna-se compreensível a dinâmica de produção encontrada na olaria do sítio Pinheiros 2, podendo ela ser associada a esse contexto comercial da Ordem Beneditina. Outras menções a atividades econômicas oleiras são observáveis no século XVIII. Monteiro (2004) menciona a existência de uma olaria em Pinheiros que possuía 30 louceiras. Se esta olaria mencionada por Monteiro é, de fato, a de Pinheiros 2, apenas podemos deixar margem para especulação, apesar das datações por arqueomagnetismo abrangerem o período observado pelo autor. Vieira (2016) também menciona que artesãos e oleiros eram frequentemente movidos entre as Vilas devido a demandas por suas habilidades. A autora menciona um caso específico, em que um oleiro indígena chamado de Marcello de Castro foi levado de Pinheiros em 1769, com a sua família, para a nova povoação de *Ivay*⁷, para fabricarem telhas e louças.

Vieira (2016) também aponta que muito próximo a localização da olaria do sítio Pinheiros 2 havia um pequeno porto fluvial chamado de Porto do Veloso, que nas primeiras duas décadas do século XVIII constava como um entreposto comercial da Ordem dos Beneditinos. A região de Pinheiros também era bem servida de caminhos terrestres. O célebre caminho do Peabirú passava diretamente por Pinheiros, sendo que o trecho que ligava o núcleo urbano de São Paulo ao aldeamento de Pinheiros era chamado de Caminho do Jeribatiba, ou Caminho dos Pinheiros. Pinheiros também estava ligada a outras partes do Peabirú, como o Caminho do Mar, que ligava ao litoral, e o Caminho do Sertão, que cruzava o rio Pinheiros e seguia para o interior pela região atual do Butantã (ROCHA FILHO, 1992; GONÇALVES, 1998; REIS FILHO, 2004; CAMPOS JR., 2006). Petrone (1963) ainda argumenta em favor de que uma ponte estaria localizada na região de Pinheiros, o que facilitaria este trajeto rumo ao sertão paulista.

Como pudemos perceber anteriormente, também se mostra complexa a questão de gênero na produção cerâmica na região de Pinheiros, pois existem referências documentais de homens e

⁷ As regiões dos Sertões do Ivay e do Tibagy eram localizadas no Norte do Paraná, próximos de onde estão os rios Ivaí e Tibagi (PICANÇO; MESQUISA, 2011; BACELLAR, 2017).

mulheres exercendo a atividade, sendo complicada a atribuição da atividade a um único gênero. Costin (2020) argumenta que esta questão é bastante controversa e de difícil observação no registro arqueológico. Para o autor, muitas vezes é presumido que bens manufaturados – cerâmica em particular – são feitos majoritariamente por mulheres quando a produção é doméstica, mas que a atividade se torna mais masculina conforme é realizada em olarias fora do ambiente doméstico. Contudo, evidências empíricas – tanto etnográficas quanto textuais – demonstram que a situação é significativamente mais complexa. Assim como questões de gênero, idade é um aspecto identitário do artesão que é difícil de se conceber arqueologicamente, apesar de modelos de treinamento de artesanato geralmente assumirem que habilidades manuais são ensinadas na infância, e às vezes, na adolescência (COSTIN, 2020).

As relações de caráter horizontal levam em conta a interligação não hierárquica entre diversos domínios dentro de unidades sociais. Esta relação dialoga com a relação cliente-produtor, e diante de um meio mercantil de distribuição cerâmica, estas relações horizontais puderam ser observadas na análise cerâmica (ORSER JR., 1999). Somente desta forma foi possível estabelecer conexões entre Unidades Produtoras e Unidades Consumidoras de vasilhames cerâmicos na região, proporcionando uma luz acerca da variabilidade espacial (SCHIFFER, 2010) das cerâmicas produzidas na olaria do sítio Pinheiros 2.

Ao observamos o padrão técnico, morfológico e decorativo das cerâmicas produzidas na olaria do sítio Pinheiros 2, pudemos perceber predomínios em cerâmicas que após a queima resultaram em colorações claras, com decorações principalmente voltadas às incisões losangulares e onduladas, além de morfologias simples, levemente restritas, como é o caso da morfologia 03. Vasilhames com estas características puderam ser encontrados com sucesso em ambos os contextos domésticos analisados, como pudemos observar nas seções 4.2.1 e 4.2.3. Entretanto, estas similaridades não são vistas de formas iguais em ambos os sítios das Casas Bandeiristas. Uma quantidade muito maior de peças similares a Pinheiros 2 é vista na Casa do Bandeirante, enquanto somente um percentual menor de peças similares é visto na Casa Bandeirista do Itaim Bibi. Isso é perceptível quando observamos os percentuais das técnicas de manufatura, padrões de queima, morfologias, entre outras categorias de atributos.

Este percentual elevado de peças distintas pode indicar que devia estar vindo de uma (ou várias) olarias diferentes, e não somente da de Pinheiros 2. O alto grau técnico das cerâmicas encontradas na Casa Bandeirista do Itaim Bibi, com peças com roletes expostos, decorações delicadas e até apliques decorados para imitar uma corda (decoração 5.7) indicam que os residentes do sítio Casa Bandeirista do Itaim Bibi possuíam interesse em peças com um grau de decoração diferente e de maior aparente dificuldade do que é observado no sítio Pinheiros 2. Contudo, isso não invalida o percentual menor de peças que, de fato, possuem características similares às vistas na olaria do sítio

Pinheiros 2 mostrando que, possivelmente, as cerâmicas eram obtidas de diversas olarias e Pinheiros 2 era uma delas.

É importante ressaltar que a diferença elevada encontrada na materialidade do sítio Casa Bandeirista do Itaim Bibi em relação aos outros dois sítios pode ser associada a períodos históricos levemente distintos. No recorte metodológico utilizado para esse sítio foram priorizadas cerâmicas encontradas nas intervenções com mais probabilidade de serem associadas ao século XVII. Contudo, com as datações por arqueomagnetismo apontando que a olaria do sítio Pinheiros 2 teve seu período de funcionamento até fins do século XVIII, e as cerâmicas da Casa do Bandeirante apontando materiais associados a esse mesmo período (como o crucifixo identificado na figura 03), é possível que as cerâmicas observadas nestes dois sítios sejam um pouco mais recentes do que as encontradas na Casa Bandeirista do Itaim Bibi. No entanto, ainda sim, uma quantidade significativa de peças similares as produzidas no sítio Pinheiros 2 foram encontradas na Casa Bandeirista do Itaim Bibi, e estas peças podem ser associadas à longa ocupação do sítio, que apresenta materiais ligados aos séculos XVIII, XIX e XX. Possivelmente se tivéssemos analisado mais intervenções no sítio, e incluído áreas onde materiais associados aos séculos XVIII foram mais frequentemente encontrados, mais peças similares as encontradas na olaria do sítio Pinheiros 2 teriam sido observadas.

Este comportamento de se obter produtos de diversos locais não seria incomum, visto que diversos estudos que versam acerca de padrões de consumo demonstram que em sociedades mercantis a existência de estratificação social cria necessidades de consumo distintas. Tanto Douglas e Isherwood quanto Chai (2018) são categóricos ao afirmarem que existe uma tendência de que conforme a renda de uma residência é elevada, os padrões de consumo começam a se diversificar. Segundo Douglas e Isherwood (1996), para indivíduos mais livres, a característica principal e um luxo é que ele faz parte de uma variedade elevada de bens. O homem de um luxo só é um homem pobre. Conforme se torna mais rico os seus hábitos de consumo mais responsáveis em relação a renda tendem a se diversificar, e se deve considerar a estrutura total dos luxos de modo a compreender sua natureza (DOUGLAS; ISHERWOOD, 1996).

Já para Chai (2018), acerca da maior demanda por variedade, é atestado que inicialmente, quando movendo de renda baixa para níveis médios de renda, residências tendem a diversificar os seus gastos ao expandir a variedade de bens e serviços que são consumidos numa vasta gama de categorias de gastos (CHAI, 2018).

Este comportamento pode ser observado claramente no contexto doméstico da Casa Bandeirista do Itaim Bibi. Neste sítio foi observada uma variedade maior de decorações do que na própria olaria de Pinheiros 2, e a ausência de um padrão claro de queima das cerâmicas indicam que poderiam ser originados de uma variedade de artesãos e/ou de fornos, já que as atmosferas de queima chegavam a indicar uma divisão quase em 50/50% entre redutoras e oxidantes. Esta forma de

consumo também pode ser observada na Casa do Bandeirante, porém em menor escala. Poucos motivos decorativos “exclusivos” foram observados na materialidade do sítio, e somente uma morfologia “exclusiva” foi identificada. De toda forma, estes poucos exemplos podem ser relacionados a produções cerâmicas advindas de outras olarias.

Esta forma de consumo ainda pode reverberar diretamente a sociedades pré-industriais, em que o enfoque de gastos das habitações é majoritariamente dedicado no consumo de comida (CHAI, 2018) e vasilhames cerâmicos voltados ao universo da alimentação fazem parte desta forma de consumo residencial.

É relevante destacar que, ao mesmo tempo em que existe uma tendência à diversificação dos bens consumidos, também existe uma tendência à uma estandardização na qualidade destes mesmos produtos. Apesar de ser paradoxal, Douglas e Isherwood (1996) argumentam que as sociedades criam expectativas de consumo baseadas em suas classes sociais. Afinal, para os autores a diversidade é um importante aspecto nos luxos, sendo sempre a última moda em estilo e conforto em atividades altamente especializadas. A segunda é, paradoxalmente, a tendência de ser estandardizado, como qualquer pessoa pública indo jantar em eventos cerimoniais pode atestar: os mesmos antepastos, o mesmo faisão ou salmão de acordo com a estação, os mesmos vegetais e sobremesas, seguidos de pequenos goles de líquidos quentes e frios. É como se a fórmula para ocasiões de alto status não pudesse ser alterada sob o risco de mandar a mensagem errada (DOUGLAS; ISHERWOOD, 1996).

De acordo com os autores, o mesmo pode ser observado em bens materiais, em que itens específicos são considerados bens de luxo e apesar de existir uma variedade de consumo, alguns itens são estandardizados como itens de luxo e exibição (DOUGLAS; ISHERWOOD, 1996).

Ao afirmarmos que o padrão de consumo das cerâmicas observadas na região do rio Pinheiros era diverso e que deveria abranger múltiplas olarias, não estamos tentando homogeneizar a experiência consumidora deste período. Compreendemos que as relações da sociedade de consumo são complexas, e abrangem diversas individualidades inerentes à complexidade do pensamento e do comportamento humano (WOBST, 1978). Isto porque padrões de consumo refletem também apreensões simbólicas e práticas, agindo como formas de expressão que variam ao longo do tempo (BUCHLI; LUCAS, 2001). O consumidor não é um agente passivo na sociedade de consumo, pois cada pessoa se relaciona de uma certa forma com os produtos que estão disponíveis em cada ambiente. Deste modo, podemos compreender que cada sociedade domestica a inserção dos produtos em seus estilos de vida, persistindo em algumas atitudes e inovando em outras (SPAARGAREN, 2000; JACKSON, 2004; SOUZA, 2015). Portanto, o consumo humano não é algo fixo e sim dinâmico, abrangendo realidades pessoais e culturais de cada comunidade (WURST; MCGUIRE, 1999).

Outro aspecto relevante na compreensão das “relações horizontais” (ORSER JR. 1999) entre Unidades Produtoras e Consumidoras é a de como as transações eram realizadas. Apesar da grande

quantidade de produtos importados e exportados por São Paulo, a maior parte do comércio era realizado por escambo, já que haviam frequentes esgotamentos de dinheiro e ouro em toda a capitania, um problema que persistiria até o século XIX (BLAJ, 2002; TAUNAY, 2004). Esta situação também é evidenciada por Vieira (2016) quando é abordada a frequente ausência de dinheiro em espécie, fazendo com que os “bens da terra” tivessem seus valores atribuídos não pela sua importância real e sim pela sua importância simbólica. Possuir terras não significava ao habitante da Vila de São Paulo ser rico. O que estabelecia a relação de riqueza era o que ele produziria nesta terra, “pois essa seria a sua moeda de troca: os bens que produzisse em suas testadas” (VIEIRA, 2016, p. 27-28).

Com base no que abordamos nesta seção, podemos concluir que a produção cerâmica na olaria de Pinheiros 2 possuía um caráter mercantil, estandardizado e hierarquizado, possivelmente sob uma administração beneditina. Já a lógica de distribuição das louças lá produzidas se mostra mais complexa, com evidências materiais apontando para cerâmicas similares sendo encontradas em ambos os sítios de contextos domésticos da presente pesquisa. Apesar de serem encontradas estas peças similares, podemos compreender que os padrões de compra presentes nestas habitações eram muito mais complexos e provavelmente abarcavam diversas olarias na região. Portanto, a região do rio Pinheiros se mostra inserida em uma sociedade dinâmica, mercantil e com padrões de consumo diversificados, voltados para interesses específicos dos residentes da região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Would you tell me, please, which way I ought to go from here? “That depends a good deal on where you want to get to” said the Cat (CARROLL, 1865).

Ao longo desta dissertação nós procuramos abordar a produção cerâmica da olaria do sítio Pinheiros 2 e de como esta dialogava com contextos domésticos próximos. Para isso, fizemos uso de fontes interdisciplinares, contando com bibliografias de arqueólogos, historiadores, arquitetos, geofísicos e urbanistas e até mesmo estudos de economia para compreender os padrões de consumo que existiam em São Paulo durante o período histórico estudado. Este conjunto de referências é fundamental para se compreender contextos ligados ao que chamamos de Arqueologia Histórica. Isto porque este campo lida com memórias públicas esquecidas ou rearticuladas em função de processos colonialistas e capitalistas que são vistos como formadores da modernidade (HALL; SILLIMAN, 2006). São períodos complexos, marcados por experiências urbanas plurais (TOCCHETTO; THIESEN, 2007) com dinâmicas locais e globais que transcendem metodologias rígidas. A Arqueologia por si só já é uma ciência interdisciplinar (ARAUJO, 2018), e a Arqueologia Histórica não é diferente, como se pode perceber nesta pesquisa.

No início desta dissertação nós traçamos três objetivos que guiaram a narrativa desta pesquisa: 1) Estabelecer os padrões produtivos mais comuns das cerâmicas manufaturadas em Pinheiros 2; 2) Identificar tais padrões em outros sítios próximos, como os sítios Casa Bandeirista do Itaim Bibi e o sítio Casa do Bandeirante do Butantã; 3) Refletir sobre como a materialidade dos sítios trabalhados pode oferecer informações acerca de processos econômicos e sociais na São Paulo colonial.

O 1º objetivo foi cumprido ao estabelecermos que o padrão de produção da olaria do sítio Pinheiros 2 se dá no uso majoritário de molde e modelagem; com espessuras entre 5 e 10mm; peças com pouca frequência de antiplástico; quase todas as peças possuindo quartzo, quartzito, feldspato e mica na pasta; antiplástico de tamanho reduzido; queima com atmosfera oxidante e gerando coloração entre o bege e o cinza claro; superfície interna alisada; superfície externa com uso de alisamento ou decoração plástica; uso frequente de motivos losangulares nas incisões; preferência por fazer as incisões após a secagem da argila; e uma parte significativa dos vasilhames podendo ser associada a Serviço e/ou Cocção de alimentos.

O 2º objetivo se deu ao concluirmos que foi possível observar peças com estes padrões na Casa do Bandeirante e na Casa Bandeirista do Itaim Bibi, apesar da frequência de peças similares se dar de forma mais frequente na Casa do Bandeirante. Desta forma, foi possível compreender que havia sim uma produção regional da cerâmica na olaria, e que esta cerâmica era distribuída para residências próximas. A variabilidade frequencial (SCHIFFER, 2010) em que encontramos estas

peças nas Casas nos levou a crer que as unidades domésticas possuíam um padrão complexo de compra de cerâmicas utilitárias, obtendo peças de outras olarias além de Pinheiros 2. Com isso, esperamos ter contribuído para a discussão no que diz respeito a distribuição de cerâmicas no período histórico e mapeando um pouco da distribuição que esta mercadoria possuía.

Já o 3º objetivo foi obtido ao refletirmos acerca dos processos econômicos e sociais que eram possíveis de serem observados através da materialidade analisada. Pudemos tecer diversas considerações acerca dos funcionamentos da olaria e de como elas podem representar alguns dos processos hierárquicos da região, além de compreender a demografia presente nas margens do rio Pinheiros e compreender alguns dos padrões de consumo ligados a cerâmica utilitária na região, como pudemos observar ao longo do capítulo 04.

Contudo, a relação da produção cerâmica com a administração colonial presente em São Paulo foi um dos processos mais importantes ao se tentar compreender o funcionamento da olaria. E para conceber esta relação, foi preciso olhar para os indivíduos, para os artesãos que produziram as peças que séculos depois foram escavadas e analisadas pelos arqueólogos.

Ao observarmos estes fragmentos com decorações e técnicas produtivas bem definidas e ao mesmo tempo com alta variabilidade e criatividade, foi possível perceber que o artesão era uma figura dinâmica, que interagia com a materialidade de uma forma consciente, transmitindo seus valores tradicionais na sua prática (DEMARRAIS *et al.*, 2004). Podemos perceber ainda que motivos decorativos similares podem ser encontrados em contextos pré-coloniais, contextos africanos, e contextos europeus, mostrando que havia um processo de negociação e flexibilidade nas práticas cerâmicas da região. E podemos ainda dizer que este processo de rearticulação multifacetada de práticas ocorria em diversas regiões do Brasil colonial, visto que encontramos motivos decorativos similares em diversos locais, muitos deles longe de São Paulo.

Neste sentido, podemos perceber que o estereótipo do escravo sem agência não procede neste contexto, mesmo em posições subalternas, os artesãos possuíam agência acerca de suas produções. Apesar de a lógica produtiva ter um aspecto de mercado, e de se adaptar a uma lógica europeia de alimentação, a contribuição indígena e africana é nítida na cerâmica observada na região do rio Pinheiros entre os séculos XVII e XVIII. Isso também demonstra a importância que os objetos possuíam na manutenção e persistência cultural destes povos, já que os mesmos possuíam um papel ativo e necessário na sociedade e por isso faziam questão de demonstrar tradições na cerâmica utilitária (DAVID *et al.*, 1988). Concluimos assim que os processos coloniais não são unilaterais e ditados unicamente pelo colonizador (ARROYO, 2016). São processos de múltiplas mãos, que atravessam articulações sociais e econômicas e possuem variações particulares para cada um dos agentes envolvidos. Isso mostra que não existe apenas uma história dos processos de colonização no

Brasil, e sim processos individualizados que levam em conta respostas únicas das comunidades envolvidas e suas próprias formas de negociação e criatividade.

Esperamos que esta pesquisa ainda tenha instigado o leitor a desmistificar a visão que foi perpetuada por décadas de uma São Paulo estática, desconectada, atrasada e sem uma história digna de ser contada, e mostrar que não existe uma única história para esta cidade, e sim múltiplas histórias que passam pelas mãos desta população diversa, com múltiplas origens, línguas e tradições. Além de uma população demograficamente profunda, São Paulo também possuía padrões de consumo complexos e uma conexão comercial de longa distância, além de interagir com mercadorias que vinham de diversas partes do mundo. E pudemos tecer todas estas considerações através de uma metodologia interdisciplinar que dialogou diretamente com o que foi possível ser observado na materialidade. Por último, também acreditamos ter contribuído para a compreensão da olaria de Pinheiros 2 enquanto um ambiente produtivo significativo para a região e de longa duração, além de promovermos algumas considerações acerca da sua administração e funcionamento.

Compreender aspectos societários através da materialidade não foi uma tarefa simples, ainda mais em um contexto multifacetado como é o que encontramos na região de Pinheiros. Apesar das limitações do estudo, acreditamos ter contribuído positivamente para as discussões relativas a Arqueologia Histórica, história de São Paulo, Arqueologia Urbana, e Arqueologia em contextos produtivos no Brasil, e compreendemos que mais pesquisas podem ser realizadas já que não foram exauridas as possibilidades de análise nos sítios e nem na região estudada.

REFERÊNCIAS

A LASCA ARQUEOLOGIA. **Programa de Arqueologia Preventiva - Relatório Técnico (Resgate Científico Arqueológico) Lote da Avenida Brigadeiro Faria Lima, Altura do nº 3500**. Município de São Paulo/SP. São Paulo, 2011.

AB'SABER, A. **A planície do Tietê no planalto Paulistano**. In: Geomorfologia. Instituto de Geografia-USP, São Paulo, n. 57, p. 1-24, 1978.

_____. A estrutura da planície do Pinheiros: a Geologia da região do Butantã, em São Paulo, e o desastre recente nas obras do Metrô. **Scientific American Brasil**, Observatório, p. 98, 2007.

ADICHIE, C. **The danger of a single story**. TED Talks. 2009. Disponível em: <<http://africa.harvard.edu/chimamanda-adichie-the-danger-of-a-single-story/>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

AFONSO, M. C. Arqueologia Jê no Estado de São Paulo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, vol. 27, p. 30-43, 2016.

AFONSO, M. C.; MORAES, C. A. **Ocupações Ceramistas no norte do Estado de São Paulo: o sítio Água Branca**. In: I Congresso Internacional da SAB/XIV - Congresso da SAB/III Encontro do IPHAN e Arqueólogos. Florianópolis, Cd do XIV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2007.

AFONSO DOS SANTOS, A. M. **A Casa do Bandeirante como espaço museológico (1954-1964)**. (Dissertação de Mestrado - Museologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2016.

AGNOLIN, A. **Jesuítas e Selvagens: a negociação da fé no encontro catequético-ritual americano-tupi (séculos XVI-XVII)**. São Paulo: Humanitas, 2007.

AGOSTINI, C. Padrões de decoração em vasilhames cerâmicos no Rio de Janeiro do século XIX. In: **Revista de Arqueologia**, vol. 11, p. 1-14, 1998a.

_____. Resistência cultural e reconstrução de identidades: um olhar sobre a cultura material dos escravos do século XIX. **Revista de História Regional**, vol. 3, n. 2, p. 115-137, 1998b.

_____. Cultura material e a experiência africana no sudeste oitocentista: cachimbos de escravos em imagens, histórias, estilos e listagens. **Topoi**, vol. 10, n. 18, p. 39-47, 2009.

_____. Painéis e paneleiras de São Sebastião: um núcleo produtor e a dinâmica social e simbólica de sua produção nos séculos XIX e XX. **Vestígios**, vol. 4, p. 127-144, 2010.

_____. **Mundo atlântico e clandestinidade: dinâmica material e simbólica em uma fazenda litorânea no sudeste, século XIX**. (Tese de Doutorado – História). Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2011.

ALBUQUERQUE, P. **A faiança portuguesa: demarcador cronológico na Arqueologia Brasileira**. Recife, 2001.

ALMEIDA, F. O. A arqueologia dos fermentados: a étfica história dos Tupi-Guarani. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 29, n. 83, p. 87-118, 2015.

ALMEIDA, F. O.; NEVES, E. G. Evidências arqueológicas para a origem dos Tupi-Guarani no leste da Amazônia. **Mana**, vol. 21, n. 3, p. 499-525, 2015.

AMARAL, A. A. **A Hispanidade em São Paulo**. Barueri: Nobel, 1981.

AMARAL, A. B. **História dos Bairros de São Paulo - Pinheiros**. São Paulo: Prefeitura Municipal, 1985.

AMARAL, D. **Loiça de barro do Agreste: um estudo etnoarqueológico de cerâmica histórica pernambucana**. (Dissertação de Mestrado - Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2012.

AMATO, C.; NEVES, I.; RUSSO, A. **Livro das Moedas do Brasil**. São Paulo: Claudio Amato, 2009.

ANDREATTA, M. D. Arqueologia histórica na Cidade de São Paulo. **Arqueologia**, Curitiba: CEP/UFPR, vol. 5, p. 113-115, 1986.

ARAUJO, A. G. M. A arqueologia como paradigma de ciência histórica e interdisciplinar. **Estud. av.** vol. 32, n. 94, São Paulo, 2018.

ARROYO, J. **Transculturation, syncretism, and hybridity**. In: MARTÍNEZ-SAN MIGUEL, Y.; SIFUENTES-JÁUREGUI, B.; BALAUSTEGUIGOITIA, M. (Org.). *Critical terms in Caribbean and Latin American thought*. New Directions in Latino American Cultures. Palgrave Macmillan: Nova Iorque, 2016.

BACELLAR, C. A. P. As famílias de povoados em áreas de fronteira da capitania de São Paulo na segunda metade do século XVIII. **R. bras. Est. Pop.**, Belo Horizonte, vol. 34, n. 3, p. 549-565, 2017.

BARRACLOUGH, D. R. Spherical harmonic analyses of geomagnetic field for eight epochs between 1600 and 1910. *Geophys. J. R. Astron. Soc.*, vol. 36, p. 497-513, 1974.

BARROS, L. *et al.* **A olaria renascentista de Santo António da Charneca - Barreiro: a louça doméstica**. In: *Arqueologia Moderna*, p. 361-372, 2012.

BERG, I. Looking through pots: recent advances in ceramics X-radiography. In: **Journal of Archaeological Science**, n. 35, p. 1177-1188, 2008.

_____. **Exploring the chaîne opératoire of ceramics through X-radiography**. In: SCARCELLA, S (Org.). *Archaeological Ceramics: A Review of Current Research*. Oxford: Archaeopress, 2011.

BESPALEZ, E. Arqueologia e história indígena no Pantanal. **Estudos Avançados**, vol. 29, n. 83, p. 45-86, 2015.

BEZERRA DE MENESES, U. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, São Paulo, vol. 115, p. 103-117, 1983.

_____. **Memória e Cultura Material: Documentos pessoais no espaço público**. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, p. 89-104, 1998.

BLAJ, I. **A Trama das Tensões: o processo de mercantilização de São Paulo colonial (1681-1721)**. São Paulo: HUMANITAS/FAPESP, 2002.

BLASI, O. O sítio arqueológico de Estirão Comprido, rio Ivaí, Paraná, Estudos complem. **Arquivos do Museu Paranaense**, nova série arqueologia, Curitiba, n. 3, 60p., 1967.

BLOXHAM, J.; JACKSON, A. Time-Dependent mapping of the Magnetic Field at the core-mantle boundary. **J. Geophys. Res.**, vol. 97, p. 19537-19563, 1992.

BORREGO, M. A. **A teia mercantil: negócios e poderes em São Paulo colonial**. São Paulo: Alameda/Fapesp, 2010.

BOSTOEN, K. What comparative Bantu pottery vocabulary may tell us about early human settlement in the Inner Congo Basin. **Afrique & Histoire**, vol. 5, p. 221-263, 2006.

BROCHADO, J. P. Contatos europeus e indígenas: um estudo de aculturação através das mudanças na cultura material. **Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**, UFRGS, Porto Alegre, Ano II, n. 2, p. 11-47, 1973.

BUARQUE, Chico. **Construção**. In: *Construção*. Rio de Janeiro: Phonogram: 1971.

BUCHLI, V.; LUCAS, G. **Archaeologies of Contemporary Past**. Routledge: Londres, 2001.

BUGALHÃO, J.; COELHO, I. P. **Cerâmica Moderna de Lisboa: Proposta Tipológica**. In: *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*. CAL - Centro de Arqueologia de Lisboa, p. 107-145, 2015.

CALDARELLI, S. **A ocupação indígena do Vale do Paraíba Paulista: do período pré-colonial ao contato com o branco**. In: *Arqueologia do Vale do Paraíba Paulista, SP-070*. Rodovia Carvalho Pinto, DERSA-IPARQ/UNISANTOS-SCIENTIA, 2003.

CALI, P. **O Patrimônio Arqueológico de Ilhabela**. 1. ed. Ilhabela: Secretaria Municipal da Cultura, 2003.

CALZA, C. *et al.* Análise de peroleiras e cachimbos cerâmicos provenientes de escavações arqueológicas. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**, Belém, vol. 8, n. 3, p. 621-638, 2013.

CAMPOS, S. **Bonecas Karajá: modelando inovações, transmitindo tradições**. (Tese de Doutorado - Ciências Sociais). Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

CAMPOS JR., E. A Vila de São Paulo em seus primórdios: ensaio de reconstituição do núcleo urbano quinhentista. **Arquipaustana**, São Paulo, n. 204, 104p, 2006.

CANDUSSIO, A.; ROSSI, E. **Medagliette e Crocifissi della devozione popolare friulana nei secoli**. Provincia di Udine. Assessorato alla Cultura, Basaldella: La Tipografica, 2005.

CARDOSO, G.; BATALHA, L. **Evidências de produção oleira dos finais do século XVI a meados do século XVII no Largo de Jesus (Lisboa)**. In: *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma cidade em escavação*. Lisboa: CAL, p. 147-181, 2017.

CARRÉRA, M.; SURYA, L. A organização espacial de uma fazenda colonial beneditina reflexo da estruturação social vigente. In: **Anais dos II Encontro Internacional de História Colonial - Revista de Humanidade**, UFRN - Caicó (RN), vol. 9, n. 24, 2008.

CARROLL, Lewis. **Alice's Adventures in Wonderland**. Londres: MacMillan and Co., 1865.

CASIMIRO, T. **Portuguese red corsewares and Historical Archaeology**. In: SMITH, C. (Org.). *Encyclopedia of Global Archaeology*. New York: Springer, 2014.

_____. **A distribuição e consumo de louça de Lisboa no Atlântico Norte (1600-1700)**. In: *Meios Vias e Trajetos...Entrar e sair de Lisboa*. Câmara Municipal de Lisboa, p. 160-168, 2018.

CASIMIRO, T.; BARROS, L. **De quem são estas ollas? Comer, beber, armazenar em Almada no século XIII**. In: *Actas do X Congresso Internacional a Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*, Silves - Mértola, 22 a 27 de Outubro de 2012, 2012.

CASIMIRO, T. *et al.* (2018) - *Ceramics and cultural change in medieval (14th-15th century) Portugal: The case of post-Reconquista Santarém*. **Medieval Ceramics**, vol. 37, p. 21-36, 2018.

CASIMIRO, T. M. *et al.* *Mobility and Identities: The Case of the So-Called African Pots from Lisbon (Portugal)*. **International Journal of Historical Archaeology**, vol. 24, p. 79-94, 2019.

CARRARA, A. A população do Brasil, 1570-1700: uma revisão historiográfica. **Revista Tempo**, vol. 20, 2014.

CHAI, A. **Household consumption patterns and the sectoral composition of growing economies: a review of the interlinkages**. United Nations Industrial Development Organization (UNIDO), Inclusive and Sustainable Industrial Development Working Paper Series, Department of Policy Research and Statistics, 59p, 2018.

CHMYZ, I. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. **Cadernos de Arqueologia 1**, vol. 1, Universidade Federal do Paraná, Paranaguá, 1976.

CORRÊA, A. A. **Pindorama de mboia e îakaré: continuidade na trajetória das populações Tupi**. (Tese de Doutorado - Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2014.

COSTIN, C. L. **What is a Workshop? Approaches to the Analysis of Production Activity at Archaeological Sites**. Hodgkinson & Tvetmarken (eds), Oxford: Archaeopress, pp. 177-197, 2020.

DANTAS, E. N. **As escolhas do tempo na cerâmica arqueológica no sítio Vitória Régia I, Xingó**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Arqueologia) - Universidade Federal de Sergipe, 2018.

DASZKIEWICZ, M. **Ancient pottery in the laboratory - Principles of archaeoceramological investigations of provenance and technology**. In: *Novensia 25*, Universidade de Varsóvia, p. 177-198, 2014.

DAVID, N.; STERNER, J.; GAVUA, K. Why pots are decorated. **Current Anthropology**. Chicago, vol. 29, p. 365-389, 1988.

DELEUZE, Gilles. **Logic of sense**. London: Athlone, 1990.

DE MAN, A. *et al.* **Cerâmica medieval de Conimbriga**. In: DE MAN; TENTE (Org.). Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal - séculos XI a XII. Instituto de Estudos Medievais, 2014.

DE MARRAIS, E; GOSDEN, C; RENFREW, C. **Introduction**. In: DE MARRAIS *et al.* (Org.): Rethinking materiality: the engagement of mind with the material world. McDonald Institute for Archaeological Research, Cambridge, 2004.

DENBOW, J. **The archaeology and ethnography of Central Africa**. Cambridge University Press, Cambridge, 2014.

DIAS JR., O. A cerâmica neo-brasileira. **Arqueo-IAB**, Textos Avulsos, n. 1, p. 3-13, 1988.

DICK, M. V. A. **A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo (1554-1897)**. São Paulo: Annablume, 1997.

DEMINICIS, R. A escrita da história do Brasil através dos vasilhames cerâmicos das populações subalternas: o papel atual da arqueologia. In: **Revista de Arqueologia**, vol. 30, n. 1, p. 73-88, 2017.

DOCUMENTO PROJETOS E PLANEJAMENTO. **Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural (Etapa Prospecção)**. Terreno na Avenida Horácio Lafer, Bairro Itaim Bibi, Município de São Paulo/SP (Relatório Final). São Paulo, 2011.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **The World of Goods: Towards an anthropology of consumption**. London: Routledge, 1996.

DUNLOP, D. J.; ÖZDEMİR, Ö. **Rock magnetism, fundamental and frontiers**. Cambridge University Press, New York, 1997.

_____. **Magnetizations in Rocks and Minerals**. In: KONO, M.; SCHUBERT, G. (Org.). Treatises in Geophysics. Geromagnetism, vol 5 (Elsevier, Amsterdam), p. 277-336, 2007.

ENGLISH HERITAGE. **Archaeomagnetic Dating: Guidelines on producing and interpreting archaeomagnetic dates**. Swindon: English Heritage Publishing, 2006.

ERIG LIMA, L. F. A Cerâmica Capão do Canga: Uma nova indústria cerâmica na bacia do Alto Guaporé, Mato Grosso, Brasil. **Amazônica**, vol. 4, n. 1, p. 186-220, 2012.

ERVEDOSA, C. **Arqueologia angolana**. Angola: Luanda, 1980.

ETCHEVARNE, C. Aspectos da Cerâmica Colonial do Século XVII, em Salvador, Bahia. **CLIO - Série Arqueológica (UFPE)**, Recife, vol .1, p. 53-79, 2006.

FACCIO, N. **Estudo do sítio arqueológico Alvim no contexto do Projeto Paranapanema**. (Dissertação de Mestrado - Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

FACCIO, N. B. *et al.* Os sítios históricos Itatiba e Itatiba II: Interpretação a partir dos registros líticos e cerâmicos. **Tópos**, vol. 2, n. 1, p. 42-83, 2008.

FAUSTO, B. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2006.

FENNELL, C. C. Group identity, individual creativity, and symbolic generation in a Bakongo diaspora. **International Journal of Historical Archaeology**, vol. 7, n. 1, p. 1-31, 2003.

FISCHER, R. A. **Dispersion on a sphere**. In: Proceedings of the Royal Society, London, A 217, p. 295-305, 1953.

FUNARI, P. P. A.; SENATORE, M. X. **Introduction: Disrupting the grand narrative of Spanish and Portuguese Colonialism**. In: FUNARI; SENATORE (Org.). *Archaeology of Culture Contact and Colonialism in Spanish and Portuguese America*. Nova Iorque: Springer, 2015.

FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2000.

GASPAR, A; GOMES, A. **A cerâmica moderna do Castelo de S. Jorge: produção local de cerâmica comum, pintada a branco, moldada e vidrada e de faiança**. In: TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (Org.). *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna (Arqueoarte, 1)*, vol. 2, Lisboa, CHAM/Faculdade de Ciência Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa e Universidade de Açores, p. 719-732, 2012.

GASPAR, M. **A cerâmica arqueológica na terra indígena Kaiabi (MT/PA)**. (Dissertação de Mestrado - Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

GESTÃO ARQUEOLOGICA CONSULTORIA. **Programa de Monitoramento e Gestão do Patrimônio Arqueológico do Projeto de Reconversão Urbana do Largo da Batata, Pinheiros, São Paulo/SP (Relatório Técnico)**. São Paulo, 2014.

GIDDENS, A. **Sociologia**. São Paulo: Calouste Gulbenkian, 2001.

GLORIA, E. L. **A Inconstância da Forma: O sítio Poropu no contexto das Guianas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Antropologia). Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

GOMES, R. V.; CASIMIRO, T. Post-Medieval Archaeology in Portugal. **Journal of Post-Medieval Archaeology**, 47, p. 17-34, 2013.

GONÇALVES, D. I. O Peabirú: uma trilha indígena cruzando São Paulo. *Cadernos de Pesquisa do LAP. Revista de Estudos sobre Urbanismo, Arquitetura e Preservação*. Série Urbanização e Urbanismo, n. 24, março-abril, 37p, 1998.

GOSDEN, C. What do Objects Want? **Journal of Archaeological Method and Theory**, vol. 12, n. 3, p. 193-211, 2005.

GOSSELAIN, O. **Social and technical identity in a clay crystal ball**. In: STARK, M. (Org.). *The Archaeology of Social Boundaries*, p. 78-106. Washington, D.C: Smithsonian Institution Press, 1998.

_____. In pots we trust: Processing clay and symbols in sub-Saharan Africa. **Journal of Material Culture**, vol. 4, n. 2, p. 205-30, 1999.

_____. **Ceramics in Africa**. In: SELING, H. (Org.). *Encyclopaedia of the History of Science, Technology, and Medicine in Non-Western Cultures*, Springer, New York, p. 464-477, 2008.

GRUZINSKI, S. O historiador, o macaco e a centaura: a “história cultura” no novo milênio. **Estudos avançados**. São Paulo: IEA/USP, vol. 7, n. 9, p. 321-342, 2003.

GUBBINS, D.; JONES, A. L.; FINLAY, C. C. Fall in Earth's Magnetic Field is Erratic. **Science**, vol. 312, 900-902, 2006.

HAMBLY, W. D. The Ovimbundu of Angola. **Publications of the Field Museum of Natural History, Anthropological Series**, vol. 21, n. 2, pp. 89-91, 93-362.

HALL, M.; SILLIMAN, S. W. **Introduction: Archaeology of the Modern World**. In: Historical Archaeology. HALL, M.; SILLIMAN, S. W. (Org.). Oxford: Blackwell Publishing, p. 1-19, 2006.

HARTMANN, G. A.; TRINDADE, R. I. F. **A relação entre o Arqueomagnetismo e a Arqueologia**. In: NAJJAR, R. (Org.). Arqueologia no Pelourinho. Brasília: Programa Monumenta - IPHAN, v. único, p. 91-103, 2012.

HARTMANN, G. A.; AFONSO, M. C.; TRINDADE, R. I. F. Arqueomagnetismo e datação arqueomagnética: princípios e métodos. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, vol. 17, p. 445-459, 2007.

_____. **Preliminary results of magnetic archaeointensity measurements in Brazil**. Proceedings of the 37th International Symposium on Archaeometry. Turbanti-Memmi (ed.). Berlin: Springer, 2011.

HAUENSTEIN, A. La poterie chez les Ovimbundu: Angola. **Acta Tropica**, vol. 21, p. 48-81, 1964.

HAUSER, M. W.; DECORSE, C. R. Low-fired earthenwares in the African diaspora: Problems and Prospects. **International Journal of Historical Archaeology**, vol.7, n. 1, p. 67-98, 2003.

HEMPEL, C. **Philosophy of natural history**. Prentice-Hall, Nova Jérsei: Englewood Cliffs, 1966.

HENRIQUES, J. P. *et al.* **Vestígios de produção oleira dos finais do século XV (Escadinhas da Barroca, Lisboa)**. Extrair e Produzir... Dos Primeiros Artefactos à Industrialização, Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 3. Centro de Arqueologia de Lisboa, p. 109-121, 2019.

HISSA, S. B. V. **O Petyn no cachimbo branco: arqueologia e fumo nos séculos XVII ao XIX**. (Tese de Doutorado - Arqueologia). Museu Nacional: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

HISTORIC ENGLAND. **Archaeological and Historic Pottery Production Sites: Guidelines for Best Practice**. Swindon: Historic England, 2015.

HODDER, I. Postprocessual archaeology. In: **Advances in Archaeological Method and Theory**, vol. 8, p. 1-26, 1985.

HONGRE, L.; HULOT, G.; KHOKHLOV, A. An analysis of the geomagnetic field over the past 2000 years. **Physics of the Earth and Planetary Interiors**, vol. 106, p. 311-335, 1998.

HULOT, G. *et al.* The Magnetic Field of Planet Earth. **Space Sci. Rev**, vol. 155, p. 1-7, 2010.

JACKSON, A.; JONKERS, A. R. T.; WALKER, M. Four centuries of geomagnetic secular variation from historical records. **Philos. Trans. R. Soc. London A**, vol. 358, p. 957-990, 2000.

JACKSON, P. Local consumption cultures in a globalizing world. **Transactions of the Institute of British Geographers**, vol. 29, p. 165-178, 2004.

JÁCOME, C. P. **Dos WaiWai aos Pouco - Fragmentos de história e arqueologia das gentes dos rios Mapuera (Mawtohrî), Cachorro (Katxuru) e Trombetas (Kahu)**. (Tese de Doutorado - Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

JONKERS, A. R. T.; JACKSON, A.; MURRAY, A. Four Centuries of Geomagnetic Data from Historical Records. **Rev. Geophys**, vol. 41, n. 2, 2003.

KAYO, A. **Onde passava o Rio Pinheiros**. Rio Pinheiros [Online], 2013. Disponível em: <<https://riopinheiros.wordpress.com/onde-passava-o-rio-pinheiros>>. Acesso em: 07 jul. 2018.

KASHIMOTO, E. M.; MARTINS, G. R. Arqueologia da Região do Maço do Urucum e Pantanal de Corumbá - Ladário/MS. **Revista de História**, Campo Grande, MS, vol .5, n. 10, p. 201-225, 2013.

_____. **Catálogo de artefatos cerâmicos arqueológicos de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2019.

KIRSCHINK, J. L. The least-squares line and plane and analysis of paleomagnetic data. **Geophys. J. R. Astron. Soc.**, vol. 62, p. 699-718, 1980.

KOK, G. **Peregrinações conflitos e identidades indígenas nas aldeias quinhentistas de São Paulo**. In: Anais do XXV Simpósio Nacional de História - Universidade Federal do Ceará, 2009.

KORTE, M.; CONSTABLE, C. G. Continuous geomagnetic field for the past 7 millennia: 2.CALS7K. **Geochem. Geophys. Geosyst.**, vol. 6, n. 1, 2005.

_____. Improving geomagnetic field reconstructions for 0-3 ka. **Phys. Earth Planet. Int.**, vol. 188, p. 247-259, 2011.

KORTE, M.; DONADINI, F.; CONSTABLE, C. G. (2009) - Geomagnetic field for 0-3ka: 2. A new series of time-varying global models. **Geochem. Geophys. Geosyst.**, vol. 10, n. 6, 2009.

LA SALVIA, F.; BROCHADO, J. **Cerâmica Guarani**. In: Posenato Arte & Cultura. Porto Alegre, 1989.

LE GOFF *et al.* On archeomagnetic secular variation curves. **Phys. Earth Planet. Inter.**, vol. 134, p. 203-211, 2002.

LEMONNIER, P. Elements for an anthropology of technology. **Michigan Research**, vol. 88, Museum of Anthropological Michigan, 1992.

_____. **Choix techniques et representations de l'enfermement chez les Anga de Nouvelle-Guinée Ethnologie et technologie**. In: LATOU, B.; LEMONNNIER, P. (Org.). De la préhistoire aux missiles balistiques. Paris: Ed. La Découverte, p. 253-272, 1994.

_____. **Introduction**. In: LEMONNIER, P. (Org.) Technological Choices – transformation in material culture since the Neolithic. London: Routledge, p. 1-35, 2002.

LEROI-GOURHAN, A. **O gesto e a palavra**. Lisboa: Edições 70, 1964.

LIMA, T. A. **Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista**. In: Anais do Museu Paulista, história e cultura material (Nova Série). São Paulo: vol. 5, p. 93-129, 1997.

_____. Teoria arqueológica em descompasso no Brasil: o caso da Arqueologia Darwiniana. In: **Revista de Arqueologia**, n. 19, p. 125-141, 2006.

LIMA, T. A.; SOUZA, M. A. T. Hibridismo e Inovação em Cerâmicas Coloniais do Rio de Janeiro, séculos XVII e XVIII. **Urbania: Revista latinoamericana de arqueología y historia de las ciudades**, n. 5, Buenos Aires, p. 21-60, 2016.

LINKE, V. Por uma discussão das cerâmicas em abrigos da região de Diamantina, Minas Gerais. **FUMDHAMentos**, vol. 15, n. 1, p. 69-91, 2018.

LUZ, R. **Geomorfologia da Planície Fluvial do Rio Pinheiros entre os Bairros de Pinheiros, Butantã e Cidade Jardim, São Paulo (SP)**. (Dissertação de Mestrado - Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

MACHADO, N.; SCHNEIDER, P.; SCHNEIDER, F. Análise parcial sobre a cerâmica arqueológica do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. **Cerâmica**, vol. 54. p. 103-109, 2008.

MAGALHÃES, W. **Estudo arqueométrico dos sítios arqueológicos Inhazinha e Rodrigues Furtado, município de Perdizes/MG: da argila à cerâmica... possíveis conexões entre os vasilhames cerâmicos e as fontes argilosas**. (Dissertação de Mestrado - Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

MANGUEIRA, R. **Cartas Arqueológicas para a Cidade de São Paulo: estabelecimento de modelo de potencial para a preservação de bens arqueológicos**. (Dissertação de Mestrado - Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

MARCOVIC, M. **Technological characterization of molded Islamic pottery from Iberian Peninsula**. (Tese de Doutorado - Arqueologia). Universidade de Évora, 2016

MARINS, P. C. G. **O Parque do Ibirapuera e a construção da identidade paulista**. In: Anais do Museu Paulista, São Paulo: v. 6/7, 1998-1999, editado em 2003, p. 9-36, 2003.

MATHIAS, G. L. **Magnetismo de sedimentos Holocênicos do Platô de São Paulo: Implicações Geomagnéticas e Paleoceanográficas**. (Dissertação de Mestrado - Geofísica). Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. In: MAUSS, M. Sociologia e antropologia. Rio de Janeiro: Cosac & Naify. p. 183-314, 2003.

MAYUMI, L. **Taipa, canela-preta e concreto. Estudo sobre o restauro de casas bandeiristas**. Coleção Olhar Arquitetônico, Romano Guerra, 1ª Edição, São Paulo, 2008.

MCINTOSH, G.; CATANZARITI, G. An introduction to archaeomagnetic dating. **Geochronometria**, Gliwice, Silesian University of Technology, vol. 25, p. 11-18, 2006.

MERRILL, R. T.; MCELHINNY, M.W.; MCFADDEN, P. L. The Magnetic Field of the Earth: Paleomagnetism, the core, and the deep mantle. **International Geophysics Series**, vol. 63, Academic Press, 1998.

MILHEIRA, R. G.; FARIAS, D. S. E.; ALVES, L. Perfil tipológico da indústria cerâmica guarani da região sul de Santa Catarina. **Revista Tempos Acadêmicos**, Dossiê Arqueologia Pré-Histórica, n. 11, Crisciúma, 2013.

MILLER, E. Algumas culturas cerâmicas, do Noroeste do Pantanal do Guaporé à encosta e Altiplano Sudoeste do Chapadão dos Parecis. Origem, Difusão/Migração e Adaptação - do Noroeste da América do Sul ao Brasil. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, vol. 5, n. 2, p. 335-382, 2013.

MONTEIRO, J. M. **Negros da Terra: Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

_____. **Dos Campos de Piratininga ao Morro da Saudade: a presença indígena na história de São Paulo**. In: PORTA, P. (Org.). História da Cidade de São Paulo: a cidade colonial. São Paulo: Paz e Terra, p. 21-67, 2004.

MORAES, C. **A cerâmica arqueológica brasileira - princípios de análise** (Curso de curta duração ministrado), 2006.

MORAES WICHERS, C. A. **Arqueologia Tupi no nordeste de São Paulo: um estudo de variabilidade artefactual**. (Dissertação de Mestrado - Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

MORAES WICHERS, C. A. *et al.* A Look at Gender Relations in the Production of Clay Things. **Habitus**, v.16, p. 75-102, 2018.

MORALES, W. F. **A escravidão esquecida: a administração indígena em Jundiá durante o século XVIII**. (Dissertação de Mestrado - Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

MORALES W. F; MOI, F. **Cenários regionais em arqueologia brasileira**. São Paulo: Annablume, 2009.

MOREIRA, M. P. **Projeto Quebra-Anzol, Minas Gerais: estudo de continuidade e mudança tecnológica intersítios na cultura material cerâmica**. (Dissertação de Mestrado - Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

MORENO DE SOUSA, J. C. **Cognição e Cultura no Mundo Material: Os Itaparicas, os Umbus e os “Lagoassantenses”**. V.1 (Dissertação de Mestrado - Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

MOURA, C. **Vida cotidiana em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Unesp, 1999.

MOURA, D. **Sociedade movediça: economia, cultura e relações sociais em São Paulo (1808-1850)**. São Paulo: Unesp, 2005.

MROZOWSKI, S.; GOULD, D.; PEZZAROSSO, H. **Indigenous innovation and colonial inevitability**. In: CIPOLLA, C. N.; HAYNES, K. H. (Org.). Rethinking colonialism: Comparative archaeological approaches. Gainesville: University Press of Florida. p. 121-142, 2015.

MUNIZ, T. S. A.; GOMES, D. M. C. Identidades materializadas na Amazônia Colonial: a cerâmica dos séculos XVIII e XIX do sítio Aldeia, Santaré, PA. **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 11, n. 2, p. 53-76, 2017.

MUNSBURG, S **Dos seiscentos aos oitocentos: Estudo da variabilidade estilística da cerâmica durante os processos de construção e reconfiguração das identidades paulistanas**. (Dissertação de Mestrado - Arqueologia). Departamento de Antropologia e Arqueologia. Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

NEOÉPICA ARQUEOLOGIA. **Os silos do palácio de Santa Helena**: Lisboa. In: Arqueologia em Portugal - Estado da Questão. Lisboa: AAP, p. 1751-1766, 2017.

NEVES, E. G. **Os índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil**. In: SILVA *et al.* (Org.). A temática indígena na escola: subsídios para professores de 1º e 2º graus. São Paulo: MEC / MARI / UNESCO, 1998.

NIGHTWISH. **The greatest show on earth**. In: Endless Forms Most Beautiful. Donzdorf: Nuclear Blast: 2015a.

_____. **Shudder before the beautiful**. In: Endless Forms Most Beautiful. Donzdorf: Nuclear Blast: 2015b.

NIZZA DA SILVA, M. B. **História de São Paulo Colonial**. São Paulo: Unesp, 2009.

NOELLI, F. S.; SALLUM, M. A cerâmica paulista: cinco séculos de persistência de práticas tupiniquim em São Paulo e Paraná, Brasil. **Mana**, vol. 25, n. 3, p. 701-725, 2019.

NOELLI, F. S.; SALLUM, M. Comunidades de mulheres ceramistas e a longa trajetória de itinerância da cerâmica paulista. **R. Museu Arq. Etn.**, 132-153, 2020.

ORSER JR., C. E. A Teoria de Rede e a Arqueologia da História Moderna. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. I Reunião Internacional de Teoria Arqueológica na América do Sul. São Paulo, MAE-USP, p. 87-101, 1999.

ORSER JR., C. E.; FUNARI, P. P. Arqueologia da resistência escrava. **Cadernos do LEPAARQ - Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio**, vol.1, n. 2. Pelotas, RS: Editora da UFPEL, p. 11-25, 2004.

ORTEGA, D. **A cerâmica arqueológica do sítio Lago Rico: Questões sobre funcionalidade, funcionamento e função**. Trabalho de Conclusão de Curso (Arqueologia). Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2016.

ORTIZ, F. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar** [1940]. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 1991.

ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A. **Pottery in Archaeology**. In: Cambridge Manuals in Archaeology. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

ORTON, C.; HUGHES, M. **Pottery in Archaeology (2nd edition)**. Cambridge Manuals in Archaeology. Cambridge University Press, 2013.

- PACCE, M. A propósito da Casa do Bandeirante. In: **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo**, vol. 43, n. 193, p. 7-50, 1980.
- PANICH, L. Archaeologies of Persistence: Reconsidering the Legacies of Colonialism in Native North America. **American Antiquity**, vol. 78, n. 1, p. 105-122, Nova Iorque, 2013.
- PANICH, L.; ALLEN, R.; GALVAN, A. The archaeology of Native American Persistence at Mission San José. **Journal of California and Great Basin Anthropology**, vol. 38, n. 1, p. 11-29, 2018.
- PAVÓN-CARRASCO, F. J. *et al.* A Matlab tool for archaeomagnetic dating. **Journal of Archaeological Science**, vol. 38, n. 2, p. 408-419, 2011.
- PEIXOTO, S. A.; LIMA, T. A. Engenho do Camorim: arqueologia de um espaço açucareiro no Rio de Janeiro seiscentista. **Revista de Arqueologia**, vol. 33, n. 1 (Edição Especial: Museu Nacional - vol. 2), p. 98-125, 2020.
- PEREZ, G. C.; AFONSO, M. C. Os ceramistas na paisagem paulista: uma proposta metodológica. **Revista de Arqueologia Pública**, vol. 9, p.13-21, 2015.
- PEROTA, C. Dados parciais sobre a arqueologia norte espírito-santense. **Museu Paraense Emílio Goeldi: Publicações Avulsas**, n. 15, p. 149-162, 1971.
- PETRONE, P. **Pinheiros: Estudo Geográfico de um Bairro Paulistano**. São Paulo: Edusp, 1963.
- _____. **Aldeamentos Paulistas**. São Paulo, Edusp, 1995.
- PICANÇO, J. L.; MESQUITA, M. J. **O Sertão do Tibagi, os diamantes e o mapa de Angelo Pedroso Leme (1755)**. In: Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, Paraty, 2011.
- POLETTI, W. *et al.* Archaeomagnetism of Jesuit Missions in South Brazil (1657-1706) and assessment of the South American database. In: **Earth and Planetary Science Letters**, v. 445, p. 36-47, 2016.
- PRADO JR., C. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1969.
- PRADO JR., M. B. O Atlântico, um Mar de Identidades: etnias africanas no Sudeste brasileiro (Mangaratiba Séc. XIX). **Revista Histórica**, vol. 6, 2011.
- PREZIA, B. A. G. **Os Tupis de Piratininga. Acolhida, resistência e colaboração**. (Tese de Doutorado - Antropologia). Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008.
- PROUS, A. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Editora UnB, 1992.
- RAMOS, F. Objetos do Caldeirão: museu, memória e cultura material (1946-1997). In: **Est. Hist.**, vol. 24, n. 48, p. 366-384, 2011.
- REDCLIFT, M. **Reavaliando o consumo: uma crítica a premissas da gestão ambiental**. In: HERCULANO, S.; PORTO, M. F. S. & FREITAS, C. M. (Org.). **Qualidade de vida e riscos ambientais**. EDUFF, Niterói, p.111-124, 2000.

REIS FILHO, N. **São Paulo: vila, cidade, metrópole**. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo. BankBoston, 2004.

RIBEIRO, L.; JÁCOME, C. Tupi ou não Tupi? Predação material, ação coletiva e colonialismo no Espírito Santo, Brasil. In: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, vol. 9, n. 2, p. 465-486, 2014.

RICE, P. **Pottery analysis: a sourcebook**. Chicago: Chicago University Press, 1987.

RICHARD, F.; MACDONALD, K. **From Invention to Ambiguity: The Persistence of Ethnicity in Africa**. In: RICHARD, F.; MACDONALD, K. (Org.). *Ethnic Ambiguity and the African Past: Materiality, History, and the Shaping of Cultural Identities*. Institute of Archaeology Publications (UCL). London: Routledge, p. 1-38, 2016.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. **A ocupação pré-colonial do Vale do Ribeira do Iguape, São Paulo: os grupos ceramistas do médio curso**. (Dissertação de Mestrado - Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1989.

_____. Arqueologia em Perspectiva: 150 de prática e reflexão no estudo de nosso passado. **Revista USP**, vol. 44, p. 10-31, 1999.

ROCHA FILHO, G. N. **São Paulo: Redirecionando sua história**. (Tese de Livre Docência). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1992.

ROSSI, L. **Um olhar sobre a cerâmica da fortaleza de Nossa Senhora da Conceição**. Trabalho de Conclusão de Curso (História). Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

RUBERTONE, P. The Historical Archaeology of Native Americans. **Annual Review of Anthropology**, vol. 29, p. 425-446, Palo Alto, CA, 2000.

RYE, O. **Pottery technology: Principles and reconstruction**. In: *Manuals on Archaeology*. Washington DC: Smithsonian Inst. Press, 1981.

SÁ, I. Entre consumos suntuários e comuns: a posse de objetos exóticos entre alguns habitantes do Porto (séculos XVI - XVII). In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, vol. 25, n. 1, p. 35-57, 2017.

SALLUM, M. **Colonialismo e ocupação tupiniquim no litoral sul de São Paulo: uma história de persistência e prática cerâmica**. (Tese de Doutorado – Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

SALLUM, M.; NOELLI, F. S. An Archaeology of Colonialism and the Persistence of Women Potters' Practices in Brazil: From Tupiniquim to Paulistaware. **International Journal of Historical Archaeology**, vol. 24, p. 1-25, 2020.

SALVADOR, A. S. N. **Entre escritos e vasilhas cerâmicas: o indígena na sociedade colonial da Ilha de Santa Catarina (séculos XVIII e XIX)**. (Dissertação de Mestrado - História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017.

SCHEUER, H. L. **Estudo da cerâmica popular do Estado de São Paulo**. Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Cultura, 1976.

SCHIFFER, M. (2010) - **Behavioral Archaeology: Principles and Practice**. Equinox, London, 2010.

SCHMITZ, P. I. **Migrantes da Amazônia: a tradição Tupiguarani**. In: SCHMITZ, P. I. (Org.). *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil*. 2ª edição, Instituto Anchieta de Pesquisas, p. 101-124, 2006.

_____. **Sítios de Pesca Lacustre em Rio Grande, RS, Brasil**. Erechim: Habilis, 2011.

SCHÜRMANN, B. Urbanização colonial na América Latina: cidade planejada versus desleixo e caos. **Textos de História**, vol. 7, n. 1/2, p. 149-178, 1999.

SEDA, P. R. G. *et al.* Do cerrado ao mar: a Tradição Una no litoral do Espírito Santo. **Maracanan**, vol. 8, p. 55-82, 2011.

SHANKS, M. **Postprocessual Archaeology and After**. In: CHIPINDALE, C.; MASCHNER, H. (Org.). *Handbook of Archaeological Theories*. London: Altamira Press, p. 270-293, 2008.

SHEPARD, A. **Ceramics for the archaeologist**. In: Carnegie Institute of Washington: Washington, 1956.

SILLIMAN, S. W. Culture Contact or Colonialism? Challenges in the Archaeology of Native North America. **American Antiquity**, vol. 70, n. 1, p. 55-74, 2005.

_____. **Change and continuity, practice and memory: Native American persistence in colonial New England**. *American Antiquity*, vol. 74, n. 2, p. 211-230, 2009.

_____. **Comparative Colonialism and Indigenous Archaeology: Exploring the Intersections**. In: CIPOLLA, C. N.; HAYES, K. H. (Org.). *Rethinking Colonialism: Comparative Archaeological Approaches*. Gainesville: University Press of Florida, p. 213-233, 2015.

SILVA, A. M. S. P.; RIBEIRO, M. C. S. Cerâmica medieval das escavações no Castelo de Arouca, ensaio de análise morfotipológica. **Portugalia**, vol. 27-28, p. 69-88, 2006.

SILVA, F. **As tecnologias e seus significados: um estudo da cerâmica dos Asuriní do Xingu e da cestaria Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva Etnoarqueológica**. (Tese de Doutorado - Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

_____. Ceramic technology of the Asuriní Do Xingu, Brazil: An ethnoarchaeological study of artifact variability. **Journal of Archaeological Method and Theory**, vol. 15, p. 217-26, 2008.

SILVA, K.; SILVA, M. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, L. V. **As cerâmicas da Casa da Torre e do Galeão Sacramento: hierarquia social, ideologia e simbolismo nas práticas alimentares na Bahia colonial**. (Tese de Doutorado - Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

SINOPOLI, C. **Approaches to archaeological ceramics**. Nova York: Plenum Press, 1991.

SKIBO, J. **Pottery function: A use-alteration perspective**. Nova York: Plenum Press, 1992.

SLENES, R. W. “Malungu, ngoma vem!”: África coberta e descoberta do Brasil. **Revista USP**, vol. 12, p. 48-67, 1992.

SOUZA, M. A. T. **Por uma arqueologia da criatividade: estratégias e significações da cultura material utilizada pelos escravos no Brasil**. In: AGOSTINI, C. (Org.). *Objetos da escravidão: abordagens sobre a cultura material da escravidão e seu legado*. 1ed. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 11-36, 2013.

_____. **When all bases are flat: Central Africans and situated practices in the Eighteenth-Century Brazil**. In: *Current perspectives on the Archaeology of African Slavery in Latin America*. Springer, New York, p. 77-97, 2015.

_____. A Arqueologia dos grupos indígenas em contextos históricos. **Revista de Arqueologia**, vol. 30, n. 1, p. 144-153, 2017.

SOUZA, M. A. T.; SYMANSKI, L. C. P. Slave communities and pottery variability in Western Brazil: the plantations of Chapada dos Guimarães. **International Journal of Historical Archaeology**, vol. 13, n. 4, p. 513-548, 2009.

SOUZA, M. A. T.; AGOSTINI, C. Body marks, pots, and pipes: Some correlations between African Scarifications and pottery decoration in Eighteenth and Nineteenth Century Brazil. **Historical Archaeology**, vol. 46, n. 3, p. 102-123, 2012.

SOUZA, R. A. **Louça branca para a Paulicéia: Arqueologia Histórica da Fábrica de Louças Santa Catharina/IRFM - São Paulo e a produção da faiança fina nacional (1913-1937)**. (Dissertação de Mestrado - Arqueologia). São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

_____. Arqueologia na terra da garoa: leituras arqueológicas da grande São Paulo. **Revista de Arqueologia Americana**, vol. 31, p. 289-325, 2013.

_____. Globalização, consumo e diacronia: populações sertanejas sob ótica Arqueológica. **Vestígios**, vol. 9, n. 2, p. 38-62, 2015.

SOUZA, R. A.; LOPES, M. Cerâmicas de produção local/regional no contexto colonial espanhol de Santiago de Xerez, século XVII. **Revista Outras Fronteiras**, Cuiabá, vol. 1, n. 2, p. 183-213, 2014.

SPAARGAREN, G. **Ecological modernization theory and the changing discourse on environment and modernity**. In: SPAARGAREN, G.; MOL, A. P. J.; BUTTEL, F. H. (Org.). *Environment and global modernity*. Sage, Londres, p. 41-71, 2000.

SYMANSKI, L. C. **Arqueologia Histórica no Brasil: Uma revisão dos últimos vinte anos**. In: MORALES, W. F.; MOI, F. P. (Org.). *Cenários regionais em Arqueologia Brasileira*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009.

_____. Cerâmicas, identidades escravas e criouliização nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). **História Unisinos**, vol. 14, n. 3, p. 293-310, 2010.

_____. A Arqueologia da diáspora africana no Brasil e nos Estados Unidos: problemáticas e modelos. **Afro-Ásia**, vol. 49, p.159-198, 2014.

SYMANSKI, L. C. P.; SOUZA, M. A. T. **A Arqueologia Histórica: relações sociais e construção de identidades na região do Rio Manso, séculos XVIII e XIX.** In: MACHADO; FRAGA. (Org.). *História e Antropologia no Vale do Rio Manso*. 1ed., Goiânia, Editora UCG, p. 241-264, 2006.

TATSCH, J. B. **Arqueologia da Escravidão em um sítio rural na Porto Alegre oitocentista: as relações espaciais e materiais no sítio RS.JA-74.** (Dissertação de Mestrado - Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2015.

TAUNAY, A. História da Cidade de São Paulo. **Edições do Senado Federal**, vol. 23, Brasília D.F, 2004.

TAUXE, L. *et al.* **Essentials of Paleomagnetism.** University of California Press, 1st. ed., 512p, 2010.

TAVARES, C. **Os Beneditinos e a sociedade colonial (1580-1611).** Curitiba: UFPR, 2004.

TEDESCO, G. V. L; CARVALHO, H. B. **A cerâmica de Vila Boa de Goiás dos séculos XVIII e XIX.** Goiânia: Sebrae, 2004.

TENTE, C.; LANTES, O.; PRIETO, P. **A produção cerâmica dos séculos IX a XI na região do Alto Modengo (Portugal).** In: DE MAN; TENTE (Org.). *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal - séculos XI a XII.* Instituto de Estudos Medievais, 2014.

TESSARO, P. A. B. **Pedaços de uma Paulicéia espalhados pela Urbe: musealizando uma arqueologia com a cidade.** (Dissertação de Mestrado - Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

THE ANSWER (Temporada 4, ep. 9). **The Good Place** [Seriado]. Direção: Valeria Migliassi Collins. Produção: Fremulon, 3 Arts Entertainment e Universal Television. Nova Iorque: Produtora Fremulon – National Broadcasting Company (NBC), 2019. (21 min.), son., color.

TOCCHETTO, F. A cerâmica do guarani missioneiro como símbolo de identidade étnica. **Historical Archaeology in Latin America**, vol. 13, p. 77-98, 1996a.

_____. Possibilidades de interpretação do conteúdo simbólico da arte gráfica Guarani. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, vol. 6, São Paulo, p. 22-45, 1996b.

TOCCHETTO, F.; THIESEN, B. Memória fora de nós: A preservação do patrimônio arqueológico em áreas urbanas. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, vol. 33, p. 175-199, 2007.

TOMIYAMA, N. H. T. **Sítio Taboão, arqueologia histórica do Vale do Paratetí, Mogi das Cruzes – SP.** (Dissertação de Mestrado - Arqueologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

TURGEON, L. The Tale of the Kettle: Odyssey of an Intercultural Object. **Ethnohistory**, vol. 44, n. 1, p. 1-29, 1997.

TURIN, R. O “selvagem” entre dois tempos, a escrita etnográfica de Couto de Magalhães. **Varia História**, vol. 28, n. 48, p. 781-803, 2012.

VAN DER LEEUW, S. The Archaeological study of specialized pottery production: some aspects of method and theory. In: RICE, P. (Org.). *Pots and potters: current approaches in ceramic archaeology.* University of California, Institute of Archaeology, p. 45-69. Los Angeles, 1984.

_____. **Giving the potter a choice.** In: LEMONNIER, P. (Org.). *Technological choices: transformation in material culture since the Neolithic.* Londres: Routledge: 238-288, 1993.

VANISHING POINT (Temporada 2, ep. 9). **Westworld** [Seriado]. Direção: Stephen Williams. Produção: Bad Robot, Home Box Office (HBO), Kilter Films e Warner Bros. Television. Nova Iorque: Produtora Bad Robot – Home Box Office (HBO), 2018. (59 min), son., color.

VIANA, S. **Variabilidade tecnológica do sistema de debitage e de confecção dos instrumentos lascados de sítios lito-cerâmicos da região do Rio Manso/MT.** (Tese de Doutorado - Arqueologia). Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

VICENTE DE SALVADOR, F. **História do Brasil (1500-1627).** São Paulo: Melhoramentos, 1965.

VIEIRA, E. **O Barro Cinzento Paulista: Produção em barro cozido nas olarias do Tijucusú e de Pinheiros. Ordem de São Bento em São Paulo entre o século XVI e XIX.** (Dissertação de Mestrado - Filosofia). Instituto de Estudos Brasileiros: Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

VILARDAGA, J. **São Paulo na órbita do império dos Felipes: conexões castelhanas de uma vila da América Portuguesa durante a União Ibérica (1580-1640).** (Tese de Doutorado - História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

_____. Na bagagem dos peruleros: mercadoria de contrabando e o caminho proibido de São Paulo ao Paraguai na primeira metade do século XVII. **Anais do Museu Paulista.** São Paulo, vol. 25, n. 1, p. 127-147, 2017.

WATSON, P. **Processualism and After.** In: BENTLEY, R. A.; MASCHNER, H. D. G.; CHIPPINDALE, C. (Org.). *Handbook of Archaeological Theories.* Lanham: Altamira Press, p. 29-38, 2008.

WILSON, S.; ROGERS, J. D. **Historical dynamics in the contact era.** In: WILSON, S.; ROGERS, J. D. (Org.). *Ethnohistory and Archaeology: Approaches to postcontact change in the Americas.* Nova Iorque: Springer, 1993.

WOBST, H. M. The Archaeo-ethnology of hunter-gatherers or the Tyranny of the Ethnographic record in Archaeology. **American Antiquity,** vol. 43, n. 2, 1978.

WURST, L.; MCGUIRE, R. H. Immaculate consumption: a critique of the “shop till you drop” school of human behavior. **International Journal of Historical Archaeology,** vol. 3, p. 191-199, 1999.

WÜST, I. **Continuidade e mudança: para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais a bacia do rio Vermelho, Mato Grosso** (Tese de Doutorado - Antropologia). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1990.

ZANETTINI, P. E. Pequeno roteiro para classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos. **Arqueologia,** Curitiba, CEPA/UFPR, vol. 5, p. 117-130, 1986.

_____. **Maloqueiros e seus palácios de barro: O cotidiano doméstico na casa bandeirista** (Tese de Doutorado - Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

ZANETTINI, P. E.; MORAES WICHERS, C. **A cerâmica de produção local/regional em São Paulo colonial**. In: Cenários Regionais Em Arqueologia Brasileira. Porto Seguro: Editora Annablume/Acervo, 2009.

ZANETTINI ARQUEOLOGIA. **Programa de Salvamento Arqueológico do Sítio Casa Bandeirista do Itaim Bibi, Município de São Paulo, SP e Laudo Pericial Definitivo, Autorização Federal de Pesquisa**. Relatório Final: São Paulo, 2009.

_____. **Programa de Prospecção Arqueológica, Terreno Sito à Rua Butantã, nº 298, Bairro de Pinheiros - Sítio Arqueológico Pinheiros 2**. Relatório Final: São Paulo, 2011a.

_____. **Programa de Resgate e Monitoramento Arqueológico do Sítio Casa Bandeirista do Itaim Bibi, Município de São Paulo - SP**. Relatório Final: São Paulo, 2011b.

_____. **Programa de Prospecção e Resgate Arqueológico, Terreno Sito à Rua Butantã, nº 298, Bairro de Pinheiros - Sítio Arqueológico Pinheiros 2**. Relatório Final: São Paulo, 2012.

_____. **Programa de Resgate Arqueológico, Sítio Arqueológico Pinheiros 2, Rua Butantã, nº 298, Bairro de Pinheiros**. Relatório Final de Monitoramento: São Paulo, 2013.

_____. **Relatório de Gestão do Patrimônio Arqueológico e Educação Patrimonial - LT Nova Olinda, Ribeira do Piauí, Estado do Piauí**. Relatório, 2017.

ZIJDERVELD, J. D. A. **AC demagnetization of rocks**. In: COLLINSON, D. W.; CREER, K. M.; RUNCORN, S. K. (Org.). *Methods in Paleomagnetism*, p. 256-286, Elsevier, New York, 1967.

ZUSE, S. **Os Guarani e a Redução Jesuítica: tradição e mudança técnica na cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos do sítio Pedra Grande e entorno**. (Dissertação de Mestrado - Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

ZUSE, S.; MILDER, S. **Cerâmica Guarani e de contato: permanências e mudanças técnicas em uma redução jesuítica do início do século XVII**. In: *Vestígios do Passado*, IX Encontro Estadual de História, ANPUH-RS, 2008.